



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARIANO MERANOVICZ RIBEIRO

O *TERCEIRO TESTAMENTO*, POR DANTE ALIGHIERI: A *COMMEDIA* COMO PROJETO DE SALVAÇÃO HUMANA E MEIO DE INTERVENÇÃO SÓCIO-LITERÁRIA NO CONTEXTO DE PASSAGEM DOS SÉCULOS XIII-XIV

CURITIBA
2021

MARIANO MERANOVICZ RIBEIRO

O *TERCEIRO TESTAMENTO*, POR DANTE ALIGHIERI: A *COMMEDIA* COMO PROJETO DE SALVAÇÃO HUMANA E MEIO DE INTERVENÇÃO SÓCIO-LITERÁRIA NO CONTEXTO DE PASSAGEM DOS SÉCULOS XIII-XIV

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Profa. Dra. Marcella Lopes Guimarães.
Coorientadora: Profa. Dra. Adriana Mocelin.

CURITIBA
2021

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Aparecida Noeli Furquim Geffer – CRB 9/1309

Ribeiro, Mariano Meranovicz

O terceiro testamento, por Dante Alighieri: a commedia como projeto de salvação humana e meio de intervenção sócio-literária no contexto de passagem dos séculos XIII-XIV. / Mariano Meranovicz Ribeiro. – Curitiba, 2021.

Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora : Prof^a. Dr^a. Marcella Lopes Guimarães.

Co-orientadora: Prof^a. Dr^a. Adriana Mocelim

1. Dante Alighieri, 1265-1321. 2. Poesia italiana. 3. Literatura italiana. 4. História. I. Guimarães, Marcella Lopes. II. Mocelim, Adriana. III. Título.

CDD – 928.51

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **MARIANO MERANOVICZ RIBEIRO** intitulada: **O TERCEIRO TESTAMENTO, POR DANTE ALIGHIERI: A COMMEDIA COMO PROJETO DE SALVAÇÃO HUMANA E MEIO DE INTERVENÇÃO SÓCIO-LITERÁRIA NO CONTEXTO DE PASSAGEM DOS SÉCULOS XIII-XIV**, sob orientação da Profa, Dra, MARCELLA LOPES GUIMARÃES, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa,

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação,

CURITIBA, 15 de Setembro de 2021,

Assinatura Eletrônica

16/09/2021 09:51:05.0

MARCELLA LOPES GUIMARÃES

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

16/09/2021 12:17:58.0

ANA LUIZA MENDES

Avaliador Externo (SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

16/09/2021 10:55:18,0

LUIZ ERNANI FRITOLI

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

AGRADECIMENTOS

Deixo aqui registrado meus agradecimentos à todas e todos que foram significativos no decorrer deste percurso e que me ajudaram de alguma maneira durante esses anos.

Agradeço primeiramente a meus pais, Pedro e Sonia, e meu irmão Cassiano, por todo suporte ofertado e compreensão nos momentos de distanciamento que se fizeram necessários.

Agradeço aos professores do PPGHIS com os quais me relacionei durante esse período e que contribuíram diretamente para o desenvolvimento dessa pesquisa, Profa. Fátima, Prof. Dennison e Prof. Renan, bem como à Cris, Secretária do Programa, sempre solícita em ajudar com todos os percalços acadêmicos e burocráticos surgidos.

Agradeço também ao Prof. Vinícius Nicastro Honesko, pelas considerações avaliativas e pelos materiais ofertados durante a Qualificação; ao Prof. Luiz Ernani Fritoli, igualmente pelas considerações, mas também pelas disciplinas lecionadas sobre a *Commedia* no Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (DELEM/UFPR), que muito enriqueceram minha familiaridade com o texto; e à Profa. Adriana Mocelim (PUCPR), que mesmo com o distanciamento ocasionado pela pandemia e com o eventual contato reduzido não deixou de ser significativa para o encaminhamento dessa pesquisa.

Agradeço especialmente à Áureo Lustosa Guérios, que além de contribuir para a fundamentação teórica dessa dissertação é ainda um eterno guia meu para a leitura da *Commedia*, auxiliando-me desde meus primeiros passos na pesquisa sobre Dante.

Agradeço com especial carinho a Profa. Marcella Lopes Guimarães, principal responsável pelo desenvolvimento e conclusão desse trabalho. Sem suas argutas considerações e constante apoio não tenho certeza se teria tido fôlego nem ânimo para chegar ao final dessa caminhada.

Deixo ainda aqui meus agradecimentos aos amigos e amigas mais próximos que acompanharam essa jornada, sem os quais tudo teria sido mais árduo do que já foi. Cada linha escrita neste trabalho porta um pouco de vocês. Paralelamente à Dante, a inefabilidade com que me deparo aqui é a de expressar a importância de cada um de vocês, e como não disponho da eloquência do florentino para contornar isso, espero que a breve menção que exponho possa ao menos contemplá-los em alguma medida.

Agradeço inicialmente as amigadas mais recentes colhidas nesse trajeto, pessoas que tive o prazer de conhecer justamente através desse período de estudos na UFPR: Andréia, Cássio e Larissa, amigadas que espero sejam muito mais longevas do que esses anos de pesquisa.

Agradeço ainda as amigadas mais antigas que estiveram presentes ao longo desses anos de pesquisa, especialmente:

À André Sartorelli, velho camarada de labor e dotado de um dos sentidos críticos que mais admiro. Literalmente me salvou nessa reta final diante dos percalços tecnológicos que tive. Muito Obrigado!

À Felype Peruzzo, péssimo torcedor esportivo, mas ótimo amigo. Independentemente de seu estado de espírito, sempre disposto a um momento de conversa, banal ou construtivo. Muito Obrigado!

À João Matheus, parceiro acadêmico dos mais antigos, e um dos que mais me inspiram. Provavelmente quem acompanhou mais de perto os trâmites dessa pesquisa; espero que ela faça jus às suas expectativas, pois se corresponder estou certo de que foi bem sucedida. Muito Obrigado!

À Letícia Taborda, amiga polaca, estudiosa e apaixonada por bichos na mesma medida, e dona de um dos corações mais gentis que já conheci. Singularmente cativante, faz bem a gente simplesmente por estar perto, e esse carinho e afetividade é o que espero poder sempre retribuir a alguém tão especial quanto ti. Muito Obrigado!

À Maitê Ritz, rainha das fotos analógicas e enciclopédia musical em pessoa. Amiga admirável, afetiva e prestativa, além de pesquisadora e docente promissora. Todo carinho e admiração que tenho por ti não correspondem ao que você merece, mas espero que ao menos manifeste o quanto torço por ti. Muito Obrigado!

À Marianna Muniz, companheira-mor de fofoca dos tempos de PUC, o que nos rendeu o apelido conjunto de *Irmãos Mariano*. Sempre animada como uma boa carioca, sua amizade e carinho jamais deixaram de me afetar, mesmo na distância em que estamos. Espero que nossos caminhos se cruzem em breve. Muito Obrigado!

À Murilo Silveira, parceiro longínquo cuja amizade se estreitou especialmente durante os últimos anos. De vigorosa parceria e gentileza singular, decididamente, uma das pessoas que quero estar ainda mais próximo daqui para frente. Muito Obrigado!

E por fim, agradeço ainda à CAPES que financiou essa pesquisa e deu condições para que ela pudesse ser realizada. Deixo aqui meus agradecimentos e desejos que esse benefício seja progressivamente ampliado, para que mais e mais pesquisadores e pesquisadoras possam usufruí-lo.

Foi igualmente de altíssimo engenho e de invenção aguçada, como, muito melhor do que posso escrever, suas obras mostram aos que as compreendem.

Giovanni Boccaccio, Trattatello em Louvor de Dante

RESUMO

A presente pesquisa tem por objeto de estudo o poema *Commedia*, escrito pelo poeta florentino Dante Alighieri (1265-1321), e interpretado simultaneamente como um texto de caráter bíblico e meio de intervenção social. A leitura que considera a obra como um *Terceiro Testamento* intencionalmente concebido por Dante já é recorrente nos estudos filológicos e crítico literários, sendo nossa intenção abordá-la no debate historiográfico. Assim, analisando internamente os elementos textuais que corroboram essa interpretação, fundamentando-se nos teóricos que abordam tal perspectiva, operamos uma análise interativa entre contexto, autor e obra, observando como Dante está envolvido no amálgama italiano de seu tempo, participando ativamente, sofrendo e agindo no meio em que vivia. Dando ênfase na biografia do poeta, profundamente envolto nas dinâmicas políticas, culturais e sociais que perpassam seu contexto, apresentamos a *Commedia* como um meio interventivo, no qual Dante busca não apenas conduzir espiritualmente seus contemporâneos, mas ainda se impor como reformista social, legitimando-se na autoridade divina que ele próprio se investe através da narrativa de seu poema. Desse modo, a *Commedia* se apresenta como um Terceiro Testamento arraigado de preocupações terrenas, anunciando os caminhos de salvação ao mesmo tempo em que condena os desafetos de seu autor; em suma, ensejando Dante em dar voz às suas respostas contra os anseios e angústias vivenciados em seu tempo.

Palavras-chave: Dante Alighieri; *Commedia*; Terceiro Testamento; Intervenção.

ABSTRACT

This research aims to study the poem *Commedia*, written by the Florentine poet Dante Alighieri (1265-1321), and interpreted simultaneously as a text of biblical character and a means of social intervention. The reading that considers the work as a Third Testament intentionally conceived by Dante is already recurrent in the philological studies and literary critic, it is our intention to address it in the historiographical debate. Thus, internally analyzing the textual elements that corroborate this interpretation, based on the theorists who approach such perspective, we operate an interactive analysis between context, author and work, observing how Dante is involved in the Italian amalgam of his time, participating actively, suffering and acting in the environment in which he lived. Emphasizing the poet's biography, deeply involved in the political, cultural and social dynamics that permeate his context, we present *Commedia* as an interventional means, in which Dante seeks not only to spiritually lead his contemporaries, but still to impose himself as social reformist, legitimizing himself in the divine authority which he invests himself through the narrative of his poem. Therefore, the *Commedia* presents itself as a Third Testament rooted in worldly concerns, announcing the ways of salvation while condemning the disaffections of its author; in short, allowing Dante to give voice to his answers against the desires and anxieties experienced in his time.

Keywords: Dante Alighieri; *Commedia*; Third Testament; Intervention.

LISTA DE ABREVIATURAS

Com., - *Commedia*

Conv., - *Convivio*

DVE - *De Vulgari Eloquentia*

Ep., - *Epístola*

Inf., - *Inferno*

Mon., - *De Monarchia*

Par., - *Paradiso*

Purg., - *Purgatorio*

VN - *Vita Nova*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. O FENÔMENO URBANO E A ESPECIFICIDADE POLÍTICA DA ITÁLIA DE DANTE.....	22
1.1 A comuna: célula política nas barbas do imperador.....	23
1.2 Soluções políticas em conflito na órbita do Império e do Papado.....	33
1.3 Ascensão popular na comuna: as transformações sociais do tempo de Dante.....	47
2. DANTE ALIGHIERI, FLORENTINO DE NASCIMENTO, NÃO DE COSTUMES.....	56
2.1 <i>Incipit vita nova</i> : os primeiros anos de Dante.....	60
2.2 <i>Popule mee, quid feci tibi?</i> : Dante na vida política e militar.....	68
2.3 <i>Tu proverai sí come sa di sale lo pane altrui</i> : Dante no exílio.....	88
3. A <i>COMMEDIA</i> COMO <i>TERCEIRO</i> TESTAMENTO.....	97
3.1 <i>Io sono stato legno sanza vela e sanza governo</i> : a dupla peregrinação de Dante...101	
3.1.1 Concepção da <i>Commedia</i>	115
3.2 <i>Il poema sacro al quale ha posto mano e cielo e terra</i> : a sacralidade terrena da <i>Commedia</i>	124
3.2.1 Inferno: Reino do Horror.....	126
3.2.2 Purgatório: Reino da Esperança.....	145
3.3 <i>Quella materia ond'io son fatto scriba</i> : o Evangelho de Dante Alighieri.....	153
3.3.1 O vital nutrimento do Paraíso.....	163
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	178
ANEXOS.....	181
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	187

INTRODUÇÃO

Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram.

*Italo Calvino*¹.

Dentre as incontáveis obras literárias que já foram produzidas ao longo da história humana, há de se ter em vista que nem todas acabam por ter o mesmo reconhecimento e relevância em determinadas culturas, nem todas tornam-se *clássicas*. A definição de uma obra como constituinte do cânone literário é resultado de complexas operações, mobilizadas por fatores variados. O crítico literário estadunidense Harold Bloom é autor de uma das obras fundamentais para a discussão do Cânone Literário². No entanto, o autor propõe uma questão delicada: a *exclusividade* do viés estético como definidor da canonização de uma obra³. Para ele, o que alçou textos e autores para a condição canônica “na maioria das vezes, provou ser a estranheza, um tipo de originalidade que ou não pode ser assimilada ou nos assimila de tal modo que deixamos de vê-la como estranha”⁴. Publicada em 1994, a obra de Bloom se levanta contra os debates acadêmicos que visaram problematizar o cânone quanto a seus integrantes, majoritariamente composto de homens brancos, europeus ou estadunidenses, provenientes de classes sociais mais abastadas, aristocratas ou burgueses. Para o crítico, essas vozes – “feministas, afrocentristas, marxistas, neo-historicistas foucaultistas ou desconstrutores”⁵ – são meramente tentativas de reparação histórica, forçando a abertura do Cânone para englobar autores de menor valor estético como uma espécie de *cota*, aos quais ele chama com o infeliz nome de *Escola do Ressentimento*.

¹ CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 11.

² BLOOM, Harold. *O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1995.

³ A crítica aqui apresentada foi significativamente aprofundada pela discussão acerca das escolhas que definem o Cânone presentes nos episódios dos *podcasts*: LITERATURA VIRAL #18: O Cânone Literário e “Seus Olhos Viam Deus” de Zora Neale Hurston. Áureo Lustosa Guérios. Participação: Juliana Brina. *Literatura Viral*, 18 maio 2020. *Podcast*. Disponível em: <<https://www.literaturaviral.com.br/podcast/episode/37285720/18-o-canone-literario-e-seus-olhos-viam-deus-de-zora-neale-hurston>>. Acesso em: 02 ago. 2021; CLÁSSICXS SEM CLASSE #1: Um cânone todo seu. Juliana Brina. *Clássicxs Sem Classe*. Fev. 2019. *Podcast*. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/2SAoCMBwEDhccUFpLUWuwH>>. Acesso em: 02 ago. 2021.

⁴ BLOOM. Op. cit., p. 12.

⁵ *Ibid.*, p. 28.

Bloom prega que os autores que foram canonizados o foram porque eram melhores que os demais, e que essas problematizações são ideológicas e não estéticas, esse último sendo o verdadeiro fator que deve canonizar ou não algo. O que o autor ignora é que a própria atribuição do valor estético se pauta em ideologias, termo que ele aparentemente não compreende muito bem, conferindo uma pecha essencialmente negativa para esse conceito, enquanto se anuncia como “não ideológico” – posicionamento observado frequentemente em nossa sociedade nos dias de hoje.

O autor propõe que sua seletividade defendida é elitista justamente porque os critérios artísticos também o são, travestindo-se assim de esteticismo para defender seu próprio viés ideológico. Além do que se explicita em suas palavras, uma breve observação de seus autores selecionados já evidencia isso. É “curioso” que enquanto defende a exclusividade estética como fator único da canonização, sua seleção de escritores tem um perfil bem definido: dos vinte e seis autores selecionados como alguns dos principais representantes do *Cânone Ocidental*, metade é anglófono, dos quais nove de origem inglesa, mais de um terço. Apenas quatro mulheres são listadas, Jane Austen, Emily Dickinson, George Eliot e Virgínia Woolf; fora do eixo EUA-Europa apenas três: o russo Liev Tolstói, o argentino Jorge Luís Borges e o chileno Pablo Neruda, sendo ainda estes dois últimos nomeados, juntamente do português Fernando Pessoa, de *Walt Whitmans hispano-portugueses!* Ou seja, mesmo quando destacados esses autores são uma versão ibérica do poeta estadunidense.

O pensamento elitista e colonialista do crítico literário é problemático na medida em que nivela culturas como superiores e inferiores, revestindo-as de valor estético para reforçar o *status quo* de sua própria ideologia, condenando ainda as críticas que problematizaram tais definições, definindo-as como ressentidas e justiceiras sociais. E vale ressaltar, seu elitismo não se esgota na literatura, mas se amplia por toda produção cultural da sociedade:

Sempre haverá (espera-se) leitores incessantes, que continuarão a ler apesar da proliferação de novas tecnologias de distração. Às vezes tento visualizar o Dr. Johnson ou George Eliot diante da MTV Rap ou experimentando a Realidade Virtual, e me vejo encorajado pelo que acredito seria a irônica e vigorosa recusa por eles de diversões tão irracionais⁶.

Respondendo-lhe com seu próprio léxico, consideramos que *irônico* seria justamente observar Bloom atônito diante de um grupo de rap da cidade de São Paulo

⁶ Ibid., p. 491.

nomeado *Racionais MC's*, que produz obras com *vigorosa* qualidade estética, juntamente de críticas sociais que o estadunidense define como *ressentimento*.

Diferentemente do que defende Bloom, e ele bem sabia que a maré estava contra seu posicionamento, os fatores que definem e canonizam um autor ou obra são pautados em escolhas estéticas, mas essas escolhas são *fundamentadas* em princípios ideológicos étnicos, políticos, de classe, de gênero, e mesmo linguísticos; muitos são os filtros, o que não quer dizer que o fator estético seja irrelevante e que o Cânone tenha de ser aberto meramente para reparações históricas. Como uma seleção, o Cânone é por definição exclusivo, mas não estático, cabendo a nós refletirmos sobre quais são os requisitos para canonizar uma obra ou autor, como se operam e quem são os agentes que o fazem. Resguardar-se atrás da estética como se ela fosse uma entidade transcendente é intelectualmente desonesto.

Um caso significativo que podemos elencar é do personagem central desta pesquisa: o poeta florentino, Dante Alighieri. Se hoje ele é indubitavelmente um dos pilares do cânone ocidental, é oportuno evidenciar que ele não o foi sempre. Ao longo do *trecento* seu reconhecimento já despontava, mas seu prestígio oscilou muito durante os setecentos anos que o separam de nós. A partir do século XV observa-se já um declínio em sua estima, tendo seu vigor renovado de modo significativo somente no XIX. Não houve um abandono apenas a diminuição do prestígio conferido ao poeta e sua obra, tanto que uma das obras desse período mais “infértil” são os comentários feitos pelo humanista Cristoforo Landino (1424-1498), texto de grande relevância para a dantística⁷.

Nascido no ano de 1265 numa Itália⁸ agitada por intensa atividade econômica e intelectual, amplo crescimento urbano e demográfico, além da acentuada experimentação de modelos políticos, Dante se destaca como figura histórica de muitas facetas: intelectual renomado, homem político, poeta consagrado, ele se ergue como importante personagem da história tardo-medieval italiana, sendo um indivíduo destacado já no seu próprio período. Porém, sua maior notoriedade vem com a posteridade, graças à sua obra magna concluída em fins de sua vida, a *Commedia*.

⁷ A lista dos comentadores presentes no acervo do Dartmouth Dante Project é sugestiva nesse ponto da oscilação do prestígio de Dante. Cf.: DARTMOUTH. *Complete List of Commentaries*. Disponível em: <<https://dante.dartmouth.edu/commentaries.php>>. Acesso em: 16 ago. 2021.

⁸ Para auxiliar o percurso da pesquisa, indicamos aos leitores e leitoras dois mapas da Itália de 1300 aqui anexados, o primeiro englobando toda a península, o segundo focado na Romanha e Toscana, duas das principais regiões pelas quais Dante circulou em sua vida. Cf.: ANEXO A e B.

Neste longo poema, Dante narra uma viagem fictícia que ele próprio teria realizado na Semana Santa de 1300 ao Além, passando pelo Inferno, Purgatório e Paraíso. A narrativa de sua obra se impõe como polissêmica ao propor uma pluralidade de sentidos. Além da peregrinação individual do poeta, ela é também aplicável a humanidade como um todo. A *personagem Dante* figura tanto como o próprio Dante escritor, quanto como uma representação do humano.

A proposta desta pesquisa tem por objetivo tomar a obra de Dante sob esta interpretação: a constituição da *Commedia* como um projeto de salvação escrito pelo poeta aos seus leitores, e simultaneamente, um meio de intervenção social. Vale ressaltar que essa leitura da obra com um cunho bíblico já é discorrida há tempos por estudiosos na dantística, dentre os quais selecionamos o já citado Harold Bloom, o alemão Erich Auerbach e o italiano Bruno Nardi. Conjuntamente, utilizamos também a pesquisa do brasileiro Áureo Lustosa Guérios, que além de sua produção acadêmica recente sobre o assunto, também contribuiu diretamente e de modo significativo para nossa pesquisa.

Essa abordagem se encontra majoritariamente inserida nas áreas da teoria literária e da filologia, sendo, portanto, nossa intenção trazer essa discussão para o campo da História, enriquecendo tal debate de modo interdisciplinar. Acerca da justificativa da presente pesquisa, elencamos inicialmente a própria relevância histórica que a obra possui. A *Commedia*, dada suas amplas proporções, tanto de dimensão quanto de conteúdo, é uma significativa fonte de estudo para a compreensão do período tardo-medieval. Ela aborda uma vasta quantidade de assuntos, tais como teologia e filosofia, literatura e linguística, ética e política, história e física. Trata-se, em suma, de uma obra que apresenta um amplo repertório e que marcou esse período da história ocidental, sintetizando muitas características desse momento.

No entanto, pode-se levantar ainda a pergunta costumeira, do porquê estudar a história medieval, tão distante cronológica e espacialmente de nós, brasileiros e brasileiras. A isso, levantamos duas respostas primárias: primeiramente, de modo mais objetivo, é sempre oportuno lembrar que a história se dá pela contínua (mas não linear) sucessão de acontecimentos, e que nada do que hoje *é*, acontece sem estar relacionado com o que antes *foi*. Não se trata de propor o princípio do *post hoc ergo propter hoc*, isto é, o pressuposto que considera a linearidade de todas as cadeias

históricas, o princípio da correlação coincidente⁹, mas reconhecer que a construção do presente está condicionada aos acontecimentos do passado. Para tanto, o papel do historiador é de primordial importância para se compreender essas relações entre temporalidades, e reconhecer o que afeta e o que não afeta a nossa realidade atual. Portanto, por mais longínquo que se esteja do objeto estudado, ele pode estar profundamente relacionado conosco: “No homem hoje [...], sobrevivem seus mais antigos ancestrais. Estudar essa pessoa muito velha que é a humanidade, como se ela tivesse nascido ontem é condenar-se a não compreendê-la”¹⁰.

Além disso, à objeção de que nós não possuímos relação com a história medieval transatlântica, basta lembrar que o processo de colonização europeu no continente americano iniciado em fins do século XV trouxe para o que haveria de ser esse país indivíduos cuja cultura era essencialmente arraigada de medievalismo, de modo que não apenas nossa própria cultura se fundou sobre essas reminiscências, como mesmo o processo de colonização está vinculado à história medieval¹¹. Vale ainda a menção que, para além das relações diretas de acontecimentos na cadeia histórica, a observação de como indivíduos culturalmente distintos de nós agem e reagem às transformações e angústias de seu tempo, oferece-nos importantes reservas de respostas e reflexões para nosso próprio contexto, uma vez que essas aflições perpassam toda humanidade, independente de período, lugar ou cultura. Portanto, afirmamos que tal estudo está inserido entre os temas de relevância para a pesquisa histórica atual, não apenas por sua abordagem, mas também pelas reflexões que intentamos debater acerca da própria prática do ofício do historiador, que mencionaremos logo adiante.

Acerca das problemáticas, elencamos três questões que serão norteadoras: A *Commedia* é concebida como um pretense *Terceiro Testamento*? Por que Dante pretende isto? E o que efetivamente ele propõe? A primeira indagação já está significativamente respondida, presente nos autores supracitados, dos quais iremos visitar de modo mais aprofundado para expressar aqui essa confirmação e observar as variações interpretativas entre eles. A segunda indagação já nos direciona mais

⁹ Literalmente “depois disso, logo, causado por isso”. É um tipo de princípio hermético que parte do pressuposto de que tudo que ocorre em sucessão a algo é necessariamente dependente desse algo. Assim, temos uma série de correlações coincidentes, que são tomadas como princípio causador de outra coisa, mesmo quando não possui relação direta. Por exemplo: o galo canta antes do nascer do sol, logo, o sol nasce em decorrência do canto do galo. Cf.: ECO, Umberto. *Os limites da interpretação*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999, p. 64-65.

¹⁰ BLOCH, Marc. *Uma nova história universal: H.G. Wells historiador*. In: *Que pedir aos historiadores?* Vitória (ES): Editora Milfontes, 2019, p. 78.

¹¹ SOKOLOWSKI, Mateus. *História medieval*. Curitiba (PR): IESDE Brasil, 2018, p. 10.

especificamente para nossas intenções. Nossa perspectiva aqui é inserir a pessoa de Dante em seu contexto, compreendendo-o como um indivíduo histórico, agindo e sofrendo as ações de seus contemporâneos, e a partir disso, observar a *Commedia* como resposta do poeta para os problemas de seu período; desse modo, o contexto não é externo, mas constituinte da própria obra. Assim, o estudo biográfico de Dante terá importância imprescindível. Dentre os textos selecionados, destacamos aqui a biografia escrita por Giovanni Boccaccio no século XIV que, se por um lado demanda um cuidado particular devido sua tendência de romancear a narrativa, não deixa de ser um texto de importância singular; destacamos ainda o estudo de Eduardo Henrik Aubert sobre as biografias de Dante, bem como os textos biográficos de Eduardo Sterzi e Giorgio Inglese, com enfoque maior neste último. O texto do filólogo italiano, nomeado *Vita di Dante: una biografia possibile*, originalmente publicado em 2015, é especialmente relevante pois traz de modo detalhado diversos períodos da vida do poeta, significativamente fundamentados nas fontes documentais reunidas no *Codice Diplomatico Dantesco (CDD)* de 1940, que reúne os registros de documentação oficial relacionados a Dante e seus familiares (antepassados e descendentes mais próximos). Além desses, focaremos também nas informações presentes nos escritos do maior biógrafo do poeta: o próprio Dante! Esse é o outro ponto que se fará presente ao longo da pesquisa, a intrínseca relação existente entre aquilo que pode se apreender da vida de Dante e aquilo que advém de seus próprios escritos. Abordaremos assim, um *Dante por Dante*, problematizando o que é registrado “por seu punho”, sem necessariamente negá-lo. Por fim, a terceira pergunta é a principal indagação levantada: o que Dante propõe? Considerando a dinâmica que abordaremos sobre o poeta envolto em seu contexto, será nosso intuito demonstrar que, além de uma proposta de encaminhamento espiritual, Dante se ergue como reformador e crítico de sua sociedade, estando suas propostas permeadas das angústias do mundo terreno, vivenciadas pelo poeta. Assim, tomaremos a *Commedia* simultaneamente como projeto de salvação e meio de intervenção sócio-literária.

O percurso dessa pesquisa apresentará então três divisões: no Primeiro Capítulo, realizaremos uma contextualização histórica com enfoque na dinâmica política e social dos sistemas comunais italianos, o que nos fez recuar até fins do século XI. No Segundo Capítulo, tendo abordado aspectos importantes desse contexto, adentraremos na biografia de Dante, buscando situá-lo aí, apresentando um *Dante terreno*, afirmando seus anseios e relações com o mundo que o cerca, cuidando para não

menosprezar sua singularidade, tampouco excedê-la. Por fim, no Terceiro Capítulo direcionaremos nossa atenção à *Commedia*, desde sua produção até seu conteúdo, priorizando os aspectos relevantes para nossa análise: a afirmação do projeto salvífico e das intervenções que o poema porta.

A respeito das fontes utilizadas, passaremos em alguma medida por todas as obras de Dante. Todas elas podem ser consultadas na plataforma eletrônica do Princeton Dante Project, em suas versões originais e em tradução inglesa¹². Quanto à *Commedia*, utilizaremos as versões comentadas em italiano (org., Natalino Sapegno; Riccardo Ricciardi Editore, 1957) e em tradução inglesa (org., Jean e Robert Hollander; Anchor Books, 2002, 2004, 2008). Das traduções em português, utilizaremos a versão do *Inferno* de Jorge Wanderley (Abril, 2010), e as traduções completas de Italo Eugênio Mauro (Editora 34, 2017) e Vasco Graça Moura (Landmark, 2005). Optamos por variar o uso das traduções conforme a necessidade de cada momento; a opção geralmente foi escolhida pela clareza do texto ou preservação do sentido original. Por exemplo, há passagens na tradução de Italo que muito da estrutura dos versos é alterada, que se perdem alguns aspectos lexicais importantes, ainda que preservando seu sentido; em contrapartida, a tradução de Vasco costuma apresentar uma similaridade maior com o texto original, o que por vezes torna sua leitura muito truncada, inclusive por ser tratar de uma tradução portuguesa e não brasileira como as outras duas. De todo modo, em citações longas, adicionamos o texto original para que os leitores e leitoras possam acompanhar os versos em língua vernácula.

Por fim, elencamos ainda dois pontos a serem abordadas ao longo da pesquisa que julgamos pertinentes, questões reflexivas sobre o ofício do historiador e sua prática, levando em consideração algumas ideias presentes em autores como Marc Bloch e Jörn Rüsen. Como Dante foi um intelectual que atuou em diversas áreas efetivamente, buscaremos levantar essa reflexão sobre nós mesmos. A figura de Marc Bloch como professor e soldado que lutou nas duas Grandes Guerras do século XX é certamente um forte apelo para essa discussão. Até que ponto nós participamos efetivamente como homens e mulheres de ação em nosso contexto? Não se trata de fazer apologia a ações e intervenções armadas especificamente, mas indagar-se o quanto estamos agindo de modo prático no nosso meio. Dante, poeta e político, após ser exilado em 1302 de Florença, sua cidade natal, vagou por toda Itália produzindo a grande maioria de suas

¹² Disponível em: <<http://etcweb.princeton.edu/dante/pdp/>>.

obras, mas também intervindo diversas vezes em seu contexto. Observaremos como Dante empregou suas funções diplomáticas buscando agir no meio em que vivia, escrevendo cartas para os cidadãos, para governantes, para cardeais, para o próprio Imperador. Veremos ainda como o poeta se impõe de modo crítico abertamente contra esses indivíduos, tanto em suas epístolas, quanto em sua poesia.

Outro ponto de destaque é a preocupação que Dante tem em aproximar-se daqueles que não eram doutos. Um exemplo claro disso é o fato de ele ter escrito a própria *Commedia* em língua vulgar e não em latim. Por mais sublime que sua matéria fosse, ele dirigia-se realmente àqueles que não faziam parte dos círculos intelectuais, mas que sentiam a *fome humana*, afastados das ciências¹³. E quanto a nós, homens e mulheres do século XXI, membros da academia, o quanto temos nos aproximado daqueles que não participam dos debates teóricos? Apesar do ambiente universitário estar gradualmente se tornando mais acessível às camadas sociais mais pobres através de políticas públicas e mais aberto para a comunidade como um todo, a porcentagem de pessoas que frequentam o nível de Ensino Superior ainda é pequena, e mesmo essas medidas não são suficientes por si. Para além das diversas determinantes sociais e políticas que estão por trás disso, questão que está além da exclusividade de nossa alçada, cabe a reflexão do quanto nós acadêmicos temos nos fechados em discussões entre pares e o quanto efetivamente temos feito para nos aproximarmos da comunidade externa. Nesse sentido, voltar a Dante mobiliza e enriquece nossa reserva de respostas, pois ele não apenas teorizou sobre a linguagem, elevando o vernáculo a uma condição sublime, como pôs em prática tal questão, discutindo as ciências e doutrinas teológicas de seu tempo com aqueles que não estavam inseridos nos centros de estudo, dentre os quais, vale a menção, ele próprio se inseria.

Essas indagações que podem parecer um pouco dissociadas da proposta da pesquisa são, todavia, de grande relevância para o viés teórico dela. Como Rösen salienta, a teoria da história está articulada com a autorreflexão do pensamento histórico, conduzida ao longo da pesquisa e que se processa como especialidade científica. O historiador alemão apresenta uma *matriz disciplinar* da ciência da história fundamentada sobre cinco fatores que se apresentam cíclica e respectivamente: as carências de orientação instauradas na consciência histórica se articulam cognitivamente como *interesses* pelo passado que, organizados por critérios orientadores de sentido

¹³ *Conv.*, I, i.

tornam-se *ideias*, de modo que a necessidade dessa reflexão reveste o passado do caráter de história. Juntos, esses fatores se efetivam na experiência concreta do passado, operacionalizando assim a constituição da história como especialidade científica através da aplicação das regras de pesquisa, os *métodos*. O conhecimento científico daí derivado deve exprimir-se em *formas de apresentação*, a historiografia, entendida não como mero resultado, mas como parte constituinte da pesquisa, a partir da qual, dirige-se às *funções*, isto é, retornando como respostas às carências de orientação que a originaram¹⁴.

E o que vêm a ser essas *carências de orientação*? Ora, é justamente aquela necessidade de todas as pessoas “que agem e sofrem as conseqüências das ações dos outros, de orientar-se em meio às mudanças que experimentam em seu mundo e em si mesmos”¹⁵; e sobre isso, Dante refletiu e empenhou-se singularmente. Seu resultado foi a concepção de um poema, cuja relevância é tamanha que mesmo hoje, ano do sétimo centenário de sua morte, ainda discutimos e rememoramos o poeta e sua obra, não apenas pelo deleite, mas também pelo que podemos aprender consigo. Esse passado é constituinte de quem somos, “é ‘a aventura comum’ que nós todos vivemos e cuja memória nos aproxima. Homens e povos aprendem por meio dele a sentir a solidariedade vital que os unem”¹⁶. Analisar como os homens e mulheres do passado enfrentavam seus problemas é um exercício interessante para refletirmos e considerarmos o que nós fazemos frente a situações semelhantes. A história, compreendida como ciência da humanidade no tempo, nos oferece o embasamento científico para compreender essa rede que nos afeta de formas variadas, mas cuja relevância é imprescindível para entendermos quem somos, tendo em vista como os homens e mulheres anteriores a nós nos afetam, e refletirmos sobre nossa própria condição de futuras pessoas do passado.

¹⁴ RÜSEN, Jörn. *Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001, p. 30-35.

¹⁵ *Ibid.*, p. 12.

¹⁶ BLOCH. *Op. cit.*, p. 80.

1. O FENÔMENO URBANO E A ESPECIFICIDADE POLÍTICA DA ITÁLIA DE DANTE

O período de vida de Dante Alighieri se insere em um contexto marcado por um fenômeno de desenvolvimento urbano, ocorrido significativamente em todo Ocidente latino a partir do século X, variando sua dimensão de acordo com a região, sendo mais marcante no sul e oeste europeu. A Itália se destaca nesse processo de urbanização de tal forma que constitui uma verdadeira exceção dentro deste fenômeno¹⁷.

No verbete de *cidade* presente no *Dicionário analítico do Ocidente medieval*, Jacques Le Goff elenca três questões essenciais sobre o tema da cidade medieval: de onde ela vem e o que ela é? Como ela funciona no sistema feudal? E por fim, o que ela representa para o cristianismo medieval? Abordaremos brevemente essas questões, pois elas propiciam um percurso satisfatório para contextualizarmos a cidade medieval neste fenômeno europeu, e em seguida especificarmos o caso italiano.

O desenvolvimento urbano medieval é estritamente dependente do aumento demográfico. Se por um lado, o comércio teve um papel de destaque em meio a este processo, tem-se ainda de levar em conta outros fatores como a produção e aumento da matéria-prima artesanal, o progresso de uma economia monetária, e sobretudo a presença dos excedentes. A cidade medieval é, portanto, compreendida como uma *sociedade da abundância*. Desse modo, “o aumento da produção agrícola e o desenvolvimento do artesanato urbano explicam – o que o comércio não pode fazer – o crescimento demográfico, sem o qual dificilmente se teria produzido o grande movimento de povoamento urbano”¹⁸. Esses espaços urbanos que crescem a partir do século X não se reduzem ao renascimento de cidades adormecidas desde o fim da Antiguidade. Mesmo quando fundadas sobre centros já existentes (como é o caso de boa parte da Itália), elas são fenômenos essencialmente medievais.

Para Le Goff, não houve um sistema urbano, mas antes um *fenômeno* urbano dentro do sistema feudal. Apesar da importância que os grupos burgueses desempenham nessa sociedade tardo-medieval urbana, há de se levar em conta não apenas os processos de rupturas e inovações, mas também as permanências deste contexto:

¹⁷ LE GOFF, Jacques. *Cidade*. In: _____; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário analítico do Ocidente medieval: volume 1*. São Paulo: Editora Unesp, 2017a, p. 254.

¹⁸ *Ibid.*, p. 251.

Se é verdade que os burgueses abalaram o sistema de valores feudal (hierárquico, guerreiro e perdulário), instaurando uma ordem algo igualitária, sobretudo no século XII e princípios do XIII, ou melhor, uma hierarquia mais horizontal que vertical [...], não é menos verdade que os burgueses completaram o modo de impostos feudal por formas de taxaçaõ urbana que se acomodaram muito bem com as relaçaões de produçaõ feudal e se esforçaram para assimilar o sistema de valores cavaleirescos e aristocrático¹⁹.

A cultura torna-se um dos mais marcantes lugares em que essa rede urbana integra o sistema feudal, sendo o cristianismo um importante aglutinador. A doutrina cristã se apresenta de modo ambíguo frente à cidade, oscilando entre a condenaçãõ das novas Babilônias e o louvor das novas Jerusaléns. Será sobretudo no século XIII que a Igreja “encontra a cidade”, no qual observamos a importãncia da criaçaõ das Ordens Mendicantes que se instalam nestas, verdadeiro apostolado urbano; além disso, observa-se também um significativo ingresso de leigos e mulheres na vida religiosa cidadina, e mesmo em uma perspectiva filosófica-teológica, temos o exemplo de Tomás de Aquino e seus discípulos que, no momento de ascensãõ do pensamento aristotélico no seio da escolástica, empregam a ideia do estagirita, do homem como *animal político*²⁰.

1.1 A comuna: célula política nas barbas do imperador

Em meio a este movimento europeu e latino, a Itália apresenta particularidades que exigem destaques. Durante o século XIX, no contexto do *Risorgimento*²¹, parte da historiografia italiana teve um olhar idílico sobre o período que estudamos, privilegiando-o como forma de exaltar o espírito burguês e liberal nascente em fins da Idade Média. Por um lado, se a ideia de comuna se refere à uma comunidade que “formava uma identidade coletiva e organizava seus assuntos em um contexto público, em termos mais concretos do que o conceito de *res publica* dos eruditos inspirados na linguagem da Antiguidade”²², ela não deixa de suscitar alguns problemas. Juntamente com todo o seu léxico, o termo *comuna* deve ser tomado com alguma cautela: “a expressãõ é devida a historiadores e juristas do século XIX e aos românticos, porque quiseram ver nisso uma evoluçaõ quase democrática”²³. Interessante ainda observar que

¹⁹ Ibid., p. 257.

²⁰ Ibid., p. 258-261.

²¹ Termo historiográfico usado para se referir ao amplo processo – político, econômico, social, cultural, militar – do século XIX que culminou na unificação política italiana em 1861. TRECCANI. *Risorgimento*. Disponível em: <<http://www.treccani.it/enciclopedia/risorgimento/>>. Acesso em: 02 ago. 2021.

²² BLOCKMANS, Wim; HOPPENBROUWERS, Peter. *Introdução a Europa medieval, 300-1500*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012, p. 361-362.

²³ LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998, p. 97.

é justamente nesse mesmo contexto que a dantística produz “seus primeiros institutos, revistas e cátedras universitárias, que esse interesse vai se desenvolver cientificamente, promovendo o recenseamento, a publicação e o estudo dos documentos pertinentes”²⁴. É o sexto centenário de nascimento de Dante em 1865, que faz parte desse movimento do *Risorgimento* e que busca exaltar aspectos e personagens da história peninsular para promover uma ideia de união nacional. No entanto, a complexidade do movimento urbano medieval vai sendo mais bem exposta ao longo da historiografia do século XX e, ainda que o caso italiano seja singular, ele é inserido no contexto maior de um movimento europeu²⁵.

Patrick Gilli aponta para dois fenômenos coetâneos, aparentemente contraditórios, mas significativamente interligados, que são responsáveis em parte pelas dificuldades que historiadoras e historiadores encontram para compreender o caótico cenário das cidades italianas tardo-medievais: o *urbanocentrismo comunal* e o *poliocentrismo institucional*. Por um lado, a cidade é o grande polo de atração territorial, ela comanda a região rural que a circunda, denominada *contado*, drenando recursos fiscais e fomentando o fluxo migratório do campo para a cidade: “As cidades, para nascer, precisaram de um meio rural favorável, mas à medida que se desenvolviam, exerciam uma atração cada vez maior sobre um entorno agrário dilatado na medida de suas exigências”²⁶. É, portanto, uma relação de verdadeira interdependência que se faz presente aqui entre cidade e campo:

A ligação inter-regional da cidade e da área rural pode ser observada na correlação entre o grau de urbanização e da densidade demográfica de uma região específica. Nas cidades mais habitadas, a densidade populacional no interior era proporcionalmente elevada, porque só em uma área rural superpovoada poderia haver uma imigração para a cidade. Além disso, a proximidade da cidade, com sua demanda e investimento de capital, provocou uma intensificação da agricultura²⁷.

Por outro lado, ainda que o poder político estivesse convergindo na cidade, havia uma multiplicidade não apenas de instituições políticas, mas também de organizações que, por conseguinte, fragmentavam a autoridade:

[...] um executivo diluído em diversos ofícios, múltiplos conselhos urbanos que possuíam, parcialmente, um papel deliberativo, mas também corporações

²⁴ AUBERT, Eduardo Henrik. *Vidas de Dante: Escritos Biográficos dos Séculos XIV e XV*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011, p. 14.

²⁵ GILLI, Patrick. *Cidades e sociedades urbanas na Itália medieval: (séculos XII-XIV)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2011, p. 15.

²⁶ LE GOFF, Jacques. *A civilização do Ocidente medieval*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016, p. 67.

²⁷ BLOCKMANS; HOPPENBROUWERS. Op. cit., p. 346.

artesanais integradas, em diversos graus, no organismo dos poderes urbanos – até mesmo as sociedades de armas (aristocráticas ou populares) – possuíam atribuições de natureza pública, de acordo com as relações de força, para não falar dos partidos políticos²⁸.

Neste amálgama, a comuna assume o posto de norteadora da autoridade. O movimento comunal, que não é exclusivamente italiano, foi o ponto culminante da autonomia institucional e política cidadina do período medieval²⁹. A perspectiva de Gilli é de que esse movimento foi responsável pelo surgimento de um espaço público que está parcialmente dissociado do jogo faccioso: “Um dos pontos mais fascinantes do mundo urbano italiano reside precisamente no nascimento de um espaço político compreendido como canal de mediação institucional”³⁰.

Esse espaço apresentará variações regionais e temporais, de modo que se faz necessário o estabelecimento de uma *cronologia final* da história comunal. Gilli privilegia em seu livro o processo comunal do século XII ao XIV ocorrido na Itália centro-setentrional. O sul da península entra de modo muito periférico na dinâmica comunal, sendo mais efetiva ali a presença monárquica. Neste recorte temporal, o autor aponta para quatro fases do desenvolvimento histórico das cidades italianas³¹: a fase consular, transcorrida de fins do século XI até 1183 (Paz de Constância), uma segunda fase podestadal, estendida até meados do século XIII (principalmente até 1250, ano de morte do Imperador Frederico II); a fase da comuna do povo, daí até início do século XIV, e por fim a fase dos regimes senhoriais, iniciada precocemente em alguns casos já na segunda metade do *duecento* e se estendendo por todo século seguinte:

Cada uma dessas fases, assim caracterizadas por um traço institucional, corresponde na realidade às evoluções das relações de poder, das políticas urbanas e urbanísticas ou de formas de gestão de conflitos [...]. No segundo plano dessas evoluções formais, aparecem as dosagens sociais muito variadas entre as elites dirigentes, cuja base social tende a aumentar³².

O primeiro é o período *consular*, cujas primeiras manifestações são de fins do século XI em cidades como Pisa, Asti e Milão. O termo advindo dos registros jurídicos romanos, num contexto em que o Direito Romano estava sendo revisitado na sociedade medieval, busca a adoção de uma legitimidade e autoridade baseada na tradição clássica. Vale aqui a menção de que a partir da segunda metade do século XI uma

²⁸ GILLI. Op. cit., p. 17.

²⁹ LE GOFF. Op. cit., 2017a, p. 253.

³⁰ GILLI. Op. cit., p. 18.

³¹ O trecho que se segue tem por base todo o Capítulo 2 da obra de Gilli, denominado *Política e instituições: as quatro idades das cidades italianas*, exceto onde indicado. Ibid., p. 57-96.

³² Ibid., p. 58.

preocupação ampla de resgate da Antiguidade já desponta em diversos âmbitos da sociedade medieval. Além do Direito Romano e dessa especificidade política do consulado italiano, observamos ainda uma guinada semelhante também num nível religioso; o retorno às fontes clássicas se apresenta como meio de resgate de uma idoneidade espiritual, no mais das vezes idealizada e mitificada, espelhando-se na vida de apóstolos e mártires do mundo antigo:

[...] as experiências religiosas desse tempo foram marcadas pela vontade de voltar à pureza original do cristianismo. O ideal da *Ecclesiae primitivae forma* se tornou a referência obrigatória da nova espiritualidade, que, de maneira aparentemente paradoxal, procurava, em uma fidelidade intensificada no testemunho dos apóstolos e na mensagem evangélica, a resposta para os problemas levantados por uma sociedade em mutação³³.

No entanto, apesar do consulado surgir como uma novidade de gestão política, ainda que bebendo de fontes e modelos clássicos, ele está longe de ser uma ruptura dos grupos dirigentes. Mais do que uma troca das elites, é uma sanção de formas de cooperação já existentes entre “a aristocracia urbana informal (*militia*), os mercadores e os detentores tradicionais da autoridade pública (bispos, condes e famílias de viscondes e capitães)”³⁴. Aqui temos evidenciada a importância que essa aristocracia desempenha no processo que originará a comuna. Mais do que uma burguesia nascente que fará surgir o espírito comercial e a liberdade individual, é a relação entre os já detentores dessa autoridade pública, sobretudo os bispos, e a *militia*, uma aristocracia rural que se urbaniza e ocupa cargos públicos cedidos por este bispo, que será responsável pela germinação da comuna.

A partir do século II e da crise do século III a sociedade europeia se ruraliza, num processo descrito por vezes pejorativamente como declínio da civilização ocidental, já há muito abandonado na historiografia, mas ainda presente no senso comum. No entanto, não houve um completo abandono da cidade, e o bispo prevaleceu como detentor do poder político urbano:

Com sua grande autoridade os bispos exerceram um papel-chave na transição da Antiguidade para a Idade Média em dois aspectos. Eles representavam a Igreja cristã e seus valores em um nível local e regional, assim como prestavam uma importante contribuição para a administração pública secular³⁵.

³³ VAUCHEZ, André. *A espiritualidade na Idade Média ocidental: (séculos VIII à XIII)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995, p. 71.

³⁴ GILLI. Op. cit., p. 59.

³⁵ BLOCKMANS; HOPPENBROUWERS. Op. cit., p. 7.

Mas será principalmente a partir do século X que esses bispos se tornam *guias da comunidade civil*, numa tradição carolíngia de colaboração destes com o poder real. Não por acaso vemos esse movimento ocorrendo principalmente no norte da Itália onde a presença real/imperial era mais evidente. Será em torno do bispo que “se constituem as clientelas vassálicas de onde emergirão os comportamentos políticos e institucionais que darão nascimento à comuna”³⁶.

Enquanto isso, a *militia* passa a desempenhar um papel decisivo na hierarquia interna de muitas cidades. Todavia, esse grupo não é significativamente coeso: o termo que o define é genérico e poderia ser tomado como *cavalaria*, uma cavalaria “encitadinada”³⁷, que se distingue de outras cavalarias europeias, menos relacionada ao *ethos* cavaleiresco e à cultura cortesã. Sua pluralidade e abertura é tal, que em fins do século XII qualquer indivíduo com recursos que se armasse, possuísse um cavalo ou mais, e dispusesse de tempo para os exercícios militares podia integrar-se à *militia*. Desse modo, eventualmente, não apenas camponeses enriquecidos, mas também as elites econômicas urbanas passaram a compor essa classe que tinha como função distinta a atividade militar³⁸.

É pertinente observarmos aqui alguns pontos do contexto social do período para além das cidades italianas. Essa fase inicial é contemporânea à tensão exterior entre o papado e o império que compõe a chamada Querela das Investiduras, momento em que os poderes laicos entram em conflito com a Igreja devido à sua intervenção na investidura clerical, isto é, o ato de nomear clérigos (especialmente bispos, haja vista a importância política que esses tinham nas cidades) por governantes seculares³⁹. A força política dos bispos nas cidades havia se intensificado como acima mencionado, enquanto os imperadores buscavam impor sua presença na península. Ainda que a distinção entre reino e império na Itália fosse presente, os títulos quase sempre convergem numa mesma pessoa, sobretudo após a anexação do Reino Lombardo ao Germânico sob o Imperador Oto I em meados do século X. Se por um lado o título imperial sobrevive entre os germânicos, vindo da linhagem romano-carolíngia, sua efetividade é seriamente questionável. A palavra *Imperium* que queria dizer não apenas

³⁶ GILLI. Op. cit., p. 25.

³⁷ Trata-se de um neologismo usado por Gilli a partir da palavra *cidade* com o intuito de especificar a particularidade desses processos históricos, ao invés de utilizar expressões do léxico *urbano*.

³⁸ GILLI. Op. cit., p. 98-103

³⁹ Esse atrito não se limitou ao Império, mas também a reinos como o de França e Inglaterra, tendo durado de 1075 (promulgação da *Dictatus Papae*) até 1122 (Concordata de Worms). LOYN, Henry. *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.

o território governado, mas principalmente o poder exercido neste, sofre oscilações notáveis no período tardo-medieval:

A ideia de império permaneceu viva em todo o Ocidente ao longo da Idade Média; o título de imperador foi cobiçado, mas o território do exercício do seu poder não estava claramente definido. Uma discordância incontestável manifesta-se entre, de uma parte, a ideia de que os teóricos, os cronistas universais e os teólogos faziam do poder, e, de outra parte, a realidade verificada através da transmissão do título, as discussões eleitorais, o real exercício do poder imperial⁴⁰.

O episódio da Querela das Investiduras teve como marco inicial o famoso confronto entre o papa Gregório VII (1073-1085) e o monarca germânico Henrique IV (1056-1105), que assumiria futuramente o trono imperial, em 1084. Assim que eleito ao cargo pontifício, Gregório escreve uma carta a Henrique parabenizando-o pelo combate à simonia em seu território, mas também criticando-o pela permanência na prática das investiduras, especialmente na diocese de Milão. Em 1074, o papa organiza um sínodo em que, entre outras coisas, discute-se os meios de obtenção dos cargos episcopais; diversos bispos são convocados a se explicarem a respeito disso e uma parcela significativa acaba sendo destituída. Esse bispado, majoritariamente germânico, recorre ao rei que foi igualmente afetado pelo sínodo, uma vez que esses bispos eram uma importante base de apoio de Henrique. Assim, o monarca e seus apoiadores destituídos tornam-se uma massiva fonte de oposição ao papa e suas reformas eclesiásticas. É neste cenário que Gregório VII concebe seu *Dictatus Papae*, um conjunto de ditames que determina algumas reformas como a estipulação de que a eleição papal ocorra unicamente por deliberação de cardeais, e de que é exclusivamente ao pontífice que caberia a autoridade sobre a investidura e destituição aos cargos não apenas de bispos, mas também do próprio Imperador⁴¹!

Ao que se segue, Henrique retoma a prática das investiduras no clero germânico, o que o permitia manter a centralização política na região, cercado-se do apoio daqueles que queriam reaver seus privilégios que o cargo eclesiástico propiciava. Desse modo, Henrique reúne-se em 1076 em um sínodo em Worms no qual proclama a destituição do papa, pois, segundo ele, o pontífice incorreu em heresia por não

⁴⁰ PARISSE, Michel. *Império*. In: LE GOFF; SCHMITT. Op. cit., p. 676.

⁴¹ O texto do *Dictatus Papae* e dos demais documentos citados adiante (os textos de deposição entre papa e monarca) podem ser consultados em: SOUZA, José Antônio; BARBOSA, João Morais. *O reino de Deus e o reino dos Homens: as relações entre os poderes espiritual e temporal na Baixa Idade Média (da Reforma Gregoriana à João Quidort)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997, p. 40-44; PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. *História da Idade Média: textos e testemunhas*. São Paulo: Editora UNESP, 2000, p. 128-133.

reconhecer a origem divina do monarca. Gregório responde à altura, excomungando Henrique, depondo-o, e libertando todos seus súditos do juramento de fidelidade a ele prestado. É importante perceber que na perspectiva de Gregório, ele não estava ultrapassando os limites de sua esfera de poder: “A seus olhos, os chefes temporais faziam parte da Igreja, de quem ele era o chefe. Ademais, o primeiro dever dos reis é de ordem espiritual: salvar-se e contribuir para a salvação de seus súditos”⁴².

A tensão se estende ao longo de um ano, até o momento em que Henrique é aconselhado a ir buscar a absolvição. Dirigindo-se até Canossa, na região emiliana⁴³, realiza durante três dias uma penitência sob intenso frio. Essa foi uma resolução parcial do confronto, sendo que não apenas os atritos entre ambos continuariam, como Henrique seria excomungado uma vez mais, em 1080. O que nos interessa observar aqui são algumas das características desse embate. Este foi o primeiro grande confronto explícito entre hierocracia e teocracia⁴⁴; tanto Gregório quanto Henrique buscaram prevalecer um sobre o outro em meio a uma realidade político-religiosa que não era dissociável. Igreja, Império e Cristandade não eram a mesma coisa, mas tinham muitos pontos de tangência, e o confronto entre os dois primeiros na busca de prevalecer sobre a *Christianitas* perdurou por muito tempo:

Papado e império, na Idade Média: eis aqui dois projetos universais para uma mesma cristandade ocidental que começa a se consolidar desde os primórdios medievais. Do jogo de avanços e recuos entre os poderes conquistados por cada um desses dois projetos – um jogo político tão intenso e vívido na Idade Média, mesmo que algumas vezes apenas ao nível do Imaginário⁴⁵.

A Querela das Investiduras teve seu término em 1122 na Concordata de Worms. Com ela, o conjunto de reformas eclesiásticas em curso no período – a chamada Reforma Gregoriana ou Reforma Papal⁴⁶ – trouxe significativos efeitos urbanos para a

⁴² SOUZA; BARBOSA. Op. cit, p. 27.

⁴³ A Emília é uma região histórica centro-setentrional da Itália, fronteira com a Toscana, delimitada ao norte pelo Rio Pó, e estendendo-se dos Apeninos até a costa do Mar Adriático à leste. Seus limites naturais são bem próximos aos da divisão territorial da atual Região da Emília-Romanha. TRECCANI. *Emilia*. Disponível em: <<https://www.treccani.it/enciclopedia/emilia/>>. Acesso em: 02 ago. 2021.

⁴⁴ *Grosso modo*, ambas as teorias visavam a defesa e legitimidade daquele que deveria guiar e governar a Cristandade latina, sendo os hierocratas os teóricos eclesiásticos e os teocratas os teóricos régios/imperiais. A imagem descrita por Le Goff é precisa: empregando a assimilação da Cristandade medieval como um corpo, pode-se dizer que ela é essencialmente bicéfala. LE GOFF. Op. cit., 2016, p. 258-268.

⁴⁵ BARROS, José D’Assunção. Cristianismo e política na Idade Média: as relações entre o papado e o império. *Horizonte*, Belo Horizonte, v.7, n.15, dez. 2009, p. 54.

⁴⁶ O uso das duas expressões nesse momento responde à problematização realizada por Leandro Rust em *A Reforma papal (1050-1150)*. Cuiabá: EdUFMT, 2013. A primeira expressão – “Reforma gregoriana” – ainda que bastante disseminada está vinculada ao trabalho de Augustin Fliche (1884-1951) que Rust

Itália. Para além da maior autonomia do ambiente eclesiástico em relação ao mundo laico, ela resulta numa hierarquização da Igreja que origina a monarquia pontifical, e promove uma evolução da autoridade episcopal, sendo que na própria concordata passam a ser distinguidos os poderes eclesiásticos daqueles civis que provém do rei, a *regalia*. É a partir desse momento que as pretensões imperiais sobre a Itália se enfraquecem drasticamente: no centro da península está em formação a unidade dos Estados Pontifícios; ao sul, o Reino da Sicília sob ocupação normanda que conta com o consentimento papal⁴⁷. Deste modo, será a parte centro-setentrional, do extremo norte até a Toscana, que estará livre de uma presença monárquica efetiva. Ao menos até meados do século.

Em 1152 ascende ao trono germânico Frederico I Barbarruiva (1152-1190), sendo coroado imperador três anos depois. É com Frederico que a dinastia dos Hohenstaufen, duques da Suábia, ascende efetivamente ao trono imperial. Rapidamente ele se empenha em agir sobre o território italiano, mas o efeito colateral de suas incursões torna-se irremediável:

Se houve um monarca que impôs, provavelmente contra a sua vontade, uma marca decisiva ao movimento comunal italiano, este foi Frederico I. Obcecado pela vontade de consolidar a jurisdição real sobre o *Regnum Italicum*, Frederico conduz uma política italiana de colaboração com os inumeráveis poderosos locais: ele concede um grande número de feudos, reconhecendo também as realizações territoriais já constituídas. Seu método privilegiado consistia em reconstruir uma organização real baseada em concessões feudais muito amplas, ratificando até mesmo senhorias sem nenhuma origem pública através de diplomas imperiais⁴⁸.

Em sua viagem à Itália na ocasião de sua coroação, Barbarruiva acaba por semear a contenda que se fará presente em todo seu período de reinado. Sua tentativa de pacificar a região da Lombardia malogra, e sua intenção de reaver a *regalia* faz com que ele seja constantemente rechaçado em cidades da região. Em 1158 uma nova expedição é organizada, e dessa vez Frederico consegue se impor, submetendo Milão, principal cidade lombarda. O imperador decide então realizar uma dieta na comuna de Roncaglia, sudeste de Milão, atestando seus direitos sobre o patrimônio do *regnum*, tomando sob sua jurisdição uma série de direitos que eram autônomos das comunas, como a cunhagem de moedas, nomeações de magistrados e juristas, e direitos fiscais e judiciários sobre vias e portos. Barbarruiva impõe assim uma taxaçoão que as comunas

analisa na obra, bem como analisa outras soluções, em forma de modelos explicativos alternativos, pensados pelos críticos do historiador francês.

⁴⁷ GILLI. Op. cit., p. 27-30.

⁴⁸ Ibid., p. 28, 30.

deveriam lhe pagar em troca do uso de tais direitos⁴⁹.

Não tarda para que as hostilidades voltassem a se manifestar: com a morte do papa Adriano IV (1154-1159), com quem Frederico tinha uma boa relação, a “paz” imposta a fio de espada pelo imperador logo mostra sua debilidade. À sucessão pontifical segue-se um cisma, opondo-se de um lado os apoiadores de Alexandre III (1159-1181), que se reagrupam em Milão, e do outro os simpatizantes de Victor IV, com o apoio imperial, e de parte do bispado italiano, mas principalmente alemão. O conflito estoura novamente, Frederico submete Milão mais uma vez após sete meses de cerco em 1162, tendo auxílio da *militia* de cidades lombardas rivais dos milaneses (como Lodi e Cremona). Em resposta, vemos aqui aquilo que se disse acima sobre a necessidade do uso da força por parte das comunas em conquistar sua efetiva autonomia⁵⁰. Não apenas elas foram suprimidas militarmente, como também administrativamente: Frederico nomeou potentados fiéis a si, alguns alemães inclusive, para o governo das cidades. Logo uma liga é organizada sob capitania de grandes comunas como Verona, Pádua, Vicenza e Veneza em 1164, à qual se associa outra aliança em formação, com cidades rivais (Cremona, Bergamo, Brescia, Mântua). A aliança se concluirá em 1167 na chamada Liga Lombarda, que congrega não apenas cidades do norte da Itália, como ainda o papado e os normandos do sul da península⁵¹.

Barbarruiva sofre uma grande derrota em 1176 que resulta em certa reaproximação com o papado, num primeiro tratado assinado em Veneza no ano seguinte, mas que se efetivará em 1183, na Paz de Constância. É a partir desse momento que as comunas adquirem seu efetivo reconhecimento:

Com a Paz de Constância, a comuna urbana se transforma em um organismo político-administrativo institucionalmente legítimo e juridicamente inserido nas estruturas do reino da Itália. Não é surpreendente que tal mutação de equilíbrio institucional de poderes do reino tenha tido consequências de primeira importância na organização interna das cidades⁵².

Vale ressaltar que a Paz previa que os cônsules fossem investidos pelo próprio imperador em prazos quinquenais; assim, as concessões apresentadas não foram libertinas para as comunas, ainda que tenham propiciado grande autonomia. De todo modo, as circunstâncias em que se inseria esse regime estavam passando por mudanças significativas, de modo que “o consulado aparece como uma experimentação

⁴⁹ Ibid., p. 30-31.

⁵⁰ LE GOFF. Op. cit., 2017a, p. 253.

⁵¹ GILLI. Op. cit., p. 30-32.

⁵² Ibid., p. 33. O texto da *Paz de Constância* pode ser lido parcialmente na sequência da passagem indicada nesta nota.

institucional, não revolucionária, mas temporária, suscetível de ser colocada em xeque”⁵³. No fundo, tratava-se de uma instituição que se baseava em um acordo temporário entre eleitos e comunidade. Suas funções tinham por primazia a manutenção da concórdia cívica, e em menor grau a proteção da comuna, envio de embaixadas e recepção de novos habitantes, geralmente vindos do *contado*, já que os limites da autoridade consular não eram os muros da cidade, mas toda a diocese. A eleição dos colégios consulares (marcados por flutuações constantes na quantidade de membros), ocorria geralmente através de assembleias dos cidadãos, denominadas *arengo*. Assim, o controle dos cônsules era muito oscilante conforme agiam as forças locais; de certo modo, um prenúncio da força que as corporações societárias iam adquirindo neste contexto e que se intensificará no século XIII. Observamos em algumas das cidades mais poderosas, instâncias intermediárias entre o *arengo* e o colégio consular que são os Conselhos, que se dividirá posteriormente entre um Grande Conselho (podendo chegar a uma centena de membros), e conselhos menores com nomes variados:

Todos esses filtros da representação são destinados a selecionar a população de elegíveis e a reduzir as formas de oposição, pois a “aristocracia consular”, que gere a cidade, não tem nada de democrático. Trata-se de uma forma de racionalização do governo, que tende a regulamentar as tensões intra-aristocráticas. O regime consular é um compromisso entre os *maiores* e o resto da população que forma a *civitas*, cujos cônsules assumem não a senhoria, mas a representação, mais ou menos análoga àquela do bispo⁵⁴.

Desse modo, observamos o quanto essa primeira fase do sistema comunal estava ligada às forças exteriores da dinâmica política italiana e que, muito mais do que a formação de um sistema político-administrativo inovador, ela era repleta de continuidades e formas de manutenção de poder e privilégios das elites, eclesiástica ou laica. Reunida em um colégio consular, a administração da cidade estivera nas mãos de uma aristocracia de origem rural que se urbanizou, ou que se “encitadinou” para empregar o neologismo de Gilli; esse processo, nomeado na historiografia italiana de *inurbamento*, trouxe esses aristocratas do *contado* para a cidade, por meio de um acordo com aqueles bispos estabelecidos desde a Antiguidade Tardia. A primazia da função consular era a manutenção da ordem cívica, ordem estabelecida por uma cavalaria de teor mais belicoso do que cortês. Mas essa é a formação da comuna. Apesar do relativo sucesso após a Paz de Constância em 1183, os sistemas comunais verão o desenrolar de tensões entre essas elites que acabam requerendo novas soluções, propiciando assim o

⁵³ Ibid., p. 69.

⁵⁴ Ibid., loc. cit.

poliocentrismo institucional no seio deste urbanocentrismo comunal, com o advento da segunda fase, a da *comuna podestadal*.

1.2 Soluções políticas em conflito na órbita do Império e do Papado

Ainda que o regime consular tenha tido certo prestígio e êxito no embate contra as forças externas da comuna, ele sofria de maneira crônica com as rivalidades entre famílias aristocráticas, de modo que a cada renovação de cônsules, as rivalidades podiam se inflamar novamente. Em meados ainda do século XII começam a surgir alternativas de formas de gestão política, centralizadas em uma única pessoa em detrimento do colégio consular. Essas delegações foram excepcionais, ainda que presentes em cidades importantes como Siena, Verona e Bolonha, todas na década de 1150. Será novamente com Frederico Barbaruiva que veremos uma progressão no desenvolvimento institucional das comunas. Ele é o primeiro a nomear podestades em cidades lombardas e emilianas, modelo que se difundirá também pela Itália central. Frederico visava assim uma política de colaboração no setor político e administrativo das cidades, que agiam como instrumento da tutela imperial. Essa prática, que poderíamos considerar como análoga àquela da investidura clerical, foi bastante efetiva em um primeiro momento, logo criando-se uma verdadeira rede entre as cidades leais ao imperador, nas quais operavam-se rotações de podestades. Ela foi também benéfica na relação com os grupos recém-chegados à comuna, vindos do *contado*, a zona rural que circunda as cidades: “Nessa fase transitória, a atribuição de um cargo podestadal a membros relacionados com os feudos poderia ser um hábil meio de negociação com as famílias aristocráticas reticentes à integração na ordem comunal”⁵⁵.

Temos aqui expostas duas características importantes do podestade: seu cargo será temporário, e cada vez mais se priorizará o podestade estrangeiro⁵⁶. O recurso ao podestade estrangeiro será uma forma de apaziguar os conflitos internos das cidades, uma vez que esse magistrado seria, teoricamente, neutro. Na realidade, até fins do século XII, as comunas oscilam constantemente entre podestades nativos e a manutenção do regime consular, sendo a partir da virada do século que o regime podestadal se fixará.

Antes de aprofundarmos nas características do podestade, façamos um excuroso

⁵⁵ Ibid., p. 71.

⁵⁶ Estrangeiro aqui tem sentido de originário de outra cidade, não necessariamente de fora da Itália – pelo contrário, a tentativa mesmo de Frederico em nomear podestades de origem alemã geralmente fomentava distúrbios e agitações.

para pontuar alguns acontecimentos aqui relevantes, legados pelo século XII e marcantes neste início de *duecento*. Primeiramente, sob uma macrovisão, vale lembrar que o período tardo-medieval é marcado como um momento de expansão da Cristandade latina:

A Europa Ocidental torna-se, então, conquistadora; em vez de ceder terreno, ela avança de um triplo ponto de vista, militar (cruzadas, Reconquista), comercial (estabelecimento de entrepostos e trocas com o Oriente) e religiosos (desenvolvimento das ordens religiosas, cristianização da Europa Central e da área báltica). [...] o movimento inverte-se; de centrípeto ele se faz centrífugo, e a expansão sucede à contração⁵⁷.

O próprio desenvolvimento urbano que viemos tratando até aqui, participa de modo contundente nesta expansão. E neste contexto, um dos movimentos mais notórios é a renovação escolar: “O que comumente denominamos a Renascença do século XII foi, antes de tudo, uma ‘revolução escolar’”⁵⁸. Desde o século VI, os centros de estudo da Antiguidade eclipsam, sendo substituídos por uma rede de ensino essencialmente eclesiástica, regida por clérigos e instaladas junto de seus edifícios. Ainda que instável e oscilante, seu monopólio perdura até o século XII, quando passa a ser confrontada pelo ressurgimento de centros de estudo abertos também para os laicos. Não significa que as escolas monásticas de repente sejam substituídas; pelo contrário, esses primeiros centros acolhem apenas uns poucos jovens aristocratas inicialmente. Mas rapidamente eles começam a crescer e modificar o próprio sistema de ensino.

Até então, os programas e métodos educacionais empregados nessas escolas monásticas tinham como base o texto do *De doctrina christiana* de Agostinho de Hipona⁵⁹, que julgava não apenas ser possível, mas também benéfico o uso da sabedoria dos filósofos da Antiguidade para fins essencialmente cristãos desde que bem depurados. Eles “deveriam utilizar a cultura antiga assim como os judeus haviam usado os despojos dos egípcios”⁶⁰, dizia Agostinho, sem abdicar de sua formação filosófica.

⁵⁷ BASCHET, Jérôme. *A civilização Feudal: do ano 1000 à colonização da América*. São Paulo: Globo, 2006, p. 35, 44.

⁵⁸ VERGER, Jacques. *Universidade*. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário analítico do Ocidente medieval: volume 2*. São Paulo: Editora Unesp, 2017b, p. 641.

⁵⁹ Agostinho (354-430), nascido em Tagaste no norte de África (atual Argélia), foi um dos mais importantes filósofos cristãos, e um dos maiores contribuidores da chamada filosofia patrística. De formação neoplatônica, deixou como legado algumas das principais obras do pensamento cristão medieval, como as *Confissões*, *A Trindade* e *A Cidade de Deus*, além de ter sido um dos defensores do uso dos autores não-cristãos da Antiguidade. McGRADE, A.S. (org.). *Filosofia medieval*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2008, p. 405-406.

⁶⁰ LE GOFF. Op. cit., 2016, p. 100.

Esse método de ensino que se formou tinha como prioridade o ensino do *trivium*⁶¹ que deveria convergir na aplicação da leitura e comentário às Sagradas Escrituras. Com a ascensão dos novos centros de estudo o foco muda; ainda que o estudo das artes liberais associado à *sacra pagina* continue existindo, este será o momento do triunfo da dialética sobre a gramática, e a lógica aristotélica assume a predileção.

A importância que o mundo árabe traz neste contexto para o Ocidente latino é incomensurável; se a filosofia helênica perdeu seu espaço na Europa de modo definitivo no século VI, quando a expansão do Imperador Justiniano viu nela uma força antagônica para a afirmação do cristianismo em sua tentativa de reunificação do Mundo Romano⁶², ela emigrou para um terreno menos hostil onde pôde perseverar. Foi no seio do Império sassânida⁶³ que os remanescentes dessa filosofia encontram um local significativamente tolerante, onde, não obstante suas religiões oficiais fossem o masdeísmo e o zoroastrismo, aceitava-se a presença de comunidades culturalmente distintas, como grupos não ortodoxos do cristianismo e os próprios remanescentes da filosofia grega⁶⁴. A subsequente expansão islâmica no século seguinte não apenas permitiu o continuar dessa filosofia como logo se interessou particularmente por ela; no século IX, Al-Kindi, um dos principais patronos da filosofia islâmica já demonstrará enorme interesse sobre o saber grego, em especial à obra de Aristóteles. Vale ainda ressaltar que assim como fizeram os sassânidas, os islâmicos também aceitavam a presença de comunidades judias em seu território, que desfrutavam, portanto, de alguma liberdade religiosa e de pensamento, propiciando assim também um grande avanço para a filosofia judaica⁶⁵. A ideia da *translatio studiorum* (translação da ciência), associada

⁶¹ O *trivium* era parte das chamadas *sete artes liberais*, cuja origem remonta ao século VI, e sendo assim formalizada no período carolíngio. O *trivium* era composto pelas artes literárias: gramática, retórica e dialética; enquanto sua contraparte, o *quadrivium*, era composto pelas artes matemáticas: aritmética, geometria, música e astronomia. LOYN. Op. cit.

⁶² Justiniano I (527-565), frequentemente referido como o *último imperador romano e primeiro bizantino*. Mobilizou grande força para reunificar a Cristandade no contexto das incursões germânicas. Dentre suas ações, foi responsável pelo fechamento da Academia de Atenas, principal reduto da filosofia clássica ainda permanente na Europa. LOYN. Op. cit.

⁶³ O Império Sassânida (226-651) foi um império persa governado pela dinastia de mesmo nome, tendo sucumbido no século VII ante a expansão islâmica, ainda durante o primeiro califado, o Califado Rashidun (632-661) dos sucessores imediatos de Maomé, também chamado *Califado Bem-Guiado*.

⁶⁴ LIBERA, Alain de. *A filosofia medieval*. São Paulo: Edições Loyola, 1998, p. 14-15.

⁶⁵ Libera (Op. cit., loc. cit) aponta ainda para o fato de que, se a Idade Média costuma ser comparada à uma Idade de Trevas, isso é exclusividade no que diz respeito ao mundo cristão ocidental. Para as tradições árabo-muçulmana e judaica, esse é um verdadeiro período de luz e de apogeu cultural. Quanto aos filósofos judeus do período, destacam-se o egípcio Saadías Gaon (982-942), vasto conhecedor das ideias platônicas, aristotélicas e estoicas; Ibn Gebirol, mais conhecido pelo nome latinizado Avicébron (1021/22-1057/58), filósofo e poeta do al-Andalus que se destacou mais entre os escolásticos latinos e filósofos islâmicos que na própria comunidade judaica; e o também andaluzino Moisés Maimônides

ao *translatio imperii*, isto é, a transferência do poder imperial, tese muito importante para a afirmação do Império Carolíngio, encontra aqui uma pluralidade de vias; não houve uma *translatio*, mas várias *translationes*: de Atenas para Pérsia até Harran, de Alexandria à Síria, de Alexandria à Bagdad, e posteriormente, estendendo-se pela Ifríquia até Al-Andalus⁶⁶, chegando em Córdoba, Toledo e enfim, Paris e ao Ocidente latino. Essas *translationes* movem-se, portanto, dentro do mundo islâmico, de Oriente à Ocidente, e daí para o Ocidente cristão:

Foi uma translação interna às terras do Islã, ligada à conquista muçulmana, que tornou possível o retorno da ciência ao mundo latino. Evidentemente, os filósofos das terras do Islã dos séculos X ou XI d.C. nada tinham a ver com os filósofos pagãos que se haviam refugiado na corte de Cosroés I na época pré-islâmica. Viviam numa sociedade muçulmana e eram muçulmanos ou “gente do Livro”, isto é, ligados a uma Revelação – na prática: judeus, cristãos ou sabeus. Não deixavam de preconizar o ideal filosófico e a forma de vida filosófica como possibilidade de existência⁶⁷.

É através dessa troca cultural que a filosofia helênica terá seu “renascimento” no Ocidente cristão, encontrando aí um solo fértil no contexto de renovação escolar do século XII, processo que por sua vez se beneficiou da expansão do desenvolvimento urbano do período. Neste cenário emerge um personagem característico que Jacques Le Goff, tomando alguns cuidados terminológicos, nomeia de *intelectual*. Esse tipo específico de erudito se insere necessariamente no mundo urbano medieval, destacando-se como *homem de ofício*, arraigado de um teor profissional e corporativo; são os mestres das escolas, “aqueles cujo ofício é pensar e ensinar seu pensamento”⁶⁸.

Não tarda para que essas escolas almejem maior autonomia diante dos dois grandes orbes políticos de seu contexto. Em 1155, Frederico Barbarruiva manifestará proteção para os estudantes de direito, com especial atenção aos de Bolonha, principal

(1138-1204), médico e, possivelmente, o principal filósofo judeu medieval. MARRONE, Steven P. *A filosofia medieval em seu contexto* In: McGRADE. Op. cit., p. 38-40; McGRADE. Op.cit., p. 407-409.

⁶⁶ *Ifriqiya* era o nome árabe utilizado para a África, sendo uma arabização do nome latino. Referia-se especialmente a região oriental do Maghreb, portanto o noroeste do continente (atualmente corresponde à parte dos territórios de Tunísia, Argélia e Marrocos). Já *al-Andalus* ou *Andaluzia* era o nome árabe dado pelos muçulmanos à Espanha Islâmica, quando de sua dominação sobre a Península Ibérica (711-1492). DIZIONARIO DI STORIA. *Ifriqiya*, 2010. Disponível em: <https://www.treccani.it/enciclopedia/ifriqiya_%28Dizionario-di-Storia%29/>; *al-Andalus*, 2010. Disponível em: <https://www.treccani.it/enciclopedia/al-andalus_%28Dizionario-di-Storia%29/>; BAGNERA, Alessandra. *L’Africa islamica: Tunisia* In: *Il Mondo dell’Archeologia*, 2005. Disponível em: <https://www.treccani.it/enciclopedia/l-africa-islamica-tunisia_%28Il-Mondo-dell%27Archeologia%29/>>. Acesso em: 02 ago. 2021.

⁶⁷ LIBERA. Op. cit., p. 17.

⁶⁸ LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006, p. 8-9, 23. Acerca da escolha do termo, conferir a *Introdução* (p. 23-26), onde Le Goff problematiza e justifica sua escolha, abordando outros tipos de eruditos que poderiam ser invocados, mas não o foram, em detrimento do *intelectual*: filósofo, clérigo, humanista.

centro de estudo dessa ciência. A Igreja por sua vez criará em 1179 as *licenças*, isto é, autorizações para a prática do ensino concedidas pelo bispo local, buscando encorajar a fundação de novas escolas ao mesmo tempo que mantinha certo controle sobre essas⁶⁹. Desse modo, acompanhando e participando das transformações sociais de seu contexto, algumas escolas começam a se expandir em agrupamentos cada vez maiores, dando origem à uma instituição cujo sucesso chega até os dias de hoje: a Universidade, uma instituição de teor corporativo que traduz ao ambiente educacional muitas das preocupações sociais de seu período:

Às portas do século XIII, um fato novo se produz na história das escolas: a emergência de uma instituição – a Universidade – na qual mestres eclesiásticos especialistas da cultura se associam para formar um corpo profissional segundo o modelo das corporações de ofício. Consagrado pelo papa, esse corpo é englobado pela Igreja a título de instituição autônoma que, subtraída à jurisdição dos bispos e dos senhores, está submetida unicamente ao poder pontifício e a seu controle doutrinário. Essa nova instituição desenvolve-se de início em Paris e em Oxford (o *studium* de Bolonha é um caso à parte) e não é separável da emergência da cultura – fortemente organizada e privilegiada de maneira exclusiva – que chamamos “escolástica”⁷⁰.

A universidade surge assim como espaço relativamente autônomo, um cadinho onde convergem intelectuais e ideias das mais variadas. O grande afluxo de textos vindos do mundo islâmico germinará com grande força no ambiente universitário. A título de exemplo, um dos maiores filósofos muçulmanos, Averróis, aquele “que fez o grande *Comentário*”⁷¹, morre em 1198, enquanto a Universidade de Paris, uma das pioneiras, organizou-se já na primeira década do século XIII. Duas características de grande importância são observáveis aqui: desde sua formação a universidade está, primeiramente, atenta aos conhecimentos e ciências mais modernas de que dispõe, e em segundo lugar, ela é um espaço aberto de debate, onde a circulação e o confronto de ideias divergentes podem coexistir de modo organizado.

Podemos notar aqui o quanto a universidade surge atrelada aos processos e carências de seu período. O desenvolvimento de corporações sociais, muito auspicioso neste contexto e mais ainda ao longo do século XIII, se converterá na própria organização das universidades:

⁶⁹ VERGER. Op. cit., p. 642-643.

⁷⁰ ALESSIO, Franco. *Escolástica*. In: LE GOFF; SCHMITT. Op. cit., 2017a, p. 411.

⁷¹ *Inf.*, IV, 144. Tradução livre: “*che 'l gran Comento feo*”. Ibn Roschd (1126-1198), conhecido pelo nome latinizado Averróis, foi um polímata (indivíduo que se dedica à várias áreas de estudo, cujo mais famoso exemplo é o de Leonardo da Vinci) andaluzino, considerado um dos filósofos islâmicos mais influentes. Destacou-se, entre tantos trabalhos, por um massivo estudo e comentário à obra de Aristóteles, o que lhe forneceu o epíteto de “o Comentador”. McGRADE. Op. cit., p. 409.

As origens das corporações universitárias freqüentemente são tão obscuras para nós como as dos outros corpos de ofício. As corporações universitárias se organizam lentamente, à custa de conquistas sucessivas, ao acaso de incidentes que representam determinadas ocasiões. Os regulamentos muitas vezes só sancionam tardiamente essas conquistas⁷².

Além disso, temos também de levar em conta os principais agentes interessados neste processo: as elites laicas, que enxergaram na universidade um meio de promoção individual, demanda essa particularmente bem atendida: “Essa demanda social era a das elites cultas, capazes de exercer na sociedade, na Igreja, no Estado, as funções para as quais se requeriam uma sólida cultura erudita e o domínio de diversas técnicas intelectuais”⁷³. Assim, observamos aqui a própria função social que a universidade desempenhará neste momento: ela fornece uma formação acadêmica com fins profissionalizantes, muitas vezes visada como meio de obtenção de funções importantes na sociedade, seja no ambiente laico, seja no clerical. Internamente elas se dividiram em repartições organizadas por disciplinas; desse modo, a Faculdade de Artes, na qual se preservou o estudo das artes liberais, se converterá em um “ensino preparatório”, uma espécie de educação básica para o ingresso nas faculdades que se consolidaram como prioritárias: Medicina, Direito e Teologia.

Como acima mencionado, Bolonha se apresentará como um caso particular, e aqui mais uma vez vemos o quanto as características do desenvolvimento urbano italiano são distintas: diferentemente de sua contemporânea parisiense, a Universidade de Bolonha não se forma a partir de uma federação de escolas, mas como uma *organização comunitária de estudantes*. Presentes desde fins do século XII, essa organização será confrontada pela comuna de Bolonha que, sem sucesso, reconhece sua autonomia e privilégios fiscais em 1252. O papado por sua vez cede mais rapidamente, e instaura o mesmo sistema de licenças na universidade em 1219⁷⁴. Aqui, a disciplina soberana será o Direito, e seu impacto imediato no sistema comunal se traduz através da figura do podestade, suscitando a nós a possibilidade de ver a correlação entre universidade e sociedade desde seus primórdios, sendo causa e consequência das transformações de seu contexto:

A multiplicação das escolas no Ocidente no decorrer do século XII, o aprofundamento e a diversificação de seus ensinamentos atendiam, acima de tudo, a uma demanda social em plena expansão. Os mestres provenientes das escolas parisienses podiam esperar pela realização de belas carreiras no alto

⁷² LE GOFF. Op. cit., 2006, p. 94.

⁷³ VERGER. Op. cit., p. 651.

⁷⁴ Ibid., p. 645.

clero, os juristas bolonheses tornavam-se conselheiros procurados por príncipes e cidades, sobretudo nas regiões mediterrâneas. Mas esse progresso correspondeu também a uma verdadeira transformação cultural. Como duplo resultado da renovação da dialética e da ampliação do campo das disciplinas, possibilitada pelo afluxo de textos redescobertos ou traduzidos do grego ou do árabe, o ensino foi profundamente reformulado. A par da ambição social, a paixão desinteressada pela ciência certamente contribuiu para atrair os alunos às novas escolas e para fazê-los conscientizar-se de que, *magistri* e *scolares*, eles constituíam um grupo com vocação específica, ainda que, por todo lado, a maior parte deles fosse de clérigos⁷⁵.

Retornemos agora à figura do podestade: ela é um pouco controversa e complexa em sua definição e em sua ação efetiva na história comunal italiana. Diferentemente do cônsul, o podestade era antes um executor das deliberações tomadas pelos conselhos do que um magistrado que impunha suas decisões. Esses conselhos, muito variáveis em cada caso, eram os verdadeiros concentradores do poder político na comuna, sendo, em certo sentido, a verdadeira novidade em relação ao consulado. O podestade se insere, portanto, como um funcionário temporário limitado em funções pelos conselhos, esses, geralmente responsáveis por atividades como diplomacia e finanças. Por outro lado, o podestade se destaca por sua profissionalização, sendo um indivíduo geralmente de origem nobre com formação em direito, aquele sujeito que alcançou a promoção social através do estudo universitário. A nomenclatura de seu título traz consigo o impacto que seu encargo trará na história comunal italiana:

[...] ele participa da invenção da política (ou do político), isto é, de um espaço neutralizado de enfrentamentos sociais, ao permitir separar a gestão administrativa ordinária da gestão partidária. O título de podestade, do latim *potestas* (poder), remete a uma abstração do poder, qualquer coisa que se pretende *super partes*. Ele encarna a autoridade: é este sentido que aparece com Frederico I. Mesmo quando a instituição se distancia de suas origens imperiais, quando se difunde em toda a Itália comunal (e mesmo na Provença, terra do império), ela traz consigo uma presunção de neutralidade administrativa, de capacidade de arbitragem entre as facções antagonistas e uma forma superior de delegação de autoridade. Em resumo, a autoridade do podestade se remete ao princípio da terceira parte da soberania⁷⁶.

Desse modo, será com o podestade que se cria um *espaço político* propriamente dito, que sedia o embate entre instituições representativas e não mais as famílias que se auto qualificam como as dominantes: “Forma de autoridade delegada superposta às tensões sociais, o podestade representa uma instância vital à criação da soberania da comuna”⁷⁷. Assim, o podestade se insere como esse magistrado especialista em gestão pública, um profissional da *res publica*, cuja atividade foi limitada ao campo jurídico. A

⁷⁵ Ibid., p. 642.

⁷⁶ GILLI. Op. cit., p. 74.

⁷⁷ ALMEIDA, Néri de Barros. *Prefácio à edição brasileira - A cidade: um paradigma influente*. In: Ibid., p. 12.

organização comunal dividiu-se em duas áreas: de um lado, o podestade estrangeiro com seu séquito de juízes, notários e policiais que compunham seu conselho particular, responsáveis pela atividade jurídica; de outro, os conselhos locais, encarregados das funções administrativas. A justiça coordenada por uma burocracia itinerante, a administração a cargo das chefias locais⁷⁸.

Toda disputa de poder transcorrida na comuna perpassa pelo exercício da justiça, afinal, ela é “coextensiva ao exercício do poder, pois todo ofício comunal traz consigo uma *jurisdictio* (uma prerrogativa jurídica): exercer uma autoridade é ter a capacidade de ditar o direito e aplicá-lo em um setor preciso da administração”⁷⁹. Em consonância, podemos observar que o podestade reúne em si, pelo menos teoricamente, a associação de dois preceitos considerados essenciais para o bom governo: a justiça e a paz. Desde Agostinho de Hipona e Isidoro de Sevilha, e de modo intensificado após o século XII com a difusão do Direito Romano neste processo de renovação escolar, justiça e paz eram tidos pelos teóricos como dois pilares essenciais, geralmente apresentados em sermões apologéticos de reis e príncipes⁸⁰, mas igualmente cabíveis aqui no caso do sistema comunal. Centralizado em sua função sobre a justiça, o podestade apresentava-se como resolução para os conflitos da comuna, como magistrado pacificador. No entanto, a realidade se apresentava mais complexa do que as pretensões teóricas sugeriam.

Em suma, o recurso ao podestade nunca foi opção neutra efetivamente, e o fator da preferência estrangeira pouco resultou em resolução das tensões, uma vez que não tarda para ocorrer a criação de redes intercitadinas na troca de podestades, garantindo a preservação de magistrados com interesses similares entre as cidades aliadas. Com a morte de Henrique VI (1190-1197), filho e sucessor de Frederico Barbarruiva, as tensões entre cidades no norte da Itália se reavivam, e a rede de podestades cinde definitivamente entre as cidades de Milão e Cremona. Disputando a hegemonia sobre a planície paduana, ambas as cidades inflam as comunas aliadas com sua própria disputa, e o fornecimento de podestade se torna um importante instrumento para a manutenção dos interesses dessas. Observamos aqui duas grandes vertentes se formando, uma *filoimperial*, outra *filopontifical*, que se converterão em verdadeiras

⁷⁸ GILLI. Op. cit., p. 74-75.

⁷⁹ Ibid., p. 139. Remetemos aqui os leitores e leitoras ao capítulo 4 da obra de Gilli na sua íntegra, intitulado *Engenharia administrativa comunal I: juristas, direito, justiça*, no qual o autor traça um percurso sobre o impacto e a ação do direito e de seus profissionais na administração comunal, e como isso colaborou para a própria formação das diferentes formas de instituições comunais da Itália.

⁸⁰ GAUVARD, Claude. *Justiça e paz*. In: LE GOFF; SCHMITT. Op. cit., 2017b, p. 63.

facções integradas na disputa supra comunal entre papado e império⁸¹.

Após a morte de Henrique VI em 1197, dois grandes príncipes alemães se confrontam em busca do trono imperial: Filipe da Suábia e Oto de Brunswick. Este último acaba assumindo o título sob o nome de Oto IV, sendo coroado pelo Papa Inocêncio III (1198-1216), coroação que ocorre somente em 1209, mais de uma década depois. No entanto, Inocêncio já tinha um pupilo, o jovem Frederico, filho de Henrique VI, cujo acesso ao trono estava sendo preparado. Em partes, Inocêncio buscou assim resolver a tensão que a hegemonia imperial vinha exercendo sobre a península itálica: Henrique casara-se com Constância de Hauteville, filha do rei Rogério II da Sicília, adquirindo assim o direito sobre o reino meridional italiano, de modo que a unificação da Itália ficava impossibilitada apenas pela presença dos Estados Pontifícios no centro da península⁸².

Assim, Frederico e Inocêncio entram em um acordo: o monarca compromete-se em abdicar de seu direito sobre a Sicília em troca do auxílio papal para derrotar Oto IV e assumir o título imperial. É desse modo que Frederico se lança em disputa contra o Imperador, conquistando o reino da Germânia após sua vitória na Batalha de Bouvines em 1214, depondo Oto e deixando o caminho aberto para assumir o trono imperial, que culminará em sua coroação no ano de 1220⁸³. Paradoxalmente, no entanto, será com o novo imperador, Frederico II Hohenstaufen (1220-1250), que as disputas entre império e papado ganharão novamente as proporções que tiveram à época de seu avô, Frederico Barbarruiva.

Já em 1226 uma nova liga de cidades da Lombardia se forma para se opor às investidas imperiais, uma vez que Frederico vinha tentando revogar as cláusulas estabelecidas na Paz de Constância em 1183. Desta vez, a iniciativa diplomática estava mais sob responsabilidade dos representantes do papa que das próprias cidades. Gilli especula que isso tenha se dado justamente pela natureza do regime podestadal agora em vigor, menos autoritário que o consular, mais ligado às decisões dos conselhos

⁸¹ GILLI. Op. cit., p. 76-77.

⁸² GILLI. Op. cit., p. 35-36. Vale ressaltar que o Reino de Sicília neste momento já se estendia não apenas pela ilha homônima, mas também por toda a parte meridional da península, fazendo fronteira com a região do Lazio.

⁸³ A Batalha de Bouvines, ocorrida em território francês, impactou muito do cenário político europeu: além do triunfo de Frederico (não apenas sobre o território alemão, mas por todo Império), vemos também a consolidação dos capetíngios em França e a fomentação da oposição à João “Sem-Terra” na Inglaterra, que culminou na concessão da *Magna Carta* no ano seguinte (1215). FEDERICIANA. *BOUVINES, BATTAGLIA DI*, 2005. Disponível em: <http://www.treccani.it/enciclopedia/battaglia-di-bouvines_%28Federiciana%29/>. Acesso em: 02 ago. 2021.

cidadinos, e, por conseguinte, mais cauteloso em suas deliberações. Importante ainda mencionar que é agora com o embate entre Frederico II e o papado que observamos a real integração da oposição entre guelfos e gibelinos no léxico político italiano:

[...] os primeiros sendo definidos claramente como a *pars Ecclesiae* (o partido da Igreja), os segundos como o *pars Imperii* (o partido do império), sinal que as comunas estavam integradas em um jogo diplomático que lhes dizia respeito, mas cujos horizontes teóricos e ideológicos eram mais vastos do que a simples defesa de seus interesses⁸⁴.

É curioso como os dois vocábulos de origem germânica acabam por designar essa oposição tão acentuada da história comunal italiana: *guelfo* é proveniente de Welf, a família saxã de duques da Baviera, principais opositores dos Staufen da Suábia, a linhagem de Frederico; enquanto *gibelino*, vem de Waiblingen, o castelo dos Staufen, que também se tornou grito de guerra das tropas imperiais. Assim, estando o Império sob a dinastia dos Staufen, não tardou para que os guelfos fossem assimilados como apoiadores do papa; assimilação tão irônica que o último representante dos Welf na Itália havia sido o próprio Oto IV, não apenas deposto com auxílio do papa, mas mesmo excomungado⁸⁵! Posteriormente, como iremos apresentar, essas origens tenderam a ser esquecidas “em favor da cristalização de uma irreduzível hostilidade que passou a contrapor guelfos e guibelinos como facções rivais nas comunas italianas”⁸⁶, interiorizando as oposições originais, e aglutinando-as em meio às rivalidades próprias das comunas.

As três décadas do reinado de Frederico II foram marcadas na história comunal italiana por constantes investidas militares, por interferências na organização administrativa das cidades e por um projeto cultural que apontava para a sua hegemonia política. Na realidade, a presença de Frederico era muito sentida, uma vez que ele estava estabelecido não ao norte, mas no Reino da Sicília, de modo que era verdadeiramente um estrangeiro na Germânia, tendo aprendido a língua alemã somente aos dezoito anos⁸⁷! Este projeto cultural fomentado por Frederico tornou-se expressivo sobretudo por aquilo que ficaria conhecido como “Escola Siciliana”, movimento literário que se destacou como uma das principais manifestações poéticas vernacular até então, “ainda toda provençal nas suas invenções e modos expressivos, mas composta num vulgar novo, que do sul se estende e se impõe para o centro e o norte, aonde quer que chegue a

⁸⁴ GILLI. Op. cit., p. 36.

⁸⁵ Ibid., p. 36-37.

⁸⁶ BARROS. Op. cit., p. 65.

⁸⁷ BLOCKMANS; HOPPENBROUWERS. Op. cit., p. 255-256.

influência, direta ou indireta, do poder de Frederico”⁸⁸. Esta, perdura até a segunda metade do século XIII, à época de Manfredo, seu filho bastardo e sucessor do Reino da Sicília, e conseqüentemente, à época de Dante⁸⁹.

Não obstante a figura controversa que Frederico foi, o que lhe assegurou um lugar entre os heréticos no inferno dantesco⁹⁰, Dante admirava o imperador devido sua importância para o desenvolvimento dos vernáculos italianos, não poupando elogios neste quesito:

Aqueles senhores grandes e ilustres, o imperador Frederico e seu nobre filho Manfredi, souberam exprimir toda a nobreza e a retidão de suas almas e, enquanto lhes permitiu a fortuna, dedicaram-se às atividades apropriadas aos homens, desprezando aquelas bestiais. Por isto todos aqueles dotados de um coração nobre e rico de graças divinas se esforçaram em manter-se próximos à majestade de tais príncipes; de conseqüência, tudo quanto àqueles tempos foi produzido por italianos de almas nobres vinha à luz inicialmente naquela corte de tão insignes soberanos. E como a sede do trono real encontrava-se na Sicília, deu-se que tudo quanto nossos predecessores produziram em vernáculo fosse chamado de “siciliano”, termo que ainda hoje empregamos e que os vindouros não conseguirão alterar⁹¹.

Vale a pena nos atermos aqui por um instante. Poderíamos apontar que o caso do posicionamento de Dante frente a Frederico II se põe em situação similar àquele contraste visível em outros momentos de sua obra, observado por Bruno Nardi⁹², no qual os sentimentos teológico e poético se confrontam e lançam o poeta num impasse. Nardi foca na figura trágica de Ulisses, mas evoca também os episódios de Farinata degli Uberti e Francesca da Rimini, todos indivíduos condenados ao Inferno, mas dos quais Dante demonstra grande simpatia, seja pela admiração de índole moral, seja pela piedade⁹³. No caso de Frederico, sua presença na *Commedia* é muito breve, não mais

⁸⁸ Tradução livre: “*tutta provenzale ancora nelle invenzioni e nei moduli espressivi, ma composta nel volgare nuovo, che dal sud si estende e s’impone verso il centro e il settentrione, dovunque arrivi l’influsso diretto o indiretto della potenza di Federico*”. SAPEGNO, Natalino. *Storia letteraria del trecento*. Milano; Napoli: Riccardo Ricciardi Editore, 1963, p. 18.

⁸⁹ Sobre isso, conferir: Myriam Carminati, « Des passeurs ? Les poètes de l’École sicilienne », *Revue des langues romanes* [En ligne], Tome CXX N°1 | 2016, mis en ligne le 01 février 2018, consulte le 29 juillet 2020. URL: <http://journals.openedition.org/rlr/367> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/rlr.367>; TRECCANI. *Siciliana, Scuola*. Disponível em: <<https://www.treccani.it/enciclopedia/scuola-siciliana>>. Acesso em: 02 ago. 2021.

⁹⁰ *Inf.*, X, 118-119.

⁹¹ *DVE*, I, xii, 4. ALIGHIERI, Dante. *De vulgari eloquentia*. Porto Alegre: Tiago Tresoldi Editore, 2011, p. 17.

⁹² O texto é *La tragedia d’Ulisse*, originalmente publicado em *Studi Danteschi*, vol. XX, de Michele Barbi, em 1937.

⁹³ NARDI, Bruno. *Dante e la cultura medievale*. Roma-Bari: Biblioteca Universale Laterza, 1985, p.128-129.

que uma menção⁹⁴, mas seu apreço se evidencia na passagem acima citada do *De Vulgari Eloquentia*, obra em que Dante defende justamente a importância do vernáculo na produção poética. A estima é ainda maior uma vez que Frederico foi decisivo no desenvolvimento e expansão particularmente do vulgar italiano. Lembremo-nos que uma tradição poética vernacular na Provença ao norte de Itália já está bem consolidada à época de Dante, e o poeta direcionará críticas muito ferrenhas àqueles que louvam o vulgar occitano, enquanto desprezam o italiano: “E todos esses são os abomináveis perversos da Itália que vilipendiam esse precioso vulgar; o qual, se é vil em alguma coisa, o é somente enquanto soa nas bocas meretrizes desses adúlteros”⁹⁵. Em suma, podemos perceber já de antemão aqui algumas importantes nuances acerca dos julgamentos que o poeta fará ao longo da *Commedia*, obra naturalmente impregnada de dogmatismo, mas que não amordaça a liberdade poética nem a sensibilidade do autor.

Em fins da década de 1230, o imperador tem uma importante vitória sobre aquela segunda Liga Lombarda em 1237, na Batalha de Cortenuova, mas também recebe sua primeira excomunhão dois anos depois. Neste ano, Frederico inicia a criação dos *vicariatos*, divisões administrativas na Itália centro-setentrional que centralizaram a organização política da península em nove circunscrições vicariais, subdivididos em capitânias⁹⁶. Essa prática violou a tradição comunal que gozava de independência institucional há muito.

Enquanto o imperador se impunha sobre a administração das cidades de modo tão contundente, o papado igualmente buscava se sobrepor. A cúria pontifical vivia em permanente deslocamento na Itália ao longo dos séculos XII e XIII. Os papas, diferentemente do imperador, priorizavam a eleição de magistrados nativos, ao menos nas comunas do Estado Pontifício. Ao norte, sobretudo nas cidades emilianas e lombardas, o pontífice geralmente concedia privilégios durante sua estadia como meio de angariar prestígio, como isenção de pedágios e suspensão de impostos. De todo modo, as três décadas de governo imperial de Frederico são de constantes disputas entre

⁹⁴ Ao final do Canto X (118-119), Dante indaga Farinata sobre outras almas presentes no Círculo dos Heréticos, ao que o capitão gibelino responde: “Com mais de mil aqui me igualo, | entre eles o segundo Federico”. ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia – Inferno*. São Paulo: Abril, 2010. p. 158.

⁹⁵ *Conv.*, I, xi, 21. ALIGHIERI, Dante. *Convívio*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2019, p. 133. Indicamos aos leitores e leitoras essa passagem em sua extensão, na qual Dante, justificando e defendendo sua escolha no uso do vulgar, apresenta uma série de argumentos, defesas e críticas aos seus contemporâneos, como a citação aqui trazida demonstra. *Conv.*, I, x-xiii.

⁹⁶ Este modelo era baseado nos *giudicati* sicilianos, espécies de estados autônomos cuja formação remontava por sua vez ao período de dominação bizantina na ilha. SILVA, Marcelo Cândido; SOBREIRA, Victor. *Nota de tradução*. In: GILLI. Op. cit., p. 38

os dois arautos da Cristandade, ora de forma militar, ora por interferências no âmbito político das comunas italianas, principal palco desses embates. Porém, após a morte de Frederico II em 1250, e o breve reinado de Conrado IV (1250-1254), tem início o período do chamado Grande Interregno, que durará duas décadas. Mas, se a vacância imperial debilitou a força do Sacro Império na península, igualmente o papado viu seu poder enfraquecer neste momento:

Na luta, que se prolongou após a morte de Frederico II, em 1250, a linhagem Staufen acabou finalmente derrotada, e como consequência [...], o império não voltou a ser daí em diante mais que um pálido reflexo do que havia sido, mas a própria monarquia pontifícia saiu também debilitada, e, embora ainda tenha tentado defender suas aspirações como poder político universal durante um tempo, finalmente teve de claudicar, já não ante o império, mas frente os estados monárquicos e principescos, enormemente fortalecidos desde meados do século XIII⁹⁷.

Vale a menção de que em certa medida a monarquia pontifícia foi vítima de suas próprias ações. Desde fins do século XI, as reformas papais empregadas por Gregório VII fizeram, além de uma reformulação das estruturas eclesiásticas, também um apelo, convidando, e por vezes mesmo convocando a participação mais ativa dos leigos nas ações da Igreja. Pensemos aqui no sucesso que teve a convocação àquela que seria a Primeira Cruzada, em 1095 por Urbano II (1088-1099); nas aspirações dos movimentos evangélicos populares, cuja linha tênue entre heresia e ortodoxia era significativa; e principalmente naquele espírito de retomada do ideal apostólico já mencionado anteriormente. Não que não houvesse engajamentos anteriores, mas esses foram em geral isolados e efêmeros, sendo a partir de fins do século XI e ao longo de todo o XII que ocorre a grande efervescência na religiosidade e espiritualidade popular:

A difusão do ideal apostólico pelos cônegos, assim como a influência dos eremitas e dos pregadores errantes, que propagavam pelo seu caminho temas evangélicos, contribuíram para fazer nascer nos fiéis o desejo de elevar-se até o nível espiritual dos clérigos e conquistar a salvação sem renunciar ao seu estado⁹⁸.

Sem perder de vista o contexto social do período, foi na esteira do desenvolvimento urbano que essas transformações ocorreram, ainda que tenha sido em suas vias iniciais. Evidentemente ambos os movimentos se afetaram mutuamente. Uma

⁹⁷ Tradução livre: “*En la lucha, que se prolongó tras la muerte de Federico II, en 1250, el linaje Stauffer resultó finalmente derrotado, y como consecuencia [...], el imperio ya no volvió a ser en adelante más que un pálido reflejo de lo que había sido, pero la propia monarquía pontificia salió también debilitada, y, aunque aún trató de defender sus aspiraciones como poder político universal durante un tiempo, finalmente tuvo que claudicar, ya no ante el imperio, sino ante los estados monárquicos y principescos, enormemente fortalecidos desde mediados del siglo XIII*”. HERNANDO, Máximo Diago. *El Imperio en la Europa Medieval*. Madrid: Arco Libros, 1996, p. 43.

⁹⁸ VAUCHEZ. Op. cit., p. 91.

série de contradições e oposições começavam a se formar no seio das cidades conforme os leigos vão se tornando mais partícipes da vida religiosa, das quais destacaremos aqui duas⁹⁹. Primeiramente, o ideal apostólico que pregava o desapego ao mundo e às riquezas esgotava-se muitas vezes na pregação, já que paralelamente aos principais centros urbanos, as igrejas iam também tornando-se mais ricas, e não tarda para que tanto leigos quanto clérigos critiquem esse posicionamento eclesiástico¹⁰⁰. Em segundo lugar, a ânsia cada vez mais crescente pelo acesso à Palavra Divina agitava o laicato que pressionava o clero, enquanto esses não queriam abrir mão de seu monopólio litúrgico, de modo que alguns clérigos viam a Bíblia mais como um tesouro do que como uma mensagem a ser transmitida. O despontar desse evangelismo popular, inflamado pela própria Igreja, acaba por participar do processo que mina sua força no século XIII, e ainda suscitando futuros críticos da *Ecclesia*, dentro os quais podemos citar o próprio Dante:

À custa de conflitos e condenações, que às vezes os conduziram à beira da heresia, os movimentos religiosos populares do século XII conseguiram que a Igreja admitisse os principais elementos de uma espiritualidade que, por ter sido mais vivida que formulada, não deixava de ter uma importância considerável na história do cristianismo medieval¹⁰¹.

Assim, as vitórias de um ou outro partido pouco haviam surtido efeito para si, enquanto as comunas acabaram absorvendo muito dos resquícios desses embates. Alguns senhores se aproveitaram de concessões, especialmente aquelas dos *vicariatos* imperiais, para se estabelecerem solidamente em suas cidades e regiões: é o caso de Ezzelino III de Romano¹⁰², senhor de Verona, Pádua e Vicenza, e do “Gibelino por excelência”¹⁰³ Oberto Pelavicini, que se torna podestade *vitalício e hereditário* de cidades de grande força política como Cremona, Pavia, Piacenza e Vercelli¹⁰⁴. Apoiando a causa papal ou imperial, por submissão ou de forma espontânea, as cidades estiveram integradas nesse amálgama que as impactou profundamente. Em certa medida, podemos ver que as próprias comunas se beneficiaram em ampliar sua

⁹⁹ A respeito dessas manifestações populares, sugerimos aos leitores e leitoras o terceiro capítulo da obra de André Vauchez, especialmente o subitem 4, intitulado *Os leigos à procura de uma espiritualidade* (p. 90-124), onde o autor aborda, além desses embates aqui citados, outras modificações como as aspirações de participação feminina na vida religiosa, o ideal da pobreza voluntária e as ambiguidades eclesiásticas diante da expansão econômica citadina e dos ofícios em si.

¹⁰⁰ Dos quais podemos citar como exemplos notórios os sermões do monge Arnaldo de Brescia e o texto do *De consideratione* do abade, e posteriormente santo, Bernardo de Clairvaux. Ibid., p. 95.

¹⁰¹ Ibid., p. 122.

¹⁰² Condenado por Dante ao Inferno, no Círculo dos Violentos como tirano. Cf.: *Inf.*, XII, 109-110.

¹⁰³ THÉRY, J. *Fama enormia. L'enquête sur les crimes de l'évêque d'Albi Bernard de Castanet*, 2003 apud GILLI. Op. cit., p. 52

¹⁰⁴ GILLI. Op. cit., p. 35-51.

autonomia graças às intervenções externas, vitaminando assim sua força institucional. No entanto, apesar dessas ligeiras trocas de governo, as atividades administrativa e política das cidades permaneciam nas mãos da *militia*. Uma importante mudança semântica ocorre nessa primeira metade do século XIII, assimilando cada vez mais essa cavalaria cidadina com uma nobreza. Uma vez mais vemos aqui uma aristocracia como grupo dirigente por excelência da comuna, ao invés de uma burguesia mercante¹⁰⁵; e nesse contexto, vale ressaltar o impacto à nível cultural que os intelectuais produzem nesse processo de desenvolvimento citadino, estando atrelados diretamente aos novos modelos administrativos da comuna:

O mercador não é mais o único, talvez nem mesmo o principal ator da gênese urbana no Ocidente medieval. Todos aqueles que pelo conhecimento da escritura, sua competência em direito e em particular em direito romano, seu ensinamento das artes “liberais” e, ocasionalmente, das artes “mecânicas” permitiram à cidade afirmar-se e, especialmente na Itália, à Comuna tornar-se um grande fenômeno social, político e cultural, merecem ser considerados os intelectuais do crescimento urbano, um dos principais grupos socioprofissionais aos quais a cidade medieval deve seu poder e sua fisionomia¹⁰⁶.

Mas se os grupos burgueses já não são mais vistos como os criadores *sui generis* do movimento urbano tardo-medieval, eles não deixam de desempenhar um papel crucial para seu desenvolvimento. Do mesmo modo que a Paz de Constância impactara de modo significativo a dinâmica política das cidades italianas como um todo, a queda dos Hohenstaufen e o subsequente enfraquecimento tanto imperial quanto pontifício, desencadeiam contradições sociais ainda não resolvidas, e conseqüentemente, a necessidade de novas soluções. É agora portanto, a partir de meados do século XIII que podemos notar a efetiva ascensão de um grupo social heterogêneo que causará as mudanças mais marcantes no sistema político comunal: o *popolo*¹⁰⁷.

1.3 Ascensão popular na comuna: as transformações sociais do tempo de Dante

Com a morte de Frederico II em 1250, as comunas italianas uma vez mais foram palco de significativas modificações no contexto político do Ocidente latino. Na esfera imperial, seu neto e sucessor Conrado IV governa brevemente até ser deposto do Reino da Sicília por seu tio Manfredo, de modo que sua autoridade política é

¹⁰⁵ Ibid., p. 102-104.

¹⁰⁶ LE GOFF. Op. cit., 2006, p. 14.

¹⁰⁷ *Popolo* era a fórmula genérica de “povo”, que a partir do enriquecimento comercial e das organizações de corporações de ofício, ascendem ao poder na fase da Comuna do Povo.

severamente enfraquecida, culminando na perda definitiva do título de Imperador em 1254, ao que se segue o período do Grande Interregno, quando os próprios príncipes germânicos estiveram em desacordo quanto à escolha do novo imperador. Este vácuo permitiu um respiro à oposição pontifical, mas como vimos, a monarquia papal já vinha igualmente se enfraquecendo neste contexto. Para além do antagonismo binário, as próprias cidades cujo desenvolvimento comunal foi mais acentuado estavam se tornando gradativamente mais independentes e fortes contra a dominação externa, seja pontifícia ou imperial.

Novas instituições começam a se formar e os poderes políticos são redistribuídos conforme o *popolo* começa a se tornar mais forte no interior das cidades. Bolonha se insere como a cidade inaugural deste movimento: após uma exaustiva guerra contra a comuna de Modena em 1228, os cidadãos começam se opor aos *milites* e ao governo da cidade, de modo que um levante popular se forma encabeçado por um mercador de nome Giuseppe Toschi, que lidera uma coalizão de agrupamentos chamados *societades*; esta por sua vez se divide em duas, a sociedade de Armas (reunindo seus membros com base territorial, ou seja, a partir dos bairros de habitação), e a sociedade de Artes, isto é, corporações de ofício. Com essa movimentação que reivindicava participação no governo urbano, cria-se o *Colégio dos Anciãos* em 1231. Esse espécime de colegiado começa a se tornar cada vez mais comum nas cidades, passando a cuidar de atividades como aconselhar o podestade, nomear embaixadores, redigir correspondências oficiais e preparar as ordens do dia para os demais conselhos. Desse modo, aquele núcleo de conselheiros que até então era composto por aristocratas é substituído por um novo conjunto, dessa vez de origem burguesa, ligado às sociedades de Armas ou Ofício¹⁰⁸.

Lembremos o que se disse acima sobre a fase podestadal: apesar da importância do podestade, eram os conselhos os maiores concentradores e responsáveis pela administração comunal. Isso se mantém com a ascensão do *popolo*, mas o próprio podestade acaba por se ver confrontado com a criação de outro cargo de semelhante representação: o *capitão do povo*. Sua primeira aparição se dá em Florença já em 1250 sob o governo do *Primo Popolo*, a primeira organização popular deste tipo na cidade¹⁰⁹. Também vindo de fora da comuna, o capitão do povo tinha na prática as mesmas

¹⁰⁸ GILLI. Op. cit., p. 82-83.

¹⁰⁹ Fato curioso, uma vez que uma instituição de conselho similar ao Conselho dos Anciãos bolonhês só surge em Florença em 1282, sob o nome de *priorado*.

atribuições do podestade, distinguindo-se por ser responsável pela proteção dos *popolani*. Com isso o *popolo* promove o “aburguesamento institucional”, subordinando a comuna ao povo. Claro que esse processo não ocorre sem resistência e com igual efetividade em todas as comunas. Dentre as cidades do norte da Itália podemos citar Genova e Veneza como exemplos de fortificação aristocrática que não permitiram um florescimento da organização popular, assim como ocorre nas comunas do Estado Pontifício, especialmente em Roma. O apoio papal dava condições para que as elites das comunas do Lazio não apenas se mantivessem no poder, mas que ainda submetessem outras comunas menores de seus arredores¹¹⁰.

Ainda assim, na maior parte das cidades da Itália centro-setentrional a comuna do povo prevalecerá. Porém, não devemos tomar essa nomenclatura, bem como todo o léxico *popolo*, sob um entendimento de primazia das camadas mais pobres, ou pelo menos grupos burgueses que conquistam sua participação política pela primeira vez. Na realidade, muitas são as incongruências e complexidades: “em numerosas cidades, as grandes famílias ‘populares’ que se impõem às cidades no fim do século XIII têm raízes políticas já atestadas no início do século”¹¹¹, como os Scrovegni em Pádua¹¹², os Scotti em Piacenza, e mesmo em Florença, aqueles conhecidos como *gente nuova* (famílias que cresceram através do comércio) são novidades em relação às famílias tradicionais do século XII, mas algumas dessas já participam da vida política florentina desde princípios do XIII, sendo esse o caso de famílias notórias, como os Bardi e os Cerchi. Faz-se necessário não incorrer na redução ao dualismo burguesia mercante *versus* aristocracia “encitadinada”, sua relação e dinâmica social eram mais complexas. Desse modo, graças ao precedente econômico que alça essa burguesia para um papel de destaque na comuna, vemos o *popolo* buscando cada vez mais se inserir na administração comunal e expurgar, ou ao menos reduzir, o papel da aristocracia que até então prevalecia. Porém, a heterogeneidade do *popolo* acabava por impactar o jogo político e, muito antes de uma estabilidade e uma unidade em prol do novo grupo dominante, vemos novas disputas se formando, e não tarda para que o conjunto do

¹¹⁰ GILLI. Op. cit., p. 123-127

¹¹¹ Ibid., p. 121-122.

¹¹² A família Scrovegni é notória pela construção da Capela Scrovegni, erigida no início do século XIV e decorada internamente por afrescos do pintor Giotto di Bondone; esta foi encomendada por Enrico Scrovegni em memória de seu pai, Rinaldo. RONCHI, Oliviero. *SCROVEGNI* In: *Enciclopedia Italiana*, 1936. Disponível em: <http://www.treccani.it/enciclopedia/scrovegni_%28Enciclopedia-Italiana%29/>. Acesso em: 02 ago. 2021. Indicamos ainda às leitoras e leitores os trabalhos de Michelle Maschio, colega de Programa de Pós-Graduação, que se dedica à pesquisa dos afrescos de Giotto na Capela Scrovegni.

popolo se divide – principalmente em cidades cujo movimento popular foi mais significativo, como é o caso de Florença – a partir de seu status social entre *popolo grasso* e *popolo minuto*, o que poderíamos simplificar como uma grande e pequena burguesia¹¹³:

[...] de um lado, homens que enriqueceram muito no comércio e nas finanças, mas não tinham acesso aos privilégios da elite e aos principais ofícios, de outro, artesãos e mercadores moderadamente bem-sucedidos que não buscavam desfrutar dos privilégios da elite, mas antes reivindicar certa participação política e uma administração imparcial da justiça, entre nobres e não-nobres. Assim, no começo do século XIV, a tendência de distinção do *popolo* com relação à elite de um lado e às classes populares de outro é atenuada pela acentuada tendência de bipartição do *popolo* em dois grupos, cada um dos quais se aproxima de um dos dois extremos do espectro social¹¹⁴.

É, portanto, uma situação dúbia a que o *popolo* chega ao poder na comuna. Faltava coesão interna para que houvesse uma efetiva imposição desse grupo como novo conjunto dirigente cidadão. Em alguns casos mais críticos de tensão social, o *popolo* acaba mesmo por se aliar às elites como meio de refrear a ascensão de trabalhadores mais pobres; “sua existência e definição depende de uma contínua construção mútua entre elite e *popolo*, de que resultam fronteiras móveis para cada grupo ao longo da história florentina”¹¹⁵.

Mas, para além dessas divergências, o *popolo* trouxe inovações para o sistema institucional da comuna e para as organizações sociais que foram muito efetivas. O regime do povo inova ao trazer uma gestão da vida política como expressão de forças partidárias, e não mais sociais: “a tripartição da cidadania entre cidadãos ‘maiores’, ‘mediócrs’ e ‘menores’ era relevante em nível fiscal, mas não a nível político-constitucional”¹¹⁶. Todavia, a relação entre os âmbitos político e social, indissociáveis como são, não deixaram de se fazer presente na administração comunal do *popolo*. As três últimas décadas do século XIII são marcadas pela ampla propagação de um tipo de legislação chamada *antimagnática*, isto é, leis feitas pelo e para o povo, primeiramente

¹¹³ ANTONETTI, Pierre. *La vita quotidiana di Firenze ai tempi di Dante*. Milano: BUR Rizzoli, 2018, p. 164.

¹¹⁴ AUBERT. Op. cit., p. 76-77

¹¹⁵ Ibid., p. 34.

¹¹⁶ Tradução livre: “*la tripartizione della cittadinanza tra cittadini ‘maggiori’, ‘mediocri’ e ‘minori’ era rilevante a fini fiscali, ma non sul piano politico-costituzionale*”. ASCHERI, Mario. *La Siena del ‘Buon Governo’ (1287-1355)*, p. 05. In: _____; ADORNI BRACCESI, S. *Politica e cultura nelle repubbliche italiane dal Medioevo all’Età moderna: Firenze – Genova – Lucca – Siena – Venezia*. Roma: 2001. Versão Digital, Reti Medievali. Disponível em: <<http://www.rmoa.unina.it/72/>>. O artigo de Mario Ascheri aborda o caso de Siena, mas essa característica é similar em muitas cidades em que despontaram os governos populares, tal como Florença.

para proteção, mas logo tornando-se ofensiva contra os Grandes ou magnatas como eram chamados os membros da elite¹¹⁷. Em formação ao longo do século XIII, essas leis se difundem por toda Itália comunal através da articulação do *popolo* em suas organizações corporativas. Essas foram de grande expressividade e importância na história comunal, sobretudo nessa fase popular:

Em cada cidade em que existe um ofício agrupando um número importante de membros, esses membros se organizam para a defesa de seus interesses, a instauração de um monopólio de que se beneficiem. É a fase institucional do impulso urbano que materializa em comunas as liberdades políticas conquistadas, em corporações as posições adquiridas no domínio econômico¹¹⁸.

Violenta ou não, a gradual substituição de grupos dirigentes nas cidades italianas teve como característica a presença de organizações fundadas na vizinhança, bairro, armas ou ofício. Vale mencionar que não obstante seu sucesso, esse tipo de organização não é uma inovação popular, mas já era uma prática da *militia*, organizada em agrupamentos familiares denominados *consorteries*. Presentes desde fins do século XII, essas *consorteries* constituíam verdadeiros clãs supra familiares, congregando diversos ramos de uma mesma família. Essa reunião de grandes famílias transformavam os bairros da cidade em lugares de agrupamento familiar e, no caso dos *milites*, eles se organizavam em torres, edificações de importância social e militar que se tornaram expressão das *consorteries*¹¹⁹. No entanto, além dessas, outras formas de organização associativa como sociedades militares foram concebidas por essa elite dirigente, quase sempre baseadas em laços de parentesco, mas em alguns casos também de solidariedade. De todo modo, sua intencionalidade é sempre a mesma: preservar sua posição social na comuna, resistindo às organizações societárias populares, que vinham se formando desde então, e salvaguardar os privilégios públicos da *militia*, que variavam desde privilégios de ordem religiosa, isenções fiscais, socialização de perdas decorrentes da função militar, até apropriação de bens públicos da comuna¹²⁰.

No caso dos *popolani*, as organizações societárias além de uma pluralidade de formas de organização, destacam-se ainda pelo amplo conteúdo social e político seu. Gilli, sintetizando a análise de Enrico Artifoni, apresenta casos variados ocorridos em toda Itália: em algumas cidades, principalmente nas regiões de Piemonte e Ligúria

¹¹⁷ GILLI. Op. cit., p. 85-88

¹¹⁸ LE GOFF. Op. cit., 2006, p. 93.

¹¹⁹ Recenseamentos arqueológicos indicam que em Florença, entre os séculos XII e XIV, um total de 186 torres são identificadas. GILLI. Op. cit., p. 111.

¹²⁰ Ibid., p. 110-115.

(noroeste italiano), as sociedades de Bairro – organizações populares baseadas nas circunscrições territoriais – prevalecem em detrimento das corporações de Ofício; já na planície paduana, há uma constante oscilação de conflito e parceria entre essas corporações; Perugia, comuna da Úmbria, no centro da península, observa uma verdadeira fusão entre corporações de Ofício e de Bairro¹²¹.

Vemos aqui, portanto, que além dos ofícios, a questão territorial é também muito presente e influente nas relações sociais e transformações políticas desse contexto, interna e externamente à comuna: “O projeto florentino foi de um Estado comunal ou mesmo de um Estado de dimensões regionais, com uma zona rural política e economicamente integrada à cidade: um modelo que hoje nos parece normal, mas que nos séculos XIV e XV não era previsível”¹²². Esse projeto ao qual o geógrafo Franco Farinelli alude é o que se formará a partir do século XIV, mas que já pode ser observado em certa medida no XIII, e que influenciará a concepção do Estado Moderno como o conhecemos. É bem verdade que esse Estado teve entre suas causas principais as modificações fiscais sistematizadas que substituem os modelos de cobrança de origem feudal, aplicadas inclusive graças a todo um aparato ideológico e jurídico que remonta àqueles processos já abordados aqui em fins do século XI, sobretudo os provenientes da Igreja¹²³. Mas a própria noção de território tem nessa gênese um papel também significativo, e neste quesito, Florença é uma grande contribuinte¹²⁴.

Acerca das organizações territoriais, podemos destacar ainda o caso da *vicinanze* (vizinhança). Mais do que espaços de habitação, ela é o ambiente familiar e da vida cotidiana. Aos tempos de Dante, a referência ao *popolo* era correspondente ao da vizinhança em Florença. Ela era, no entanto, uma subdivisão territorial das grandes circunscrições da cidade, chamadas *sestieri*¹²⁵. Seis eram os *sestieri* de Florença: San Pancrazio, Porta Duomo, Por Santa Maria, Borgo, Oltrarno e San Pietro, este último no qual a família de Dante vivia desde os tempos de seu trisavô Cacciaguida, no

¹²¹ Ibid., p. 128-129. A obra referida é: ARTIFONI, Enrico. “Podestà professionali la fondazione retorica della politica comunale”, *Quaderni storici*, 63, 1986, p. 687-719.

¹²² FARINELLI, Franco. *A invenção da terra*. São Paulo: Phoebus, 2012, p. 81.

¹²³ GENET, Jean-Philippe. *Estado*. LE GOFF; SCHMITT. Op. cit., 2017a, p. 453-456.

¹²⁴ Farinelli traz uma reflexão muito interessante nesse ponto. Segundo o geógrafo italiano, esse modelo de Estado territorial centralizado tem uma particular dívida com o desenvolvimento da *perspectiva*, e, portanto, com as Artes Plásticas. Para o autor, foi pelo desenvolvimento da técnica artística da perspectiva que se permitiu a tradução do território em espaço, convertendo um valor em algo quantificável, em uma “fração de uma quantidade abstrata” (85). Indicamos aqui os capítulos 11 e 12 de sua obra que abordam esse ponto, mas para maior fruição sugerimos o livro em sua totalidade, pois as reflexões de cada capítulo são em geral decorrentes dos pontos abordados anteriormente. FARINELLI. Op. cit., 77-88.

¹²⁵ Usado como definição de circunscrição territorial, o *sestiero* é também uma medida de área, equivalente a cerca de três alqueires. GILLI. Op. cit., p. 83.

século XII. No entanto, “o *sesteiro* é uma parcela administrativa muito grande para constituir um centro de vida coletiva e [...] o núcleo, a célula de base permanece na vizinhança ou *popolo*”¹²⁶. A isto, o próprio Dante escreveu sobre, reconhecendo a importância da vizinhança, menos por ela mesma, mas mais em sua relação com as outras ordens de espaços de sociabilidade, em uma perspectiva espiralada:

E assim como, para a sua subsistência, um homem requer a companhia doméstica de uma família, uma casa, para a sua subsistência, requer uma vizinhança. Se não fosse assim, teria muitas carências que impediriam a felicidade. E pelo fato de uma vizinhança não poder se satisfazer por completo, convém que para isso exista a cidade. Além disso, a cidade requer ainda, para as suas atividades e para as suas defesas, manter trocas e alianças com as cidades ao seu redor; por isso, foi formado o reino¹²⁷.

Até aqui, pudemos observar a importância que, tanto as corporações de Ofício quanto o espaço das vizinhanças desempenharam na articulação dos *popolani* em sua escalada ao poder político comunal. Esta ascensão popular por sua vez, além de propiciar a formação de novos modelos institucionais, acabou levando outras formas de disputas e conflitos ao seio da administração pública:

Em todos os casos, o desenvolvimento das instituições do povo revela o dinamismo e a inventividade política dessas cidades italianas; dinamismo certamente empírico, nascido das tensões não resolvidas, que conduziu a um dualismo das engrenagens administrativas, como se os antagonismos sociais (*milites* contra *pedites*, *maiores* contra *minores* etc.) tivessem sido transferidos para o coração das instituições políticas. É assim que se deve interpretar o declínio do poder do podestade. Símbolo de uma autoridade *super partes*, ele cede seu lugar assim que um campo vence o outro, enquanto o *popolo* ascende sobre a aristocracia consular¹²⁸.

Assim, apesar de se considerar como inovação que a atividade política passa a ser expressão de forças partidárias mais do que sociais, podemos perceber que o *popolo* como grupo social heterogêneo não deixa de se preocupar com os conflitos de interesse social. Frente à elite dirigente que governava as cidades até então, as leis antimagnáticas são uma expressão clara disso. Antes mesmo de se deteriorar em dissensões, a comuna do povo promove importantes avanços que visam reduzir a força política dos magnatas em diversos âmbitos. As torres, mencionadas acima como uma forte expressão das organizações societárias dos *milites* passam a ser delimitadas pela

¹²⁶ Tradução livre: “*Ma il sestiere è una parcella amministrativa troppo grande per costituire un centro di vita collettiva e [...], il nucleo, la cellula di base resta la vicinia o popolo*”. ANTONETTI. Op. cit., p. 116.

¹²⁷ *Conv.*, IV, iv, 2. ALIGHIERI. Op. cit., 2019, p. 255 – “Segundo [Cesare] Vasoli, ‘Dante insere no discurso aristotélico argumentos e motivos que podem conduzi-lo à conclusão final da necessidade de uma monarquia universal’”. BRITO, Emanuel França de. *Nota*. In: *Ibid.*, p. 416.

¹²⁸ GILLI. Op. cit., p. 86.

comuna, em número e altura. Vale ressaltar que essas casas-torre atendem também à necessidade de aproveitamento territorial dentro da cidade, quanto mais vertical a edificação mais espaço é aproveitado. No entanto, sua função primária era comportar os grupos societários e protegê-los: “Elemento característico da paisagem urbana medieval, a casa-torre é o testemunho, o símbolo sobrevivente de uma época de violência, mas também de grande solidariedade familiar”¹²⁹.

Um dos casos mais emblemáticos de lei antimagnática será o das ordenanças que limitavam a participação das elites aos ofícios públicos. Mais uma vez Bolonha será a pioneira, com os *Ordinamenti sacri et sacratissimi*, entre os anos de 1282 e 1284, rapidamente seguido por Pistoia, Prato, e enfim Florença uma década depois. O caso florentino é o das chamadas *Ordinamenti di Giustizia* (Ordenanças de Justiça), promulgadas em 1293 pelo jurista Giano della Bella. Essa legislação impactou diretamente as elites florentinas, uma vez que ela estabelecia a inscrição em uma das grandes corporações de Ofício, chamadas *Arti Maggiori* (Artes Maiores) como meio de ingresso na política cidadã. Essas *Arti* foram instauradas ainda em 1282 e eram seis inicialmente: Calimala (grandes comerciantes de tecidos importados), Por Santa Maria (importadores de seda e ourivesaria), da Lã, do Câmbio, dos Peleiros, e dos Médicos e Boticários (isto é, farmacêuticos). Juntamente dessas grandes corporações, temos a criação do *priorado*, a expressão florentina daquela organização de conselho dos *popolani* iniciado em Bolonha em 1231 sob o nome de Conselho dos Anciãos. Assim, temos a década de 1282-1292 como período de maturação das articulações populares em Florença, momento que ficou conhecido como governo do *Secondo Popolo*. A inscrição em uma das *Arti* será um filtro que promoverá a burguesia ao seio administrativo comunal ao mesmo tempo que bloqueará o acesso aos *milites*¹³⁰.

Será neste contexto que veremos a figura de Dante Alighieri iniciando sua vida política. O poeta florentino é na realidade contemporâneo dessa fase de ascensão popular; nascido em 1265, ele verá de perto essas articulações dos *popolani* para ingressar na vida política, ocasionando grandes mudanças na administração comunal. Como se verá no capítulo seguinte (2.2), ele próprio se beneficia disso, ingressando em cargos públicos mediante à inscrição em uma das *Arti Maggiori*.

Curiosamente, o poeta se mostra pouco afeito com a situação de Florença em

¹²⁹ Tradução livre: “Elemento caratteristico del paesaggio urbano medioevale, la casa-torre è il testimone, il simbolo vivente di un’epoca di violenza ma di grande solidarietà familiare”. ANTONETTI. Op. cit., p. 45.

¹³⁰ Ibid., p. 125-127.

seu tempo, atacando-a incessantemente, buscando uma Florença mítica dos tempos de seu trisavô como o ideal da sua cidade, quando “estava em paz, sóbria e pudica”¹³¹. Porém, Dante não era um *milite* ressentido, e parte dos seus anseios estará igualmente atrelado às aspirações populares. A própria *Commedia* “é muito marcada por elementos fundadores da cultura do *popolo*, e especialmente pela crítica ao faccionalismo da elite e pela defesa dos ideais cívicos que são os do *popolo*”¹³². Em seu poema, Dante lança mão de uma visão muito crítica de seu tempo, singularmente complexa, atacando instituições, cidades e indivíduos, vendo em um passado idílico virtudes que, segundo ele, estavam abandonadas à sua época. Paradoxalmente, “a cidade ideal de Dante é uma utopia definida pelos ideais do *popolo* e por sua polêmica contra o mau governo da elite”¹³³, enquanto o poeta recorre a uma Florença de outrora, mais mítica do que propriamente histórica, buscando no passado respostas para seu presente.

Em certa medida, essa é a justificativa para termos recuado cerca de dois séculos nossa contextualização, tanto para apresentarmos de modo minimamente satisfatório o processo de formação dos sistemas comunais italianos e sua dinâmica social, quanto para observarmos essa visão de mundo do poeta, visão essa que não nos soa tão incomum nos dias de hoje: a exaltação de um passado idealizado, empregado e evocado como meio de criticar seu próprio período; passado esse que a historiografia desmente em grande medida.

¹³¹ *Par.*, XV, 99. Tradução livre: “*si stava in pace, sobria e pudica*”.

¹³² AUBERT. Op. cit., p. 49.

¹³³ NAJEMY, John. *A History of Florence*, p. 61 apud *Ibid.*, p. 50.

2. DANTE ALIGHIERI, FLORENTINO DE NASCIMENTO, NÃO DE COSTUMES¹³⁴

Vinte e um anos após o Jubileu de 1300, Dante Alighieri deixava suas vestes corporais para adentrar o mundo dos mortos. Todavia, esta não seria a primeira vez que o poeta iria para o Além..., afinal, esse é o grande contexto em que se passa a sua *Commedia*. Em seu poema, Dante teria feito uma viagem ao mundo dos mortos no ano de 1300, ainda em vida, para conhecer o Três Reinos Eternos (Inferno, Purgatório e Paraíso)¹³⁵, realizar a sua própria peregrinação espiritual e, de lá regressando, registrar o que viu, “em prol do mundo que mal vive”¹³⁶.

Foi entre os dias 13 e 14 de setembro de 1321 que Dante veio a falecer. Sem se saber ao certo, conjectura-se que a causa tenha sido o acometimento de malária¹³⁷, ou de uma infecção bronco-pulmonar¹³⁸, contraída quando o poeta retornava de Veneza para Ravenna, tendo ido como embaixador de Guido Novello da Polenta, *segno*¹³⁹ que o acolhera em sua corte por volta de 1320. Essa segunda viagem no entanto, não o levaria para o Inferno, mas diretamente ao Purgatório, conforme o próprio Dante diz, ao conversar com a alma de seu amigo Casella, na segunda parte de sua magna obra: “Casella meu, para um novo acolhimento | aqui’, disse eu, ‘empreendo esta jornada”¹⁴⁰.

É importante destacar já de antemão essa pretensão da obra: “O pacto ficcional, o jogo entre leitor e texto, é que a *Commedia* se apresenta como um texto histórico, não como uma criação literária. É essa a famosa conclusão de Singleton, ‘a ficção [da

¹³⁴ *Ep.*, XIII, §01. “[...] *devotissimus suus Dantes Alagherii florentinus natione non moribus*”, no original. Apresentação de Dante em sua *Epistola a Cangrande della Scala*. – Do conjunto epistolar de Dante, chegou a nós preservadas treze cartas, debatidas na dantística, mas atualmente aceitas como autênticas em sua maioria. Dessas, a XIII, foi a mais discutida por propor os moldes de análise da *Commedia*. Discute-se ainda que ela possa ter sido escrita parcialmente por Dante e alterada posteriormente, como discutiremos no capítulo seguinte (3.1).

¹³⁵ Pelo fato de Dante nomear as partes da obra homonimamente ao lugar em que cada uma se passa, utilizaremos aqui a seguinte distinção: grafia normal para nos referirmos ao local, e escrita em itálico no original em toscano para as partes da *Commedia: Inferno, Purgatorio e Paradiso*, aparecendo abreviado nas notas de rodapé.

¹³⁶ *Purg.*, XXXII, 103. ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*. São Paulo: Editora Landmark, 2005, p. 579.

¹³⁷ STERZI, Eduardo. *Por que ler Dante*. São Paulo: Globo, 2008, p. 14.

¹³⁸ INGLESE, Giorgio. *Vita di Dante: una biografia possibile*. Roma: Carocci editore, 2018, p. 144

¹³⁹ Forma usada para designar os senhores que governavam as cidades durante a fase do regime senhorial das comunas italianas. Geralmente ascendendo através do cargo de podestade ou capitão do povo, esses indivíduos, angariando o apoio dos cidadãos como garantidores da paz e concórdia cívica, viam seus cargos sendo prolongados, em muitos casos de modo vitalício: “Fortalecidos por sua legalidade, os senhores continuam formalmente a respeitar as instituições comunais, mas esvaziando-as de sua essência: os conselhos tornam-se vazios, privados de toda a capacidade de decisão”. GILLI. Op. cit., p. 93.

¹⁴⁰ *Purg.*, II, 91-92. ALIGHIERI, Dante. *A divina Comédia – Purgatório*. São Paulo: Editora34, 2017b, p. 22.

Commedia] é que a ficção não é ficção”¹⁴¹. Dante pretendia postular uma convicção de autenticidade sobre seu poema, e esta frase do crítico literário Charles Singleton expressa a postura do poeta: a ficcionalidade de sua obra estava na autodeterminação de que ela não era ficção, mas realidade.

De modo geral, grande parte das informações biográficas sobre Dante oscilam entre a ficcionalidade de suas obras poéticas e os registros históricos, sejam dos registros cronísticos ou das documentações oficiais de seu período; sendo esses documentos majoritariamente referentes ao período mais tardio da vida do poeta, sobretudo depois de 1300: “Pouco se sabe de seguro dos primeiros anos do poeta, a não ser aquilo que ele mesmo nos conta em suas obras, e que é inevitavelmente distorcido segundo as necessidades da poesia”¹⁴².

As duas principais referências a seu nascimento estão na *Commedia*: a primeira, logo em seu início, a segunda já muito próxima do fim da obra. O verso inicial do poema – *Nel mezzo del cammin di nostra vita* – é o primeiro indicativo. Essa frase, que literalmente se traduz por *no meio do caminho de nossa vida*, ganha sentido a partir da datação que a viagem fictícia ocorre: a Semana Santa de 1300. Conforme Dante afirma em outra obra sua, o *Convivio*, obra filosófica inconclusa, toda vida terrena faz um movimento em forma de arco, ou seja, possui uma ascendência até o período mediano de vida, e passa a uma situação de decadência a partir de então. No caso da vida humana, seguindo o Salmo 89 – “Setenta anos é o tempo da nossa vida, | oitenta anos, se ela for vigorosa”¹⁴³ – ele afirma que o momento de ápice da vida humana, isto é, o momento intermediário que a vida natural atinge, é entre o trigésimo e o quadragésimo ano, portanto, sendo perfeitamente aos trinta e cinco¹⁴⁴. Assim sendo, estando o poeta no meio do caminho de sua vida em 1300, quando realiza a viagem mítica, ele teria seus trinta e cinco anos, portanto, tendo nascido em 1265.

A segunda referência está em fins do *Paradiso*, terceira parte da obra. Já em

¹⁴¹ Tradução livre: “*Il patto finzionale, il gioco fra lettore e testo, è che la Commedia si presenta come un testo storico, non come una creazione letteraria. È questa la famosa conclusione di Singleton, ‘la finzione [della Commedia] è che la finzione non è finzione’*”. GUÈRIOS, Áureo Lustosa. *Il rapporto fra docente e discente e gli apelli al lettore nella Commedia*. Dissertação (Mestrado em Filologia Dantesca). Bologna: Alma Mater Studiorum – Università de Bologna; Thessaloniki: Aristoteleion Panepistimion Thessaloniki; Strasbourg: Université de Strasbourg, 2014, p. 32.

¹⁴² STERZI. Op. cit., 29.

¹⁴³ *Sl*, 89,10. BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2017, p. 960. Esse Salmo pode ser encontrado também com a numeração 90, devido uma divergência de manuscritos: tanto a Bíblia grega quanto a Vulgata reúnem os salmos 9 e 10 num só, de modo que sua organização fica um número atrasado com relação a versão Hebraica. Fazemos essa menção aqui sendo válida para os demais salmos que serão abordados adiante. *Ibid.*, p. 858.

¹⁴⁴ *Conv.*, IV, xxiii, 06-10.

estado avançado de sua viagem, quando ascende ao Céu das Estrelas Fixas através da constelação de Gêmeos, o poeta menciona:

[...] vi o senho
que segue o Touro e dentro fui levado.

¹¹² Ó estrelas em glória, lume preno
de mor virtude, ao qual eu agradeço
todo, qualquer que seja, o meu engenho,

¹¹⁵ convosco era a ocultar-se e a ter começo
esse que é pai de toda a mortal vida,
desde que o ar toscano reconheço;¹⁴⁵.

[...] *in quant'io vidi 'l segno*
che segue il Tauro e fui dentro da esso.

¹¹² *O glorio stelle, o lume preno*
di gran virtù, dal quale io riconosco
tutto, qual che si sia, il mio ingegno,

¹¹⁵ *con voi nasceva e s'ascondeva vosco*
quelli ch'è padre d'ogni mortal vita,
quand'io senti' di prima l'aere tosco;

A primeira estrofe aqui trazida recortada em sua metade final, indica que ele foi levado pelo signo que segue à Constelação de Touro, isto é, a de Gêmeos. Após a exortação glorificante (muito recorrente em todo o *Paradiso*) Dante menciona na última *terzina* que a constelação se ocultava sob o *pai de toda a mortal vida*, entendido como o Sol¹⁴⁶, e que esse era o posicionamento celeste no momento do nascimento de Dante, *quand'io senti' di prima l'aere tosco*. Essa menção firma a data de nascimento do poeta entre 14 de maio e 13 de junho do ano de 1265. A isso colaboram informações presentes em comentaristas do poema e biógrafos de uma longa tradição, alguns dos quais, contemporâneos do próprio Dante. Destaca-se aqui o nome de outro poeta florentino, Giovanni Boccaccio (1313-1375), autor do *Decameron*, que além de ser um importante comentarista da *Commedia*, que “ensinou não apenas seus contemporâneos a ler Dante mas também os pósteros”¹⁴⁷, foi ainda um dos grandes biógrafos do Sumo Poeta, com seu *Trattatello in laude di Dante (Pequeno tratado em louvor de Dante)*:

¹⁴⁵ *Par.*, XXII, 110-117. ALIGHIERI. Op. cit., 2005, p. 789, 791.

¹⁴⁶ *Conv.*, III, xii, 08: “O Sol vivifica todas as coisas com o seu calor, e, se alguma se corrompe a partir disso, não é por intenção da causa, mas por um efeito acidental [...]”. ALIGHIERI. Op. cit., 2019, p. 228-229.

¹⁴⁷ STERZI. Op. cit., p. 19. Boccaccio foi o inaugurador de uma prática em Florença que se consolidou até os dias de hoje, as *lecturae dantis*, leituras públicas da *Commedia* feitas canto a canto, extensivamente comentadas.

Boccaccio foi a figura central na promoção de Dante no Trecento, tendo copiado e editado boa parte de sua obra, o que foi decisivo para toda a posterior circulação e compreensão de Dante. Em códices que constituem verdadeiras “antologias” da poesia de Dante, Boccaccio legou três redações, todas em vernáculos, de seu Trattatello em louvor de Dante, respectivamente de 1351-1355 [...], 1360 e 1372, escrito biográfico em que estão consignadas a maior parte das informações hoje disponíveis sobre a vida de Dante e o primeiro texto a nomear a Comédia “divina”¹⁴⁸.

Boccaccio pode ser considerado a principal fonte por trás da imagem de Dante, desde sua fisionomia até as considerações mais importantes da personalidade do poeta; vale lembrar ainda que ele é, se não o primeiro, certamente o mais importante deste conjunto a criar o *mito de Dante*¹⁴⁹. Toda discussão acerca da vida do poeta se mescla assim com as criações ficcionais e míticas, as quais o próprio Dante muito colaborou para construir; e vale ainda ressaltar, essa interação não se finda apenas sobre si, mas de modo significativo também sobre todas as personagens “reais” com quem Dante se relaciona ao longo da *Commedia*, sejam contemporâneas, com as quais Dante de fato conviveu, sejam pessoas mortas há muitos séculos, conhecidas apenas pela história.

Esta introdução biográfica que fizemos até aqui deixa um ponto bastante claro acerca do conhecimento sobre a vida de Dante: ele é indissociável do conjunto de obras de autoria do poeta. Mesmo os escritos de contemporâneos seus que falaram de si, seja em textos exclusivamente biográficos, seja nas breves biografias dos proêmios de comentários à *Commedia*, são dependentes deste conjunto. Isso não quer dizer que devemos desconsiderar essas informações; “o ceticismo de princípio não é uma atitude intelectual mais estimável ou mais fecunda que a credulidade”¹⁵⁰. O apelo que fazemos aqui é por uma leitura ampla, cética, mas não excludente. Quase numa perspectiva existencialista de via sartreana, temos de levar em conta todo o seu fazer, em especial sua produção literária, para compreendermos a pessoa de Dante Alighieri. Aqui, certamente não nos fiaremos apenas a seus próprios escritos, mas atestamos honestamente o quão dependentes deles somos.

2.1 *Incipit vita nova: os primeiros anos de Dante*¹⁵¹

¹⁴⁸ AUBERT. Op. cit., p. 118.

¹⁴⁹ Ao narrar o nascimento de Dante, Boccaccio menciona toda uma narrativa mitológica de um sonho que a mãe do poeta teria tido quando grávida, e que o próprio Boccaccio se põe a interpretar alegoricamente, indicando diversos pontos sobre a futura vida de Dante. Cf.: Ibid., p. 123-124, 182-187.

¹⁵⁰ BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou, O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 89.

¹⁵¹ *VN*, I, 01. Epígrafe que quer dizer “começa a vida nova”. ALIGHIERI, Dante. *Vida Nova*. Lisboa: Guimarães Editores, 1993, p. 07.

A saber, a principal fonte de informações sobre a infância e juventude do poeta é a sua primeira obra, a *Vita Nova (Vida Nova)*. Como diz Eduardo Sterzi ao tratar dessa fase da vida de Dante, “caminhamos em terreno movediço, e quase tudo é hipótese, a desencavar dos escassos documentos à disposição”¹⁵². Nascido em 1265 de família florentina, ele foi batizado no ano seguinte¹⁵³ sob o nome de Durante Alighieri, portanto sendo *Dante* uma contração de seu nome. No entanto, é interessante notar que, ao longo de sua vida, mesmo em documentações, seu nome sempre aparece abreviado, com exceção de um documento de 1277, seu contrato de casamento, quando tinha apenas onze anos: “Para o resto da vida, o Poeta foi sempre e somente *Dante*”¹⁵⁴.

Observando o cenário do período, percebemos que Dante nasce em uma Florença muito agitada política e socialmente, tanto pela expansão do *popolo* quanto pelos conflitos facciosos. A década de 1260 é marcada por dois dos principais confrontos armados entre guelfos e gibelinos. Em 1260, a Batalha de Montaperti, nos arredores de Siena resulta em uma amarga derrota para os guelfos florentinos contra o exército gibelino, auxiliado pelas tropas de Manfredo, o filho de Frederico II que reinava na Sicília, e capitaneado por Farinata degli Uberti, antigo líder dos gibelinos florentinos, já conhecido algoz dos guelfos de sua cidade:

Capitão de sua *consorteria* e do partido gibelino desde 1239, Farinata contribuiu para a expulsão dos guelfos em 1248, mas, retornado esses em 1251 e reascendido a luta entre as facções, foi banido junto dos seus em 1258. Refugiou-se então em Siena, onde, com a ajuda do rei Manfredo reorganizou as forças dos gibelinos toscanos, que viriam então a superar o exército guelfo em Montaperti em 1260 e reconquistar à força o governo da comuna¹⁵⁵.

No entanto, se os guelfos foram banidos de Florença duas vezes, em 1248 e 1260, em ambas as ocasiões eles conseguiram retornar, diferentemente dos gibelinos, como diz Dante diante do próprio Farinata, quando o poeta o encontra no Inferno entre os heréticos e epicuristas: “‘Expulsos’, respondi, ‘mas renitentes | foram, voltando duma

¹⁵² STERZI. Op. cit., p. 34.

¹⁵³ Segundo Giorgio Petrocchi (1997, p. 09), o costume florentino de batismo era de se reunir as crianças nascidas no ano anterior, em uma cerimônia coletiva, o que nos leva a data de 26 de março de 1266.

¹⁵⁴ Tradução livre: “*Nel resto della vita, il Poeta fu sempre e solo Dante*”. INGLESE. Op. cit., p. 31.

¹⁵⁵ Tradução livre: “*Capo dal 1239 della sua consorteria e del partito ghibellino, Farinata contribuì alla cacciata dei guelfi nel 1248, ma, ritornati questi nel '51 e riaccessasi la lotta tra le fazioni, fu bandito insieme coi suoi nel '58. Riparò allora a Siena, dove con l'aiuto del re Manfredi riorganizzò le forze dei ghibellini toscani, che dovevano poi sbaragliare l'esercito guelfo a Montaperti nel 1260 e riconquistare a forza il governo del comune*”. SAPEGNO, Natalino. In: ALIGHIERI, Dante. *La Divina Commedia*. Milano; Napoli: Riccardo Ricciardi Editore, 1957, p. 117.

e doutra prova, | e essa arte não tiveram vossas gentes”¹⁵⁶. Dante alude aqui ao segundo grande confronto militar faccioso desse momento, a Batalha de Benevento em 1266. Após a vitória em Montaperti, os gibelinos tomaram a cidade de Florença pondo fim ao governo do *Primo Popolo*, aquela primeira organização política dos *popolani* na cidade, iniciada há uma década¹⁵⁷. No entanto, as forças guelfas da Toscana e Lazio se reúnem em 1266, lideradas pelo capetíngio Carlos I de Anjou (1266-1285), que fora coroado pelo papa Clemente IV (1265-1268) como Rei da Sicília, já que Manfredo, tal como seu pai, recebera o anátema por mais de uma vez. Assim, por meio desta permuta, o papado contava com o auxílio de Carlos para prevalecer sobre os Hohenstaufen ao fortalecer os Capetíngios, o que não deixa de ser irônico já que os suábios haviam sido fortalecidos pelo próprio papado anteriormente, e a futura relação pontifícia com a dinastia franca não viria a ser tão diferente.

A batalha ocorre em fevereiro deste ano na comuna de Benevento na Campânia ao sul da Península, cujo resultado reverberou por toda Itália; “a derrota e morte de Manfredo e a conquista do Reino da Sicília por Carlos de Anjou, representou o primeiro ato da vitória definitiva do papado na luta contra os suábios e o início da dominação angevina na Itália meridional”¹⁵⁸. Assim, os guelfos suplantam os gibelinos por quase toda a península, contando com a rápida reação papal após a Batalha de 1266:

Se o papado nunca hesitou em intervir nas cidades italianas desde o século XIII, tal desenvolvimento das atividades encontra vigor renovado após a extinção dos Hohenstaufen e a chegada dos angevinos à península. O caso se acelera após a derrota de Benevento (26 de fevereiro de 1266), quando o último representante dos Staufen é morto. Com uma grande constância na ação, o papado vai então delegar emissários que vão aproveitar a derrota militar dos gibelinos para se inserir no jogo político local e inverter a dominação política das cidades hostis. Os embaixadores pontificais eram encarregados de contatar os responsáveis guelfos exilados ou mantidos em silêncio¹⁵⁹.

Portanto, os primeiros anos de vida de Dante são marcados como um momento de significativo prevalecimento dos guelfos na Itália. Carlos de Anjou viria ainda a

¹⁵⁶ *Inf.*, X, 49-51. ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia – Inferno*. São Paulo: Editora 34, 2017a, p. 81.

¹⁵⁷ NOAKES, Susan. *Montaperti*. In: LANSING, Richard. *The Dante Encyclopedia*. New York: Routledge, 2010, p. 626.

¹⁵⁸ Tradução livre: “*la sconfitta e la morte di Manfredi e la conquista del regno di Sicilia da parte di Carlo d’Angiò, rappresentò il primo atto della definitiva vittoria del papato nella lotta contro gli Svevi e l’inizio della dominazione agioina nell’Italia meridionale*”. PETRUCCI, Enzo. *Benevento* In: *Enciclopedia Dantesca*, 1970. Disponível em: <https://www.treccani.it/enciclopedia/benevento_%28Enciclopedia-Dantesca%29/>. Acesso em: 02 ago. 2021.

¹⁵⁹ GILLI. Op. cit., p. 51.

enfrentar um último remanescente dos Hohenstaufen, Conradino¹⁶⁰, que acabou derrotado em 1268 em Tagliacozzo, na região de Abruzzo no centro da península: “Conradino foi capturado e executado por ordem do rei em 19 de outubro de 1268, em Nápoles. A fim de estabilizar seu governo, Carlos exilou todos os partidários suábios e nomeou apenas franceses para os altos cargos da administração civil e militar”¹⁶¹. Oportuno ainda ressaltar que para além das mudanças no cenário político, a dominação angevina ao sul impactou a península também no nível cultural. Lembremos aqui da Escola Siciliana, formada e desenvolvida na corte germânica de Frederico e que despontara como maior expoente da lírica vernacular italiana até então:

Com a dissolução da dinastia suábia, o centro literário italiano passou para a Toscana e o vulgar dessa região constituiu a nova “língua nacional”, sem impedir, porém, que a Escola Siciliana transmitisse aos toscanos, juntamente com os sistemas de conteúdo, também elementos fonéticos e lexicais que se mantiveram por longo tempo na tradição toscana e italiana¹⁶².

De certa forma, podemos observar aqui uma espécie de *translatio* poética nesse contexto. Se a poesia meridional deixa de existir como escola poética após a queda dos Hohenstaufen, não significa que ela desapareça. É no centro da península, sobretudo nas regiões de Toscana e Emília que ela consegue sobreviver. No entanto, essas regiões não estão estéreis de poesia vernacular quando isso acontece. O grande afluxo poético vindo da Provença, que inspirou e contribuiu para a própria Escola Siciliana, já reverbera em poetas italianos desde início do século. Alguns desses, igualmente tocados pela sensibilidade e necessidade de versejar em vulgar, acabam optando pelo occitano ao invés dos próprios vernáculos italianos¹⁶³, como é o caso do mantuano Sordello, que “sendo homem de tão elevada eloquência, abandonou o vernáculo pátrio não apenas ao compor poemas, mas mesmo em sua expressão coloquial”¹⁶⁴.

¹⁶⁰ Conradino, neto de Frederico II e sobrinho de Manfredo, é o mesmo Conrado IV, sucessor de Frederico e último Imperador antes do período do Grande Interregno.

¹⁶¹ Tradução livre: “*Conradin was captured and executed by order of the king on October 19, 1268, in Naples. In order to stabilize his rule Charles exiled all Svevian partisans and nominated only Frenchmen for higher positions in the military and civil administration*”. KIESEWETTER, Andreas. *Charles I of Anjou*. In: LANSING. Op. cit., p. 156.

¹⁶² Tradução livre: “*Con la dissoluzione della dinastia sveva, il centro letterario italiano passò in Toscana e il volgare di questa regione costituì durabilmente la nuova lingua nazionale, non senza però che la Scuola siciliana trasmettesse ai Toscani, insieme con schemi contenutistici, anche elementi fonetici e lessicali che si mantennero a lungo nella tradizione toscana e italiana*”. TRECCANI. *Siciliana, Scuola*. Disponível em: <<https://www.treccani.it/enciclopedia/scuola-siciliana>>. Acesso em: 02 ago. 2021.

¹⁶³ AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. São Paulo: Editora Cultrix, 1970, p. 132-133.

¹⁶⁴ *DVE*, I, xv, 2. ALIGHIERI. Op. cit., 2011, p. 21. Única menção à Sordello no *De Vulgari Eloquentia*, não deixa de ser curiosa, uma vez que Dante elogia o poeta que abdicou de sua própria língua para escrever; poeta este também elogiado no *Purgatorio* (VI-VIII).

Essa poesia siciliana que incorporou muito da occitana, pretendia-se mais fechada, circunscrita majoritariamente na matéria de homenagem erótica, evitando temas como a moralidade, luta política e a nascente sensibilidade burguesa nesta primeira metade de século XIII. Tratava-se, em suma, de uma poesia aristocrática. Porém, quando “o centro da atividade poética se transfere do sul para a Toscana e Emília, o horizonte da poética dessa escola se alarga e o frágil equilíbrio de um gosto fechado se rompe, inicialmente no esforço de dar voz a uma matéria mais rica e complexa”¹⁶⁵. Portanto, não se trata de uma simples mudança de sede da Escola Siciliana, mas antes uma transição que encontra ao norte uma pluralidade de tradições poéticas com as quais ela passa a convergir. Assim, é neste cadinho centro-setentrional italiano que vai se formando um nicho de poesia em vulgar particularmente sensível aos anseios populares e às clivagens sociais:

[...] enquanto recuperam dos sicilianos e remontando diretamente aos modelos occitanos, exasperam as experiências tecnicistas, se curvam às exigências culturais das novas aristocracias burguesas, interpretam o conteúdo ético e religioso e as paixões civis, elaboram um discurso mais amplo e uma sintaxe mais articulada, misturam e alternam o estilo alto e humilde, a inspiração áulica e reflexiva, polêmica, autobiográfica; criam o modelo da grande canção oratória de matéria moral ou política, que será herdado por Dante e pelos *trecentistas*¹⁶⁶.

Paralelamente a isso, o jovem Dante vivia seus primeiros anos de vida, dos quais as informações que nos chegam são escassas e pouco precisas. Na primeira metade da década de 1270 conjectura-se a morte de sua mãe, Bella, possivelmente da família degli Abati, de quem quase nada se sabe. Em início de 1277 é arranjado um contrato de casamento entre Dante e Gemma Donati, em um documento perdido, no qual se firmava o dote da noiva e o acordo matrimonial a ser concretizado posteriormente. Tal era o costume matrimonial de então, no qual se fazia um acordo familiar entre os pais dos noivos quando estes eram ainda crianças, considerando as idades ideais para consumação do casamento de quatorze anos para a mulher e dezoito

¹⁶⁵ Tradução livre: “*Quando tuttavia il centro dell’attività poetica si trasferisce dal meridione verso la Toscana e l’Emilia, l’orizzonte della poetica della scuola s’allarga e il fragile equilibrio di un gusto chiuso si spezza dapprima nello sforzo di dar voce a una materia più ricca e complessa*”. SAPEGNO. Op. cit, 1963, p. 20.

¹⁶⁶ Tradução livre: “[...] *mentre riprendono dai siciliani e, risalendo direttamente ai modelli occitanici, esasperano le esperienze tecnicistiche, si piegano alle esigenze culturali delle nuove aristocrazie borghesi, ne interpretano il contenuto etico e religioso e le passioni civili, elaborano un discorso più ampio e una sintassi più articolata, mescolano e alternano lo stile alto e l’umile, l’ispirazione aulica e quella riflessiva, polemica, autobiografica, creano il modulo della grande canzone oratoria di materia morale o politica, che sarà ereditato da Dante e dai trecentisti*”. Ibid., loc. cit.

para o homem¹⁶⁷.

No entanto, de certa forma o acontecimento mais marcante na trajetória infantil de Dante nesta década foi um episódio *literário* por assim dizer: o primeiro encontro com Beatriz em 1274. Ela é uma personagem central, tanto na *Vita Nova* quanto na *Commedia*, mas sua historicidade é parcialmente complexa. Boccaccio, no já referido *Trattatello*, identifica-a com a jovem Bice (abreviação de *Beatrice*, forma italiana do nome), filha de Folco Portinari, um banqueiro de Florença, ao que a maioria dos biógrafos dantescos posteriores aderem. O encontro teria ocorrido na casa de Folco, durante a celebração das *calendimaggio*, festividade laica que celebrava a chegada da primavera¹⁶⁸.

A *Vita Nova* é datada de aproximadamente 1294, mas ela resgata sonetos e canções escritas por Dante ao longo da década precedente. A obra tem como principal tema a relação entre Dante e Beatriz. No segundo capítulo o poeta narra o episódio de encontro de 1274 e no capítulo seguinte, narra o segundo encontro que eles teriam tido, em 1283. Essas datas devem ser tomadas sob o discurso alegórico que permeia toda obra. O primeiro encontro se deu quando ambos tinham nove anos (Beatriz, tendo recentemente entrado em seu nono ano, Dante no término do seu). Vendo-a trajada de vermelho, “cingida e adornada da forma que convinha à sua pouca idade”¹⁶⁹, o pequeno Dante foi atingido por um impulso dominante, e desde então o *Amor* assenhoreou-se de sua alma¹⁷⁰.

O segundo encontro deu-se exatos nove anos depois, quando Dante viu a jovem Beatriz vestida de branco junto de duas outras damas e, voltando os olhos ao poeta, saudou-o. Esse simples gesto deixou-o tão inebriado que ele se retira, e indo para sua casa adormece tendo uma visão em sonho, em que o Amor, figurado em uma forma humana lhe falava de modo misterioso, ao que Dante compreende entre muitas palavras, a frase *Ego dominus tuus* (*Eu sou teu senhor*). Essa figura tinha em seus braços uma dama, que Dante logo percebe ser Beatriz. O poeta observa que Amor tinha em uma das mãos algo com viva ardência, revelando ao dizer *Vide cor tuum* (*Vê o teu coração*); em seguida, conforme a dama despertava, Amor fazia-a comer o coração, o que ela fazia

¹⁶⁷ ANTONETTI. Op. cit., p. 73-74.

¹⁶⁸ As “calendas de maio” eram realizadas no primeiro dia desse mês. Foram introduzidas em Florença em fins do século XIII, sendo “a princípio exclusiva da elite e inspirada em modelos recém-importados da cultura de corte, mas, ao longo da primeira metade do século XIV, foi gradualmente se tornando uma festividade de caráter mais público, popular e civil”. AUBERT. Op. cit., p. 127.

¹⁶⁹ *VN*, II, 03. ALIGHIERI. Op.cit., 1993, p. 08.

¹⁷⁰ *VN*, II, 07.

com relutância. Subitamente, a aura alegre se dissipa e, sob intenso pranto, Amor recolhia a dama em seus braços e ascendia aos céus, deixando Dante tão perturbado que o faz interromper seu sono. Despertado, o poeta se põe a refletir aquela visão e decide por escrever um soneto¹⁷¹ a famosos trovadores contemporâneos, “devotos do amor”, pedindo-lhes que julgassem sua visão; essa prática “era comum na época, e era com tais intercâmbios que se constituíam os círculos poéticos – aqui, o *dolce stil novo*, ou dos *fedeli d’Amore*, fiéis do Amor, conforme são identificados no livro”¹⁷². Este é o primeiro poema que compõe a *Vita Nova*, também nomeado por seu *incipit*: *A ciascun’alma presa e gentil core*¹⁷³.

É oportuno ressaltar que esse sonho se insere na tradição trovadoresca do *Coeur Mangé*¹⁷⁴, o que denota a proximidade de Dante também com a tradição poética occitana desde o princípio de sua produção lírica. Além disso, essa lenda que se converteu em um *topos* muito frequente, está presente não apenas em Dante, mas também no *Decameron* de Boccaccio e no *Trionfi* de Francesco Petrarca, sendo conservada, portanto, nos autores que compõem as três coroas da literatura italiana. Temos ainda de observar que neste momento do segundo encontro de Dante e Beatriz, o poeta já é um jovem, não mais um menino. Seu sonho de teor erótico apresentado neste primeiro soneto demonstra, para além da sensibilidade a vertentes poéticas já consolidadas em seu contexto, também as preocupações e anseios carnis de sua tenra

¹⁷¹ Atentamos ao fato de ser essa produção justamente um soneto, estilo criado na corte de Frederico; além disso, não apenas o primeiro poema da *Vita Nova* é um soneto, mas a grande maioria (vinte e cinco dos trinta e um que compõem a obra). Trata-se de um “poema de 14 versos de dez sílabas, composto de duas quadras e dois tercetos sôbre duas rimas para os quartetos e três para os tercetos (por exemplo, abba abba cde edc)”. AUERBACH. Op. cit., 1970, p. 133.

¹⁷² STERZI. Op.cit., p. 83.

¹⁷³ *A toda alma gentil presa de amor*. ALIGHIERI, Dante. *Lírica*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996. Acerca das respostas, sabe-se da existência daquelas de Cino da Pistoia, Dante da Maiano, e a mais notável, a de Guido Cavalcante, o “primeiro amigo” (*VN*, III, 14) de Dante, sem que, no entanto, o sentido do sonho tivesse sido compreendido por alguém. – O conjunto de poemas de Dante, geralmente nomeados sobre a rubrica de *Rime (Rimas)*, *Lírica* ou mesmo *Cancioneiro*, preserva juntamente poemas de resposta de outros indivíduos, como nesse caso, uma vez que esses textos não apenas dialogam, mas existem em função desse diálogo, manifestação concreta das sociabilidades que esses poetas viveram. Por exemplo, na edição crítica do filólogo Michele Barbi (ALIGHIERI, Dante. *Rime*. In: *Le opere di Dante*. Firenze: R. Bemporad, 1921), esse soneto é a *Rime* I, a resposta de Guido a II, a de Cino III, a de Dante da Maiano a IV. Será a partir dessa organização realizada por Barbi que nos basearemos para indicar a numeração da lírica dantesca. Cf.: PRINCETON. *Rime*. Disponível em: <<https://dante.princeton.edu/pdp/rime.html>>.

¹⁷⁴ *Coeur Mangé*, ou *Cuore Mangiato* na forma italiana, poderia ser traduzido por *coração mordido*, *coração comido*, cuja origem vem da lenda que permeia o trovador Guilherme de Capestang. Segundo essa, o poeta se encontrava na corte de Raimundo de Rossiglione que, ao suspeitar que sua esposa estivesse o traindo com o trovador, matou-o, arrancou seu coração, cozinhou e serviu à esposa em um jantar. ZINGARELLI, Nicola. *GUGLIELMO di Cabestanh*. In: *Enciclopedia Italiana*, 1933. Disponível em: <https://www.treccani.it/enciclopedia/guglielmo-di-cabestanh_%28Enciclopedia-Italiana%29/>. Acesso em: 02 ago. 2021.

idade, “numa cena que, envolvendo canibalismo e necrofilia, nos obriga a rever as costumeiras avaliações deste livro como obra apaziguada, suave, não muito mais do que um relato ingênuo dos amores juvenis de Dante”¹⁷⁵.

A obra possui uma tríplice composição: poesia, prosa narrativa e crítica literária e se vincula à tradição de compilação da poesia occitana¹⁷⁶. Dividida em quarenta e dois capítulos, Dante narra episódios de sua vida, em especial de envolvimento seu com a dama Beatriz, trazendo canções suas e comentando-as, ao longo de uma narrativa autobiográfica por meio de autoanálise literária; trata-se do *prosímpro*, “um texto narrativo em que as partes em versos são seguidas de suas glosas em prosa”¹⁷⁷. A recorrência a recursos alegóricos e simbólicos é constante na obra, fator que deve ser levado em conta. Dentre os principais, figura certamente a constante presença do número *nove*: primeiro encontro aos nove anos, o segundo nove anos depois; pouco depois da morte do pai de Beatriz, Dante foi acometido por uma enfermidade que durou também nove dias. O mais significativo aqui é o episódio da morte de Beatriz, no qual, forçando uma complexa combinação de datação de calendários centrada no número nove, Dante afirma, após fornecer a data de morte (9 de junho de 1290) a justificativa da relação entre o número e sua amada:

Uma das razões porque o dito número era tão seu amigo poderia ser a de que, segundo Ptolomeu e a verdade cristã, são nove os céus que se movem, os quais, no consenso dos astrólogos, nos transmitem as relações harmoniosas a que estão submetidos; pelo que a fidelidade do número nove significaria que na sua geração estavam os nove céus em perfeitíssima harmonia. É esta uma razão; mas, pensando mais subtilmente, e segundo a verdade infalível, foi esse número ela mesma, – por semelhança, tal como o entendo. O número três é a raiz de nove, pois que, sem outro número, multiplicado por si mesmo dá nove: vemos claramente que três vezes três faz nove. Se três é por si mesmo factor de nove, e se, por outra parte, o factor por si mesmo dos milagres é três, isto é o Padre, o Filho e o Espírito Santo, que são três e um, foi a minha amada acompanhada do número nove para dar a entender que era ela um nove, ou seja, um milagre, cuja raiz, do milagre, é somente a Santíssima Trindade¹⁷⁸.

Observamos aqui uma passagem de suma importância para a compreensão da Beatriz dantesca, personagem literária. De certa forma, Beatriz incorre na mesma dificuldade de compreensão que o próprio Dante traz consigo, a intensa mescla das referências literárias com os registros históricos que compõem sua biografia, gerando dúvidas quanto sua autenticidade em alguns casos. Mesmo seu nome denota um caráter

¹⁷⁵ STERZI. Op. cit., p. 70-71.

¹⁷⁶ PETROCCHI, Giorgio. *Vita di Dante*. Bari: Editori Laterza, 1997, p. 25.

¹⁷⁷ BRITO, Emanuel França de. *Introdução*. In: ALIGHIERI. Op. cit., 2019. p. 22.

¹⁷⁸ *VN*, XXIX, 02-03. ALIGHIERI. Op. cit., 1993, p. 69.

simbólico: *Beatrice* é “aquela que confere beatitude”¹⁷⁹, e o próprio Dante atesta isso no início da *Vita Nova*: “a gloriosa dama de meus pensamentos a quem muitos chamavam Beatriz, na ignorância de qual fosse o verdadeiro nome”¹⁸⁰. Ainda um outro episódio que podemos elencar aqui, é a passagem em que Beatriz nega a saudação habitual à Dante¹⁸¹, na qual, ressalta Sterzi, Dante “renova o sentido do termo italiano *salute*, remetendo-o ao étimo latino *salus*, do que resulta que, ao recusar-lhe a saudação, Beatriz também lhe recusa a *salvação*”¹⁸². Se por um lado a identificação de Beatriz com a jovem Bice Portinari feita por Giovanni Boccaccio aspira uma significativa solidez, temos de ter o cuidado com aquilo que se consolidou nas biografias do poeta e que muitas vezes apenas reproduzem o que fora escrito por Boccaccio¹⁸³. É fato que Bice Portinari realmente existiu, inclusive sendo indicada por Giorgio Inglese a menção de seu nome no testamento de Folco, seu pai¹⁸⁴. Não é tão certo, no entanto, a correlação entre as duas Beatrizes. Diante dessa escassez de fontes, resta-nos assentirmos com as palavras de Marc Bloch: “há momentos em que o mais imperioso para o cientista é [, tendo tentado de tudo,] resignar-se à ignorância e confessá-lo honestamente”¹⁸⁵.

Não obstante as dificuldades apresentadas por esse tópico, concentremo-nos naquela que nos será mais relevante às propostas de nossa pesquisa, a Beatriz criada por Dante, sua personagem literária, que “a tudo dá coerência e articulação, amável como aparece nos versos do poeta, amável em si mesma e na grande metáfora do amor divino:

¹⁷⁹ STERZI. Op. cit., p. 31.

¹⁸⁰ VN, II, 01. ALIGHIERI. Op. cit., 1993, p. 07.

¹⁸¹ Cujo efeito e desejo da parte de Dante é manifesto numa menção com referência bíblica explícita: “Quando a encontrava, na esperança da maravilhosa saudação não só esquecia todos os inimigos, como me ganhava uma chama de caridade que me fazia *perdoar a quem me tivesse ofendido*” (VN, XI, 01). Ibid., p. 22, grifo nosso.

¹⁸² STERZI. Op. cit., p. 85.

¹⁸³ Sobre isso aludimos aqui um episódio de notório equívoco em algumas narrativas biográficas de Dante. Na primeira versão do *Trattatello* (1351-1355), Boccaccio faz menção a um dado cronológico incompatível: segundo ele, quando do exílio de Dante (1302), o poeta já havia produzido os sete primeiros cantos do *Inferno*, sendo redescobertos muito posteriormente. Acontece que ao longo desses cantos Dante traz referências a acontecimentos que claramente foram vivenciados somente a partir de meados da primeira década do *trecento*, inclusive seu próprio exílio; assim sendo, a única explicação para isso seria a autenticidade das profecias de Dante! Posteriormente, o próprio Boccaccio identificando esta incongruência, adiciona uma revisão de seu texto em seus comentários à *Commedia*, na passagem de *Inferno* VIII, 01, e apresenta essa incompatibilidade, afirmando inclusive: “É evidente que Dante não tinha espírito profético com o qual pudesse predizer e escrever”. No entanto, com o texto do *Trattatello* já amplamente difundido, vemos esse episódio claramente equivocadamente sendo reproduzido em outras biografias, com o respaldo da autoridade do texto de Boccaccio, como as de Filippo Villani em seu *Livro sobre a Origem da Cidade de Florença e sobre seus Cidadãos Famosos*, a de Domenico Bandini no Livro 30 da *Fonte das Coisas Memoráveis do Mundo*, e mesmo na *Vida de Dante* de Leonardo Bruni. AUBERT. Op. cit., p. 172-174, 195-198, 232-235, 269-272, 300-302.

¹⁸⁴ INGLESE. Op. cit., p. 42.

¹⁸⁵ BLOCH. Op. cit., 2001, p. 76.

Beatriz-Perfeição, Beatriz-Cristo, luz que atravessa o amor humano e o cosmo-amor-cristão”¹⁸⁶. Porém, jamais esgotada em sua beatitude, preservando sua existência terrena, como sintetiza Giorgio Inglese: “Beatriz é sempre [...] pessoa *histórica* – amada primeiro como mulher viva na terra, depois como alma santa no alto dos céus, e por isso portadora, no poema [ou seja, na *Commedia*], da Palavra que revela”¹⁸⁷. Esta complexa personagem é, de certa forma, coprotagonista do poeta, uma vez que tanto a *Vita Nova* quanto a *Commedia* têm como protagonista o próprio Dante¹⁸⁸, mas em ambas as obras, ela também assume um papel central. A *Commedia*, portanto, pode ser posta como uma continuação da *Vita Nova*, em que se concretiza a proposta que Dante lança mão em fins desta: “não falar dessa bem-aventurada enquanto não pudesse fazê-lo mais dignamente”¹⁸⁹.

No entanto, mais do que falar dela, suas obras falam de si mesmo. Ao longo de toda a *Commedia* a única personagem que está presente em todos os cantos, da perdição da *selva oscura* até a Visão de Deus, é o próprio Dante. Sua personagem magna é o *Dante peregrino*, antes mesmo de Beatriz¹⁹⁰. Vemos aqui uma noção consciente do próprio poeta sobre aquilo que atestamos no início deste capítulo quanto à intrínseca relação da pessoa de Dante com suas obras. Buscaremos enxergar ao longo deste trabalho um *Dante por Dante*, a construção da biografia do poeta a partir de si mesmo, não só por seus escritos, mas também pelo seu fazer, por suas ações em seu contexto.

2.2 *Popule mee, quid feci tibi?: Dante na vida política e militar*¹⁹¹

Acerca dos anos de juventude de Dante, podemos observar que já na década de 1280 ele começa a despontar como poeta de destaque. Essa década é marcada por uma intensa produção literária, sendo a partir de 1283 que teria se iniciado a escrita da balada, das canções e sobretudo dos sonetos comentados na *Vita Nova*. No entanto, esta é uma obra seletiva, nem toda produção lírica de Dante anterior à *Commedia* foi

¹⁸⁶ WANDERLEY, Jorge. *Nota do tradutor*. In: ALIGHIERI. Op. cit., 1996, p.25.

¹⁸⁷ Tradução livre: “*Beatrice è sempre [...] persona storica - amata prima come donna vivente in terra, poi come anima santa nell'alto dei cieli, e perciò portatrice, nel poema, della Parola che rivela*”. INGLESE. Op. cit., p. 53.

¹⁸⁸ Há uma importante distinção entre os Dantes personagem, narrador e autor da *Commedia*, cuja questão é discutida em Guérios (2014), e será abordada no capítulo seguinte.

¹⁸⁹ *VN*, XLII, 01. ALIGHIERI. Op. cit., 1993, p. 92.

¹⁹⁰ BLOOM. Op. cit., p. 92-93.

¹⁹¹ “Povo meu, o que eu lhe fiz?”. *Incipit* de epístola perdida, escrita aos florentinos após o exílio, na qual Dante manifesta suas ações realizadas em prol da cidade e os infortúnios provenientes de seu envolvimento com a comuna.

abordada no seu *libello*¹⁹²: “A prosa teve, na *Vida Nova*, a função de reunir, sob o signo da recordação de um percurso amoroso, matéria de procedência heterogênea. Muita coisa ficou de fora desse amálgama”¹⁹³. Imerso naquele contexto anteriormente referido de grande circulação poética, observamos um Dante que já se destaca, não apenas por um lírica prolífica em estilos, mas também numerosa, com seus mais de 2700 versos líricos¹⁹⁴:

O lírico Dante desliza dos empréstimos iniciais do modo trovadoresco-cortês, tanto provençal quanto siciliano nas suas origens, para a abordagem metafísica própria dos toscanos (e que ele chamaria, na *Comédia*, “*dolce stil novo*”, doce estilo novo); desta, para uma espécie de poesia estudiosamente teórica; para aquela crueza do olhar em que alguns críticos enxergaram “realismo”; para formas dificultosas que faziam lembrar Arnault Daniel; para canções de intenção moralizante; e assim por diante. Sempre discernível, já aqui mas também depois, o gesto dialético de apropriar-se do que lhe interessava nos precursores e, simultaneamente, descartar-se deles sem remordimentos¹⁹⁵.

Este decênio tem para além do âmbito poético ainda outros fatores de destaque a serem elencados. Em seu início, provavelmente entre 1281 e 1282, o pai de Dante, Alighiero II, vem a falecer, fato que “pode-se dizer, sem nenhuma consequência e repercussão na sua memória poética, mas certamente repleto de efeitos e de incógnitas na vida material da família”¹⁹⁶. Na segunda metade da década, em 1287, o poeta tem uma estadia na cidade de Bolonha por um período não maior que um ano, ponto que merece ser destacado sobre a biografia de Dante: o poeta não teve uma formação intelectual nos grandes centros universitários de seu período, mas antes uma formação fragmentada, tomando aulas com professores locais em Florença durante sua adolescência, passando por Bolonha unicamente neste breve período, frequentando os centros de estudos dos conventos florentinos na década seguinte como iremos mencionar adiante¹⁹⁷. Enfim, ao final da década temos ainda a primeira participação

¹⁹² *Livrinho*, termo empregado por Dante para se referir à *Vita Nova* de modo afetuosamente.

¹⁹³ STERZI. Op. cit., p. 67.

¹⁹⁴ Vale a menção aqui acerca de duas obras deste período, os poemas *Detto d'Amore (Ditos de Amor)* e *Il Fiore (A Flor)*, este último uma espécie de releitura do então já célebre *Roman de la Rose (Romance da Rosa)*. Estes foram longamente discutidos na dantística como possivelmente de autoria de Dante, mas, considerando sobretudo os fatores ético e estético, sua autenticidade é hoje majoritariamente negada. Cf.: INGLESE. Op. cit., p. 33-36.

¹⁹⁵ STERZI. Op. cit., p. 68.

¹⁹⁶ Tradução livre: “*si potrà anche dire senza alcuna conseguenza e risonanza nella sua memoria poetica, ma certo gravido di effetti e di incognite nella vita materiale della famiglia*”. PETROCCHI. Op. cit., p. 11.

¹⁹⁷ Vale ressaltar aqui que, apesar da importância econômica e política de Florença, a cidade não possuía uma universidade, mas apenas os chamados *studia*, pequenos centros de formação intelectual, geralmente administrados por ordens mendicantes. O modelo bolonhês de sociedades de estudantes se difundira por boa parte da Itália, mas sem se impor amplamente nas mesmas proporções. A Universidade de Pádua,

efetiva de Dante na vida cívico-militar, participando de dois eventos: a Batalha de Campaldino e o Cerco a Caprona, ambos em 1289.

A Batalha de Campaldino é considerada a terceira grande campanha militar florentina dada no contexto dos conflitos entre guelfos e gibelinos. Nela, os guelfos florentinos enfrentaram os gibelinos de Arezzo, na planície de Campaldino, nas proximidades desta cidade. A segunda metade do século XIII foi, como se disse anteriormente, marcada no contexto político italiano por um fortalecimento das cidades, em parte graças ao recuo da presença imperial na península. Concomitantemente, aquela influência que tanto papado quanto o império haviam semeado nas comunas na busca de fortalecimento de suas causas, germinou em grandes conflitos armados entre as comunas que buscavam superar suas rivais em busca da hegemonia em suas regiões.

Dante compunha neste embate a fileira dos *feditori*, a cavalaria que seguia na linha de frente conforme o significativo registro que Leonardo Bruni nos fornece em sua *Vita di Dante*, texto da primeira metade do século XV:

[...] jovem e bem estimado, estive na memorável e grandíssima batalha de Campaldino, combatendo vigorosamente a cavalo na primeira fileira, onde estive em grande perigo, pois a primeira batalha foi das fileiras equestres, na qual os cavaleiros que estavam do lado dos aretinos venceram e superaram a fileira dos cavaleiros florentinos com tanta fúria, que, desbaratados e postos em fuga, precisaram se refugiar na fileira da infantaria. Essa debandada foi a que fez os aretinos perderem a batalha, pois os seus cavaleiros vencedores, perseguindo por uma grande distância os que fugiam, deixaram para trás a sua infantaria. Dessa forma, a partir daí, não combateram em conjunto em lugar nenhum, mas os cavaleiros sozinhos e por sua conta, sem o auxílio dos peões, e os peões, depois, por conta própria, e sem o auxílio dos cavaleiros. E, da parte dos florentinos, ocorreu o contrário, pois, tendo os seus cavaleiros fugido ao encontro da infantaria, formaram um só corpo e agilmente venceram primeiro os cavaleiros e depois os peões¹⁹⁸.

Interessante de notar que Bruni, que era aretino, conta sobre a batalha e sobre a derrota dos gibelinos de Arezzo, dando ênfase repetitivamente à fuga dos florentinos. O próprio Dante faz menção à sua participação na batalha, referindo-se a ela como um símile, na passagem do *Inferno* em que ele e seu guia Virgílio estão sendo escoltados por um grupo de dez demônios, através da vala em que padecem os traficantes, metidos em pez fervente e constantemente amolados pelos diabos:

⁰¹ Eu já vi levantar acampamento
o cavaleiro; e em batalha e em revista,
e fugindo, a salvar-se, no espavento;

fundada em 1222, é provavelmente o outro exemplo bem sucedido deste modelo até então. VERGER. Op. cit., p. 646.

¹⁹⁸ BRUNI, Leonardo. *Vida de Dante*. In: AUBERT. Op.cit., p. 285-286.

04 do explorador em terra vossa, a vista
tive, Aretinos: parada e façanhas,
justas, feroz torneio e em toda a lista

07 passei por campas, trombeta em campanha,
tambor, sinais de alto castelo e pelas
coisas da gente nossa e gente estranha;

10 mas tal gaita de sopra, espanta vê-la,
qual movesse cavaleiro e peões
ou nave, a sinal de terra ou de estrelas¹⁹⁹.

01 *Io vidi già cavalier muover campo,
e cominciare stormo e far lor mostra,
e tal volta partir per loro scampo;*

04 *corridor vidi per la terra vostra,
o Aretini, e vidi gir gualdane,
fedir torneamenti e correr giostra;*

07 *quando con trombe, e quando con campane,
con tamburi e con cenni di castella,
e con cose nostrali e con istrane;*

10 *né già con sì diversa cennamella
cavalier vidi muover né pedoni,
né nave a segno di terra o di stella.*

Dante, que contava com vinte e quatro anos, integra o conjunto de *feditori* que participam como voluntários por intermédio de *messer*²⁰⁰ Vieri de' Cerchi, um dos importantes guelfos da política florentina, através do alistamento de voluntários do *sesteiro* de Porta de São Pedro, do qual ele próprio era habitante; vemos aqui novamente a importância das organizações societárias reunidas sobre o Bairro na comuna. À batalha que selou a dominância de Florença na região da Toscana, e que ocorreu em 11 de junho, seguiu-se o cerco ao castelo de Caprona, em Pisa, a 16 de agosto, no qual uma liga guelfa, formada, sobretudo, por cavaleiros de Florença e Lucca, tomaram a fortaleza pisana gibelina, fato também mencionado por Dante²⁰¹. Vemos aqui, portanto, a participação do poeta num importante episódio militar da comuna antes mesmo de sua efetiva entrada na vida política florentina. Esta, se concretizará somente em 1295. No entanto, alguns acontecimentos notáveis desta primeira metade de década merecem ser pontuados.

O ano de 1294 fica marcado na vida de Dante por alguns acontecimentos notórios: primeiramente, o falecimento de Brunetto Latini, literato autor de obras como

¹⁹⁹ *Inf.*, XXII, 01-12. ALIGHIERI. Op. cit., 2010, p. 277.

²⁰⁰ *Messer* em italiano é um termo utilizado para conferir prestígio a algum indivíduo, similar ao de *sir* em inglês, mas sem o caráter de titulação.

²⁰¹ *Inf.*, XXI, 94-96: “Medo assim eu já vira entre os infantes | que saíram rendidos de Caprona | ante inimigos tantos, triunfantes”. ALIGHIERI. Op. cit., 2010, p. 271.

o *Trésor* e o *Tesoretto*, ambas em língua vernácula²⁰², e também mestre de Dante, com quem o poeta tomou lições de modo informal e esporádico, uma vez que Brunetto não era de fato professor. Dante conhece ainda o jovem rei húngaro Carlos Martel de Anjou, que viera à Florença encontrar sua mãe Maria, filha do Rei da Hungria predecessor, e seu pai Carlos II de Anjou, então Rei de Nápoles²⁰³. Outro acontecimento importante, do qual Dante não participa, mas que será significativo para os anos subsequentes, é a eleição e renúncia do Papa Celestino V. Eleito em julho ao trono pontifício, o cardeal Pier da Morrone renuncia cinco meses depois, afirmando que não dispunha das qualidades necessárias²⁰⁴, ao que se segue a eleição de um novo pontífice, o cardeal Benedetto Caetane, que assumirá sob o nome de Bonifácio VIII (1294-1303), personagem muito importante para a história cristã europeia deste período de passagem dos séculos XIII-XIV, e de modo especial para a história do próprio Dante²⁰⁵.

No entanto, o fato mais marcante nesse mesmo ano é a escrita da prosa da *Vita Nova*, comentando um conjunto lírico – composto por vinte e cinco sonetos, cinco canções e uma balada – escritos durante a década precedente. Se nos fiarmos aos dizeres do próprio Dante, teremos o seguinte percurso apresentado: passados mais de três anos após a morte de Beatriz, portanto em 1293, o poeta encontrava-se ainda desolado, em *miserável estado*, até que num dado momento percebe-se estar sendo observado por uma *gentil mulher*, que olhava-o cândida e piedosamente; “E como aconteça que quando os míseros vêem que outros se compadecem deles mais depressa se movem a chorar como que apiedados de si mesmos”, Dante interrompe o contato visual com essa senhora, dizendo consigo “É impossível que em tão piedosa dama não exista um nobilíssimo amor”²⁰⁶. Assim, o poeta decide escrever um soneto dirigindo-se à essa

²⁰² O *Tesoretto* (inacabado ou parcialmente preservado) em toscano, e o *Trésor* em língua *d’oil*, ou seja, a língua franca, conforme era chamada, e sobre a qual Dante abordará no *De Vulgari Eloquentia*. A denominação vem do modo de dizer “sim” nessas línguas latinas, sendo, portanto, a *d’oil* a francesa, a *do sì* a italiana, e a língua *d’oc* a occitana. DVE, I, x, 1-4.

²⁰³ Dante encontra Carlos Martel no *Paradiso*, VIII-IX, e a forma afetuosa com que ele é apresentado, permite inferir que ambos tenham de fato tido uma cordial amizade. SAPEGNO. Op. cit., 1957, p. 878.

²⁰⁴ Há uma passagem no início do *Inferno* (III, 58-60), em que Dante está vendo os ignavos, aqueles que não praticaram o mal, tampouco exerceram o bem, que se encontram no Vestíbulo, uma área antes do Inferno propriamente dito, excluídos do Céu e repelidos do Inferno. No meio da turba, Dante menciona que reconhece aquele que fez a *grande recusa*. A tradição de comentários há muito considera este indivíduo como sendo o dito papa. No entanto, sobretudo nas discussões mais recentes, essa posição tem sido questionada. Celestino era constantemente elogiado como homem de santidade, e inclusive utilizado pelos inimigos de Bonifácio como exemplo de pontífice, em oposição ao novo papa. Porém, o problema persiste: se foi questionado significativamente a possível assimilação, nenhum outro sujeito foi identificado como este que fez a *grande recusa*. Cf.: HOLLANDER, Robert In: ALIGHIERI, Dante. *The Inferno*. New York: Anchor Books (eBook), 2002, p. 461-462; SAPEGNO. Op. cit., 1957, p. 35.

²⁰⁵ STERZI. Op. cit., p. 45.

²⁰⁶ VN, XXXV, 03. ALIGHIERI. Op. cit., 1993, p. 80

gentil senhora²⁰⁷, e a partir de então, seus pensamentos começam a se voltar à mesma, não sem oposição: “foi necessário haver muita batalha entre o pensamento nutritivo e o que lhe era contrário antes que esse amor fosse perfeito, pois a gloriosa Beatriz ainda sitiava a torre da minha mente”²⁰⁸, dirá Dante. Esse embate permanecerá assombrando sua mente até que certo dia o poeta tem uma visão, *quase na hora nona* (recorrendo ao número nove uma vez mais)²⁰⁹, e vendo Beatriz com as vestes em que a vira pela primeira vez, revive sua lembrança de modo definitivo, e assim seu “coração mais e mais se arrependia do desejo a que vilmente se tinha deixado arrastar contra a constância da razão”²¹⁰.

Como nos demais casos, esse episódio se mescla entre autobiografia e o lirismo do poeta. A princípio, a referência cronológica, imprecisa da *Vita Nova*²¹¹, é fornecida de modo assertivo no *Convivio*:

Começando, portanto, digo que a estrela de Vênus havia girado duas vezes o círculo que a faz parecer vespertina e matutina, a depender da hora, depois da passagem da bendita Beatriz – que vive no céu com os anjos e na terra com a minha alma –, quando aquela dama gentil de quem fiz menção no fim da *Vida nova* apareceu, e tomou um lugar na minha mente²¹².

A decisão de precisar a data tomando por referência o planeta Vênus, tradicionalmente ligado ao Amor²¹³, já é por si só algo sugestivo. Ao longo de todo o segundo tratado do *Convivio*, Dante abordará esse período a partir da análise de sua canção *Voi che ’ntendendo il terzo ciel movete*²¹⁴, inserida neste contexto em que os amores de Beatriz e da dama gentil se digladiam na mente do poeta. No entanto, ao apresentar os diferentes níveis de interpretação do poema, Dante dirá: “Depois de o sentido literal estar suficientemente demonstrado, deve-se prosseguir com a exposição

²⁰⁷ Soneto XIX: *Videro li occhi miei (Viram meus olhos)*, *Rime XXXI*.

²⁰⁸ *Conv.*, II, ii, 03. ALIGHIERI. Op. cit., 2019, p. 142.

²⁰⁹ Nona no sentido de horas medievais, advindas do mundo romano: “matinas (por volta da meia-noite), em seguida de 3 em 3, aproximadamente, de nossas horas atuais: *laudes* (3 horas), *prima* (6 horas), *terça* (9 horas), *sexta* (meio-dia), *nona* (15 horas), *vésperas* (18 horas), *completas* (21 horas)”. LE GOFF. Op. cit., 2016, p. 162.

²¹⁰ *VN*, XXXIX, 2. ALIGHIERI. Op. cit., 1993, p. 86.

²¹¹ Em *VN*, XXXIV, o capítulo anterior, Dante situa-se há exatamente um ano após a morte de Beatriz. No capítulo seguinte (XXXV) que trata desse encontro com a dama gentil, a datação é marcada indiretamente: “Algum tempo depois”. *Ibid.*, p. 78-80.

²¹² *Conv.*, II, ii, 01. ALIGHIERI. Op. cit., 2019, loc. cit. “Beatriz morreu na noite do dia 8 de junho de 1290. Somados a essa data os dois ciclos de Vênus, isto é, 1168 dias (três anos e 72 dias, considerando um ano bissexto), chega-se à data de 21 de agosto de 1293, momento que os comentadores consideram como a da aparição da dama gentil”. BRITO. Op. cit., p. 365.

²¹³ *Conv.*, II, v, 15.

²¹⁴ *Rime LXXIX: Vós que, entendendo, o terzo céu moveis*.

alegórica e verdadeira”²¹⁵. Conforme a tradição de seu tempo, Dante concebe a existência de quatro sentidos para se compreender e explicar um texto (literal, alegórico, moral e anagógico), dos quais ele resumirá no *Convivio* a apenas dois: literal e alegórico, este último congregando os demais. Se por um lado esses sentidos se organizam de modo hierárquico, sendo o literal o sentido mais inferior, ele não o abdica, pois sua importância é como a da fundação de uma casa, devendo vir necessariamente antes do restante da edificação: “E, para demonstrar isso, o literal deve sempre vir primeiro como o significado no qual os outros estão incluídos, e sem o qual seria impossível e irracional compreender os outros, principalmente o sentido alegórico”²¹⁶. Portanto, ainda que haja um sentido *alegórico verdadeiro* (segundo o autor, é claro), os aspectos literais não devem ser abandonados, não apenas em prol dessa interpretação guiada por Dante, logo, intencionalmente conduzida pelo autor, mas pela própria possibilidade da liberdade interpretativa: “Todo discurso sobre a liberdade da interpretação deve começar por uma defesa do sentido literal”²¹⁷. Assim, tendo em vista essa ambiguidade, retornemos ao referido episódio.

Dante atesta que, afligido pela morte de sua amada Beatriz, ele ficara em tal tristeza que nenhum tipo de conforto o consolava. Com o passar do tempo (novamente indicado de forma imprecisa), o poeta teria passado a buscar meios para se confortar de sua perda que ninguém havia buscado até então. Assim, ele se pôs a ler os livros dos filósofos latinos Boécio e Cícero²¹⁸, cujo resultado se expressa no testemunho em que Dante diz: “eu, que procurava me consolar, encontrei não apenas remédio às minhas lágrimas, mas palavras de autores, de ciências e de livros. E, considerando-os, bem julgava que a filosofia, a dama desses autores, dessas ciências e desses livros, era algo supremo”²¹⁹. Desse modo, o poeta expõe alegoricamente que aquela dama gentil, era na realidade a própria Filosofia, na qual ele encontrou consolação, tal como o título da obra de Boécio. Esse, no entanto, é “talvez o ponto mais delicado da autobiografia

²¹⁵ *Conv.*, II, xii, 01. ALIGHIERI. Op. cit., 2019, p. 170, grifo nosso.

²¹⁶ *Conv.*, II, i, 08. Ibid., p. 140.

²¹⁷ ECO. Op. cit., 1999, p. 9. Indicamos todo esse tópico da obra, chamado *Defesa do Sentido Literal* (p. 9-11), onde Eco discorre sobre a necessidade desse sentido a partir de uma anedota em que o presidente dos Estados Unidos Ronald Reagan (1981-1989) menciona em uma entrevista que bombardearia o território da União Soviética, e sendo rapidamente pressionado pelos jornalistas, afirma se tratar de uma “brincadeira”. A partir disso, Eco discorrerá brevemente como o aspecto literal (nesse caso, a ameaça do ataque) é fundamental mesmo para chegar à interpretação de que se tratava de uma mentira jocosa.

²¹⁸ *A Consolatio philosophiae (Consolação da Filosofia)* de Boécio, e o *De amicitia (Da amizade)* de Cícero.

²¹⁹ *Conv.*, II, xii, 5. ALIGHIERI. Op. cit., 2019, p. 170.

dantesca”²²⁰. O regresso a esse episódio no *Convivio*, portanto mais de uma década depois, é questionado pela dantística como algo unitário, considerando-se que essa interpretação possa ser uma manipulação posterior da alegoria; assim, Dante poderia ter escrito os poemas a uma mulher de verdade, e alterado posteriormente o seu sentido²²¹. Dante se defende sobre isso já nas vias iniciais de seu tratado, afirmando que se sua exposição ali era mais *viril* do que na *Vita Nova*, “não tenho a intenção de diminuí-la em parte alguma, mas antes de enriquecer aquela [*Vita Nova*] com esta [*Convivio*], mostrando racionalmente como aquela foi fêrvida e apaixonada, cabendo a esta ser moderada e viril”²²²:

A culpa pela má compreensão derivaria apenas dele mesmo, que havia dito coisas diferentes em relação à tal dama antes de amadurecer a sua opinião: em sua juventude, havia criticado a vaidade de seus olhos que se deleitavam ao vê-la (*VN* xxxvii 1-2); agora, em um momento de mais maturidade, seria capaz de perceber a salvação nos olhos da dama gentil, tratando-se ela – em chave alegórica – da filosofia (*Cv* II vii 11)²²³.

Mas o problema persiste: essa dama gentil, ainda que seja alegorizada como a Filosofia, existiu carnalmente? Corresponderia a alguma senhora florentina, como supostamente Beatriz? É difícil precisar; se a própria Beatriz que possuiu uma correspondente verdadeira historicamente comprovada não nos permite mais do que conjecturar como sendo a jovem Bice, essa dama gentil da *Vita Nova* e *Convivio* deixamos em situação ainda mais delicada. Acerca disso, considerando a hipótese de uma segunda redação do *libello* ser a causa desse ponto, “isso não caracteriza ‘mentira, artifício ou falsificação’, pois se trata do mesmo autor completando o seu pensamento”²²⁴. Nessa linha, vale ainda a reflexão de que é possível sim que haja uma incongruência neste ponto (assim como em tantos outros do *corpus dantesco*), ante nossa tendência de considerar o poeta como infalível e suas obras perfeitamente coesas, partindo de uma visão teleológica que culminaria na “perfeita” organização da *Commedia*²²⁵.

²²⁰ Tradução livre: “È forse questo il punto più delicato dell’autobiografia dantesca”. INGLESE. Op. cit., p. 53.

²²¹ A isso, há inclusive uma interpretação que diz que a *Vita Nova* teria tido duas redações, uma primeira concluída com a vitória dessa dama gentil, outra posterior na qual Dante decidira por retornar à Beatriz, escrevendo os seis capítulos finais da obra. BRITO, Emanuel França de. *O nobre poeta por si mesmo: Dante e o Convivio*. Tese (Doutorado em Letras). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015, p. 54-55.

²²² *Conv.*, I, i, 16. ALIGHIERI. Op. cit., 2019, p. 109.

²²³ BRITO. Op. cit., 2015, p. 54.

²²⁴ *Ibid.*, p. 55.

²²⁵ Às leitoras e leitores interessados nesse tópico, sugerimos a supracitada tese de Emanuel França de Brito, onde o pesquisador se debruça mais a fundo sobre esse ponto ao longo de todo segundo capítulo, intitulado *A filosofia como dama gentil*. *Ibid.*, p. 53-76. E também Inglese (op. cit., p. 52-57), que resgata

Na sequência, Dante nos fornecerá outra informação biográfica de grande importância, talvez a mais relevante aqui para nossas intenções. Mencionando a admiração que aquela dama lhe causava, o poeta diz:

E, a partir dessa imagem, comecei a ir aos lugares onde ela se manifestava verdadeiramente – isto é, nas escolas dos religiosos e nas discussões dos filosofantes –, de forma que em pouco tempo, talvez trinta meses, comecei a sentir tanto a sua doçura que o seu amor perseguia e destruía todos os outros pensamentos²²⁶.

Aqui, Dante refere-se ao seu período de estudo nos centros filosóficos de Florença, tomando aula “provavelmente com os dominicanos no convento de Santa Maria Novella e com os franciscanos no de Santa Croce”²²⁷, bem como uma possível passagem pelo “convento agostiniano de Santo Spirito, apesar de as evidências para este último serem menores”²²⁸. Presume-se que a educação de Dante até então havia sido somente sobre o *trivium* durante sua adolescência, o que converge tanto com o fato de saber-se que o sistema de ensino de Florença era modesto, quanto pelo que Dante diz sobre sua leitura de Boécio e Cícero: “E ainda que para mim tivesse sido duro entrar no seu sentido, neste finalmente entrei até onde me foi permitido pelo que eu possuía da arte da gramática e pelo pouco que o meu engenho podia fazer”²²⁹. No entanto, ainda que sua formação não passe pelas Universidades já consolidadas neste período – com exceção da já mencionada passagem por Bolonha em 1287 – o ensino ofertado nesses centros conduzidos pelas ordens mendicantes não deixa de fornecer uma educação de qualidade, onde Dante encontra fundamentação para muito do seu conhecimento filosófico, e sobretudo teológico. A título de exemplo, o convento de Santa Maria Novella teve como docente, entre os anos de 1274-1276 e novamente entre 1297-1298, o florentino Remigio de’ Girolami, cuja formação teológica em Paris se deu sob a tutela do próprio Tomás de Aquino²³⁰.

a problematização de Bruno Nardi, não apenas sobre a correlação entre ambas as *damas gentis*, mas também sobre a *pargoletta* citada por Beatriz em *Purg.*, XXXI, 59.

²²⁶ *Conv.*, II, xii, 7. ALIGHIERI. Op. cit., 2019, p. 170-171.

²²⁷ STERZI. Op. cit., p. 45.

²²⁸ BRITO. Op. cit., 2015, p. 61.

²²⁹ *Conv.*, II, xii, 4. ALIGHIERI. Op. cit., 2019, p. 170. Lembramos ainda o que se disse no capítulo anterior (1.2) acerca dos sistemas de estudo pré-universitário serem focados nas artes liberais, sobretudo no *trivium*.

²³⁰ INGLESE. Op. cit., p. 55-56. Tomás de Aquino (ca. 1225-1274), nascido em Roccasecca no sul da Itália, juntou-se à ordem dominicana após seus primeiros estudos em Nápoles, indo posteriormente à Paris onde tornou-se discípulo de Alberto Magno. Grande comentarista de textos bíblicos e aristotélicos, deixou como principal legado suas discussões sobre as *Sentenças* de Pedro Lombardo, e sobretudo suas sumas: a *Suma contra os Gentios* e a *Suma teológica*, esta última sendo um dos textos mais influentes de toda filosofia escolástica. McGRADE. Op. cit., p. 411-412.

No entanto, o contato filosófico que Dante teve não se findou apenas sobre sua formação nesses *studia*; para além do próprio Brunetto, o poeta tinha ainda uma relação de significativa proximidade com Guido Cavalcanti, aquele seu “primeiro amigo”, tido em seu contexto não apenas como poeta, mas também como filósofo, segundo consta em cronistas do período²³¹. A importância aqui se dá sobretudo por Guido ser tido como “aristotélico radical”, ou seja, de viés averroísta²³². Isso não significa que Dante passou a conhecer a filosofia islâmica apenas por intermédio de Guido; a filóloga e crítica literária Maria Corti indica que o afluxo dos escritos de autores escolásticos propensos ao averroísmo, como Siger de Brabante e Boécio de Dácia²³³, era de grande circulação em Bolonha, e que é, portanto, muito provável que Dante tenha não apenas tido contato com os textos desses filósofos aí, mas também absorvido suas ideias. Para a autora, Dante:

[...] tem todo o ar de saber bem distinguir – como Siger e Boécio – entre a função da mais nobre filosofia e a função da teologia (...) é a Siger que Dante deve a clareza no separar a filosofia da teologia em âmbito especulativo, e o poder laico do poder eclesiástico em âmbito político²³⁴.

É importante notar que apesar do débito que Dante possui para com os filósofos islâmicos, com direito a citações e menções diretas a obras desses, na dantística esse aspecto só ganhou destaque no início do século XX, com a publicação em 1919 da obra *La escatología musulmana en la Divina Comedia*, do arabista espanhol Miguel Asín Palacios. Porém, num primeiro momento seu trabalho foi parcialmente rejeitado, por razões políticas e ideológicas, bem como situacionais: diante da proximidade das “celebrações pelos seiscentos anos da morte de Dante, toda a cultura italiana, pronta à exaltar o primado e, na verdade, a singularidade de seu poema na literatura do mundo, sofreu o livro do estudioso espanhol quase como um delito contra a nação”²³⁵.

²³¹ Como em Giovanni Boccaccio e Giovanni Villani, por exemplo. MARTI, Mario. *CAVALCANTI, Guido*. In: *Dizionario Biografico degli Italiani*, v. 22, 1979. Disponível em: <https://www.treccani.it/enciclopedia/guido-cavalcanti_%28Dizionario-Biografico%29/>. Acesso: 02 ago. 2021.

²³² Bruno Nardi foi um dos principais defensores e contribuintes dessa tese. Cf.: *L'averroismo del “primo amico” di Dante*. In: NARDI. Op. cit., p. 81-107.

²³³ Ambos professores em Paris que inclusive sofreram com as condenações de algumas de suas teses durante a década de 1270, quando essa Universidade se empenhava em combater algumas ideias correntes de viés averroísta. LIBERA. Op. cit., p. 411-414.

²³⁴ CORTI, Maria. *Dante a un nuovo crocevia*, 1981, p. 33-35 apud BRITO. Op. cit., 2015, p. 61.

²³⁵ Tradução livre: “[...] *le celebrazioni per i 600 anni della morte di Dante e tutta la cultura italiana, pronta a esaltare il primato e anzi l'unicità del suo poema nella letteratura del mondo, soffrì il libro dello studioso spagnolo quasi come un delitto contro la nazione*”. DE MARTINO, Domenico. *Influenze islamiche sulla Commedia: una ricerca non conclusa*. Trieste: EUT – Edizioni Università di Trieste,

Há de se considerar ainda uma possível terceira via em Brunetto Latini. Este, quase como que precedendo os passos de Dante, era também poeta e homem político. Em 1260, encontrava-se na Ibéria como embaixador na corte de Afonso X, o Sábio (1252-1284), rei de Castela e Leão, quando houve a Batalha de Montaperti e, sendo guelfo, descobriu-se então na condição de proscrito, só retornando à Florença em 1266, após a derrota gibelina em Benevento, gozando portanto de diferente sorte àquela de Dante²³⁶. Palácios tem então por hipótese o próprio Brunetto como vetor entre Dante e a cultura islâmica, uma vez que a corte de Afonso X:

[...] entre as ainda fortemente islamizadas Sevilha e Toledo, pela vontade do soberano, havia se tornado, com todas as contradições do caso (“misto de tolerância e repressão”), o polo de encontro mais ativo entre as duas civilizações, também através da atividade dos sábios judeus, expoentes da outra grande cultura mediterrânea, empenhada a traduzir em castelhano textos árabes de ciência, medicina, filosofia e literatura²³⁷.

Vemos então que o dito *encontro com a Filosofia* de Dante vai muito além da tradicional vertente que aponta o poeta como um mero tomista, e “que a *Commedia* é o pensamento de Tomás de Aquino (ou seja, a doutrina católica super ortodoxa) colocada em versos”²³⁸. A isso, Bruno Nardi foi um dos mais importantes estudiosos a tencionar essa visão, tendo inclusive sua tese de doutorado defendida no ano de 1911 com o título *Siger de Brabante na Divina Comédia e as fontes da filosofia de Dante*²³⁹. É ainda significativo que Nardi buscava não só revisar e discutir as influências filosóficas de Dante, mas também a própria filosofia escolástica que era então reduzida ao tomismo. Nardi criticava aqui o *neotomismo*, também chamado *neoescolasticismo*, uma vertente filosófica cristã oriunda de fins do século XIX, baseada no binômio aristotélico-tomismo, que se apresentava como oposição à filosofia moderna deste século²⁴⁰. Um

2015, p. 86.

²³⁶ INGLESE, Giorgio. *LATINI, Brunetto*. In: *Dizionario Biografico degli Italiani*, v. 64, 2005. Disponível em: <[²³⁷ Tradução livre: “*tra l’ancora fortemente islamizzata Siviglia e Toledo che, proprio per volontà del sovrano, era diventata, con tutte le contraddizioni del caso \(«misto di tolleranza e repressione»\), il più attivo polo di incontro tra le due civiltà, anche attraverso l’attività di sapienti ebrei, esponenti dell’altra grande cultura mediterranea, impegnati a tradurre in castigliano testi arabi di scienza, medicina, filosofia e letteratura*”. DE MARTINO. Op. cit., p. 87.](https://www.treccani.it/enciclopedia/brunetto-latini_(Dizionario-Biografico)/>. Acesso em: 02 ago. 2021.</p>
</div>
<div data-bbox=)

²³⁸ Tradução livre: “[...] *che la Divina Commedia è il pensiero di Tommaso d’Aquino (ovvero la dottrina cattolica superortodossa) messa in versi.*” SOSERINA, Maria. *Dante e l’Islam*. Istituto Euroarabo: Dialoghi Mediterranei, 2013. Disponível em: <<http://www.istitutoeuroarabo.it/DM/dante-e-lislam/>>. Acesso em: 02 ago. 2021.

²³⁹ *Sigieri di Brabante nella Divina Commedia e le fonti della filosofia di Dante*, no original.

²⁴⁰ Pensemos aqui que o século XIX legou-nos alguns filósofos de grande impacto contra o pensamento cristão, tais como os materialistas Ludwig Feuerbach e Karl Marx, além de ser também o século de Friedrich Nietzsche. Fora da filosofia, um dos maiores cataclismas (quicá o maior) virá na década de

dos principais núcleos dessa filosofia era a Universidade Católica de Lovaina na Bélgica, exatamente onde Bruno Nardi laureou-se. Suas críticas apelavam para uma maior contextualização da filosofia medieval que, desconhecida ou ignorada em seu período, era reduzida quase homoganeamente sob a égide de Tomás de Aquino, pondo sob essa inclusive o próprio Dante²⁴¹. Ainda que conduzida sua pesquisa no campo da filosofia, temos aqui um caso perceptível em que a partir da consciência histórica de um indivíduo²⁴², despontam interesses que, organizados por critérios orientadores de sentido, fornecem uma fundamentação à ciência da história “nos pontos em que ela se enraíza nos processos pré e paracientíficos da interpretação da experiência do tempo, em procedimentos da vida humana prática, sem os quais a história como ciência não será possível”²⁴³. A base do conhecimento histórico científico está, portanto, intrinsecamente envolvida com o próprio meio de sua produção, e a sensibilidade a isso por parte do pesquisador propicia não apenas a reflexão sobre seu objeto de estudo, mas ainda um olhar conectivo entre a herança desse passado e as condições de seu próprio presente; “o erudito que não tem o gosto de olhar a seu redor nem homens, nem as coisas, nem os acontecimentos, merecerá talvez [...] o título de um útil antiquário. E agirá sensatamente renunciando ao de historiador”²⁴⁴.

Feita essas considerações, é significativo então concluirmos observando que Dante, considerado o maior representante poético do medievo cristão, não é um intelectual recluso nas reflexões filosóficas de sua própria fé, mas aceita parcialmente aquelas outras coexistentes em seu contexto. E o mais importante: isso não reduz seu *status* como expoente da cristandade, afinal, como já apresentamos, as culturas cristã e islâmica (além da judaica) convergiram de diferentes modos, nem sempre conflitantes, sendo inclusive a cristandade muito dependente dessas no âmbito filosófico. Porém, no caso de Dante, sabe-se que seu conhecimento acerca dessas não era tão aprofundado como dos textos clássicos latinos:

[ele] não deveria possuir mais do que um conhecimento limitado das doutrinas divulgadas nas escolas teológicas do seu tempo. As opiniões professadas ou acolhidas por ele são quase sempre formuladas com muita imprecisão, e os argumentos de que se utiliza para demonstrá-las refletem

1850 com a divulgação da *teoria da evolução*, pelos naturalistas britânicos Alfred Russel Wallace e Charles Darwin.

²⁴¹ GREGORY, Tullio. *Introduzione*. In: NARDI. Op. cit., p. IX-X.

²⁴² Entendo por isso “as situações genéricas e elementares da vida prática dos homens (experiências e interpretações do tempo)”. RÜSEN. Op. cit., p. 54.

²⁴³ *Ibid.*, p. 33

²⁴⁴ BLOCH. Op. cit., 2001, p. 66.

uma cultura imperfeita, como a de um principiante, ou melhor, de um amador²⁴⁵.

Retomando aqui o contexto florentino do período, lembramos que esse início de década está inserido na fase do *Secondo Popolo*, sendo essas últimas décadas do *duecento* de especial fortalecimento das leis antimagnáticas em Florença, cujo ponto alto foram as ordenanças de 1293 batizadas *Ordinamenti di Giustizia*. É oportuno lembrar que parte desse conjunto buscava certa aproximação com as elites, e que durante a última década do século XIII, conforme iam se tornando o grupo político dominante, essa concepção dual foi se triangulando, até a composição de dois grupos significativamente distintos: o *popolo grasso*, “homens que enriqueceram muito no comércio e nas finanças, mas não tinham acesso aos privilégios da elite e aos principais ofícios”, e o *popolo minuto*, “artesãos e mercadores moderadamente bem-sucedidos que não buscavam desfrutar dos privilégios da elite, mas antes reivindicavam certa participação política e uma administração imparcial da justiça”²⁴⁶:

O *popolo* nunca foi uma força fixa. Ele estava continuamente mudando seus objetivos, composições, militância e reivindicações. Socialmente, ele poderia ser definido de modo mais amplo ou mais restrito, dependendo da cidade, da fase do movimento popular ou do perímetro das pressões individuais. Ele podia lutar por reformas de base e atacar os laços de servidão no campo, ou ele podia reivindicar reformas fiscais e eleitorais mais limitadas; ele podia se opor amarga e sangrentamente ao banqueiro rico para buscar um compromisso com uma fração isolada dos nobres. Ele podia não apoiar a servidão rural, mas estava pronto a tolerar a servidão com o objetivo de obter vantagens políticas dentro da cidade. Em um ambiente dinâmico e perturbado, não era possível a uma instituição tão vital quanto o *popolo* ser outra coisa que não uma força em processo²⁴⁷.

Portanto, a dinâmica existente entre esses grupos se insere muito mais como relações de poder entre forças sociais com interesses particulares mas diversos do que como um conflito de classes, justamente porque a aplicabilidade de um conceito de classe aqui não é suficientemente sustentável; o *popolo* é uma categoria referencial antagônica, definindo-se mais por oposição aos *milites* que concentravam o poder político comunal do que por seu próprio conteúdo social²⁴⁸.

O acesso efetivo dos *popolani* ao exercício político se deu através das guildas, denominadas *Arti*. Lembremos que nesse primeiro momento eram seis as principais corporações – Calimala, Por Santa Maria, da Lã, do Câmbio, dos Peleiros, e dos

²⁴⁵ NARDI, Bruno. *Nel mondo di Dante*, 1944, p. 73-75 apud BRITO. Op. cit., 2015, p. 58.

²⁴⁶ AUBERT. Op. cit., p. 76.

²⁴⁷ MARTINES, Lauro. *Power and Imaginations*, 1998, p. 59 apud Ibid., p. 72.

²⁴⁸ ASCHERI. Op. cit., p. 4-5; GILLI. Op. cit., p. 130.

Médicos e Boticários. Posteriormente, com o sucesso das ordenanças, a predominância dessas foi expandida para o reconhecimento de pelo menos outras seis corporações. Dante adentrou a vida político-administrativa, justamente através de sua inscrição na guilda dos Médicos e Boticários, uma vez que não era necessário o exercício daquela arte²⁴⁹.

Sua primeira participação efetiva registrada é datada em 14 de dezembro de 1295, numa discussão acerca de mudanças a serem decididas sobre a eleição ao cargo de Prior²⁵⁰, que, infelizmente tem uma lacuna documental justamente no resultado chegado após a discussão. Neste período, Dante compunha também o Conselho dos Trinta e Seis, órgão conselheiro do Capitão do Povo, durante o semestre de novembro de 1295 até abril de 1296. Nesse ano, assume ainda um posto no Conselho dos Cem – responsável pela parte financeira da administração pública – participando assim exponencialmente dos trâmites políticos da comuna em fins do conturbado século XIII. No mesmo ano de 1296, uma tensão entre famílias de magnatas começa a tomar proporções alarmantes; de um lado a família Donati, de uma linhagem nobre decadente, de outro a família Cerchi, proveniente de um núcleo de burguesia ascendente e que se aproxima muito mais do *popolo*. Essa tensão se avivou na esteira de um conflito ocorrido em Pistoia, comuna à noroeste de Florença, e que se alastrou envolvendo os florentinos num atrito interno da família Cancellieri, que resultou numa secessão familiar. Os conflitos se aglutinaram e, em pouco tempo, a contenda familiar se tornou uma fragmentação guelfa, formando dois núcleos facciosos: os *Bianchi* (Branco), aos quais fazia parte a família dos Cerchi, e os *Neri* (Negros), que tiveram apoio dos Donati²⁵¹.

Institucionalmente, esse confronto está relacionado a um processo de enfraquecimento das estruturas societárias que faziam parte do governo comunal. Organizadas inicialmente com a função de reivindicar participação política por parte dos grupos até então excluídos, essas organizações foram efetivamente bem sucedidas. Porém, baseadas em um grupo social heterogêneo como era o *popolo*, não é difícil antever as tensões que começam a despontar e que são determinantes para o

²⁴⁹ INGLESE. Op. cit., p. 15.

²⁵⁰ Responsáveis administrativamente por “preparar a ordem do dia dos conselhos ampliados, aconselham o podestade, nomeiam os embaixadores e redigem a correspondência oficial”. GILLI. Op. cit., p. 83.

²⁵¹ Segundo o humanista Maquiavel, o “patrono” da família Cancellieri, conhecido como *messer* Cancellieri, tivera duas esposas. O grupo que era da estirpe da primeira esposa, chamada Bianca, adotou o nome de *Bianchi* em homenagem a ela; em contrapartida, o outro grupo adotou o nome *Neri*, para fazer oposição. MACHIAVELLI, Niccolò. *História de Florença*. 2ª edição. São Paulo: Musa Editora, 1998.

enfraquecimento de sua própria organização institucional, levando à situações conflitantes como é o caso desse esfacelamento da facção guelfa em Florença, que se arrastará até a virada do século²⁵².

O ano de 1300 é um momento de essencial importância para Dante. Em 7 de maio, tendo sido eleito embaixador de Florença, se empenha em uma missão diplomática entre as lideranças guelfas da Toscana, realizada na comuna de San Gimignano, nos arredores de Siena, para afirmar a lealdade daquela cidade ao grupo guelfo, do qual Florença era uma das maiores potências. Em meados do ano, ele é eleito Prior, exercendo seu cargo entre o bimestre de 15 de junho a 14 de agosto. Importante mencionar que, se este episódio é de grande relevância na história biográfica do poeta, sob o ponto de vista da história comunal florentina, não foi mais do que uma rotação comum de cargo²⁵³. A atribuição de suma relevância das ações de Dante é devida à visão posterior que a figura do poeta goza. Neste momento, por mais que fosse já notório como indivíduo intelectual e participante ativo na política comunal, Dante era apenas mais um indivíduo naquele contexto. Frente à dificuldade de se estudar uma personagem histórica da envergadura de Dante, devemos sempre ter em mente o quanto ele era de fato impactante no período em que vivia, e o quanto foi se construindo essa imagem de preponderância ao longo das décadas e séculos posteriores.

Por infortúnio, pouco depois de Dante ocupar o priorado, no dia 23 de junho um interdito é solicitado para conter as hostilidades entre os Donati e os Cerchi, e o resultado é que quinze facciosos de ambos os lados são banidos de Florença. No entanto, dado a brevidade do cargo de Prior, algumas deliberações podiam ser revogadas, e em meados de agosto, tão logo assumiram os novos priores, o banimento foi revogado *apenas* ao lado dos *Bianchi*, ou seja, os apoiadores dos Cerchi. Os *Neri*, descontentes, começam a acusar o priorado de favorecimento do grupo dos Cerchi, e nesse meio, eles acabam buscando auxílio com o papa Bonifácio VIII.

Um problema grave nesse episódio é que os *Neri* atestam que a revogação do banimento dos *Bianchi* se deu em julho, informação que consta inclusive em uma crônica do período (*Cronaca Marciana*), motivo pelo qual Dante é um dos principais alvos de ataques deste grupo. No entanto, Dante defende-se disso em uma epístola sua, conhecida por seu *incipit* como *Popule mee*, uma missiva apologética que o poeta escreve aos florentinos após o exílio. No entanto, essa foi uma epístola que se perdeu,

²⁵² GILLI. Op. cit., p. 136-137.

²⁵³ INGLESE. Op. cit., p. 63-64.

e cujo registro temos apenas de um fragmento na *Vita di Dante* de Leonardo Bruni:

[...] segundo ele próprio escreve em uma epístola sua, cujas palavras são estas: “Todos os meus males e inconvenientes tiveram por razão e princípio as infaustas assembleias do meu priorado, um priorado do qual, se eu não era digno por prudência, não era indigno por fé ou por idade, pois já se haviam passado dez anos da Batalha de Campaldino, na qual o partido gibelino foi quase inteiramente morto e desfeito, onde me encontrei não criança em armas, onde tive muito temor e, por fim, enorme alegria pelos diversos acidentes daquela batalha”²⁵⁴.

Um pouco adiante, Bruni continuando a referir-se a esta epístola, atesta que Dante afirma o fato de que no momento da revogação ele já não se encontrava mais no cargo, e dá uma informação que é utilizada em prol dessa interpretação: de que o retorno dos Cerchi se deu pela enfermidade e subsequente morte de seu amigo Guido Cavalcanti, partidário ferrenho dos *Bianchi*, cuja morte ocorreu a 29 de agosto, portanto quando o priorado já estava sob nova ocupação²⁵⁵.

No ano seguinte, as tensões se intensificam e em 1º de junho, em uma assembleia pública dos *Neri* os ânimos se afloram. Em meio à politização que o confronto entre as *consorterias* de Donati e Cerchi tomava, uma importante determinação foi ocorrendo. Os *Bianchi* não se aliaram nesse momento, mas tinham uma inclinação em aproximar-se dos pisanos e aretinos, que eram gibelinos. Os *Neri* se aproveitaram disso, inflamando ainda mais esse discurso, e apresentando-se como os *autênticos guelfos*, debate que chegou à cúria papal. Desde o ano anterior, Bonifácio já preparava uma empresa com Carlos de Valois, irmão do rei de França, Filipe IV, o Belo (1285-1314), que tinha um duplo intuito, pacificar a Toscana e conquistar o Reino da Sicília²⁵⁶. É importante se atentar para o fato de que nesse momento é o reino, mais do que o império que se sobressai como organização política laica diante da relação com o papado:

De fato, nos inícios do século XIV, uma outra realidade política está madura em suas bases institucionais, jurídicas e teóricas, o *Regnum*. A França de Filipe IV, o Belo, daria o primeiro passo no sentido de interferir no embate

²⁵⁴ BRUNI. Op. cit., p. 288.

²⁵⁵ INGLESE. Op. cit., p. 65.

²⁵⁶ Neste momento, a Sicília já estava fora da jurisdição dos angevinos. No ano de 1282, uma insurreição eclodiu contra o governo de Carlos de Anjou que governava desde sua vitória em Benevento. O confronto que ficou conhecido como Vésperas Sicilianas teve sua resolução somente em 1302, com a Paz de Caltabellotta, dando fim à dominação da Casa de Anjou, selada pelo matrimônio entre Pedro III de Aragão com Constança, filha de Manfredo, o último governante da dinastia suábia em terras sicilianas. TRECCANI. *Vespri siciliani*. Disponível em: <<https://www.treccani.it/enciclopedia/vespri-siciliani>>. Acesso em: 02 ago. 2021.

teórico de superioridade entre Império e Papado, submetendo este último e gerando uma sé pontifical alternativa, Avinhão, em território francês²⁵⁷.

Em meio a essas ações do papa, houve um pedido de participação militar florentina, que foi discutida em 19 de junho pelo Conselho dos Cem (no qual, Dante mais uma vez ocupava um cargo), e outros setores administrativos da comuna; votado pelo Conselho, foi aceita a participação, mas sob uma votação disputada de 49 a favor e 32 contra, um alto percentual de opositores. Dentre os opositores, Dante foi um dos que manifestou repúdio à ação papal, apelando para a autonomia da Comuna, mas cujo resultado foi a acusação de gibelinismo, um possível fator que contribuiu para o banimento do poeta²⁵⁸.

Na tentativa de se robustecer, o Conselho dos Cem se reuniu em 28 de setembro e deliberou uma série de propostas de caráter orçamentário e de atividades atribuídas aos principais cargos como os priores e o podestade, assim como medidas de apaziguar a relação com o pontífice, na qual se organiza uma embaixada para ir ter com o papa. Neste momento, destacando-se já em sua postura diplomática dentro da política comunal, Dante é escolhido entre os embaixadores, considerando-se que em sua pessoa convergia “a firmeza na defesa da autonomia cívica, uma reputação de independência das facções, [e] a capacidade oratória”²⁵⁹.

Chegando a Roma na última semana de outubro, os embaixadores são recebidos, e Bonifácio atesta que as suas intenções são unicamente de propiciar a paz dos florentinos. Feitas suas deliberações, dois dos embaixadores seguem de volta para Florença para seguirem com a diplomacia. No entanto, em 4 de novembro, sob o consenso dos líderes das *Arti* e demais senhorios, Carlos de Valois entra em Florença com um contingente de mil e duzentos cavaleiros. Os *Neri*, aproveitando-se da subserviência dos *Bianchi*, levantam-se em armas e tomam a cidade. O grupo banido dos Donati regressa à cidade, dentre os quais estava o próprio Corso, líder da família, que renova o colégio dos priores no dia 8 de novembro, escolhendo novos membros que estivessem alinhados consigo. No início do ano seguinte, muitas condenações começam a ser promulgadas, e em 27 de janeiro o novo podestade, Cante de’ Gabrielli da Gubbio, magistrado aliado dos *Neri*, redige uma condenação em que consta o nome de Dante

²⁵⁷ FERNANDES, Fátima Regina. *O conceito de Império no pensamento político tardo-medieval*. In: DORÉ, Andréa; LIMA, Luís Felipe Silvério; SILVA, Luiz Geraldo. *Facetas do Império na História: conceitos e métodos*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild; Brasília: CAPES, 2008, p. 186.

²⁵⁸ INGLESE. Op. cit., p. 65-67.

²⁵⁹ Tradução livre: “*la fermezza nella difesa dell’autonomia cittadina, una residua fama di indipendenza dalle fazioni, la capacità oratoria*”. Ibid., p. 67.

entre os condenados ao exílio²⁶⁰.

O texto que condenava várias pessoas acusa-as de influenciarem as eleições seguintes de priores, e sobretudo de *baratteria* (corrupção). Essa última era muito comumente evocada e de significativa gravidade no contexto de Dante, acusando-se aqueles que ocuparam cargos públicos de terem se beneficiado financeiramente de modo ilícito²⁶¹. A pena imposta inicialmente era de uma multa de cinco mil florins a ser paga em um curto prazo de três dias e mais dois anos de desterro, em caso de não pagamento, os bens do condenado seriam confiscados ou mesmo destruídos. Além disso, outra implicação seria a proibição permanente de ocupar qualquer ofício público.

Dante recebe a notícia de sua condenação quando ainda estava em Roma. Assim, considerando a proximidade de Bonifácio tanto com os *Neri* quanto com o próprio Carlos de Valois, Dante passa a acusar o papa de estar envolvido com o episódio. A relação entre o pontífice e o embaixador nunca foi de muita proximidade, e o episódio supracitado da votação em Conselho sobre a prestação de auxílio de Florença à política expansionista papal deixa isso mais evidente. Ainda que a produção literária de Dante deste período não tenha muitos indícios disso – e na verdade, esse período de intensificação de atividades políticas coincide com uma drástica redução na produção literária do poeta, sobretudo a partir de 1298²⁶² – Dante era crítico deste exercício político por parte da máxima autoridade eclesiástica, como se evidencia em suas obras vindouras²⁶³. Certamente o exílio foi um marco crucial para todo o desenrolar da vida de Dante, sobretudo na produção de suas obras; um ponto que pode gerar interessantes reflexões e que suscitaria uma pesquisa a ser feita é justamente buscar compreender o quanto suas críticas ao seu contexto são provenientes desse episódio, e o quanto essas aspirações já germinavam no poeta desde sua juventude.

Pouco mais de um mês após a condenação, uma nova sentença é promulgada em 10 de março, condenando quinze pessoas, dentre as quais novamente Dante, por não haverem se apresentado para se justificar nem para cumprir a sentença inicial. A nova

²⁶⁰ PETROCCHI. Op. cit., p. 47.

²⁶¹ Id., *Dante e il suo tempo*. Torino: ERI – Edizioni Rai Radiotelevisione Italiana, 1963, p. 19-20.

²⁶² STERZI. Op. cit., p. 45.

²⁶³ Para além dos inúmeros episódios e menções disso na *Commedia*, podemos citar todo o Terceiro Livro do *De Monarchia*, no qual discorrendo sobre a dependência direta do Império a Deus, Dante critica as pretensões materialistas da Igreja, tendo como argumentação primária o princípio da intenção da Natureza: uma vez que Deus não quer nada que repugne à intenção da natureza, tudo aquilo que o faz vai contra a Natureza daquilo estabelecido por Deus; ao que se segue uma série de contra argumentações apresentadas aos defensores da hierocracia. Nenhuma dessas considerações, no entanto, sendo originárias da parte de Dante.

condenação é de exílio permanente, sob pena de morte na fogueira. Giorgio Inglese traz aqui um ponto de destaque para a indicação que dois pesquisadores desse período trazem²⁶⁴, de que é uma novidade essa condenação para casos de corrupção em ofício público. Em contraste com um dos episódios de banimento em Florença de 1268 em que simplesmente constava a nomenclatura de gibelino, nessa de 1302, não se toma os *Bianchi* como partido, mas descritos categoricamente como político corrupto, criminoso comunal e organizador de revoltas²⁶⁵.

A punição previa ainda a expulsão da esposa do condenado e dos filhos homens maiores de quatorze anos. No entanto, os registros sempre mencionam que Gemma e seus filhos permaneceram em Florença, inclusive no relato de Boccaccio, que alude a um dos motivos que podem ter contribuído para isso: “Ele ficou tranquilo com relação à mulher, pois sabia que ela era parente de um dos chefes do partido adversário”²⁶⁶; lembremo-nos que ela era da família dos Donati, relativamente próxima dos líderes Corso e Forese Donati. Além disso, o próprio Dante faz alusão à dor da separação de sua família em algumas passagens da *Commedia*²⁶⁷. Porém, a privação de retorno à sua cidade certamente é o elemento que mais se destaca:

Saído da Porta di Piazza no outubro de 1301, com o cargo de embaixador da Comuna, Dante nunca mais volta a pôr os pés em sua cidade. *Florença*, a pátria, nas páginas do Poeta, será doravante o “belo aprisco” da infância, a belíssima filha de Roma, mas também a “víbora que se volta contra o ventre de sua mãe” (*Ep.*, VII, 7) e a *planta* de Satanás (*Par.*, IX, 127), em um jogo de contrastes que nenhuma fórmula crítica útil – diacrônica ou dialética – conseguirá jamais racionalizar totalmente. O cidadão “comum”, o herdeiro dos guelfos que se opôs, em nome da liberdade florentina, ao “príncipe dos novos fariseus” (*Inf.*, XXVII, 85) e à fúria de Corso Donati, foi obrigado pela situação a tornar-se parte daqueles *Bianchi* e velhos gibelinos²⁶⁸.

Tão logo soube, Dante partiu de Roma, e no entremeio às condenações, no mês de fevereiro participou de um agrupamento de indivíduos expulsos no castelo de Gargonza em Arezzo, no qual organizou-se um ataque para retornarem a Florença, que,

²⁶⁴ Maurizio Campanelli e Giuliano Milani, citando diretamente o primeiro, em seu *Le sentenze contro i Bianchi fiorentini del 1302*, 2006.

²⁶⁵ INGLESE. Op. cit., p. 70-71.

²⁶⁶ BOCCACCIO, Giovanni. *Tratatello em Louvor de Dante* In: AUBERT. Op. cit., p. 138.

²⁶⁷ *Inf.*, XXVI, 94-96; *Par.*, XVII, 55-56.

²⁶⁸ Tradução livre: “Uscito dalla Porta di Piazza nell’ottobre del 1301, col rango di ambasciatore del Comune, Dante non rimise mai più piede nella sua città. Firenze, la patria, nelle pagine del Poeta sarà d’ora innanzi il “bell’ovile” della fanciulleza, la bellissima figlia di Roma, ma anche la “vipera versa in viscera genitricis” (*Ep.* VII 7) e la pianta di Satana (Pd 9.127), in un gioco di contrasti che nessuna pur utile formula critica – diacronica o dialetica – riuscirà mai a razionalizzare del tutto. Il cittadino “comune”, il rampollo di guelfi che si era opposto, in nome della libertà fiorentina, al “principe d’i nuovi farisei” (If 27.85) e alla furia di Corso Donati, fu costretto dalle cose a farsi uomo di parte, insieme coi Bianchi e con vecchi ghibellini”. INGLESE. Op. cit., p. 72.

além de contar com apoio de aretinos, teve ainda a participação de muitas pessoas de Bolonha e de Pistoia. Essa aliança dos *Bianchi* com gibelinos, denominada *Universitas partis Alborum de Florentia*, aprofundou o distanciamento entre as facções guelfas. As constantes investidas que surtiram certo efeito no início começam a declinar a partir de setembro, com as seguidas derrotas que essa liga sofre e perda de alguns de seus líderes. A partir de meados de 1303, um importante documento não possui a assinatura de Dante, convergindo com a hipótese de que nesse período o poeta viaja para Verona, desfrutando de sua primeira estadia na corte dos Scaligero²⁶⁹. Além disso, o próprio Dante faz uma menção a isso no verso pseudo profético da *Commedia*, ao referir-se à corte dos Scaligero como seu *primeiro refúgio*, ou seja, o primeiro lugar em que Dante se refugia e se estabelece de modo fixo após o exílio:

70 Teu primo asilo e tua prima pousada
terás de cortesia do grão lombardo
que sobre a escada porta a ave sagrada;²⁷⁰.

70 *Lo primo tuo refugio, il primo ostello
sarà la cortesia del gran Lombardo
che 'n su la scala porta il santo uccello;*.

A pseudo profecia é posta na boca da alma beata de seu trisavô Cacciaguیدا. Conjectura-se que ele tenha permanecido lá por cerca de um ano, até o período próximo a morte do então *segno* de Verona, Bartolomeo della Scala, em 7 de março de 1304, retornando então para a Toscana²⁷¹.

Com a morte de Bonifácio VIII em 11 de outubro de 1303 – reverberada na condenação que Dante faz do papa à Vala dos Simoníacos no *Inferno*²⁷² – sucedeu-o o Papa Benedito XI, que prossegue na tentativa de pacificação da Toscana, enviando um cardeal, Niccolò da Prato, para tentar acalmar as tensões na região. A *Universitas* chega

²⁶⁹ Os Scaligero foram uma família que governou Verona desde 1277, sob Alberto della Scala, morto em 1301, sendo então sucedido respectivamente por seus filhos Bartolomeo, Alboino e Cangrande, este último, abrigando Dante posteriormente em fins da década de 1310.

²⁷⁰ *Par.*, XVII, 70-72. ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia – Paraíso*. São Paulo: Editora34, 2017c, p.123.

²⁷¹ PETROCCHI. Op. cit., 1997, p. 53.

²⁷² O rancor de Dante contra Bonifácio é tão grande que o poeta dá um jeito de metê-lo no Inferno mesmo antes de sua morte. Lembremos que a viagem fictícia da *Commedia* se passa em 1300, portanto o poeta não poderia encontrá-lo lá; assim, quando passando pela Terceira Vala do Oitavo Círculo, onde padecem os fraudulentos simoníacos, o poeta põe na voz de um condenado – que se revela depois ser o papa Nicolau III – uma ideia enganosa: uma vez que os simoníacos são condenados a ficar enterrados de ponta cabeça em um buraco no chão com as plantas dos pés em chamas, portanto, sem poder ver o que se passa em seu recinto, Nicolau pergunta ao ouvir a voz do peregrino Dante: “Aí estás direito no teu porte,/ direito no teu porte, ó Bonifácio?! Em anos, pois, mentiu na escrita a sorte”, indicando que Bonifácio viera mais cedo do que a clarividência do condenado previu. *Inf.*, XIX, 52-54. ALIGHIERI. Op. cit., 2010, p. 248.

a dialogar com o pacificador, tendo inclusive o próprio Dante redigido a carta em que se manifesta a intenção de uma trégua²⁷³. O cardeal permanece em Florença de março até junho, quando deixa a cidade após o malogro de sua missão, e no mês seguinte o papa morre. A relação entre os *Neri* que governavam Florença e a aliança da *Universitas* continua esboçando algumas reações nesse período de se amenizar, mas acaba que pouco depois os ânimos se afloram ainda mais e novos conflitos armados se anunciam. Ao longo de todo esse período, Dante se encontrava em Arezzo com outros chefes da Liga, discutindo seus andamentos. Os *Bianchi* e gibelinos organizam um novo ataque a Florença, o qual Dante vinha assiduamente se opondo, resultando na Batalha de Lastra, uma derrota desastrosa para a Liga. No entanto, antes mesmo da referida batalha, o poeta rompe com a *Universitas* em decorrência dessas divergências, abandonando assim esses esforços militares que tão poucos resultados vinham surtindo, passando a conhecer definitivamente o quanto pesa *a arte do desterro*²⁷⁴.

2.3 *Tu proverai sí come sa di sale lo pane altrui: Dante no exílio*²⁷⁵

Tem-se início então as peregrinações de Dante por diversas cortes da Itália, variando entre estadias breves e longas. Não retorna a Verona, uma vez que o novo *segno*, Alboino della Scala, não lhe tem em muitas graças, e reciprocamente, por quem o poeta também não guarda muito apreço²⁷⁶. Segue-se uma estadia prolongada em Treviso, onde é provável que tenha se relacionado com o *segno* dessa cidade, o “bom Gherardo” da família Camino, importante líder guelfo, louvado por Dante apesar de sua proximidade com os Donati de Florença²⁷⁷. Permanece aí entre o verão de 1304, portanto pouco depois do rompimento com a *Universitas*, até metade de 1306, não isoladamente nesta cidade, mas circulando por cidades próximas da Marca Trevisana, isto é, os arredores da comuna, passando por cidades importantes inclusive, como Veneza e Pádua²⁷⁸.

²⁷³ Sendo essa uma das missivas preservadas, a Epístola I.

²⁷⁴ *Inf.*, X, 79-81.

²⁷⁵ *Par.*, XVII, 58-59. “Tu provarás como tem gosto a sal/ o pão alheio”, palavras de Cacciaguida a Dante no Paraíso que aludem à profecia do exílio do poeta. ALIGHIERI. Op. cit., 2017c, p. 123.

²⁷⁶ *Conv.*, IV, xvi, 06.

²⁷⁷ *Conv.*, IV, xiv, 12-13; *Purg.*, XVI, 124-140. RIEDMANN, Josef. *CAMINO, Gherardo da*. In: *Dizionario Biografico degli Italiani*, v.17, 1974. Disponível em: <https://www.treccani.it/enciclopedia/gherardo-da-camino_%28Dizionario-Biografico%29/>. Acesso em: 02 ago. 2021.

²⁷⁸ Sobre a passagem de Dante por Pádua neste período, há uma referência nos comentários à *Commedia* feito por Benvenuto de Ímola sobre a passagem em que Dante louva seu contemporâneo Giotto di Bondone (*Purg.*, XI, 94-96), narrando um suposto encontro entre o poeta e o pintor, quando este último

A partir desse momento, após a expulsão de sua cidade, o malogro das tentativas militares de retorno e o fracasso interno da *Universitas*, Dante se põe a refletir sobre a condição política italiana com um olhar mais desapontado, e este parece ser o momento em que começam a se formar de modo mais concreto suas ideias e teorias políticas que culminam na defesa de sua tese do Império Universal²⁷⁹. Além disso, suas próprias ações em seu contexto parecem mudar de direção de forma significativa:

[...] excluído do ofício das armas, inacessíveis por razões diversas a carreira podestadal ou a docência universitária, resta ao Poeta oferecer-se como profissional liberal de *dictamen*²⁸⁰ – com funções político-diplomáticas anexas – apenas às entidades que quisessem e pudessem se beneficiar de tal serviço: as cortes senhoriais de pequeno-médio porte da Itália Padana [do Vale do Pó] e Apenina [dos Alpes]²⁸¹.

Certamente Dante não abdicou de seu desejo de voltar à Florença, apenas houve uma mudança de rumo a seguir. Sua esperança passa a se basear então no prestígio filosófico-poético, e é justamente este o momento em que Dante começa a se dedicar às suas obras que lhe concederam ainda mais prestígio: neste primeiro momento, destacando-se o *De Vulgari Eloquentia* e o *Convivio*²⁸². O primeiro, como o próprio nome induz (*Sobre a eloquência em vulgar*) é um tratado linguístico no qual Dante, aproveitando-se do momento em que viajava pela península itálica, busca escrever um texto sobre a relevância que as línguas vernáculas, denominadas *vulgares*, ocupavam e a potencialidade que elas tinham para a produção literária e intelectual. Além das diversas rimas, sonetos e canções escritas por Dante, vale lembrar que a

estava em Pádua pintando os afrescos da já referida Capela Scrovegni, encontro que, todavia, não possui nenhuma confirmação além da menção de Benvenuto. Cf.: AUBERT. Op. cit., p. 225-226.

²⁷⁹ Essa teoria é exposta no *De Monarchia* e tem como cerne a proposta de um *Monarcha Totius Mundi*, um único príncipe que, aos moldes do Imperador Augusto, no auge do Império Romano, governaria toda cristandade sob um Mandato Divino, propiciando Justiça e Paz.

²⁸⁰ A *ars dictaminis* foi um sistema retórico que se desenvolveu no século XI que subordinava essa arte do *trivium* à função epistolar: “Ela nasce da necessidade das praxes administrativas e destina-se, em primeira linha, a oferecer modelos para a composição de cartas e documentos [...], o que significa, ao mesmo tempo, adaptação às necessidades contemporâneas e consciente distanciamento do sistema de educação tradicional”. CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura européia e Idade Média latina*. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979, p. 78-79.

²⁸¹ Tradução livre: “[...] *escluso il mestiere delle armi, inaccessibili per ragioni diverse la carriera podestarile o la docenza universitaria, rimane al Poeta di proporre come libero professionista del dictamen – con le annesso funzioni politico-diplomatiche – ai soli enti che di tale servizio volessero e potessero giovare: le corti signorili medio-piccole dell’Italia padana e appenninica*”. INGLESE. Op. cit., p. 82.

²⁸² Limitamo-nos aqui a expor tais obras de modo sucinto a fim de não nos estendermos em uma longa digressão. Para maiores aprofundamentos, indicamos às leitoras e leitores as seguintes pesquisas acadêmicas que podem fornecer uma visão mais aprofundada destas obras, ambas disponíveis no Banco de Teses da Universidade de São Paulo: a já citada tese de Emanuel França de Brito, *O nobre poeta por si mesmo: Dante e o Convivio*. Tese (Doutorado em Literatura Italiana), 2015; e: BARTOLINI SALIMBENI, Cosimo. *Uma leitura do “De Vulgari Eloquentia” de Dante Alighieri*. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Italiana), 2009.

própria *Vita Nova* também foi concebida em vulgar.

Note-se, no entanto, que não se trata da construção de uma língua moderna unitária e estável tal como aquelas que se desenvolveriam na Europa nos séculos subsequentes quando da formação dos Estados Nacionais. Esse vulgar de que Dante discute existe em dupla tensão: primeiramente, sendo ele fluido, natural e mutável, se opõe ao latim, a *língua gramática*, artificial e fixa, criada “para estabelecer uma língua inalterável e sempre idêntica, mesmo em épocas e lugares diferentes”²⁸³. Em segundo lugar, esse vulgar tensiona-se ainda entre o *vulgar ilustre* e os *vulgares municipais*: “Não se trata de duas línguas, mas de uma tensão e uma divergência que desloca os vulgares municipais para além de si mesmos em direção a uma unidade potencial que está presente em sua falta”²⁸⁴. Essa unidade, o *vulgar ilustre*, é definido por Dante como uma matriz linguística, “aquele vernáculo que pertence a todas as cidades italianas, sem mostrar-se característico de alguma destas, e com base no qual todos os vernáculos municipais são medidos, pesados e comparados”²⁸⁵:

[...] no *De Vulgari Eloquentia*, anda, como deve ser, o curso linear e coerente da lírica áulica, dos trovadores provençais e franceses aos sicilianos até os *stilnovistas*; e o conceito da língua ilustre, supra regional, não é apenas uma exigência ideal, uma proposta abstrata, é sobretudo a consciência de uma realidade em ato, de um estilo que se realiza nas refinadas pesquisas de um grupo de poetas dotados de consciência crítica e que, tendo já adquirido a capacidade expansiva, propõem-se como modelo às formas mais altas da cultura literária de todo país²⁸⁶.

A obra é escrita em latim, justamente por se endereçar aos doutos, num apelo para o reconhecimento da língua vulgar. Essa obra é um marco excepcional de visão progressista em Dante, um indivíduo que era, na maioria das vezes dotado de acepções muito conservadoras e, poderíamos dizer, por vezes mesmo retrógradas. O *De Vulgari Eloquentia* e sua matéria, ou seja, a língua vernácula, são uma das grandes inovações que Dante traz. Ele não foi o pioneiro a tratar de tal questão, mas certamente contribuiu para essa discussão e para o que viria a ser a língua italiana posteriormente. Essa obra,

²⁸³ DVE, I, ix, 11. ALIGHIERI. Op. cit., 2011, p. 13.

²⁸⁴ AGAMBEN, Giorgio. Seminario su bilinguismo e poesia. Quodlibet: *Giardino di Studi Filosofici*, 2019b. Disponível em: <<https://www.quodlibet.it/toc/540>>. Tradução gentilmente cedida pelo professor Vinicius Nicastro Honesko (UFPR), a quem manifestamos aqui nosso agradecimento.

²⁸⁵ DVE, I, xvi, 6. ALIGHIERI. Op. cit., 2011, p. 23.

²⁸⁶ Tradução livre: “[...] nel *De vulgari eloquentia*, sta, come è giusto, il corso lineare e coerente della lirica aulica, dai trovatori provenzali e fancesi ai siciliani, agli *stilnovisti*; e il concetto della lingua illustre, sopraregionale, non è soltanto un’esigenza ideale, una proposta astratta, è piuttosto la consapevolezza di una realtà in atto, di uno stile che si realizza nelle raffinate ricerche di un gruppo di poeti dotati di coscienza critica e che ha ormai attinto capacità espansive, fino a proporsi come modello alle forme più alte della civiltà letteraria in tutto il paese”. SAPEGNO. Op. cit., 1963, p. 24-25.

todavia, ficou inconclusa, “terminando” de modo abrupto, diga-se de passagem; concebida em dois livros, ela se encerra no meio de uma frase, uma questão curiosa a ser levada em conta. Infelizmente, como todas as demais obras de Dante, não dispomos do texto autógrafo, mas os registros que nos chegam, dentre as três versões mais antigas existentes não divergem neste ponto, o que nos leva a concluir que ela fora de fato abandonada²⁸⁷.

A outra obra mencionada acima, o *Convivio*, é uma obra filosófica escrita em vernáculo, também inconclusa. Proposto para ser elaborado em quinze tratados (um com função de preâmbulo e outros quatorze com conteúdo específico), o *Convivio* constrói de modo similar a *Vita Nova* discussões e argumentações sobre canções do próprio Dante, arraigadas destas novas perspectivas que o poeta vinha reformulando em decorrência dos episódios por que passou nos últimos anos:

Com o *Convivio*, é possível ver em Dante um forte propósito de buscar a precisão de sentidos em relação à sua poesia, oferecendo de quebra – ao amplo público não especializado ao qual estava destinado – toda uma formação filosófica baseada nas autoridades gregas, latinas, árabes e escolásticas, além de suas próprias considerações sobre temas controversos. Por ter sido escrito nos primeiros anos do exílio, momento de destacado crescimento pessoal, os quatro tratados da obra manifestam o primeiro passo de um projeto de reforma ético-política²⁸⁸.

Obra imprescindível para a compreensão do pensamento de Dante, o *Convivio* nos será muito útil por três fatores. Primeiramente a própria discussão que ele aborda nos traz muitas referências que se conectarão à *Commedia*, propiciando a interpretação do poema através de trechos de pura filosofia escrito por Dante. Em segundo, paralelamente à *Vita Nova*, o recurso de comentar a própria obra como um ensaio de autoanálise, o já referido *prosímetro*, auxilia também a leitura da *Commedia*, seguindo os passos do que o próprio Dante nos fornece, ou seja, as chaves de leitura oferecidas ao leitor, como menciona Umberto Eco²⁸⁹. E em terceiro momento, conforme ressaltado na Introdução desta pesquisa, o *Convivio* assim como o *De Vulgari Eloquentia*, são obras que Dante produz com o intuito de aproximar-se daqueles que não faziam parte dos círculos intelectuais das universidades e dos *studia*. O *De Vulgari* opera como uma defesa teórica, destinada aos doutos, o *Convivio*, pelo contrário, é ele próprio destinado ao *popolo* em geral. Conforme Dante traz no início da obra:

²⁸⁷ BARTOLINI SALIMBENI. Op. cit., p. 10-11.

²⁸⁸ BRITO. Op. cit., 2015, p. 25.

²⁸⁹ ECO. Op. cit., p. 66.

Assim como diz o Filósofo no início da Primeira Filosofia, todos os homens por natureza desejam saber. A razão de que assim seja pode ser, e é, porque todas as coisas movidas pela providência da primeira natureza tendem à sua própria perfeição; desse modo, uma vez que a ciência é a última perfeição da nossa alma, na qual está a nossa última felicidade, estamos todos sujeitos, por natureza, a desejá-la²⁹⁰.

O Filósofo mencionado é Aristóteles, assim chamado como o costume mesmo da tradição escolástica, e a *Primeira Filosofia* refere-se à *Metafísica*. Logo, considerando que a ciência (equivalente aqui a *conhecimento*, considerada um dom do Espírito Santo) é a perfeição última de nossa alma, naturalmente estamos inclinados a buscá-la. Por infortúnio, muitas pessoas são privadas desta felicidade, sendo poucos os agraciados a consumirem o *pão dos anjos*. Assim, Dante se põe como um intermediário, não compartilhando assento a esse banquete, mas recolhendo o que cai no chão aos pés daqueles que se sentam à mesa. Desse modo, reunindo essa *comida* com um pão preparado pelo poeta, ele faz o seu próprio *Banquete*, do qual deriva o nome da obra, sendo *Convivio* um latinismo de *Convivium*, entendido literalmente como o ato de conviver, mas também de modo específico à interação de pessoas em um banquete. A comida apresentada são as canções, e o pão, serão os comentários, sem o qual a refeição seria indigesta²⁹¹. A linguagem metafórica remete a várias figuras de linguagem distintas, baseadas em textos de Aristóteles, Tomás de Aquino, Boécio, Virgílio e da Bíblia, primordialmente. Sobre essa mediação operada alegoricamente neste primeiro tratado do *Convivio*, evocaremos no capítulo seguinte (3.2) algumas das reflexões propostas no início desta pesquisa quanto a aproximação, ou a falta dela, entre indivíduos que gozam de certo prestígio intelectual que circulam nos ambientes universitários, e a vasta população externa à academia.

Retomando o percurso das peregrinações cortesias de Dante, temos no ano de 1306, registros de atividades político-diplomáticas do poeta na outra costa da península itálica, na região da Lunigiana²⁹². Dois documentos datados de 6 de outubro atestam a participação de Dante em serviço aos Malaspina, nobre família da comuna de Sarzana: trata-se de um acordo de paz entre essa família, e a cúria de Luni, pequena comuna a sudeste de Sarzana, também na Lunigiana. O primeiro documento é a atribuição a

²⁹⁰ *Conv.*, I, i, 01. ALIGHIERI. Op. cit., 2019, p. 107.

²⁹¹ *Conv.*, I, i, Ibid., p. 107-110. Para algumas considerações acerca do recurso às metáforas alimentares, sobretudo no que toca à literatura cristã, cf.: CURTIUS. Op. cit., p. 140-142.

²⁹² Região natural-histórica correspondente à bacia de Magra, região em que hoje congrega a tríplex fronteira entre Toscana, Ligúria e Emília-Romanha. MORI, Attilio; FORIMENTINI, Ubaldo. *LUNIGIANA*. In: *Enciclopedia Italiana*, 1934. Disponível em: <https://www.treccani.it/enciclopedia/lunigiana_%28Enciclopedia-Italiana%29/>. Acesso em: 02 ago. 2021.

Dante de *plenos poderes* para a conclusão da trégua; o segundo documento, do mesmo dia, registra o acordo bem-sucedido. Estima-se que o poeta tenha prestado serviços à família dos Malaspina por cerca de dois anos, não restrito apenas à cidade principal, tal como no período em que esteve no Vêneto. Há aqui uma informação sobre uma passagem por Lucca, na Toscana, em serviço dos Malaspina, por onde conjectura-se que Dante tenha transitado neste período (Lucca, assim como Sarzana eram próximas da costa do Mar da Ligúria, por onde haviam intensos canais de tráfego e rotas comerciais); neste episódio Dante faz parte de uma transação comercial entre florentinos e luccheses, em outubro de 1308, episódio que por si só não teria tanta relevância, mas no qual consta o nome de um florentino que pode ser identificado com o filho mais velho de Dante, Giovanni, de quem não se tem mais informações documentais depois de 1311.

Em meio a essa relação clientelar, Dante passou a colher uma verdadeira amizade com um dos importantes membros dessa família, Moroello Malaspina, ele que era muito próximo dos *Neri* que controlavam ainda Florença. Vemos aqui uma tentativa de reaproximação de Dante com os florentinos, sendo inclusive neste momento em que o poeta redige a epístola supracitada *Popule mee*²⁹³.

Esse período, excepcionalmente bem documentado, nos fornece traços da habilidade diplomática de Dante e informações precisas sobre as diversas atividades exercidas pelo poeta no exílio. Em conjunto a isso temos uma das epístolas escritas por Dante que foram preservadas, a Epístola IV, considerada (com alguma dúvida) destinada ao marquês Moroello, e ainda uma passagem da própria *Commedia*²⁹⁴, em que Dante encontra no Purgatório a alma de Corrado Malaspina, também marquês daquela família, morto em 1294, que informa a Dante sobre a hospitalidade que ele iria experimentar com seus familiares. Conforme ressalta Inglese, a homenagem cedida aos Malaspina na *Commedia* pode ser comparada àquela cedida aos Scaligero (sobretudo à Cangrande), o que expõe em muitos casos que as alusões presentes no poema, sejam de acontecimentos sejam de personagens contemporâneos, não são exclusivamente dadas pelas acepções éticas e ideológicas de Dante, mas também por uma conduta clientelar²⁹⁵. Considerar unicamente o viés ético e filosófico de Dante na concepção de suas obras seria omitir parte significativa de sua própria historicidade.

²⁹³ INGLESE. Op. cit., p. 89-90.

²⁹⁴ *Purg.*, VIII, 118-139.

²⁹⁵ INGLESE. Op. cit., p. 90-91.

Ao longo de suas obras, e aqui especificando o caso da *Commedia*, podemos observar particularidades muito “humanas”, terrenas propriamente ditas. É fato que o teor moralista e religioso é marcante, e não o negamos; todavia, parte de nossa problematização visa justamente trazer essa carnalidade do texto (e da vida) de Dante. Implicações sociais são muito frequentes em suas asserções: quando Dante encontra o papa Nicolau III na Vala dos Simoníacos no Inferno e articula uma forma de condenar juntamente os dois pontífices subsequentes (Bonifácio VIII e Clemente V)²⁹⁶, ou quando ele ataca os imperadores Rodolfo I (1273-1291) e Alberto de Habsburgo (1298-1308) por não se ocuparem de cuidar da Itália²⁹⁷, ele tem em vista os problemas de seu contexto, e critica abertamente sujeitos que em seu julgamento eram responsáveis pelas mazelas de seu período. As intervenções políticas do papado nas comunas de um lado, o vácuo da autoridade imperial de outro, eram combustíveis que fermentavam os conflitos nas cidades italianas:

82 e agora em ti não andam sem ter guerra
os teus viventes e um e outro se morda
que o mesmo muro e o mesmo fosso encerra²⁹⁸.

*82 e ora in te non stanno senza guerra
li vivi tuoi, e l'un l'altro si rode
di quei ch'un muro ed una fossa serra.*

Dante via que os incessantes conflitos ocorridos nas comunas, entre cidades ou mesmo no interior de seus próprios muros (alusão aqui à própria Florença), tinham causas interiores e exteriores. A condenação no Inferno ou a glorificação no Paraíso não se encerram em si, mas servem como um crivo, para julgar as ações daqueles contemporâneos seus. Mas por trás da infalível Justiça Divina da *Commedia*, há o punho de Dante que escreve as sentenças; e esse nada tem de infalível, nem escapa da parcialidade inerente à vida humana.

Voltando ao percurso do poeta neste período de atividades clientelares nas cortes italianas, período em que sua produção literária volta a florescer, temos a seguinte especulação do momento de produção do *De Vulgari Eloquentia* e do *Convivio*: conjectura-se que o primeiro tenha sido concebido num curto prazo de tempo, talvez apenas na segunda metade de 1304, enquanto o segundo, iniciado conjuntamente, deve ter sido trabalhado até cerca de 1308. Neste momento, o poeta passa a se ocupar de

²⁹⁶ *Inf.*, XIX, 52-84.

²⁹⁷ *Purg.*, VI, 97-102.

²⁹⁸ *Purg.*, VI, 82-84. ALIGHIERI. Op. cit., 2005, p. 357.

um novo trabalho, que tem ligação muito próxima ao *Convivio*, e que o sucederá, de modo singularmente bem-sucedido: a *Commedia*.

Pode-se compreender que a interrupção do *Convivio* tenha sido não meramente seguida à escrita da *Commedia*, mas mesmo causada por ela²⁹⁹. Em certa medida, a *Commedia* é a realização concreta da teoria exposta no *De Vulgari Eloquentia* como bem salientou Auerbach³⁰⁰, mas mais do que isso, ela é ainda uma transformação da proposta que Dante traz no *Convivio*, de oferecer uma obra de teor enciclopédico em língua vulgar, sem, no entanto, precisar preparar separadamente o pão para uma melhor digestão. Enquanto essa, assim como a *Vita Nova*, apresenta um método interpretativo próprio através do prosímetro, portanto sendo composta simultaneamente de estilos literários diferentes (poesia e comentário em prosa), a *Commedia* fornece seu próprio *modus operandi*, “seu método de leitura de forma indireta, através da rede de relações didáticas que, combinado com outros elementos do texto, ensinam ao leitor como ler adequadamente”³⁰¹. Apresentamos aqui uma hipótese de um possível motivo para essa transição. No *Convivio*, Dante justifica sua obra afirmando:

Move-me o temor da infâmia, e move-me o desejo de dar um ensinamento, o que outros realmente não podem dar. Temo a infâmia de ter seguido tanta paixão, como pode imaginar quem lê as mencionadas canções, sendo eu por ela dominado; infâmia que se afasta inteiramente ao tratar aqui de mim, mostrando que não paixão, mas virtude foi a causa que me moveu. *Tenho a intenção de mostrar também o seu verdadeiro significado, podendo alguém não o ver se eu não o revelo, pois está escondido sob a figura da alegoria*; isso não apenas proporcionará um bom deleite aos ouvidos, mas um sutil ensinamento para que assim se fale e para que assim se interpretem textos de outros³⁰².

O *Convivio*, portanto, fora elaborado para explicar as canções que não haviam sido compreendidas. Porém, a *Vita Nova* que emprega a mesma técnica, já havia se deparado com o mesmo problema. Quando do sonho erótico que levou Dante a escrever o primeiro soneto comentado, e que foi respondido por muitos versejadores, o poeta diz na prosa do seu *libelo*: “Por certo que o verdadeiro sentido do sonho referido não foi entendido por ninguém, sendo agora claríssimo para os mais simples”³⁰³. Assim, sugerimos aqui que Dante considerou que necessitava de outro método para clarificar

²⁹⁹ INGLESE. Op. cit., p. 98.

³⁰⁰ AUERBACH. Op. cit., 1970, p. 136.

³⁰¹ Tradução livre: “*il suo metodo di lettura in modo indiretto attraverso la rete di rapporti didattici che, insieme ad altri elementi del testo, insegnano al lettore a leggere debitamente*”. GUÉRIOS. Op. cit., p. 157.

³⁰² *Conv.*, I, ii, 15-17. ALIGHIERI. Op. cit., 2019, p. 112, grifo nosso.

³⁰³ *VN*, III, 15. ALIGHIERI. Op. cit., 1993, p. 12.

sua poesia e cumprir suas intenções, e por isso desenvolveu a *Commedia* com um estilo singular, empregando técnicas e meios de dialogar e mesmo conduzir seu *leitor-modelo*, isto é, “uma espécie de tipo ideal que o texto não só prevê como colaborador, mas ainda procura criar”³⁰⁴.

Para usar a linguagem metafórica do *Convivio*, a *Commedia* congrega assim o alimento recolhido da mesa dos sábios e o pão preparado por Dante, num único alimento servido em seu Banquete, que se apresenta através do conhecimento da Verdade, em seu sentido teológico cristão. A apresentação dessa refeição se assemelha à tradição dos *exempla* escolásticos, no qual Dante oferece a si mesmo como o peregrino a realizar sua purificação, assimilando sua proposta de reencaminhamento da humanidade à sua reta via³⁰⁵, com o seu processo pessoal de busca da beatitude. E aqui a *Commedia* se conecta com a *Vita Nova*, através de um vetor compartilhado por ambas: sua “bem-aventurada Beatriz, que gloriosamente olha no rosto Aquele *qui est per omnia secula benedictus*”³⁰⁶.

³⁰⁴ ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 15.

³⁰⁵ *Inf.*, I, 03.

³⁰⁶ *VN*, XLII, 3. ALIGHIERI. Op. cit., 1993, p. 93. “Que bendito é para todo o sempre”, isto é, Deus.

3. A *COMMEDIA* COMO TERCEIRO TESTAMENTO

Como já abordado em vias iniciais deste trabalho, a *Commedia* é um poema de larga extensão, dividido em três partes denominadas *Cantiche* (Cânticos), narrando uma viagem fictícia que o próprio Dante teria realizado na Semana Santa de 1300 ao Além, viajando pelo Inferno, Purgatório e Paraíso. Ele é guiado ao longo das duas primeiras partes do poema pela alma do poeta Virgílio, a quem se reúne em fins do *Purgatorio* outro poeta, Estácio, que acabara de completar sua purgação, sendo assim guiado por ambas as almas. No topo do Purgatório, chegando ao Paraíso Terrestre, Dante passa a ser conduzida por Matelda, uma donzela que o guia brevemente preparando-o para a chegada de Beatriz, que o conduzirá a partir de então, ascendendo ao Paraíso propriamente dito; ao final, Dante terá como último guia São Bernardo que o conduz à Visão de Deus.

Cada cântico é dividido em trinta e três cantos, com o *Inferno* tendo um a mais que serve como preâmbulo completando um total de cem cantos. A estrutura do poema é a *terza rima*, esquema métrico visto pela primeira vez na obra de Dante, composto de estrofes de três versos nas quais o primeiro rima com o terceiro, e o segundo com o primeiro da estrofe seguinte³⁰⁷.

A obra é composta toda em vernáculo, um vernáculo misto, congregando dialetos italianos como toscano, emiliano, vêneto e lombardo, além de empregar latinismos e mesmo neologismos e adaptações de francês, alemão, grego e occitano. É, portanto, parte da própria discussão do *De Vulgari Eloquentia* aplicada, o uso do vernáculo em sua excelência como língua de alta poesia. Seu título, literalmente *Comédia*, se refere ao estilo literário da comédia, oposto ao da tragédia tanto pela linguagem – a tragédia é escrita de modo sublime enquanto a comédia tem um estilo linguístico mais simples – quanto pelo desenvolvimento da narrativa: a tragédia possui um início tranquilo e um fim amargo, enquanto a comédia tem o início árduo, mas acaba feliz, percurso demonstrado em sua obra, que se inicia pelo Inferno e termina no Paraíso³⁰⁸. Vale ressaltar aqui que o nome que se popularizou, *Divina Comédia*, foi

³⁰⁷ Explicada pelo esquema ABA BCB CDC etc. O canto se encerra sempre com um verso único rimado com o verso intermediário da estrofe precedente

³⁰⁸ *Ep.*, XIII, 10 §§28-32. Acerca das implicações sobre o título da obra em relação ao seu estilo literário, indicamos aqui o capítulo 1, *Comédia*, da obra de Giorgio Agamben: *Categorias italianas: estudos de poética e literatura*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014. Neste ensaio, o estudioso italiano problematiza essa relação sem negar a consciência dantesca em operar uma inversão categórica, uma vez que o próprio Dante apresenta a tragédia como estilo sublime ao invés da comédia: “A titulação cômica do poema implica assim, antes de tudo, uma ruptura e uma mudança com respeito ao passado e ao próprio

atribuído, como já se disse, por Boccaccio em seu *Trattatello*, no sentido da sua grandiosidade, e que se firmou no século XVI com a edição veneziana de 1555, agora com um sentido teológico que a matéria do poema trata³⁰⁹.

A jornada empregada possui duas dimensões simultâneas: ela é ao mesmo tempo uma peregrinação pessoal de Dante, e uma lição de cunho religioso-moral para seus leitores. Aqui é importante ressaltar também que existem três Dantes presentes na obra, um personagem, um narrador, e um autor. O *Dante personagem* é a figura central da obra, o pecador que faz sua peregrinação ao mundo dos mortos a fim de conhecer a condição das almas do Além, como lhe é dito por Virgílio:

112 Para teu bem os passos teus governo:
que tu me sigas, eu serei teu guia,
vou conduzir-te até lugar eterno

115 onde ouvirás os gritos de agonia,
verás velhos espíritos dolentes,
que esta segunda morte suplicia;

118 verás também os que se estão contentes
no fogo, porque esperam alcançar,
quando bem seja, as venturosas gentes.

121 Se quiseres a elas te juntar
segue alma digna, que mais te convém;
com ela vou deixar-te ao me apartar;³¹⁰

112 *Ond'io per lo tuo me' penso e discerno
che tu mi segui, e io sarò tua guida,
e trarrotti di qui per luogo eterno,*

115 *ove udirai le disperate strida,
vedrai li antichi spiriti dolenti,
che la seconda morte ciascun grida;*

118 *e vederai color che son contenti
nel foco, perché speran di venire
quando che sia alle beate genti.*

121 *Alle qua' poi se tu vorrai salire,
anima fia a ciò più di me degna:
con lei ti lascerò nel mio partire;*

O *Dante personagem* é o “tu”, interlocutor de Virgílio: o que será conduzido, o que deve ouvir, ver e aquele que terá uma escolha: “se quiseres”. Conforme nos diz Guérios, “O *Dante personagem* é uma ficção literária, é o personagem principal do

itinerário poético, uma verdadeira ‘reviravolta categórica’ que, como tal, não pode ter sido decidida sem uma motivação consciente e vital” (p. 18-19).

³⁰⁹ STERZI. Op. cit., p.14.

³¹⁰ *Inf.*, I, 112-123. ALIGHIERI. Op. cit., 2010, p. 52.

poema e é o único a estar envolvido na ação desde o início até o fim”³¹¹. É ele quem faz o percurso, observando o estado das almas, interagindo com elas, devendo estar atento às lições que são ensinadas por seu guia, e registrar em sua memória tudo o que viu. O *Dante narrador* é igualmente uma personagem literária, coincidindo com o Dante personagem com uma diferença: ele já realizou a peregrinação, é o Dante personagem do futuro que já sabe o que ocorre ao longo da viagem e que, retornando ao mundo mortal está anunciando aquilo que viu. Isso fica mais explícito a partir dos *apelos*, uma técnica inovadora empregada por Dante que, apesar de possuir alguns traços observáveis anteriormente, não possui correspondente no que tange à sua importância dentro da narrativa. Além disso, estilisticamente, se assemelha às apóstrofes da poesia épica antiga, mas essas raramente dirigiam-se ao leitor. Nessas passagens:

[...] Dante, interrompendo a narrativa, dirige-se ao leitor, instando-o a compartilhar as experiências e os sentimentos do poeta, a testemunhar algum evento milagroso, a notar alguma peculiaridade de conteúdo ou estilo, a intensificar sua atenção para o verdadeiro sentido, ou mesmo a interromper a leitura caso não esteja devidamente preparado para prosseguir. A maioria das passagens em questão é altamente dramática, manifestando, em relação ao leitor, ao mesmo tempo a intimidade de um irmão e a superioridade de um profeta doutrinador³¹².

Esse recurso, portanto, confere simultaneamente uma aproximação entre leitor, autor e texto; um reforço do pacto ficcional já que “ele reconhece abertamente a excepcionalidade de tais elementos e se declara tão espantado quanto o público”³¹³, além de conduzir sua interpretação de modo adequado, direcionando a atenção do interlocutor de seu texto:

61 Ó vós que tendes o intelecto são,
vede a doutrina que o velame esconde
destes versos estranhos que aqui vão!³¹⁴

61 *O voi ch'avete li 'ntelletti sani,
mirate la dottrina che s'asconde
sotto 'l velame delli versi strani.*

Na passagem supracitada, temos um exemplo explícito dessa estratégia textual, que funciona “não somente como recurso técnico, mas como expressão natural de seu

³¹¹ Tradução livre: “*Il Dante personaggio è una finzione letteraria, è il personaggio principale del poema ed è l'unico ad essere coinvolto nell'azione dall'inizio fino alla fine*”. GUÈRIOS. Op. cit., p. 14.

³¹² AUERBACH, Erich. *Os apelos ao leitor em Dante*. In: *Ensaio de literatura ocidental: filologia e crítica*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012, p. 111.

³¹³ Tradução livre: “*Egli riconosce apertamente l'eccezionalità di tali elementi e si dichiara tanto sbalordito quanto il pubblico, di modo che il patto finzionale ne risulta rafforzato*”. GUÈRIOS. Op. cit., p. 136.

³¹⁴ *Inf.*, IX, 61-63. ALIGHIERI. Op. cit, 2005, p. 97.

poder e autoridade”³¹⁵. Além disso, esse recurso metatextual por excelência *introduz* o leitor no texto, ou seja, adiciona um sujeito de existência real ao lado de duas entidades textuais (os Dantes narrador e personagem), cuja existência está circunscrita em um universo ficcional próprio³¹⁶.

Por fim, a última faceta de Dante presente na obra é a do *Dante autor*, a personagem histórica que, vagando em exílio pela Itália, escreveu a *Commedia*. Como é nosso intuito, não podemos esquecer o homem Dante que existiu realmente na história e que se mescla com sua personagem homônima, cuja assimilação faz com que realidade e ficção se entrelacem, através de:

[...] um personagem literário com o qual compartilha o nome e a biografia por ocultar os limites entre realidade e ficção e induzir o leitor a confundir autor e personagem. Ele o faz, por exemplo, através das constantes profecias de exílio. Dado que o personagem é uma entidade literária e não existe fora do texto da *Commedia*, não pode ser exilado. Quem pode ser exilado é a pessoa real, [...] que realmente foi depois da data da hipotética viagem. Deste modo, o leitor é frequentemente induzido a confundir os limites entre texto e mundo real e a trocar o autor pelo seu *alter ego*. Tudo faz parte de uma estratégia adotada para dar a entender que a viagem tenha realmente acontecido³¹⁷.

Esses recursos, ao darem um teor de autenticidade à obra, fornecem ainda ao Dante autor um verdadeiro poder de julgamento, pois aquilo que ele narra transfigura-se como verdade. Ele tem em sua pena a autoridade de condenar ou salvar qualquer um, independentemente de sua posição ou influência, e ele assim o faz, ora condenando ao Inferno papas e imperadores, ora salvando personagens fictícias que teriam vivido mil anos antes de Cristo.

No entanto, não podemos perder de vista a dimensão mais íntima do poema como peregrinação do próprio Dante. Isso pode nos levar à indagação das causas da viagem: afinal, por que o poeta foi ao Além? Ao pensarmos no tema dessas viagens escatológicas, tradicional desde a literatura apocalíptica judaico-cristã mas também presente em tradições não monoteístas, observamos a forte incidência desse gênero no imaginário social, com especial destaque após o século VIII com a *Visão de Drythelm*

³¹⁵ WANDERLEY. Op. cit., 1996, p. 18.

³¹⁶ GUÉRIOS. Op. cit., p. 117-118.

³¹⁷ Tradução livre: “[...] un personaggio letterario con il quale condivide il nome e la biografia per oscurare i limiti fra realtà e finzione e indurre il lettore a confondere autore e personaggio. Egli lo fa, per esempio, attraverso le costanti profezie di esilio. Dato che il personaggio è un'entità letteraria e non esiste fuori dal testo della *Commedia*, non può essere esiliato. Chi può essere esiliato è la persona reale, [...] che veramente lo è stato dopo la data dell'ipotetico viaggio. In questo modo, il lettore è spesso indotto a confondere i limiti fra testo e mondo reale e a scambiare l'autore per il suo alter ego. Tutto fa parte di una strategia adottata per fare finta che il viaggio sia veramente accaduto”. Ibid., p. 14.

do monge anglo-saxão Beda³¹⁸; além disso, igualmente na tradição islâmica encontramos o *Kitāb al-mi'rāj* (em latim: *Liber Scale Machometi*), os livros escatológicos que narravam a viagem ao Além empreendida pelo profeta Maomé, debatido inclusive como uma possível fonte da *Commedia* pelo já citado trabalho de Asín Palácios³¹⁹. Acreditamos assim que ao se inserir nesse *corpus*, Dante busca realizar uma autoproclamação de autoridade. As interpretações que utilizamos sobre seu poema demonstram como Dante constrói a *Commedia* com a pretensão de ser uma obra de cunho salvífico, um *Terceiro Testamento* por assim dizer. Isso se demonstra através de diversos elementos do próprio poema, que vão conferindo ao Dante personagem a autoridade para se proclamar como um eleito de Deus. Conseqüentemente, tendo em vista a intrínseca relação apresentada entre autor e suas criações literárias (criações que se pretendem ser ele próprio), observamos essa circularidade metatextual que justifica e legitima o poema através de seu próprio texto, e, portanto, também o seu autor. Como já exposto anteriormente, nossa intenção é observar essa dinâmica centrada não especificamente no texto, mas analisando o Dante autor nesse processo. Assim, para demonstrarmos nossa hipótese, convém partirmos de sua própria biografia, abordando seu percurso histórico quando da escrita do poema.

3.1 *Io sono stato legno sanza vela e sanza governo: a dupla peregrinação de Dante*³²⁰

Como abordado no capítulo precedente, a segunda metade da década inicial do *trecento* foi marcada por um amadurecimento por parte de Dante, e uma nova intensificação em sua produção literária. É difícil precisar a data de composição das obras, mas estima-se que o intervalo das interrupções, tanto do *Convivio* quanto do *De Vulgari Eloquentia*, tenha sido simultâneo à concepção da *Commedia*. O poeta já deveria vir elaborando as bases de seu poema paralelamente à escrita dos dois tratados. Por exemplo, o profundo conhecimento dos dialetos vênets abordados ao longo do *De Vulgari*, coincide com o período de estadia do poeta na Marca Trevisana entre 1304 e 1306; mas além disso, ao longo dos dois primeiros cânticos da *Commedia*, sobretudo no *Inferno*, é perceptível também observar a incidência de referências à região do Vêneto, em passagens que demonstram não apenas uma familiaridade por parte de Dante, mas

³¹⁸ Para maior aprofundamento sobre a recorrência dessas visões, Cf.: LE GOFF, Jacques. *O nascimento do purgatório*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. Capítulo 3: *A alta Idade Média: Estagnação doutrinal e avanço visionário*, p. 147-193.

³¹⁹ DE MARTINO. Op. cit.

³²⁰ *Conv.*, I, iii, 5. “Eu fui de fato um barco sem vela e sem governo”. ALIGHIERI. Op. cit., 2019, p. 113. Autodefesa de Dante no *Convivio* sobre sua má fama pós exílio e sobre sua condição de proscrito.

também a pressuposição dessa mesma familiaridade por parte de seu interlocutor, uma vez que o poeta utiliza essas referências como *símile* em muitos casos³²¹: “Se olha-se apenas para um desses elementos, isso pouco pode provar, mas todo o conjunto de memórias sugestivas têm um peso determinante para considerar possível a presença de Dante no Vêneto”³²².

Após sua estadia na Lunigiana, Dante parte então para a região do Casentino³²³, em algum momento incerto entre os anos de 1307 ou 1308. Ao contrário do período de serviços prestados aos Malaspina, esses anos finais da década são significativamente carentes de informações confiáveis, suplantando alguns episódios discutíveis, como a passagem de Dante pela Universidade de Paris. Mais uma vez, é Boccaccio um dos principais nomes por trás dessa informação. Segundo consta em seu *Trattatello*:

[...] depois que ele viu ser-lhe fechado de todos os modos o caminho de retorno e, dia a dia, mais vã se tornar sua esperança, abandonada não apenas a Toscana, mas toda a Itália, ultrapassou os montes que a dividem da província da Gália e dirigiu-se, como pôde, a Paris. E lá se entregou inteiramente ao estudo da filosofia e da teologia, relembrando ainda aquilo das outras ciências que talvez houvesse esquecido devido às outras solicitudes. E, despendendo o seu tempo diligentemente nisso, ocorreu que, inesperadamente, Henrique, Conde de Luxemburgo, de acordo com a vontade e o mandado do Papa Clemente V, que então ocupava o trono pontifical, foi eleito rei dos romanos e logo coroado imperador. Ouvindo que ele partia da Alemanha para subjugar a Itália, parcialmente rebelde à sua majestade, e que já havia estabelecido um cerco a Brescia, Dante julgou que ele, por muitas razões, deveria ser vitorioso e criou esperança de, com a sua força e a sua justiça, poder voltar a Florença, ainda que ouvisse que a cidade era contrária a ele³²⁴.

Se Dante de fato passou por Paris, só podemos “tomar nota da tradição, sem poder confirmar, nem refutar”³²⁵. No entanto, o registro de Boccaccio, especificamente

³²¹ Por exemplo, a *ruína do Adige*, causada por um terremoto no século XI (*Inf.*, XII, 04-6), o *arsenal veneziano* (*Inf.*, XXI, 7-18), o *doce plano* de Vercelli e Marcabó (*Inf.*, XXVIII, 74-75), os *diques paduanos* no rio Brenta (*Inf.*, XV, 7-9), o *pálio verde* de Verona (*Inf.*, XV, 121-124), etc. Cf.: MARCHIORO, Franco. *Il Veneto nella Commedia di Dante*. Monselice: CRDSL – Battaglia Terme, 2017, p. 15-27. Disponível em: <<https://battagliatermestoria.altervista.org/veneto-e-inferno-di-dante-1/>>. Acesso em: 02 ago. 2021.

³²² Tradução livre: “*Se si guardi ad uno solo di questi elementi, poco esso potrebbe provare, ma l'intera messe di suggestivi ricordi ha in complesso un peso determinante per ritenere possibile la presenza di Dante nel Veneto*”. PETROCCHI. Op. cit., 1997, p. 55.

³²³ Região histórico-natural da Toscana, ao norte de Arezzo e leste de Florença. MORI, Attilio. *CASENTINO*. In: *Enciclopedia Italiana*, 1931. Disponível em: <https://www.treccani.it/enciclopedia/casentino_%28Enciclopedia-Italiana%29/>. Acesso em: 02 ago. 2021.

³²⁴ BOCCACCIO. Op. cit., p. 139-140.

³²⁵ Tradução livre: “[...] *deve limitarsi a prendere atto della tradizione, senza poterla confermare, né confutare*”. INGLESE. Op. cit., p. 100. A isso, Inglese aponta outros relatos, como o de Giovanni Villani

no que toca à datação, é confrontado pelo que se pode inferir a partir de algumas epístolas de Dante. A já citada Epístola IV, é uma das fontes que indicam a presença de Dante no Casentino, atestando sua presença aí a partir da data da própria epístola, ainda que pouco precisa, entre 1307-1308. Boccaccio afirma que, tendo notícia da coroação de Henrique de Luxemburgo, Dante vê suas esperanças renovadas e retorna para a Itália durante o cerco de Brescia (19 de maio-1º de outubro de 1311). No entanto, se nos ativermos às informações da coroação de Henrique, essas datas tornam-se conflitantes.

Após a morte do então imperador Alberto I de Habsburgo, em 1º de maio de 1308, não tarda para que seu sucessor seja escolhido, tendo sido Henrique eleito Rei dos Germânicos em 27 de novembro do mesmo ano e coroado em 6 de janeiro de 1309. Para Dante, diferentemente de seus antecessores, Henrique dispunha das qualidades para ser eleito Imperador, tanto que para o poeta, o último detentor legítimo fora Frederico II: “[...] Frederico da Suábia, último imperador dos romanos – digo último em relação ao tempo presente, ainda que Rodolfo, Adolfo e Alberto tenham sido eleitos depois da sua morte e dos seus descendentes”³²⁶. Com exceção de Alberto, os demais imperadores não haviam sido coroados pelo papa; no entanto, a grande crítica de Dante a esses é por sua indiferença com relação a Itália, que deveria ser a prioridade dos Imperadores, já que toda sua tradição e legitimidade parte da história romana, e portanto, itálica. Isso é evidenciado pela invectiva que Dante realiza contra a Itália no *Purgatorio*:

97 Tudesco Alberto em abandono pôes
esta que indômita e selvagem raia,
e cavalgar deveras seus arções:

100 justo juízo das estrelas caia
sobre o teu sangue, e seja novo e aberto,
tal que a teu sucessor temor lhes saia!

103 Tu e teu pai deixastes sem acerto,
por cupidez de vossos outros tectos,
este jardim do império ser deserto³²⁷.

em sua crônica, que também menciona uma passagem do poeta por Paris, sem no entanto oferecer uma datação.

³²⁶ *Conv.*, IV, iii, 6. ALIGHIERI. Op. cit., 2019, p. 254. Além disso, como bem aponta Emanuel França de Brito: “O fato de Dante não mencionar a eleição de Henrique VII de Luxemburgo leva a crer que os tratados do *Convívio* tenham sido escritos antes do inverno de 1308-9”. BRITO. Op. cit., 2019, p. 415.

³²⁷ *Purg.*, VI, 97-105. ALIGHIERI. Op. cit., 2005, p. 357. Indicamos ainda nessa passagem um texto publicado de nossa autoria em que discutimos especificamente essa longa imprecisão de Dante. Cf.: RIBEIRO, Mariano Meranovicz. *Ahi serva Italia, di dolore ostello: a invectiva de Dante Alighieri contra a fragmentação política italiana de início do século XIV (Purg., VI, 76-151)*. In: *II Seminário de Estudos Históricos da Universidade Federal do Paraná, 2020, Curitiba. O fazer histórico e(entre) conflitos:*

⁹⁷ *O Alberto tedesco ch'abbandoni
costei ch'è fatta indomita e selvaggia,
e dovresti inforcar li suoi arcioni,*

¹⁰⁰ *giusto giudicio dalle stelle caggia
sovra 'l tuo sangue, e sia novo e aperto,
tal che 'l tuo successor temenza n'aggia!*

¹⁰³ *Ch'avete tu e 'l tuo padre sofferto,
per cupidigia di costà distretti,
che 'l giardin dello 'mperio sia deserto.*

Portanto, esses imperadores não eram dignos de portar seu título, por terem desprezado o *giardin dello 'mperio*, ou seja, a Península Itálica, abandonando-o à própria sorte e feito dele, deserto. Com o prenúncio da entronização de Henrique como novo Imperador, Dante crê que a ordem social da Itália possa ser novamente reestabelecida. Assim, em 1º de setembro de 1310, o poeta redige uma epístola exortativa a “todos e a cada Rei da Itália e aos Senadores da cidade santa, bem como aos Duques, Marqueses, Condes e ao Povo”³²⁸. A carta emprega uma linguagem extensivamente bíblica, louvando Henrique como enviado de Deus, um “outro Moisés que libertará seu povo das vexações dos Egípcios, levando-o à terra que destila leite e mel”³²⁹. Todavia, o projeto imperial de Henrique ficaria muito aquém daquilo que Dante almejava. Primeiramente, ele fora eleito por influência de seu irmão Balduíno, arcebispo de Trier, sendo considerado de pouca força política, portanto, o *humilde conde* foi favorecido justamente por ser maleável para atender os interesses do colegiado germânico. Além disso, o próprio contexto em que se encontra era pouco favorável para o exercício de um projeto de efetiva autoridade, aos moldes dos grandes imperadores anteriores: no Reino de Nápoles os angevinos governavam, esforçando-se substancialmente para impedir que os espíritos gibelinos aflorassem; em França, o mais surpreendente, Henrique era vassalo de Filipe IV por algumas de suas posses territoriais! Em relação ao papado, ele se vira obrigado a fazer muitas concessões até Clemente V (1305-1314) finalmente decidir coroá-lo como imperador, em 29 de junho de 1312³³⁰.

pensando o presente. Curitiba: Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, 2020. p. 280-296. Disponível em: <<https://seh2019ufpr.wixsite.com/site/anais>>.

³²⁸ *Ep.*, V, §1. Tradução livre: “*A tutti e ai singoli Re d'Italia e ai Senatori della santa città, nonché ai Duchi, Marchesi, Conti e ai Popoli*”. ALIGHIERI, Dante. *Opere minori*. Tomo II. Milano; Napoli: Riccardo Ricciardi Editore, 1979, p. 541.

³²⁹ *Ep.*, V, 1 §4. ALIGHIERI, Dante. *Obras completas*, v.10. São Paulo: Editora das Américas, sem data, p. 133.

³³⁰ HERNANDO. Op. cit., p. 60-1.

Desse modo, regressando às peregrinações de Dante, observamos que antes da coroação de Henrique, o poeta encontrava-se na mesma região do Casentino conforme pode-se precisar através de suas epístolas. Uma série de cartas chega até nós datadas de 1311, concebidas nessa região, e todas anteriores ao Cerco de Brescia (iniciado em 19 de maio), portanto, contradizendo a narrativa de Boccaccio que dizia estar o poeta em território francês neste momento. Por sua vez, como as informações do biênio 1309-1310 que nos chegam são algo escassas não podemos negar categoricamente.

Durante sua permanência no Casentino, Dante esteve por algum tempo sob os cuidados da família dos Guidi. Essa antiga linhagem, oriunda da região do Palatinado na Germânia³³¹, se estabeleceu nas regiões da Romanha, Emília e Toscana à época do Imperador Oto I em meados do século X. Essa foi uma estirpe proeminente e o próprio Dante chama-os de *a maior linhagem dos Toscanos*³³², em uma epístola sua destinada aos condes Oberto e Guido de Romena, comuna da região trentina, quando da morte de seu tio, Alexandre, por volta de 1304. A isso, no entanto, levanta-se uma ponderação que mais uma vez nos permite observar as nuances e os contrastes do poeta, conforme estabelece suas interações sociais.

Apesar desse elogio presente em sua carta, há uma passagem do *Inferno* que demonstra uma postura contrastante. Diante da vala onde padecem os falsários, Dante enxerga um condenado com o qual passa a conversar, apresentando-se como Mestre Adão, condenado por falsificar moedas. Nessa vala, as almas são afligidas por doenças diversas, dependendo do tipo de falsificação que a condenou, sendo neste caso acometido de hidropisia, doença que faz o corpo reter seus fluidos, provocando inchaços e, em estado avançado, paralisando a pessoa. Após a descrição cômica-grotesca na qual Dante escreve que, se fossem removidas suas pernas, seu corpo seria idêntico à um alaúde³³³, o condenado se apresenta e diz:

73 Lá está Romena, onde eu falsifiquei
a moeda cunhada co' o Batista,
por que seco meu corpo lá deixei.

76 Mas, caso aqui encontrasse a alma malquista
de Alessandro, ou do irmão outro, ou de Guido,
nem Fonte Branda pagaria essa vista.

79 Já uma delas chegou, se o referido
por raivosos daqui for verdadeiro,
mas que posso eu, co' o corpo assim rendido?

³³¹ Compõe hoje parte da região da Renânia-Palatinado, sudoeste da Alemanha.

³³² *Ep.*, II, 1 §3. “Progenies maxima Tuscanorum” no original em latim.

³³³ *Inf.*, XXX, 49-51.

82 Se eu estivesse ainda tão ligeiro
para, em cem anos, só uma polegada
andar, já estaria posto no carreiro,³³⁴

73 *Ivi è Romena, là dov'io falsai
la lega suggellata del Batista;
per ch'io il corpo su arso lasciai.*

76 *Ma s'io vedessi qui l'anima trista
di Guido o d'Alessandro o di lor frate,
per Fonte Branda non darei la vista.*

79 *Dentro c'è l'una già, se l'arrabbiate
ombre che vanno intorno dicon vero;
ma che mi val, c'ho le membra legate?*

82 *S'io fossi pur di tanto ancor leggero
ch'i' potessi in cent'anni andare un'oncia,
io sarei messo già per lo sentero,*

A pena impõe a completa paralisia do falsário, mas isso parece pouco importar a Mestre Adão se ele pudesse ver ali entre os falsificadores alguns desses condes de Romena, que foram os responsáveis por trás de sua condenação, tendo sido eles que instigaram-no a falsificar os florins, a moeda florentina que tinha cunhado a face de São João Batista, patrono da cidade. Primeiramente, o condenado diz que não trocaria essa vista nem por uma nascente de águas, o que certamente amenizaria sua pena, uma vez que a hidropisia provoca intensa sede. Em segundo lugar, diz ainda que foi informado pela alma de um dos raivosos³³⁵ que um desses Guidi já chegara à vala dos falsários. Os comentadores apontam que esse seria o próprio Guido mencionado por Adão, que morreria em janeiro de 1292. No entanto, como a paralisia é parte de seu suplício ele nada pode fazer; mas assegura, que se pudesse mover-se uma única polegada por século, já estaria pondo-se a caminho³³⁶.

Diante desse contraste, conjecturou-se que essa carta seria falsamente atribuída a Dante, mas como consta na nota sobre a referida epístola: “o contraste pode depender de dois momentos separados por alguns anos, resultando em diferentes perspectivas de julgamento”³³⁷. Assim, ressaltamos o que já foi dito anteriormente: não há necessariamente um problema entre essas incompatibilidades internas do *corpus dantesco*, porque não há uma unidade desses textos *per se*; trata-se de escritos

³³⁴ *Inf.*, XXX, 73-84. ALIGHIERI. Op. cit., 2017a, p. 201-202.

³³⁵ Os falsificadores de pessoa, isto é, indivíduos fraudulentos que se disfarçavam de outros para obter vantagens, são acometidos pela doença da raiva, e circulam pela vala atacando os demais. *Inf.*, XXX, 22-45.

³³⁶ SAPEGNO. Op. cit., 1957, p. 347-348.

³³⁷ Tradução livre: “*Ma il contrasto può dipendere da due momenti distanziati tra loro di qualche anno, nonché risultanti da diverse prospettive di giudizio*”. FRUGONI, Arsenio; BRUGNOLI, Giorgio. *Nota Epistola II*. ALIGHIERI. Op. cit., 1979, p. 528.

concebidos em períodos diferentes, em circunstâncias particulares e com intenções variadas. Isso não significa que devemos ignorar possíveis falsificações ou não discutir a autenticidade de tais obras. No entanto, para isso existem ciências especializadas como a filologia que se ocupa de tais tarefas, e cujas competências para tal são muito maiores do que a que dispomos; portanto, nos fiaremos aqui na veracidade da epístola, sem negar a existência desse debate. Por sua vez, é do nosso interesse captar essas nuances, abandonando as necessidades de reunir harmonicamente um conjunto de textos no mais das vezes polifônico, o que consideramos significativamente importante para interpretarmos um fenômeno, sujeito ou objeto *historicamente*, compreendendo-o em sua existência enquanto devir.

Não obstante, ao longo desse início de década o poeta esteve a serviço de alguns membros dessa família, cuja tensão se ameniza ao considerarmos que haviam vários núcleos dos Guidi pela Itália, e com ramificações de tendências guelfa e gibelina mesmo no Casentino. Boccaccio indica uma estadia com Guido Salvatico, conde de Dovadola, sobre o que Inglese faz uma consideração: “a circunstância não parece favorável a uma amizade entre o Poeta e o conde ancião”³³⁸. Guido Salvatico era não apenas um guelfo aguerrido, como também um aliado dos *Neri* que controlavam Florença; em contrapartida, a única referência que o circunda nos escritos de Dante é a condenação ao Inferno de seu tio paterno, Guido Guerra V, entre os sodomitas³³⁹. No entanto, fazemos aqui uma ponderação ao argumento de Inglese: a intensidade de aproximação entre Salvatico e os *Neri* pode ser elencada como um motivo para gerar certa tensão, mas a amizade por si só não, afinal, o próprio Moroello Malaspina mantinha relações com a facção florentina. Outro exemplo disso é Guido de Simone, conde de Battifolle, também guelfo aliado dos *Neri*, com quem Dante se abriga em seguida, observando-se aqui uma significativa relação de proximidade entre anfitrião e hóspede. A serviço deste, Dante presta seus ofícios diplomáticos, chegando até nós três cartas (Epístolas VIII, IX e X) em que o poeta escreve em nome da condessa Gherardesca, destinadas à imperatriz Margarida de Brabante, esposa de Henrique, sendo a última assinada em 18 de maio de 1311, as outras datadas da primavera desse mesmo ano.

³³⁸ Tradução livre: “*La circostanza non parrebbe favorevole a un’amicizia fra il Poeta e l’anziano conte*”. INGLESE. Op. cit., p. 107.

³³⁹ *Inf.*, XVI, 34-39.

Guido de Battifolle havia prestado obediência ao Imperador já em meados de 1310, entre os meses de junho e julho, quando os emissários de Henrique chegaram à Toscana, solicitando suas prestações de fidelidade. No entanto, o mesmo não ocorreu por parte dos florentinos que se negaram a aceitar a autoridade imperial, aliando-se ainda com outras cidades insurgentes, como Pádua e Bolonha, bem como com Roberto de Anjou, Rei de Nápoles. Seu posicionamento aqui não fica muito claro; talvez o conde de Battifolle fosse favorável à causa de Henrique, seja pela tradição de lealdade para com o Imperador, seja por observar a possibilidade de adquirir vantagens a seu próprio ramo familiar. De todo modo, parece que a “conduta de aberta hostilidade de Florença contra Henrique VII dificultou as coisas e, não se pode excluir ainda que alguns expoentes das classes guelfas dirigentes que entraram em contato com Guido tenham colocado pressão sobre ele”³⁴⁰.

O próprio Dante encontrou-se com Henrique para prestar sua fidelidade, provavelmente em algum momento entre dezembro de 1310 em Vercelli, onde seu amigo Moroello Malaspina também se apresentou, ou em 6 de janeiro de 1311, quando houve sua coroação como Rei da Itália em Milão³⁴¹. Assim, é neste contexto inflamado pelas agitações (e esperanças) provocadas pela descida de Henrique a Itália, que Dante redige uma carta que, “não era mais uma exortação, era uma maldição. Não era anunciado o perdão de César, mas o inexorável castigo que era para abater-se sobre a ‘desgraçada progênie fiesolana’”³⁴². A irascível Epístola VI, (31 de março), destinada aos *vilíssimos florentinos*, enfatiza a infâmia de seus compatriotas, aos quais Dante vocifera e ameaça de que serão massacrados pelo novo Imperador que está descendo à Itália se não se submeterem, apresentando uma imagem de Henrique bem diferente daquela glorificada na Epístola V, inclusive evocando que os florentinos terão o mesmo destino dos milaneses derrotados por Frederico Barbaruiva, episódio que abordamos anteriormente (1.1): “[...] considerai a violência de Frederico, o primeiro, e consultai Milão e Espoleto; pois que, pela perversão deles bem como pela destruição, as vossas

³⁴⁰ Tradução livre: “[...] *la linea di aperta ostilità di Firenze a Enrico VII dovette complicare le cose e non è da escludere anche che alcuni esponenti della classe dirigente guelfa entrati in rapporto con il G. avessero fatto pressioni su di lui*”. BICCHIERAI, Mario. GUIDI, Guido. In: *Dizionario Biografico degli Italiani*, v.61, 2004. Disponível em: <[https://www.treccani.it/enciclopedia/guido-guidi_res-65f2cfab-87ee-11dc-8e9d-0016357eee51_\(Dizionario-Biografico\)/](https://www.treccani.it/enciclopedia/guido-guidi_res-65f2cfab-87ee-11dc-8e9d-0016357eee51_(Dizionario-Biografico)/)>. Acesso em: 02 ago. 2021.

³⁴¹ Dante inclusive faz alusão sobre seu encontro com Henrique na Epístola VII, 2 §9: “[...] como convem à Majestade do imperador, vi-te benigníssimo e ouvi-te clementíssimo, quando minhas mãos tocaram vossos pés e meus lábios pagaram minha dívida”. ALIGHIERI. Op. cit., s/d, p. 148.

³⁴² Tradução livre: “*Non era più un’esortazione, era una maledizione. Non veniva annunciato il perdono di Cesare, ma l’inesorabile castigo che era per abbattersi sulla ‘miserrima Fesulanorum propago’*”. INGLESE. Op. cit., p. 109.

vísceras abaladas, demasiado dilatadas, esfriam-se e vossos corações inflamados se contraem”³⁴³. Dante mostra-se obstinado em seu desejo de suplantar os florentinos sob a autoridade imperial, e, poderíamos dizer, mesmo entusiasmado com essa possibilidade que se anunciava.

Porém, menos de um mês depois, uma nova carta é escrita, dessa vez dirigida ao próprio Henrique. A Epístola VII (17 de abril) apresenta um tom bem diferente: entremeio aos louvores, aos apelos, à exaltação que Dante emprega, legitimando o Imperador tanto pela tradição poética latina, evocando constantemente a poesia da *Eneida* por exemplo, bem como pelas inferências bíblicas – Dante chega a referir-se a Henrique com as palavras do Evangelho de São João, *Eis o Cordeiro de Deus, que tira os pecados do mundo*³⁴⁴ – o poeta critica-o explicitamente por sua demora em vir a Toscana! A forma como Dante dirige-se ao Imperador chega a ser intrigante, e nos permite observar que, não obstante sua submissão e apreço pelo novo governante, ele continua a exigir que suas obrigações sejam cumpridas. Henrique já fizera o que seus antecessores haviam desprezado, isto é, vindo se ocupar do território mais importante do Império, mas para Dante, sua missão de instaurar a ordem aos itálos continuava sendo negligenciada; por quê? Ora, nos dizeres do poeta, a Toscana, e em especial Florença, era a principal fonte dos males que afligiam a Itália, ao demorar-se em submetê-la Henrique não exercia sua autoridade nem cumpria sua tarefa:

Tu ficas em Milão tanto na primavera quanto no verão e julgas eliminar a hidra pestífera pela amputação das cabeças? E se examinasses os feitos do glorioso Hércules, verias que tu como êle sois enganados, para o qual o animal pestífero crescia, pela multiplicação repululante das cabeças, para castigo, até que instantaneamente o magnânimo cortou o princípio da vida. Pois para destruímos as árvores, não basta a simples amputação dos ramos, sem que ao depois verdejantemente tornem a brotar, quando as raízes ficam incólumes, para lhes dar alimento. Que fez unicamente o governante do mundo com seus editos, quando dobraste a cerviz da obstinada Cremona? Porventura então não se inflara a raiva imprevista de Bréscia ou de Pavia? Pois bem! Mesmo quando diminua as coisas verberadas, logo outras se inflarão quer em Vercelli, quer em Bérgamo, ou em qualquer outro lugar, até que se elimine a causa radical desta efervescência e arrancada a raiz de tão grande êrro, os ramos pungentes hão de secar o tronco³⁴⁵.

Ou seja, para Dante a prioridade do Imperador era submeter *sua Florença* antes de qualquer outra cidade. É bem verdade que a carta é escrita em nome de um grupo³⁴⁶,

³⁴³ *Ep.*, VI, 5 §20. ALIGHIERI. Op. cit., s/d, p. 144.

³⁴⁴ *Ep.*, VII, 2 §10; *Jo*, 1,28.

³⁴⁵ *Ep.*, VII, 6 §§20-22. ALIGHIERI. Op. cit., s/d, p. 149.

³⁴⁶ “Pois também eu te escrevo, em nome meu e dos outros”. *Ep.*, VII, 2 §9. Tradução livre. ALIGHIERI. Op. cit., 1979, 565.

mas de todo modo, podemos notar que seu próprio interesse se sobrepõe, ainda que travestido de uma causa superior, ao ponto de fazê-lo escrever uma epístola na qual, sem nenhum pudor, o poeta diz ao novo Imperador: “Envergonhe-se, portanto de estar retido tanto tempo em area tão estreita do mundo, aquêlo ao qual todo o mundo espera”³⁴⁷. Isso nos fornece alguns indicativos muito importantes para observar a personalidade de Dante, sua presunção, suas angústias, seus sentimentos e anseios, em contraponto à corriqueira imagem que se cria do poeta como uma personagem engessada, o homem político austero, de semblante grave e de espírito moralista-religioso: “Para aqueles que também descreem dos sentimentos, é necessário lembrar que a História é feita de paixões e mediocridades, ao lado das questões políticas, econômicas, sociais...”³⁴⁸.

Mesmo após o término do já referido cerco de Brescia, findado em 18 de setembro, Henrique permanece ao norte, descendo somente em 6 de março de 1312, permanecendo em Pisa até fins de abril, e indo então para Roma ser coroado Imperador por um legado pontífice em 29 de junho³⁴⁹. Só então o enfim coroado Imperador Henrique VII de Luxemburgo dirige seu exército para Florença, como tanto clamara Dante: “Porém, ele reverenciava tanto a pátria, que, vindo o imperador contra Florença e acampando perto da porta, Dante não quis estar com ele, segundo escreve, ainda que tivesse encorajado sua vinda”³⁵⁰. Sobre essa informação de Leonardo Bruni, depreende-se a existência de mais uma epístola que o poeta teria escrito falando sobre isso, a qual não nos chega até os dias de hoje. O cerco de Florença malogra, durando de 19 de setembro até 1º novembro, tendo os florentinos tido apoio de outros toscanos, como alguns dos Guidi de Casentino. O velho Guido Salvatico não participa diretamente do confronto (nascido na década de 1240 ele teria por volta de setenta anos nesse momento), mas oferece apoio aos antigos aliados, tendo sido o próprio Guido de Battifolle um dos representantes da família que deram suporte aos florentinos³⁵¹. A isso podemos refletir a respeito da condição do próprio Dante; estando o poeta a serviço do conde de Battifolle, poderia ele empenhar-se militarmente a favor do imperador e,

³⁴⁷ *Ep.*, VII, 4 §15. *Ibid.*, p. 149.

³⁴⁸ GUIMARÃES, Marcella Lopes. *Capítulos de história: o trabalho com fontes*. Curitiba: Aymará Educação, 2012, p. 97.

³⁴⁹ Vale lembrar que nesse momento a Sé Apostólica havia sido transferida de Roma para Avignon no território francês, desde 1309 sob o pontificado de Clemente V, só retornando à Roma em 1377.

³⁵⁰ BRUNI. *Op. cit.*, p. 295.

³⁵¹ BICCHIERAI, Marco. *GUIDI, Guido Salvatico*. In: *Dizionario Biografico degli Italiani*, v.61, 2004. Disponível em: <

consequentemente, contra o seu atual patrono? Considerando que Guido inicialmente fora favorável a Henrique, ele próprio se encontrava em delicada situação, da mesma forma que seu hóspede. Talvez o poeta tenha sido aconselhado pelo conde a se abster de tal empreitada; talvez ele mesmo tenha observado a gravidade da situação em que se encontrava.

De todo modo, após seu insucesso, Henrique volta a circular pela Toscana e se fixa novamente em Pisa a partir de 10 de março de 1313³⁵². Aí, Henrique redigiu suas *Constitutiones*, editos em que definia a *fisionomia universal* do Império, bem como a promulgação de condenações aos rebeldes, dentre os quais os Guidi e o Rei Roberto de Anjou. A essa imposição sobre Roberto, Henrique viu-se confrontado pelo próprio papa, de quem o rei angevino era aliado, o que não impediu o imperador de destituí-lo, declarando em 26 de abril que o Reino de Nápoles era um feudo da Santa Sé, portanto politicamente subordinado ao Imperador. Note-se, no entanto, que esses confrontos estavam muito mais concentrados nos âmbitos teóricos que nas ações práticas. O pontífice mesmo estava enfraquecido politicamente desde sua transferência para o Reino de França: “Avinhão submeteria as propostas de supremacia pontifical ao levar a Cúria Pontifícia para espaços de influência régia, [de modo que] haveria uma coincidência entre os interesses pontifícios e os monárquicos franceses”³⁵³. Enquanto isso, apesar do parcial fracasso militar de Henrique, seu projeto político despertava os ânimos de alguns entusiastas, bem como avivava manifestações populares muito tradicionais; por exemplo, deu-se neste contexto uma breve revolta popular em Roma, resultando na queda de famílias aristocráticas locais, como os Orsini e os Colonna. Durante os meses em que o *popolo* romano governou, foi enviada uma convocação a Henrique para retornar à cidade, onde ele, aos moldes da Antiga Roma, deveria ser aprovado pela plebe romana³⁵⁴.

Diante de mais um malogro, as esperanças do poeta são novamente frustradas, sendo ainda abaladas uma vez mais com a morte de Henrique VII a 24 de agosto em Buonconvento, nos arredores de Siena, tendo sido acometido de malária. É oportuno trazer aqui a menção a outra obra escrita por Dante que, direta ou indiretamente, está atrelada a pessoa de Henrique: o tratado político do *De Monarchia*. Essa é outra obra de

³⁵² Neste período inclusive, conjectura-se que Dante tenha se encontrado em Pisa com *ser* Petracco, igualmente exilado de Florença, e junto dele, seu jovem filho Francesco Petrarca (1304-1374), que viria a se tornar um célebre poeta e um dos precursores do humanismo, cuja principal obra foi seu *Il Canzoniere* (*O Cancioneiro*), originalmente chamado *Rerum vulgarium fragmenta*.

³⁵³ FERNANDES. Op. cit., p. 190.

³⁵⁴ HERNANDO. Op. cit., p. 60-61.

difícil precisão cronológica; tradicionalmente, o tratado é indicado como escrito durante a incursão de Henrique na Itália, portanto, entre 1312-1313, seguindo a indicação de Boccaccio. Outros dantistas no entanto, sugerem que o texto seja imediatamente posterior a interrupção do *Convivio*, considerando-o quase uma continuação do quarto e último tratado de seu compêndio filosófico³⁵⁵. Porém, muitas são as dificuldades internas que o próprio texto gera nas análises filológicas, com destaque especial para uma passagem que contém a frase *como já disse no Paradiso da Commedia*³⁵⁶, fazendo referência ao canto V do *Paradiso* (vv. 19-24), certamente não anterior à 1316³⁵⁷. De todo modo, a obra é uma defesa teórica da autoridade imperial, apelando para um *Monarcha Totius Mundi*, discutindo respectivamente ao longo dos três livros a necessidade do Império, a legitimidade que os romanos obtiveram para exercê-lo e a dependência direta que os imperadores têm para com Deus, portanto, não estando subordinados à autoridade pontifícia.

Ao que se segue à morte de Henrique, as contendas toscanas não se encerram. Pouco mais de um mês depois, em 20 de setembro o vigário imperial Ugucione della Faggiuola toma o controle de Pisa, e no ano seguinte também de Lucca, em 14 de junho de 1314. Ainda que tomando posse dessas cidades militarmente, esse é mais um caso daqueles indivíduos beneficiados pelos vicariatos que se tornam *signore* de algumas cidades, preservando as instituições anteriores, mas esvaindo-as de efetividade, sendo Ugucione proclamado tanto capitão do povo quanto podestade pisano. Paralelamente, a morte de Clemente V em 20 de abril de 1314 gera uma crise cardeal entre o colegiado responsável pela eleição papal, estando dividido em três grupos, compostos por franceses, italianos e gascões³⁵⁸, sendo esse último o mais numeroso e mais influente no momento, inclusive tendo sido Clemente V também da Gasconha. Inicialmente, o conclave se arrasta até 24 de julho, quando forças militares dos gascões atacam o palácio, interrompendo a reunião e perseguindo os cardeais italianos, que fogem³⁵⁹.

Na iminência do conclave, Dante redige uma carta destinada aos *cardeais da Itália*, cuja escrita é composta de um tom reprobatório similar àquela enviada a Henrique. O poeta igualmente ataca os cardeais de modo explícito sem negar sua

³⁵⁵ MAZZANTINI, Paolo. *Nota al testo*. In: ALIGHIERI. Op. cit., 1979, p. 275-276.

³⁵⁶ *Mon.*, I, xii, 6. “Sicut in Paradiso *Comedie iam dixi*”, no original em latim.

³⁵⁷ INGLESE. Op. cit., p. 115.

³⁵⁸ Proveniente do Ducado da Gasconha, região sudoeste da atual França.

³⁵⁹ A sucessão de Clemente V é tão complicada que um novo papa só é eleito na primavera de 1316, portanto permanecendo dois anos sem um pontífice, quando finalmente o francês Jacques Duèse é eleito Papa João XXII. INGLESE. Op. cit., p. 129-130.

autoridade eclesiástica, inclusive reconhecendo sua condição dizendo: “Envergonhai-vos pois, de serdes admoestados ou exprobrados por um inferior, não pelo céu, para que os absolva”³⁶⁰. Na vociferante Epístola XI, Dante acusa os cardeais itálicos de terem se entregado à cobiça, desviado os rumos do Carro da Igreja³⁶¹, de terem abandonado Roma, a verdadeira sede pontifícia, de modo que a capital do Lazio se encontrava então destituída de ambos os seus luzeiros, isto é, sem Imperador nem Papa:

Todos, e vós também, tomaram como esposa a cobiça, a qual é a mãe da impiedade e da iniquidade, como a caridade o é da piedade e da equidade. Ah! mãe piedosíssima, esposa de Cristo! Que na água e no espírito te geras filhos para a vergonha! Não a Caridade, não a Justiça, mas as filhas da sanguessuga se te tornaram noras³⁶².

Dante ainda defende-se afirmando que sua voz não é solitária em suas críticas: “Pois tudo o que eu grasno, todos murmuram, ou pensam ou imaginam”³⁶³. Essa é mais uma demonstração do quanto o poeta era ativo e partícipe em seu contexto, empregando suas habilidades diplomáticas para dar voz a seus anseios, mas também do quanto audacioso era: assim como no episódio supracitado da Epístola VII em que ele se dirige ao Imperador de modo reprobatório, ele igualmente o faz frente aos clérigos que iriam decidir o novo papa! É muito interessante observarmos esse espírito de Dante, que nunca assumiu um cargo político maior do que prior de Florença, mas se impõe exigentemente diante do Imperador; que jamais ocupou alguma função eclesiástica, mas se arroga à condição de crítico e reprovador das ações da cúria papal, solicitando a escolha de um pontífice latino. Além disso, podemos inferir ainda um ponto de tangência nessas críticas: em ambas as epístolas o poeta manifesta sua reprovação quanto à negligência dos dois orbes em cuidar da Itália. O Imperador não vinha debelar os toscanos insubmissos, enquanto os cardeais nada faziam para trazer a Cúria Papal de volta a seu lugar de origem. Portanto, ressaltamos que por mais “universais” que fossem Império e Papado, e Dante jamais negou isso, suas críticas não se davam necessariamente em defesa da Cristandade, mas estavam sempre atreladas às preocupações de sua própria realidade e de sua vivência. Por trás do Dante homérico – ou, tendo em vista a autoridade poética que ele próprio se investe, deveríamos dizer o *Dante dantesco*? –, o colossal poeta moralista que descreveu e deu forma ao Além do

³⁶⁰ *Ep.*, XI, 9 §19. ALIGHIERI. Op. cit., s/d, p. 162.

³⁶¹ Imagem que aparecerá novamente em *Purg.*, XXIX-XXXIII.

³⁶² *Ep.*, XI, 7 §§14-15. ALIGHIERI. Op. cit., s/d, p. 161.

³⁶³ *Ep.*, XI, 8 §17. *Ibid.*, loc. cit.

cristianismo medieval, cerne da cultura ocidental, vemos sempre emergir a imagem do Dante humano, o amargurado *florentino e exilado sem culpa*³⁶⁴.

É bem verdade que Dante teve uma possibilidade de retorno à Florença neste período, a qual o poeta negou-se a aceitar. Conforme avançavam as campanhas militares de Ugucione contra os guelfos, a comuna promulga uma medida em 19 de maio de 1315, para repatriar cidadãos exilados mediante uma multa de menor valor e uma penitência, um tipo de rito público vexatório. Vale mencionar que em setembro de 1311 antes ainda da descida de Henrique para a Toscana, uma anistia já havia sido promulgada, mas o nome de Dante constava entre os excluídos – pensando em sua carta dirigida aos florentinos não é difícil entender. Mas dessa vez o poeta era contemplado entre aqueles que poderiam retornar. Sua resposta, no entanto, é taxativa. Numa carta enviada a um *amigo florentino* (não identificado, mas considerado ser um clérigo, pela forma como Dante se dirige a ele: *pater*), o poeta defende-se contra a injúria sofrida, e questiona, como ele, já exilado inocentemente poderia ainda aceitar o perdão sob o estigma da humilhação:

Não é este o caminho do regresso à patria, meu Pai. Mas se, primeiro por vós, depois, por outros, for encontrado algum outro, que não desabone a honra e a fama de Dante, aceitá-lo-ei e com bastante solicitude. Pois se é dêsse modo que devo entrar em Florença, jamais a Florença eu voltarei. E por que não? Não vejo porventura em tôda a parte a imagem do sol e dos outros astros? Por acaso poderei considerar verdades dulcíssimas em qualquer parte, sob o sol, se antes me tornasse inglório ou pior ainda, ignominioso ao povo de Florença e à mesma cidade? Por certo nem o pão me ha de faltar³⁶⁵.

Desse modo, vemos que o desejo de Dante para retornar à sua Florença, mesmo que desejado eternamente, não era válido a qualquer preço. O poeta não abriria mão de sua honra nem de seu orgulho para entrar novamente em sua cidade. Não lhe faltaria o pão no exílio, não obstante o gosto de sal que ele tivesse³⁶⁶.

Os confrontos contra Ugucione continuaram assolando os florentinos. Enquanto o vigário contava com o apoio de Luís da Baviera – eleito novo Imperador, mas que só seria entronizado de fato na década seguinte após uma longa disputa com Frederico da Áustria –, os guelfos de Florença estavam aliados dos angevinos napolitanos, o que não foi suficiente para render-lhes o sucesso militar, sendo severamente derrotados na Batalha de Montecatini, a 29 de agosto de 1315. Ainda nesse

³⁶⁴ *Florentinus et exul inmeritus*, é forma recorrente em que Dante se apresenta em suas epístolas (III, V, VI, VII).

³⁶⁵ *Ep.*, XII, 4 §§8-9. ALIGHIERI. Op. cit., s/d, p. 165.

³⁶⁶ *Par.*, XVII, 58-59.

ano, Dante receberia uma nova condenação de morte, tanto para ele quanto para seus filhos, promulgadas em 15 de outubro e 6 de novembro respectivamente³⁶⁷. De todo modo, parece-nos que depois de mais de uma década de exílio, o poeta portava-se diferentemente com relação à sua pátria e sua condição de proscrito. Os sucessivos fracassos o direcionaram para o prevailecimento de seu projeto literário, empenhando-se mais na fama e prestígio poético e erudito que ele sabia dispor e que poderiam dar-lhe notoriedade; porém, sem jamais abdicar de intervir no meio social em que vivia.

Foi através da *Commedia* que o poeta deu azo à suas propostas ético-políticas, condensando sua erudição recolhida da mesa dos sábios para recuperarmos a analogia do *Convivio*, e propondo um tipo de intervenção social através de sua produção literária. Viemos abordando neste capítulo prioritariamente a participação política de Dante, mas não podemos nos distanciar do aspecto cultural que perpassa toda sua vida, tanto pelo âmbito literário quanto espiritual.

3.1.1 Concepção da *Commedia*

Como já indicamos anteriormente, a concepção da *Commedia* aparenta ser simultânea ao abandono do *Convivio*, ao que Giorgio Inglese sugere ter sido em partes influenciado pelo prenúncio da eleição de Henrique, de modo que o biênio de 1309-1310 é considerado por ele como um momento de dedicação quase exclusiva à produção do poema. Sucessivamente, conforme Henrique inicia suas incursões pela Itália, Dante continuou trabalhando em sua obra, mas de modo dividido, entre produção literária e prestação de serviços político-diplomáticos³⁶⁸. Vale ressaltar mais uma vez, que a escassez de documentação sobre alguns períodos específicos da vida de Dante não nos permite mais do que realizar conjecturas, a serem costuradas a partir dos vestígios que nos chegam. No entanto, isso não advoga contra a veracidade que se pode sugerir a partir das fontes disponíveis – desde que sejam abordadas honesta e cientificamente. Para empregar mais uma comparação reflexiva de Bloch, o historiador não pode constatar diretamente os fatos que estuda, tal qual um físico doente que, impossibilitado de conduzir sua atividade no laboratório, conhece seus resultados a partir do relatório de um funcionário local: “Ele só chega depois de concluído o experimento, sempre. Mas,

³⁶⁷ INGLESE. Op. cit., p. 130-131.

³⁶⁸ Ibid., p. 109.

se as circunstâncias o permitirem, o experimento terá deixado resíduos, os quais não é impossível que perceba com os próprios olhos”³⁶⁹.

Assim, as hipóteses de precisão cronológica sobre o poema são algo difíceis, primeiramente pela disponibilidade de fontes, em segundo lugar pela própria concepção da obra: teria o poeta escrito linearmente cada canto? Teria divulgado somente após completado os cantos, ou mesmo os cânticos em sua totalidade? Há muito debate acerca desses pontos, e poderíamos mesmo afirmar que uma datação rigorosamente precisa é impalpável. Há passagens na narrativa que são marcos cronológicos que permitem situar em alguma medida o momento da escrita³⁷⁰, mas persiste a dúvida: um indício cronológico propicia a datação daquela passagem, mas ela se aplica a quanto mais do texto?

Isso remete-nos ainda a outro ponto de discussão, a respeito da divulgação do poema. Acerca disso, Inglese propõe que “é muito provável que Dante tornasse ‘público’ em um círculo de amigos leitores (por exemplo, Dino Frescobaldi, Francesco da Barberino), grupos de cantos, em cadernos que podiam gerar um número discreto de cópias”³⁷¹. O próprio Boccaccio faz menção à prática de Dante, afirmando: “Era seu costume, sempre que concluía seis ou oito, ou ainda mais ou menos cantos, mandá-los, antes que qualquer outro os visse, ao senhor Cane della Scala, onde quer que estivesse”³⁷², ao que o filólogo pondera ser isso exclusivamente ao *Paradiso*. As duas primeiras partes do poema deviam então circular parcialmente entre esses círculos poéticos de amigos, considerando ainda que isso ocorresse quando os cantos estivessem completos, pouco se alterando depois, o que explicaria algumas passagens específicas se permitirem ser datadas, algumas dissonâncias da narrativa, bem como a ausência de manuscritos com conteúdo divergentes, uma vez que se houvessem cópias desses cantos “protótipos”, era de se esperar que chegassem até nós versões conflitantes. Inglese tece sua análise contrapondo-se sobretudo à argumentação do crítico literário Giorgio

³⁶⁹ BLOCH. Op. cit., 2001, p. 72-73.

³⁷⁰ Por exemplo, em *Inferno* XVII, 72-73 ocorre a menção a um usuário de nome Gianni Buiamonte dei Becchi, morto em 1310; e no *Purgatorio*, há uma passagem igualmente precisa, a morte do líder dos *Neri* de Florença, Corso Donati (6 de outubro de 1308; *Purg.*, XXIV, 82-84). Outra passagem, menos certa ainda que presumível, é a composição de *Purg.*, XXXIII, cujos versos 37-45 podem ser interpretados como referentes à Henrique VII, portanto, sendo esse canto concebido antes da morte do Imperador (1313).

³⁷¹ Tradução livre: “[...] è probabilissimo che Dante rendesse ‘pubblici’, in una cerchia di lettori amici (ad esempio Dino Frescobaldi, Francesco da Barberino), gruppi di canti, in quaderni che potevano generare un discreto numero di copie”. INGLESE. Op. cit., p. 133.

³⁷² BOCCACCIO. Op. cit., p. 174.

Padoan³⁷³. Segundo este, a concepção da obra foi não apenas linear, como definitiva, atestando que essas divergências estruturais se davam por Dante ter passado por alguma mudança de pensamento, mas submetido à “impossibilidade de adequar a mudança ao texto preexistente”³⁷⁴; leitura bem hiperbólica, diga-se de passagem.

A partir dos registros dessas sociabilidades poéticas, Inglese cruza informações disponíveis em outros documentos, traçando um panorama temporal da concepção do *Inferno* e *Purgatorio*. A primeira notícia disponível sobre a *Commedia* que nos chega é uma menção no tratado *Documenti d'amore* (*Documentos de amor*), escrito pelo também florentino Francesco da Barberino, um dos poetas supracitados como integrante desse círculo de amizades de Dante. O texto fala sobre uma obra escrita por Dante, “que se chama Comédia e trata do inferno e de muito mais”³⁷⁵. Mediante outras informações da obra, é possível datar essa passagem como posterior à tomada de Lucca por Ugucione, portanto, havendo já na segunda metade de 1314 a divulgação de uma *Comedia de infernalibus*, de autoria de Dante Alighieri. Acerca do Segundo Cântico, temos como indicativos algumas menções indiretas que permitem apontar alguma precisão cronológica: no Palácio Público de Siena, um afresco datado de 1315 porta versos em *terza rima* (lembrando que essa métrica é desenvolvida pelo próprio Dante), e com ecos de passagens do *Purgatorio*³⁷⁶. Há ainda um trabalho do literato Andrea Lancia, uma vulgarização da *Eneida* de Virgílio, concebida entre 1316-1317, que traz uma citação do canto II do *Purgatorio* na tradução do épico latino em vernáculo.

Assim, *grosso modo*, Inglese propõe o seguinte panorama: entre 1313-1314 Dante conclui o *Inferno* e entre 1314-1315 o *Purgatorio*, divulgando o primeiro cântico a partir de 1314 e o segundo de 1315, ambos propagados até 1317. Para o filólogo, as duas primeiras partes estão terminadas quando o poeta se transfere à Verona, para sua segunda permanência com os Scaligero, dessa vez, sendo seu patrono Cangrande. Sua argumentação se dá pela diferença explícita de tom que o poeta emprega para se referir aos senhores de Verona no *Paradiso* comparadas com suas obras precedentes.

³⁷³ A obra é: PADOAN, G. *Il lungo cammino del “poema sacro”*. Firenze: Olschki, 1993.

³⁷⁴ Tradução livre: “*l'impossibilità di adeguare al mutamento il testo preesistente*”. INGLESE. Op. cit., p. 119. Pondera-se aqui que nos limitamos a transcrever a crítica de Inglese, uma vez que não tivemos contato com o trabalho de Padoan.

³⁷⁵ Tradução livre: “*che si chiama Comedia e tratta dell'inferno e di molto altro*”. Ibid., p. 121.

³⁷⁶ Os versos do afresco trazem: “*Li angelichi fioretti rose e gigli | onde s'adorna lo celeste prato [...] Diletti miei, ponete nelle menti | che li devoti vostri preghi onesti | come vorrete voi farò contenti*”. Enquanto as passagens do *Purgatorio*: “*con suoi prieghi devoti*” (XXIII, 88), e “*volsesi in sui i vermigli e in sui gialli | fioretti verso me, non altrimenti | che vergine che li occhi onesti avvalli | e fece i prieghi miei esser contenti*” (XXVII, 55-58). Ibid., p. 132-133.

Relembremos aqui: Alberto della Scala foi *signore* da cidade de 1277 até 1301, ano de sua morte. Foi sucedido por seu filho Bartolomeo, que recebeu Dante durante o biênio de 1303-1304, seu *primeiro refúgio* após o exílio³⁷⁷. O poeta deixa a cidade logo após a morte de Bartolomeo, quando Alboíno della Scala torna-se então governante de Verona, assim permanecendo pelo resto de sua vida, tal como seu pai e seu irmão mais velho fizeram, falecendo em 1311. Além desse indicativo, o poeta deixa claro no *Convivio* que não tem muito apreço por Alboíno. Discutindo sobre a nobreza, Dante diz que *inúmeros loucos* creem que o significado de “nobre” seja ser conhecido por muitos; desse modo ele escreve: “Isso é completamente falso, pois, se fosse assim, as coisas mais nomeadas e conhecidas em seus gêneros seriam as mais nobres dentro desses. Dessa forma [...] Albuino della Scala seria mais nobre do que Guido do Castello di Reggio [...]”³⁷⁸. A comparação se reforça ainda na passagem do *Purgatorio*, quando em meio às almas dos penitentes iracundos, o peregrino Dante dialoga com uma dessas, de nome Marco Lombardo. Fazendo um longo discurso sobre as origens da maldade humana, Marco diz que o norte de Itália já foi albergue de virtudes e cortesia, até que a conflitante relação de Frederico II com o papado trouxe a desordem para a região. No entanto, há ainda uns poucos que preservam as antigas virtudes: “Conrado da Palazzo e o bom Gherardo | e Guido da Castel, que se nomeia, | pelos franceses, o Simples Lombardo”³⁷⁹. Portanto, não apenas Alboíno é menos nobre que Guido do Castello, como esse último é ainda um dos únicos nobres que preservam as antigas virtudes, há muito abandonadas na região.

Talvez ainda mais significativo seja o momento em que, diante da turba que expia o pecado da preguiça, uma das almas se identifica como um antigo abade do monastério de São Zeno em Verona, fazendo em seguida uma exprobração ao senhor desta cidade:

121 “Há lá um Senhor que, já co’ um pé na fossa,
o seu poder sobre aquele mosteiro
não tardará que lamentá-lo possa,

124 por ter seu filho, mal do corpo inteiro,
e da mente pior e mal nascido,
posto em lugar do pastor verdadeiro”³⁸⁰.

121 *E tale ha già l’un piè dentro la fossa,*

³⁷⁷ *Par.*, XVII, 70-72.

³⁷⁸ *Conv.*, IV, xvi, 6. ALIGHIERI. Op. cit., 2019, p. 301.

³⁷⁹ *Purg.*, XVI, 124-126. Id., Op. cit., 2017b, p. 109.

³⁸⁰ *Purg.*, XVIII, 121-126. Ibid., p. 121.

*che tosto piangerà quel monastero,
e tristo fia d'averè avuta possa;*

*¹²⁴perché suo figlio, mal del corpo intero,
e della mente peggio, e che mal nacque,
ha posto in loco di suo pastor vero.*

O abade critica Alberto, que está próximo de morrer (próximo, considerando o tempo da narrativa da *Commedia*, transcorrida em 1300, portanto um ano antes da morte do *segno*), reprovando a investidura que o patrono dos Scaligero fez, nomeando seu filho bastardo Giuseppe como abade de São Zeno, em 1292. Disse ainda que além de *mal nascido*, Giuseppe era aleijado, tanto de corpo quanto de mente (vv.124-125). Não se pode inferir se o abade diz que Alberto irá para o Inferno ou Purgatório, mas certamente ele irá lamentar por esta sua ação³⁸¹.

Considerando essas passagens, é de fato intrigante o quão diferentemente se porta Dante no *Paradiso*, bem como na longa e controversa Epístola XIII. Já abordada anteriormente, essa carta desperta muito debate entre os dantistas acerca de sua autenticidade. Além da significativa variação interna do texto, os manuscritos preservados também geram dúvidas: dos noventa parágrafos que o compõem, uma vertente de manuscritos preservada contém apenas os treze primeiros³⁸². Esses treze parágrafos são um louvor dedicado a Cangrande, no qual Dante, oferece-lhe de modo solícito “o supremo cântico da *Commedia* que se adorna do título de *Paradiso*”³⁸³. O 13º é um parágrafo transitivo, a partir do qual as discussões filológicas apontam a principal mudança no estilo da escrita. Segue-se então um *accessus*³⁸⁴, composto de uma exposição, apresentando o nome, estilo, conteúdo e finalidade da obra, realizando inclusive um comentário à passagem de *Paradiso* (I, 01-35). Isso levou alguns estudiosos a considerar que a epístola seja de fato de Dante, mas apenas em sua primeira parte, de modo que a exposição a partir do §14 tenha se dado por uma adição posterior de algum comentador.

Outro fato que gera debates é sobre a falta de datação precisada. Abordando algumas das discussões sobre isso, o crítico literário Alberto Casadei sintetiza: a

³⁸¹ SAPEGNO. Op. cit., 1957, p. 604.

³⁸² Sobre os manuscritos da *Ep.*, XIII, Cf.: BRUGNOLI, Giorgio. *Introduzione*. In: ALIGHIERI. Op. it., 1979, p. 512-521.

³⁸³ *Ep.*, XIII, 3 §11. Tradução livre: “*la suprema cantica della Comedia che s’adorna del titolo di Paradiso*”. Ibid., p. 607.

³⁸⁴ Filologicamente, trata-se de uma “[...] mais ou menos breve introdução que os comentadores medievais de obras médicas, astronômicas, jurídicas, filosóficas e literárias costumavam apresentar de antemão ao texto a comentar, com o objetivo de informar o leitor sobre o autor e o conteúdo da obra”. Tradução livre. TRECCANI. *Accessus ad auctores*. Disponível em: <<https://www.treccani.it/enciclopedia/accessus-ad-auctores/>>. Acesso em: 02 ago. 2021.

epístola deve ter sido enviada conjuntamente ao *Paradiso* já concluído, o que se infere pela dedicatória oferecer o *Cântico*; se ela acompanhasse somente um canto (ou alguns poucos), deveria apresentar-se dedicando esse(s) canto(s); assim como durante a exposição (presumindo que essa parte seja autêntica), deveria limitar-se a apresentar a forma correta de leitura somente das partes existentes, e não de todo o *Cântico*³⁸⁵. Giorgio Inglese por sua vez, um dos dantistas que aceita a autenticidade somente da dedicatória, traz uma reflexão interessante sobre isso. Deixando explícito que se trata mais de uma leitura subjetiva sua, o filólogo indica que o tom empregado por Dante pode sugerir uma relação de cortesia recente, louvando muito a fama de Cangrande – “e assim como antes eu imaginava excessivo aquilo que se dizia, assim, ao depois, pude conhecer suficientemente os fatos”³⁸⁶ –, enquanto muito pouco se refere sobre os benefícios desfrutados até então. Desse modo, a Epístola XIII poderia ter sido remetida para o Scaligero no início da produção da terceira parte de seu poema, considerando que a menção ao *Cântico* não é motivo suficiente para sugerir a existência completa do *Paradiso*; além disso, sendo Inglese um dos estudiosos que nega a veracidade do *accessus* da carta, o debate sobre a exposição geral torna-se indiferente para sugerir alguma datação³⁸⁷.

De todo modo, que o *Paradiso* tenha sido majoritariamente composto em Verona é lugar comum entre os comentadores, sendo o elogio prestado aos senhores veronenses muito significativo. Estando no Céu de Marte diante das almas beatas que se destacaram em vida por seu combate pela fé, Dante se depara com seu trisavô Cacciaguida, com quem mantém um longo diálogo. Entre suas exprobrações e vaticínios, a alma tece seus elogios aos Scaligero, conforme indica ao peregrino Dante a hospitalidade que há de receber dessa família, sobretudo com o jovem Cangrande (nascido em 1291, portanto, com apenas nove anos durante a viagem descrita na *Commedia*):

88 “Dele espera benéficos abrigos;
por ele há-de mudar-se em muita gente
a condição de ricos e mendigos.

91 E escritas terás dele em tua mente
cousas que não dirás”; e disse cousas

³⁸⁵ CASADEI, Alberto. *Sull'autenticità dell'Epistola a Cangrande*. In: CATTERMOLE, Cartola; ALDAMA, Celia de; GIORDANO, Chiara. *Ortodossia ed eterodossia in Dante Alighieri*. Madrid: Ediciones de La Discreta, 2014

³⁸⁶ *Ep.*, XIII, 1 §3. ALIGHIERI. *Op. cit.*, s/d, p. 166.

³⁸⁷ INGLESE. *Op. cit.*, 136-137.

incríveis para quem lhes for presente³⁸⁸.

*88 A lui t'aspetta ed a' suoi benefici;
per lui fia trasmutata molta gente,
cambiando condizion ricchi e mendici.*

*91 E portera 'ne scritto nella mente
di lui, e nol dirai –; e disse cose
incredibili a quei che fien presente.*

Cacciaguida não apenas faz seu louvor como ainda lhe diz *coisas incríveis* sobre Cangrande, as quais Dante não transcreve, mas deixa explícito ao leitor terem lhe sido contadas. Não se refere a algum fato preciso, mas indica algo velado, possivelmente uma esperança depositada no *segno* de Verona³⁸⁹. Assim, o poeta põe na boca da alma bem-aventurada de seu antepassado o louvor àquela estirpe que lhe será tão benéfica e, se pensarmos na produção da última parte da obra, àquele que forneceu os subsídios para Dante concebê-la. Comparando isso ao que o poeta escrevera antes sobre os Scaligero, observamos que nem o transcendente Reino da Bem-Aventura escapa da carnalidade terrena daquele que a descreve:

Para [Giorgio] Petrocchi, o louvor cacciaguidiano de Cangrande era até mesmo um adeus, uma despedida: leitura sutil, mas puramente psicológica, que queria ignorar as condições político-produtivas da escrita medieval. O elogio é, em vez disso, um momento essencial do intercâmbio entre o senhor e o literato da corte – inclusive reforçado por declarações e pelos exemplos de liberdade de julgamento depositados na obra³⁹⁰.

Ainda em Verona, Dante realiza a defesa de uma *quaestio*, uma questão apresentada numa disputa universitária, prática muito comum nesses espaços, e uma das grandes características da filosofia escolástica. Exposta em 20 de janeiro de 1320 na capela de Santa Helena, sua *Quaestio de aqua et terra (Questão da água e da terra)* é escrita a partir de uma discussão que o poeta participou em Mântua, durante uma passagem por esta cidade. É certamente tratada como uma das obras mais secundárias de Dante. No entanto, apesar de não nos interessar tanto em seu conteúdo, é atrativo por se tratar justamente de um texto de disputa universitária, denotando que o poeta continuava mantendo uma relação de proximidade com os ambientes de ensino e de produção de conhecimento.

³⁸⁸ *Par.*, XVII, 88-93. ALIGHIERI. Op. cit., 2005, p. 745.

³⁸⁹ SAPEGNO. Op. cit., 1957, p. 998.

³⁹⁰ Tradução livre: “*Per Petrocchi, la lode cacciaguidiana di Cangrande era addirittura un saluto, un congedo: lettura sottile, ma puramente psicologica, che voleva ignorare le condizioni politico-produttive della scrittura medievale. L’encomio è invece un momento essenziale dello scambio fra il signore e il letterato di corte – persino valorizzato dalle dichiarazioni e dagli esempi di libertà di giudizio depositati nell’opera*”. INGLESE. Op. cit., p. 137.

De 1320 também se tem datado uma troca poética realizada com o bolonhês Giovanni de Virgílio. Esta fornece um importante marco para datar a última estadia de Dante: Ravenna, comuna da Romanha. Essa troca epistolar trata das *éclogas*, composições poéticas de característica pastoral, empregadas de modo dialógico e frequentemente alegóricas, como é o caso desta³⁹¹. Nessas, Giovanni escreve ao florentino demonstrando ter já lido o *Inferno* e o *Purgatorio*, mas criticando-o por escolher a linguagem vulgar para tratar de matéria tão elevada, ao que Dante respondeu também com um poema latino, no qual inclusive se pode inferir que o *Paradiso* ainda não fosse divulgado. Quatro são as *éclogas* desta correspondência, intercaladas entre os poetas; na segunda troca Giovanni de Virgílio convida Dante para vir a Bolonha, o que o florentino declina, atestando estar sob o patronato de um *Iollas*, identificado como Guido Novello da Polenta, *signore* de Ravenna. Portanto, sabe-se que a partir do verão de 1320 Dante estabelece-se sob os cuidados do ravennate.

Dante permanece então na corte de Guido Novello, que assumira o governo da comuna em 1316 substituindo seu tio Lamberto, morto neste ano. Conhecido por seu patrocínio às artes, Guido esteve igualmente envolvido em relações conflituosas, destacando-se aqui a delicada situação que Ravenna tinha com Veneza, detentora de enorme influência sobre o Mar Adriático, inclusive impondo à comuna romanholas pesados tratados comerciais³⁹². No âmbito dessa relação, há a menção de que Dante tenha ido em 1321 como embaixador de Guido para Veneza, empregando uma última vez seus serviços diplomáticos:

Os venezianos, no entanto, que tinham muito pouco conhecimento de eloquência, ficaram tão amedrontados pelo maravilhoso poder de eloquência que a fama atribuía ao poeta, que, com medo de serem demovidos de seu propósito arrogante, recusaram seu repetido pedido por permissão para expor sua embaixada a eles. E quando o poeta, sem ter obtido uma audiência e agora atacado de febre, pediu por uma escolta para costear o mar até Ravenna, eles simplesmente lhe recusaram, pois foram tomados pela ideia ainda mais insana de que, tendo posto todo o poder de guerra e de paz nas mãos do almirante da frota, se eles concedessem a Dante um salvo-conduto por mar, Dante conseguiria fazer o almirante ir para o lado que quisesse. [...] O poeta, portanto, teve de enfrentar as durezas da viagem por terra e, quando ele alcançou Ravenna, morreu dentro de alguns dias e foi chorado com um funeral público³⁹³.

³⁹¹ TRECCANI. *Egloga*. Disponível: <<https://www.treccani.it/enciclopedia/egloga/>>. Acesso em: 02 ago. 2021.

³⁹² ANGIOLINI, Enrico. *POLENTA, Guido da*. In: *Dizionario biografico degli Italiani*, v.84, 2015. Disponível em: <[https://www.treccani.it/enciclopedia/guido-da-polenta_\(Dizionario-Biografico\)/](https://www.treccani.it/enciclopedia/guido-da-polenta_(Dizionario-Biografico)/)>. Acesso em: 02 ago. 2021.

³⁹³ VILLANI, Filippo. *Livro sobre a Origem da Cidade de Florença e sobre seus Cidadãos Famosos*. In: AUBERT. Op. cit., p. 236-237.

O hiperbólico relato da crônica de Filippo Villani, escrita e revisada entre as décadas de 1380 e 1390 é, no entanto, a única fonte que faz referência à viagem do poeta à Veneza. Sua morte, em contrapartida é precisa: 13 ou 14 de setembro de 1321, em Ravenna, último refúgio em que Dante aporta, feito “barco sem vela e sem governo, levado a vários portos, fozes e praias pelo vento seco que exala a dolorosa pobreza”³⁹⁴:

Dante nunca mais retornaria a Florença, mesmo depois de morto: Ravenna sempre se recusou a devolver os ossos do poeta à cidade natal que o repelira. No entanto, hoje, entre os túmulos de florentinos célebres em Santa Croce, encontra-se um dedicado a Dante, vazio – um cenotáfio, no qual se lêem, inscritas na pedra, as mesmas palavras com que Virgílio é saudado na *Comédia: Onorate l'altissimo poeta* (“Honrai o altíssimo poeta”)³⁹⁵.

O destino da *Commedia* por sua vez continuava vivo. Novamente Boccaccio em seu *Trattatello* aborda um acontecimento episódico no qual diz ter se perdido os últimos treze cantos do *Paradiso*. Não obstante as incansáveis buscas dos amigos e filhos de Dante, o poema permaneceria incompleto. Então, *oito meses depois*, apareceu a seu consternado filho Iacopo, “uma admirável visão, que não apenas o demoveu da presunção estúpida, como lhe mostrou onde estavam os treze cantos que faltavam à *divina Comédia*, que eles não haviam conseguido encontrar”³⁹⁶. Dirigindo-se então para Ravenna, Iacopo e Piero Giardino, um notário ravennate, vão até o local indicado pela visão e encontram o restante da magna obra de Dante.

Afora o misticismo por trás dessa narrativa – que é inclusive algo similar àquela de que Boccaccio fala dos setes capítulos iniciais da *Commedia* terem sido escritos ainda em Florença e perdidos durante os primeiros anos do exílio – um interessante ponto é apresentado por Giorgio Inglese³⁹⁷: apesar do fantasioso relato boccacciano, um desses dados compactua com o cruzamento de informações disponíveis em outros documentos. Como acima apresentado, a visão de Iacopo ocorre oito meses após a morte de Dante, portanto, em abril de 1322. Pouco antes disso, em 23 de fevereiro, Guido Novello é eleito Capitão do Povo de Bolonha, deixando Ravenna temporariamente sob o encargo de seu irmão, o arcebispo Rinaldo³⁹⁸. A posse do cargo ocorre em 1º de abril, e neste dia, Guido recebe um soneto em sua homenagem, de autoria de Iacopo Alighieri. Neste soneto, Iacopo fala sobre a beleza que *sua irmã* porta

³⁹⁴ *Conv.*, I, iii, 5. ALIGHIERI. Op. cit., 2019, p. 113.

³⁹⁵ STERZI. Op. cit., p. 42.

³⁹⁶ BOCCACCIO. Op. cit., p. 175, grifo nosso. Esta é a primeira vez que o consagrado nome *Divina Comédia* aparece.

³⁹⁷ INGLESE. Op. cit., p. 143-147.

³⁹⁸ ANGIOLINI. Op. cit. Guido acabaria ainda sofrendo um golpe em setembro, quando seu primo Ostasio da Polenta toma o controle de Ravenna, deixando-o então na condição de exilado em Bolonha.

assim como uma *divisão* enviada juntamente do soneto. Esta divisão é um “capítulo”, nomeado por seu *incipit*, *O voi che siete del verace lume* (*Ó vós que sois da verdadeira luz*), texto versificado que se apresenta como um anexo à “irmã” de Iacopo, isto é, a *Commedia*. O capítulo atesta inclusive que a envia conjuntamente: *guardate all’alta comedia presente* (*olhai para a alta comédia presente*). Além disso, no soneto, Iacopo manifesta enviar primeiramente a Guido, para que ele possa corrigi-lo. Isso permite deduzir que esse texto enviado seja uma versão “orgânica” da *Commedia* em sua completude – texto enviado oito meses após a morte do poeta, portanto, coincidindo com a data do relato de Boccaccio.

Especulativo ou não, essa passagem é de significativa importância. Através do cruzamento de fontes documentais oficiais, de registros poéticos variados, das trocas epistolares, a biografia de Dante escrita por Inglese (tão cara à nossa pesquisa), congrega as muitas facetas do poeta e dos vestígios acerca de sua vida que nos chegam até hoje e que nos permitem compreendê-lo. Igualmente, demonstra que a História não se faz verticalmente sobre um único eixo, sem que se perca de vista uma substancial parcela sobre o objeto estudado: “Embora possamos nos beneficiar hoje de um campo maior e multifacetado de fontes históricas, as subespecialidades revelam ora o resultado benéfico dessa ampliação, ora a compartimentalização de um saber que necessita se interligar”³⁹⁹. Apresenta por fim, a dualidade que permeia a vida de Dante Alighieri: o Sumo Poeta que viemos nos esforçando para apresentar como um homem “terreno”, angustiado com as mazelas de sua vida, apaixonado e irascível, é também aquele que *transumanou*⁴⁰⁰, o homem que transcendeu mediante seu Sacro Poema, tanto internamente na narrativa, quanto externamente no poema divulgado e lido sete séculos após sua morte – e o relato de Boccaccio nos evidencia isso: assim como em vida, sua morte é também permeada de mito.

3.2 *Il poema sacro al quale ha posto mano e cielo e terra: a sacralidade terrena da Commedia*⁴⁰¹

A *Commedia* se apresenta como um poema sacro conforme o próprio Dante escreve. Atravessando os Três Reinos do Além, observando o estado daquelas almas e narrando sua condição, a obra tem como *sujeito*, segundo a exposição presente na

³⁹⁹ GUIMARÃES. Op. cit., p. 12.

⁴⁰⁰ *Par.*, I, 70.

⁴⁰¹ *Par.*, XXV, 01-02. “[...] este sacro poema | no qual têm posto a mão o Céu e a Terra”. ALIGHIERI. Op. cit., 2017c, p. 175. Uma das passagens em que o Cântico do *Paradiso* é nomeado através da narração.

Epístola XIII, literalmente o “estado das almas depois da morte”, e alegoricamente “o homem que merecendo ou desmerecendo pela liberdade do arbítrio, submete-se ao que premeia ou castiga”⁴⁰². Presume-se que a viagem fictícia de Dante se inicia na Sexta-feira Santa, 25 de março⁴⁰³ de 1300, ano do primeiro Jubileu da Igreja, adentrando a cratera do Inferno ao anoitecer, atravessando o planeta e saindo aos pés da Montanha do Purgatório na manhã do dia 27, portanto, no Domingo de Páscoa. O percurso do Purgatório se encerra somente ao meio-dia da quarta-feira dia 30. A ascensão pelo Paraíso dura cerca de 19 horas, até a chegada ao Empíreo, onde o tempo torna-se incalculável⁴⁰⁴.

A Terra apresentada por Dante é uma esfera imóvel que permanece fixa no centro do universo enquanto é orbitada pelos demais astros, portanto, seguindo uma ordem geocêntrica. A base é o modelo ptolomaico, teoria cosmológica prevaiente no medievo; no entanto, é importante ressaltar que Dante se baseia ainda em outros autores para suas discussões astronômicas, como o escolástico Alberto Magno e os islâmicos Al-Farabi e Alfragano⁴⁰⁵. O planeta se divide em dois hemisférios, um setentrional composto majoritariamente de terra, estendendo-se até o limiar dos territórios conhecidos, à leste pelas Fozes do Rio Ganges, à oeste pelas Colunas de Hércules (Estreito de Gibraltar); no centro, localiza-se a cidade de Jerusalém. O outro hemisfério, o austral, é composto quase totalmente de água, exceto por uma ilha localizada nas antípodas de Jerusalém⁴⁰⁶. Abordada em outras obras como o *Convivio*, *De Monarchia* e em sua *Quaestio*, a Terra presente na *Commedia* traz duas inovações: a presença física do Inferno e do Purgatório⁴⁰⁷.

⁴⁰² *Ep.*, XIII, 11 §§33-34. ALIGHIERI. Op. cit., s/d, p. 173.

⁴⁰³ A título de curiosidade, recentemente no ano de 2020, com a aproximação dos setecentos anos de morte de Dante, o governo italiano instituiu o dia 25 de março como uma data de celebração ao Poeta, nomeando-o *Dantedì* (Dia de Dante). Cf.: WIKIPEDIA. *Dantedì*. Disponível em: <<https://it.wikipedia.org/wiki/Danted%C3%AC>>. Acesso em: 02 ago. 2021.

⁴⁰⁴ INGLESE, Giorgio. *Dante: guida alla Divina Commedia*. Roma: Carocci Editore, 2012, p. 15. A cronologia da viagem é construída a partir de diversas passagens da própria obra que dão marcos temporais, permitindo determinar o tempo do percurso.

⁴⁰⁵ Alberto Magno (1200-1280) professor da Universidade de Paris e mestre de Tomás de Aquino, foi um dos mais importantes filósofos escolásticos a trabalhar com a obra de Aristóteles, e se empenhar na separação entre filosofia e teologia. Abu Nasr Al-Farabi (ca. 870-950), junto de Al-Kindi é tido como um dos primeiros grandes filósofos islâmicos, conhecido por seu trabalho com a filosofia neoplatônica. McGRADE. Op. cit., p. 407, 410; Ahmad al-Farghānī, conhecido pelo nome latinizado Alfragano, foi um astrônomo árabe do século IX, cujos trabalhos foram traduzidos para o latim durante o XII. Dante chega a citar diretamente suas *Agregações das estrelas* em *Conv.*, II, v, 16. TRECCANI. *al-Farghānī, Ahmad ibn Muhammad ibn Kathīr*. Disponível em: <<https://www.treccani.it/enciclopedia/ahmad-ibn-muhammad-ibn-kathir-al-farghani/>>. Acesso em: 02 ago. 2021.

⁴⁰⁶ Confira ANEXO C.

⁴⁰⁷ KLEINER, John. *Earth, Globe*. In: LANSING. Op. cit., p. 328-330.

3.2.1 Inferno: Reino do Horror

O Inferno é uma cratera cônica que se estende e se afunila até o centro do planeta. A cratera foi formada quando da Queda de Lúcifer que, repellido dos Céus, caiu na Terra, estando preso no centro dela. Por aversão ao anjo caído, o planeta se abriu evitando seu contato, de modo que essa terra escapou saindo no outro hemisfério. A montanha do Purgatório é, portanto, criada pela terra escapadiça que preencheria o vácuo da cratera do Inferno – ambos os espaços do Além são assim originados por conta de Lúcifer⁴⁰⁸.

O poema se inicia em *medias res*, mas ainda não no Inferno. Dante encontra-se perdido numa *selva escura*, sem saber como lá se embrenhou:

01 No meio do caminho em nossa vida,
eu me encontrei por uma selva escura
porque a direita via era perdida⁴⁰⁹.

01 *Nel mezzo del cammin di nostra vita*
mi ritrovai per una selva oscura
che la diritta via era smarrita.

Como já mencionado anteriormente, o primeiro verso dá o indicativo da idade de Dante, trinta e cinco anos, e conseqüentemente a datação da viagem, o ano de 1300. Como ressalta Sapegno⁴¹⁰, isso não se esgota numa exigência de precisão cronológica, mas ainda se destaca por um propósito artístico com entonação de teor bíblico, além de alegórico e moral, que não se restringe a Dante, mas também para toda humanidade, indicado pelo uso da primeira pessoa do plural em *nostra vita* ao final do verso inicial.

A *selva oscura* é uma estrutura espacial recorrente no imaginário medieval. A floresta, mesmo que um espaço de grande importância, que circunda boa parte do mundo medieval, é um lugar povoado de ameaças e perigos, reais ou imaginados⁴¹¹. Aqui, a selva se põe como símbolo de desvio moral e intelectual, um estado de ignorância e corrupção humana. A redenção de que a obra indica é não apenas para o peregrino Dante, mas para toda a humanidade. A direita via, ou seja, o caminho que conduz à virtude, fora perdida por todos. Isso é importante de ressaltar: Dante se põe inicialmente como estando na mesma condição daqueles desviados, sem sequer saber como foi parar neste estado. A possibilidade de redimir-se não ocorre unicamente por

⁴⁰⁸ *Inf.*, XXXIV, 121-126. SAPEGNO. Op. cit., 1957, p. 390-391.

⁴⁰⁹ *Inf.*, I, 01-03. ALIGHIERI. Op. cit., 2005, p. 31.

⁴¹⁰ SAPEGNO. Op. cit., 1957, p. 03.

⁴¹¹ LE GOFF. Op. cit., 2016, p. 115-118.

seu esforço próprio, mas antes pela intervenção divina. Todavia, essa é a condição do *personagem*, logo, o narrador que se mescla ao autor, já superou esse estado de espírito, e é assim que ele se põe como guia ao leitor.

Em seguida, ao vislumbrar um monte banhado pela luz do sol, descrito como envolto pelos raios daquele astro “que leva à recta via cada qual”⁴¹², Dante decide por galgá-lo. No entanto, ele se depara com três feras que lhe impedem o caminho: uma pantera, um leão e uma loba⁴¹³. Essa passagem tem um reflexo intertextual explícito com o Livro de Jeremias: “Por isso o leão fere, | o lobo da estepe os dizima, | a pantera está à espreita em suas cidades: | todo aquele que sair delas será despedaçado. | Pois seus crimes são numerosos, | inúmeras as suas rebeldias”⁴¹⁴. Para socorrê-lo, aparecerá a alma de Virgílio, propondo-lhe um caminho alternativo, já citado no início deste Terceiro Capítulo.

Assim, conduzido por seu guia, Dante será levado através do Reino de Lúcifer. Nos arredores de Jerusalém há uma entrada que conduz até o Inferno, cujo portal traz em suas inscrições as *palavras de cor escura* que fazem o poeta tremer, advertindo-o: “Deixai toda esperança, vós que entráis”⁴¹⁵. Passando pelo pórtico estão os ignavos, vis neutros que viveram covarde e ociosamente, não se ocupando de fazer o bem, tampouco o mal: “O céu não quer por eles ser manchado | nem no profundo Inferno são bem vindos”⁴¹⁶. Atravessando em seguida o Rio Aqueronte, entra-se no Inferno propriamente dito, que se divide em nove círculos concêntricos, dispostos gradualmente conforme a gravidade do pecado: quanto mais grave, mais ao fundo do Inferno a alma se encontrará⁴¹⁷. O Primeiro Círculo é o Limbo, onde estão as crianças que morreram sem batismo juntamente das almas nobres daqueles que também não foram batizados. Não sofrem nenhum tipo castigo; mas se por um lado gozam de uma posição privilegiada em comparação às demais almas do Inferno, não deixam de estar condenadas, pois no

⁴¹² *Inf.*, I, 17. ALIGHIERI. Op. cit., 2005, p. 31.

⁴¹³ Motivo de grande debate entre os dantistas, as Três Feras surgem como “três disposições pecaminosas que impedem o arrependimento e a conversão do pecador, e ao mesmo tempo três obstáculos particularmente graves ao cumprimento da ordem política e moral da sociedade cristã” (SAPEGNO, 1957, p. 07, tradução livre). Tradicionalmente foram apresentadas alegoricamente como pantera/luxúria, leão/orgulho, loba/avareza, enquanto algumas interpretações mais recentes relacionam as Feras respectivamente com orgulho, inveja e avareza, bem como com as três disposições que estruturam o Inferno: incontinência, bestialidade e malícia. Para mais observações e leituras, cf.: DE LAS NIEVES MUÑOZ MUÑOZ, María. *Dante e le tre fiere nell'interpretazione figurativa*. In: *Parola e l'immagine: studi in onore di Gianni Venturi*. Firenze: Leo S. Olschki, 2011, p. 75-85.

⁴¹⁴ *Jr.*, 5,6. BÍBLIA DE JERUSALÉM. Op. cit., p. 1372.

⁴¹⁵ *Inf.*, III, 09. ALIGHIERI. Op. cit., 2010, p. 70.

⁴¹⁶ *Inf.*, III, 40-41. *Ibid.*, p. 72.

⁴¹⁷ Confira ANEXO D.

momento do Juízo Final, continuarão em sua condição de *suspensos*, padecendo ante sua única pena: “sem esperança ansiar eternamente”⁴¹⁸.

Aí Dante encontrará grandes vultos da Antiguidade, desde personagens mitológicos como o herói Eneias e a rainha das amazonas Pentasileia, assim como sábios e poetas antigos, como Platão, Sócrates e Aristóteles, Homero, Ovídio e Lucano, sendo também esse o local de habitação de seu guia Virgílio. Mais surpreendente, o Limbo comporta também alguns grandes muçulmanos, como o sultão Saladino e os filósofos Avicena e Averróis. Como bem reforça Maria Soserina, é intrigante que o Limbo seja pouco debatido quanto sua heterodoxia se comparado às doutrinas da Igreja. O antigo reduto dos patriarcas recebe nobres pagãos, heróis mitológicos e mesmo indivíduos muçulmanos, ou seja, pessoas que viveram *após* a vinda de Cristo! De modo contrastante, “o fato de [Dante] ter posto Maomé no Inferno cria perplexidade... hoje. Na época de fato, era óbvio que Maomé estivesse no Inferno. E onde deveria estar? Era Saladino no Limbo a ser ‘anormal’, não Maomé no Inferno!”⁴¹⁹.

Passando para o Segundo Círculo está Minós, o mitológico Juiz do Inferno que julga os condenados e decreta para onde cada um vai; portanto, é a partir daqui que começam os suplícios dos danados. Vale a menção que, tanto no Inferno quanto no Purgatório, haverá uma correlação direta entre pecado e pena/penitência: é a lei do *contrapasso*, que prevê a aplicação de uma Justiça Divina relacionada ao tipo de pecado cometido⁴²⁰. No Segundo Círculo estão os luxuriosos, assolados por um eterno vendaval que “em giros e pancada os escarmenta”⁴²¹, sendo assim arrastados da mesma forma que o foram em vida por seus desejos carnis; no Terceiro, os glutões afligidos por “chuva eterna, maldita e fria e intensa”⁴²², ficam chafurdados na lama enquanto são molestados por Cérbero, o diabólico cão de três cabeças que protegia a entrada do Hades. O Quarto Círculo comporta dois pecados antagônicos, a avareza e a prodigalidade; os condenados se dividem em dois grupos reunidos conforme seu erro, arrastando enormes pedras com o peito uns contra os outros, de modo que quando se chocam, “voltavam sobre os passos, perguntando: | ‘Por que guardas?’ e ‘Por que desperdiças?’”⁴²³. No Quinto Círculo o pântano do Estige recebe os iracundos e tristes, que permanecem feito “porcos

⁴¹⁸ *Inf.*, IV, 42. ALIGHIERI. Op. cit., 2017a, p. 44.

⁴¹⁹ Tradução livre: “Comunque sia, l’aver messo Maometto in Inferno crea perplessità... oggi. All’epoca, infatti, era ovvio che Maometto stesse in Inferno. E dove doveva stare? Era il Saladino nel Limbo a essere «anormale», non Maometto in Inferno!”. SOSERINA. Op. cit.

⁴²⁰ PERTILE, Lino. *Contrapasso*. In: LANSING. Op. cit., p. 219-222.

⁴²¹ *Inf.*, V, 33. ALIGHIERI. Op. cit., 2010, p. 95.

⁴²² *Inf.*, VI, 08. *Ibid.*, p. 114.

⁴²³ *Inf.*, VII, 29-30. *Ibid.*, p. 124.

na pocilga”⁴²⁴, os primeiros se esmurrando, os segundos mergulhados no fundo do palude; adiante, chega-se à Cidade de Dite e ao Sexto Círculo. Marco da arquitetura infernal, esse recinto abriga os heréticos e epicuristas confinados em sepulcros envoltos em chamas: “e de tal sorte todos se acendiam, | que nunca o ferro requereu tal arte”⁴²⁵.

Essa primeira parte do Inferno é onde se pune os pecados da *incontinência*. Virgílio dirá a Dante sobre as “três disposições que ao céu ofendem, | incontinência, malícia e insensata | bestialidade [...]”⁴²⁶. Essa tríade é proveniente da ética aristotélica⁴²⁷, ao que o próprio Virgílio faz menção; divide-se então a organização do Inferno entre esses três grandes blocos, sendo punidos do Segundo ao Quinto Círculo os pecados referentes à incontinência, que “consiste em deixar prevalecer imoderadamente as paixões e buscar além do direito o gozo das coisas por si mesmas não reprováveis”⁴²⁸; ou seja, as paixões por si mesmas não são ruins, mas tornam-se viciosas por sua falta de comedimento. As outras duas disposições (bestialidade e malícia), concernem aos pecadores que estão abaixo da Cidade de Dite, chamado Baixo Inferno, sendo discutido na dantística acerca da correlação entre os pecados e essas disposições. Por exemplo, para Natalino Sapegno não há uma correlação direta, considerando que ambas são na realidade partes da *malícia*, que se divide entre malícia bestial e malícia humana⁴²⁹. Inglese por sua vez aceita a leitura de Boccaccio, que toma a bestialidade como a heresia (punida no Sexto Círculo), e a malícia dividida então entre violência e fraude, os pecados punidos nos círculos subsequentes⁴³⁰.

No Baixo Inferno, pune-se entre o Sétimo e Nono Círculo a violência, fraude e traição respectivamente. Trata-se dos pecados de maior gravidade, diferenciando-se daqueles da incontinência por serem realizados mediante o uso da razão, enquanto aqueles se dão pela falta de controle sobre suas paixões:

[...] o autocontrole e a firmeza são considerados bons e louváveis e o descontrole e a indolência maus e censuráveis; o indivíduo é autocontrolado quando se conforma ao produto de seus raciocínios ou descontrolado quando não hesita em afastar-se dos resultados desses raciocínios; o indivíduo

⁴²⁴ *Inf.*, VIII, 50. Id., Op. cit., 2005, p. 89.

⁴²⁵ *Inf.*, IX, 119-120. Ibid., p. 101.

⁴²⁶ *Inf.*, XI, 81-83. Id., Op. cit., 2010, p. 167-168.

⁴²⁷ *Ética a Nicômaco*, VII, i, 1145a 15. “[...] os estados morais a serem evitados são de três formas: vício, descontrole e bestialidade”, em grego, *kakía*, *akrasía* e *theriôtes* respectivamente. ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Edipro, 2014, p. 249.

⁴²⁸ Tradução livre: “*l’incontinenza, che consiste nel lasciar prevalere smoderatamente le passioni e ricercare al di là del giusto il godimento di cose per se stesse non riprovevoli*”. SAPEGNO. Op. cit., 1957, p. 134.

⁴²⁹ Ibid., loc. cit.

⁴³⁰ INGLESE. Op. cit., 2012, p. 30-31.

descontrolado realiza aquilo que sabe ser mau, *devido à paixão*, ao passo que o autocontrolado, ciente de que seus apetites são maus, não se deixa conduzir por eles, *devido à razão*⁴³¹.

O uso da razão é o mediador que faz o ser humano conter seus impulsos, portanto, empregá-lo intencionalmente para realizar o mal é mais abominável que o vício conduzido pelas paixões. Além disso, é oportuno lembrar que a razão é o traço de distinção da humanidade. No *Convivio*, Dante discute sobre as *potências da alma*, baseando-se novamente em Aristóteles⁴³², discorrendo que três são essas potências: vegetativa, sensitiva e racional. A primeira é a que se permite viver, estando presente nas plantas; a segunda é a que permite sentir, estando presente nos animais; a terceira é a que permite racionalizar, presente nos humanos. Essas potências são relacionadas através de uma fundamentação de mão-única: um animal possui a potência sensitiva e a vegetativa, enquanto uma planta vive apenas com a vegetativa. A alma humana é a única que congrega essas três potências, distanciando-se assim de todos os outros viventes, e aproximando-se da natureza divina, racional por excelência⁴³³. Desse modo, “ao se retirar a última potência da alma – isto é, a razão – não mais permanece o homem, mas apenas um ser com alma sensitiva, isto é, um animal irracional”⁴³⁴.

Assim, o Baixo Inferno divide-se em três círculos, sendo cada um desses subdivididos em si. O Sétimo, dos Violentos, possui três repartições: no primeiro giro, o Rio Flegetonte “de fervura tão vermelha | onde os fervidos gritavam nefandos”⁴³⁵: é onde estão os violentos contra o próximo, imersos no rio borbulhante, variando a altura de sua submersão conforme a gravidade dessa violência: ladrões e vândalos ficam com os peitos para fora, os homicidas apenas com a cabeça, os tiranos, mergulhados na altura dos olhos – e para aqueles que tentam subir além do permitido, a patrulha de centauros que vagueia por ali prontamente os alveja de flechadas. No segundo giro apresenta-se um bosque, “Sem fronda verde, mas na cor bem foscas; | sem ramo liso, aos nós, tortos, bicudos, | sem pomos, mas com muito espinho toco”⁴³⁶; a floresta dos violentos contra si, onde os suicidas são convertidos nas próprias árvores espinhosas, e

⁴³¹ *Ética a Nicômaco*, VII, i, 1145b 10. ARISTÓTELES. Op. cit., p. 250-251.

⁴³² Sobretudo em seu *De anima (Da alma)*, citado diretamente. Porém, mais uma vez suas referências não se limitam ao estagirita, havendo a presença também das reflexões de outros pensadores como Alberto Magno, Tomás de Aquino, Dionísio Areopagita, John Scott Erígena e Boaventura Bagnoregio, conforme indicado por Emanuel de Brito nas notas das passagens aqui abordadas. BRITO. Op. cit., 2019, p. 388, 424.

⁴³³ *Conv.*, III, ii, 11-14.

⁴³⁴ *Conv.*, IV, vi, 14-15. ALIGHIERI. Op. cit., 2019, p. 269.

⁴³⁵ *Inf.*, XII, 101-102. Id., Op. cit., 2010, p. 176.

⁴³⁶ *Inf.*, XIII, 04-06. Id., Op. cit., 2005, p. 129.

sua pouca folhagem serve de alimento para as harpias que amplificam seu tormento. Há também um segundo tipo de pecador nesse bosque, os perdulários, indivíduos que dilapidaram seus próprios bens, sendo perseguidos por cadelas negras que os dilaceram sempre que os alcançam. Por fim, em um campo árido encontram-se os violentos contra Deus, e “Em todo o areal, de um cair lento, | chovia fogo em flocos dilatados, | como de neve em alpe sem o vento”⁴³⁷. Sodomitas, usurários e blasfemos aí padecem, cada qual reagindo às chamas que caem dos céus conforme manda a punição divina: correndo, sentados ou deitados no areal respectivamente.

Um precipício separa os violentos dos fraudulentos que ocupam o restante das categorias punidas no Inferno. A fraude enquanto perversão racional pode ser contra alguém próximo, alguém em quem se confia, e essa recebe o nome de traição. Pode também ser feita contra pessoas com quem não se tenha uma relação direta: é a fraude simples, punida no Oitavo Círculo, nomeado *Malebolge (Bolsa Ruim)*⁴³⁸. Essa divide-se em dez bolsas, e assemelha-se na aparência com os fossos que circundam os castelos. Dante e Virgílio cruzam cada uma dessas valas sobre pontes de pedras que as atravessam.

Na primeira, rufiões e sedutores postos em eterna debandada, por “demônios cornudos de flagelo, | cruéis batendo atrás de cada espectro”⁴³⁹. Na segunda os bajuladores estão imersos em esterco, visão tão grotesca que Dante ironiza ter visto “um com a cabeça em tanta merda sujo | que a ver se é leigo ou clérigo me perco”⁴⁴⁰, ou seja, tinha a cabeça tão coberta de fezes que era impossível ver se possuía ou não a tonsura. A ironia continua na terceira vala, onde os simoníacos estão de cabeça para baixo, enfiados em buracos assimilados por Dante: “Não menos eram e não mais folgados | que os que há no meu belo São João, | e são aos batizantes destinados”⁴⁴¹. Rememorando a pia batismal de Florença, o poeta apresenta os pecadores que negociaram as coisas sacras, enfiados nesses estreitos buracos com línguas de fogo pelas plantas dos pés. Na quarta fossa, há uma passagem de singular importância para a narrativa: aqui os adivinhos são punidos tendo suas cabeças retorcidas e suas faces voltadas para o dorso, ficando assim vagando de costas. Essa visão deixa o peregrino

⁴³⁷ *Inf.*, XIV, 28-30. *Ibid.*, p. 139.

⁴³⁸ SAPEGNO. *Op. cit.*, 1957 p. 207.

⁴³⁹ *Inf.*, XVIII, 35-36. ALIGHIERI. *Op. cit.*, 2005, p. 173.

⁴⁴⁰ *Inf.*, XVIII, 116-117. *Id.*, *Op. cit.*, 2010, p. 241.

⁴⁴¹ *Inf.*, XIX, 16-18. *Id.*, *Op. cit.*, 2017a, p. 133.

Dante profundamente comovido, o que lhe custará uma severa reprovação por parte de seu guia:

19 Que Deus te deixe, leitor, colher fruto
desta lição, e vai por ti entendendo
se eu podia conservar o rosto enxuto,

22 nossa imagem assim de perto vendo
tão torta, que dos olhos lacrimosos
seu choro ia pelas nádegas vertendo.

25 Chorava eu debruçado nos fragosos
blocos, e eis que meu guia assim me exorta:
“Ainda estás co’ os tolos enganosos?”

28 Para o piedoso, aqui piedade é morta:
pois quem mais celerado é do que alguém
que à justiça de Deus paixão comporta?”⁴⁴²

19 *Se Dio ti lasci, lettor, prender frutto
di tua lezione, or pensa per te stesso
com'io potea tener lo viso asciutto,*

22 *quando la nostra imagine di presso
vidi sì torta, che 'l pianto delli occhi
le natiche bagnava per lo fesso.*

25 *Certo io piangea, poggiato a un de' rocchi
del duro scoglio, sì che la mia scorta
mi disse: – Ancor se' tu delli altri sciocchi?*

28 *Qui vive la pietà quand'è ben morta:
chi è più scellerato che colui
che al giudicio divin passion porta?*

Essa passagem se inicia com um dos já referidos apelos ao leitor, sendo esse de forte teor pedagógico. O Dante narrador conduz seu interlocutor a se compadecer da imagem apresentada, assimilando-o assim ao Dante personagem enquanto incentiva-o a *pensar por si mesmo*. Desse modo, a reprovação de Virgílio recai igualmente sobre o leitor que se sensibilizara com a grotesca imagem humana retorcida, seguindo a orientação do narrador. Essa é uma das passagens abordadas por Guérios para demonstrar o teor pedagógico da *Commedia*, no qual o aprendizado do Dante peregrino exercido por Virgílio se converte em um aprendizado do leitor exercido pelo Dante narrador, portanto, havendo um impacto direto na narração a partir de um acontecimento no nível da ação⁴⁴³. Além disso, para a dinâmica própria da viagem do Dante personagem, essa passagem provoca uma mudança em seu comportamento: Virgílio o censura por ter se compadecido da pena imposta àqueles condenados, afinal,

⁴⁴² *Inf.*, XX, 19-30. *Ibid.*, p. 140.

⁴⁴³ GUÉRIOS. *Op. cit.*, p. 67-74.

se Dante tem compaixão dessas almas, significa que ele não concorda com o decreto divino, por isso o guia lhe dirá que no Inferno *vive a piedade quando bem morta*.

Essa lição o poeta demonstra ter compreendido, não se compadecendo mais daí em diante⁴⁴⁴. Avançando, chega-se a quinta vala, onde os condenados por tráfico são mergulhados em pez fervente, enquanto diabos armados de arpéus sobrevoam a viscosa fossa atormentando-os “como fazem cozinheiros esperto | e os ajudantes, que espetam no fundo | do tacho a carne; e ela não nada, é certo”⁴⁴⁵. Na sexta vala, os hipócritas em eterna procissão: “Tinham capas, capuz baixado ao mento, | cobrindo os olhos, como os da abadia | que em monges de Cluny são paramento. | Tão douradas por fora, resplendiam; mas dentro, chumbo, e tão pesadas [...]”⁴⁴⁶. A sétima vala comporta um espetáculo que causa espanto e admiração, reforçado por outro apelo:

46 Se ora fores, leitor, de crença lento
quanto ao que vou dizer, não maravilha,
que eu que isso vi, a custo o represento⁴⁴⁷.

46 *Se tu se' or, lettore, a creder lento
ciò ch'io dirò, non sarà meraviglia,
ché io che 'l vidi, a pena il mi consento.*

O apelo aqui empregado por Dante é aquele que reforça o pacto ficcional com o leitor, através do *maravilhoso*. Atestando seu próprio espanto, o narrador afirma que não há problemas se seu interlocutor não acreditar no que está sendo descrito, pois ele próprio que viu aquilo pouco crê, atribuindo assim autenticidade para aquela visão extraordinária⁴⁴⁸. A saber, trata-se das transformações pelas quais passam os ladrões que coabitam com serpentes, elas próprias outros pecadores; cada vez que uma víbora ataca uma alma, ambas se incendeiam, tornando a serpente a assumir sua forma humana, enquanto a vítima converte-se num réptil similar.

Aproximando-se do fim do *Malebolge*, se apresenta a flamejante oitava fossa que retém os maus conselheiros, onde “cada chama se movia | continuamente, pra esconder sua presa, | que é um pecador que dentro custodia”⁴⁴⁹. Na nona, os semeadores de discórdia banham o chão da fossa com seu próprio sangue, sendo eternamente mutilados conforme é dito ao peregrino Dante: “Há um diabo que atrás de nós nos

⁴⁴⁴ Uma única exceção ocorre em *Inf.*, XXIX, 04-36, quando o poeta enxerga a alma de seu parente Geri del Bello.

⁴⁴⁵ *Inf.*, XXI, 55-57. ALIGHIERI. Op. cit., 2010, p. 269.

⁴⁴⁶ *Inf.*, XXIII, 61-65. Ibid., p. 290.

⁴⁴⁷ *Inf.*, XXV, 46-48. Id., Op. cit., 2005, p. 229.

⁴⁴⁸ GUÈRIOS. Op. cit., p. 135-136.

⁴⁴⁹ *Inf.*, XXVI, 40-42. ALIGHIERI. Op. cit., 2017a, p. 176.

crisma | tão cruelmente ao talhe de uma espada, | e nesta resma novamente abisma, | quando voltamos da dolente estrada”⁴⁵⁰. Por fim, a asquerosa última vala lembrada pelo poeta: “nesta fossa metidos, bem me lembro, | que gritassem, e a exalar o odor | de apodrecidos, amputados membros”⁴⁵¹; como já mencionada anteriormente, é onde os falsários são assolados por doenças, variando conforme seu tipo de falsificação: os alquimistas sofrendo de sarna, os falsificadores de pessoas com raiva, os falsificadores de moeda pela hidropisia.

Um novo desfiladeiro separa os Círculos, chegando-se então ao Nono, onde o rio congelado do Cocito recebe a pior estirpe de condenados: os traidores, divididos em quatro giros. Caína recebe os traidores dos parentes, Antenora os traidores da pátria, Ptolomeia é o destino dos traidores de seus hóspedes; por último, o mais vil dos pecados, a traição contra seus benfeitores, é punida na Judeca, que recebe seu nome do maior dos pecadores, o traidor de Cristo, Judas Iscariotes⁴⁵². Este encontra-se aí, torturado pelo próprio Satanás, que permanece preso no gelo do centro da Terra, apenas com o busto à mostra. Com suas asas produz o vento que congela as águas do Cocito e atormenta as cabeças dos condenados que se encontram com o resto do corpo submerso no gelo. Eis o suprassumo do horror que o poeta encontra em sua jornada, Lúcifer, o Imperador do Inferno com sua tripla face:

Com seis olhos choravam; por três mentos
vão pranto e baba e sangue de uma vez.

55 Em cada boca os dentes um sangrento
pecador trituravam na dentada,
e assim sofriam três em tal tormento.

58 No da frente as mordidas eram nada,
comparadas ao dano que das garras
vinha às costas da presa, despelada.

61 “A alma que ali, na pena-mor esbarra”,
disse o meu mestre, “é Judas Iscariotes,
que a cabeça tem dentro da bocarra.

64 Dos outros dois, os do mais baixo lote,
o que pende da fauce negra é Bruto:
não fala nada e se contorce aos botes.

⁴⁵⁰ *Inf.*, XXVIII, 37-40. Id., Op. cit., 2005, p. 253.

⁴⁵¹ *Inf.*, XXIX, 49-51. Id., Op. cit., 2010, p. 357.

⁴⁵² Os outros giros igualmente são nomeados a partir de personagens notórios pelo tipo de traição que ali se pune: Caim, filho primogênito de Adão e Eva que matou seu irmão Abel batiza o primeiro giro; de Antenor, príncipe troiano que traiu seus compatriotas, resultando na derrota definitiva para os gregos, deriva o segundo; por fim, o terceiro é nomeado a partir de Ptolomeu, discutido entre os comentaristas se se trata de Ptolomeu XII, irmão da rainha Cleópatra do Egito, responsável pelo assassinato de Pompeu, ou se é o Ptolomeu presente no texto veterotestamentário do *Primeiro Livro dos Macabeus*, assassino de seu sogro, Simão Macabeu. PAPKA, Claudia Rattazzi. *Traitors* In: LANSING. Op. cit., p. 822-823.

⁶⁷O outro é Cássio, os seus membros revolutos⁴⁵³.

*Con sei occhi piangea, e per tre menti
gocciava 'l pianto e sanguinosa bava.*

⁵⁵*Da ogni bocca dirompea co' denti
un peccatore, a guisa di maciulla,
sì che tre ne faceva così dolenti.*

⁵⁸*A quel dinanzi il mordere era nulla
verso 'l graffiar, che tal volta la schiena
rimanea della pelle tutta brulla.*

⁶¹– *Quell'anima là su c'ha maggior pena, –
disse 'l maestro – è Giuda Scariotto,
che 'l capo ha dentro e fuor le gambe mena.*

⁶⁴*Delli altri due c'hanno il capo di sotto,
quel che pende dal nero ceffo è Bruto
– vedi come si storce! e non fa motto! – ;*

⁶⁷*e l'altro è Cassio che par sì membruto.*

Lúcifer dá cabo do tormento de três pecadores simultaneamente: Judas traidor de Cristo, Cássio e Brutus traidores de César: “Nos três sumos traidores Dante quis atingir aqueles que atentaram primeiramente contra as duas máximas potestades, ambas predestinadas por Deus como guias à humanidade para conseguir respectivamente a felicidade terrena e do Além”⁴⁵⁴. Evidentemente o pecado-mor é o de Judas, sendo supliciado também pelas garras do Anjo Rebelde. No entanto, a presença dos traidores de César juntamente na condição de pecadores protagonistas do Cocito demonstra a correlação que o poeta emprega entre o cristianismo e o Império Romano, remetendo uma vez mais o princípio de *desígnio de Deus* para os antigos ítalos:

Desde o começo da história lendária de Roma, os dois planos da Providência estiveram entrelaçados. Enéias teve licença de descer aos infernos com vistas ao triunfo espiritual e secular de Roma. Roma era o espelho da ordem mundial concebida por Deus de modo que o Paraíso chega a ser chamado, no “Purgatório”, *quella Roma onde Christo è Romano. (Purgatorio, XXXII)*; na Roma temporal, Cristo deixou claro que iria deixar os poderes separados, a Igreja seria responsável pelo governo espiritual e não teria posses terrenas, e o Império instituído divinamente teria poder sobre todas as coisas profanas⁴⁵⁵.

No entanto, é significativo que Dante jamais deixe de criticar ambas as potestades, a saber o papa e o Imperador, quando esses não cumprem sua função. O poeta é um defensor convicto da necessidade de ambos os guias para conduzir a Cristandade, mas para isso eles precisam se impor dignamente aos seus cargos. Os

⁴⁵³ *Inf.*, XXXIV, 53-67. ALIGHIERI. Op. cit., 2010, p. 408-409.

⁴⁵⁴ Tradução livre: “*Nei tre sommi traditori Dante ha voluto colpire coloro che attentarono primamente alle due massime potestà, entrambe preordinate da Dio come guide all'umanità per conseguire rispettivamente la felicità terrena e oltremondana*”. SAPEGNO. Op. cit., 1957, p. 387.

⁴⁵⁵ AUERBACH, Erich. *Dante, o poeta do mundo secular*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997, p. 152-153.

ataques que Dante faz nunca são contra a imagem do guia, mas contra a pessoa que porta esse título: vimos isso nas condenações dos papas, e vimos também nas reprovações aos imperadores.

É um tanto complexo observarmos a imagem de Dante neste amálgama. Por um lado, o poeta cresceu e lutou por uma cidade guelfa, mas não deixou jamais de se opor aos pontífices quando esses não se ocuparam de conduzir espiritualmente a Cristandade; por outro, ele via no Imperador o guia político necessário para instaurar a ordem social, o que o fez se aproximar dos gibelinos, sem no entanto deixar de criticar também a máxima autoridade secular. É bem verdade que sua aproximação à causa imperial ocorreu principalmente após o exílio, de modo que poderíamos inferir que isso se deu pelas condições a que o poeta foi submetido quando proscrito, e a quem ele responsabilizava por seu infortúnio. Porém, não se trata de uma simples mudança de partido, como se Dante deixasse o guelfismo após o exílio e tivesse se tornado um gibelino. Até porque, os locais onde o poeta se abrigou foram majoritariamente de senhorios aliados dos guelfos. Sugerimos, portanto, que a pessoa de Dante seja observada um pouco fora desse binômio guelfo/gibelino. Dizemos *um pouco* porque afinal esse embate atravessou toda a Itália durante seus anos de vida, e ele não fica blindado aos vieses que o circundam. No entanto, nossa leitura preconiza aqui romper esse maniqueísmo, como se a Itália dos séculos XIII-XIV tivessem sido rigorosamente divididas entre essas facções. Ponderamos ainda que não realizamos esta abordagem para alçar exclusivamente o poeta como um indivíduo superior aos demais, estando acima desses partidos; antes, convidamos à reflexão de que a história peninsular como um todo seja mais nuançada no que tange a esse embate, conforme abordamos no Primeiro Capítulo (1.2 e 1.3) o quanto essas tensões foram sendo incorporadas pelas comunas e correspondendo cada vez mais aos interesses particulares citadinos.

De todo modo, matizado ou não, o Inferno (e o Além dantesco como um todo) se apresenta arraigado dessas características terrenas, tanto naquilo que é demonstrado, quanto na forma que se demonstra. Quanto a esse segundo ponto, somos convidados a tratar da linguagem do texto, conduzindo neste momento um excursão. Na questionável e já discutida passagem da exposição do poema presente na Epístola XIII, menciona-se que a *Commedia* recebe esse nome por seu estilo contraposto ao da tragédia, tanto pela matéria quanto pela linguagem; assim, no que toca seu modo de falar é “brando e humilde, porque a língua é popular, com a qual as mulheres e o povo comunicam-se

reciprocamente”⁴⁵⁶. Misoginia à parte, esse comentário indica o modo de falar baixo que a obra possui, sendo que esse não se restringe ao uso do vernáculo em si, mas também ao vocabulário empregado. Apesar da importância singular que Erich Auerbach representa para a dantística, ele também adota essa imagem mais purificada do poema e de Dante, conforme diz: “Ele próprio pode dizer o que quiser, que o seu poema é baixo, grotesco, horrível, ou irônico: permanece no tom elevado; nunca o realismo da *Comédia* poderia cair, como o do teatro cristão, no farsesco; nunca poderia servir para o divertimento vulgar”⁴⁵⁷. No entanto, ao contrário do que diz o estudioso alemão, não só a comicidade faz parte da obra, como, e essa é uma característica interessante da *Commedia*, seu léxico acompanha a progressão da viagem, inclusive empregando no *Inferno* até mesmo palavras de baixo calão – impensáveis na beatitude do *Paradiso* é bem verdade, onde se utiliza de um linguajar mais áulico. Esse é outro ponto importante a ser levado em conta, pois ele dá mais “humanidade” a Dante, tradicionalmente apresentado com todo o seu adorno poético e idoneidade religiosa, forçando um recato ao autor e evitando termos transgressivos que ele próprio não tivera problemas em empregar. Isso se reflete inclusive em algumas traduções: por exemplo, a tradução de Italo Eugênio Mauro que utilizamos aqui (Editora 34, 2017) é um desses casos em que esses termos são contornados. A tradução de Jorge Wanderley (Abril, 2010) por outro lado, não apenas traduz mais literalmente essas passagens, como ainda discute essa questão das traduções. Em sua introdução, Wanderley elenca entre seus objetivos da tradução do poema:

Manter a dureza dantesca até mesmo em suas grosserias. Quando ele diz “*coperto di merda*”, é coberto de merda, mesmo. Ademais, além do equívoco tradutório que seria abrandar essas quinas, perde-se o caráter humorístico (embora humor nigérrimo, é verdade) que há no original. [...] Ele [o poema] é catedralesco, sim, mas é também galhofeiro, às vezes, o que não se verifica nessas traduções, reverentes e quase diria religiosas, que distanciam o leitor do autor, um homem também capaz de rir⁴⁵⁸.

Deixamos claro aqui que não estamos criticando essas traduções por questões e escolhas técnicas ou estilísticas, primeiramente porque sequer dispomos de repertório e competências para fazê-lo, e em segundo lugar, porque sabemos inclusive que há eventuais implicações político-ideológicas, bem como mercadológicas por trás de trabalhos de tradução. Nossa prerrogativa é apenas abordar essa faceta de Dante,

⁴⁵⁶ *Ep.*, XIII, 10 §31. ALIGHIERI. Op. cit., s/d, p. 173.

⁴⁵⁷ AUERBACH, Erich. *Mimesis: A representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971, p. 170.

⁴⁵⁸ WANDERLEY, Jorge. *Traduzir a Divina Comédia*. In: ALIGHIERI. Op. cit., 2010, p. 41.

privilegiando traduções que apresentam esse linguajar chulo para reforçar nossa visão do poeta como um homem *terreno*, opondo-se a religiosidade excessiva que a tradição o envolveu, por vezes apresentando-o quase como um clérigo que prega versejando.

Um caso que podemos evocar contra essa imagem quase monástica da personalidade de Dante, é uma *tenzone* datada de meados da década de 1290, um embate poético em que ambos os indivíduos se confrontam a partir de breves poemas, inclusive empregando um tom ofensivo. Essa *tenzone* é contra Forese Donati, irmão de Corso, futuro líder dos *Neri* de Florença. No primeiro desses, Dante ataca não apenas Forese, mas especialmente sua esposa. E o ataque não é muito sutil; Dante diz que Nella, a esposa de Forese, parecia estar resfriada no mês de agosto, final do verão no hemisfério norte. E o motivo disso? Bem... o motivo é que seu cônjuge não estaria cumprindo suas funções matrimoniais à noite, de modo que a pobre esposa ficava assim sem ser aquecida por Forese! E sua indisposição persistia, mesmo com as tentativas da companheira: “Resfriada em agosto e bem sofrida, | nos outros meses, pensem seu estado! | Dormir vestida não lhe tem valido, | e um cobertor bem curto tem usado...”⁴⁵⁹.

Obsceno e invasivo, esses versos apresentam um Dante que pouco lembra àquele quase santificado que comumente enxergamos. Na própria *Commedia*, um exemplo que podemos elencar é a passagem em que o poeta vê o profeta Maomé na vala dos semeadores de discórdia. A imagem do primeiro condenado esquartejado que se mostra é, ironicamente falando, visceralmente grotesca, e igualmente grotesca é sua descrição:

22 Tonel que o fundo ou os lados abra ao ar
não vai mais oco que alguém que eu vi roto
do queixo até onde é de se peidar.

25 Entre as pernas pendiam tripa e cotos,
vísceras fora e mais o triste sacco
que à comida faz merda e lhe dá couto⁴⁶⁰.

*Già veggia, per mezzul perdere o lulla,
com 'io vidi un, così non si pertugia,
rotto dal mento infin dove si trulla:*

*tra le gambe pendevan le minugia;
la corata pareva a 'l tristo sacco
che merda fa di quel che si trangugia.*

Maomé fora afligido pela espada do demônio que os castiga, estando aberto do queixo até o ânus, e todas as suas vísceras pendem da abertura corporal enquanto

⁴⁵⁹ *Rime*, LXXIII, 05-08. ALIGHIERI. Op. cit., 1996, p. 159.

⁴⁶⁰ *Inf.*, XXVIII, 22-27. Id., Op. cit., 2010, p. 345.

caminha de volta pela vala, onde a justiça divina o reconstituíra, somente para ser novamente despedaçado pelo demônio punidor. O uso de tal linguajar pelo poeta opera de modo significativo para fazê-lo aproximar-se de seus leitores. Dante não apenas escreve na língua vulgar, mas escreve *como se fala*, seu vocabulário é também popular. E isso amplifica a proximidade pretendida pelo autor para com seu público. Esse ponto nos interessa singularmente, pois coaduna com uma das reflexões que perpassam todo nosso trabalho: a aproximação do intelectual com seus interlocutores que não desfrutam da mesma condição.

A analogia do *Convivio* é recorrente para discutirmos isso. A refeição servida pelo poeta é para os *não doutos*, sua intenção é oferecer o “pão dos anjos”⁴⁶¹ àqueles que não tiveram a oportunidade de se servir na mesa dos sábios:

Portanto, eu, que não me sento à beata mesa, mas que fugi do sustento do vulgo, recolho o que cai aos pés daqueles que lá se sentam; e eu, que conheço a mísera vida daqueles que atrás de mim deixei, pela doçura que sinto naquilo que pouco a pouco recolho, tenho algo reservado aos miseráveis, movido pela misericórdia, sem esquecer de mim mesmo; e isso há algum tempo demonstrei aos olhos daqueles, pelo que os fiz intensamente desejosos. E por isso agora, querendo reuni-los à mesa, intenciono fazer um amplo convívio com aquilo que a eles demonstrei e com o pão necessário a tal comida, sem o qual não poderia ser comida por eles⁴⁶².

Dante se pôs em uma condição intermediária, entre os sábios e o “vulgo”, isto é, os não doutos. Ele, que gozou de alguma condição para se aproximar das ciências de seu tempo, mas tampouco se considera um sábio, realiza assim a conexão entre os dois grupos, utilizando como ferramenta a *linguagem*. O período de vida do poeta era rigidamente demarcado por essa divisão linguística; tanto os conhecimentos científicos que proliferavam nas universidades, quanto o conhecimento eclesiástico eram monopolizados pelo latim. Dante era um profundo conhecedor dessa língua, mas ele sabia que ela não era acessível para muitas outras pessoas, sendo assim uma verdadeira barreira para o acesso de muitos aos conhecimentos, tanto laico quanto eclesiástico.

A escolha do vernáculo atende assim a essa intermediação, estando presente desde as obras mais juvenis de Dante. Porém, com a *Commedia*, o poeta elabora um meio em que consegue simultaneamente comunicar-se com os iletrados, utilizando uma linguagem prática, levando a esses tanto os conhecimentos científicos e filosóficos, quanto os religiosos doutrinários, tudo isso de modo versificado. Eis a grandiosidade da

⁴⁶¹ *Conv.*, I, i, 7. Nessa passagem do *Convivio*, os comentadores divergem em considerar esse termo como os conhecimentos científico-filosóficos em geral, e/ou o conhecimento teológico. BRITO. Op. cit., 2019, p. 350-351.

⁴⁶² *Conv.*, I, i, 10-11. ALIGHIERI. Op. cit., 2019, p. 108.

Commedia! Ciência, arte e religiosidade se mesclam harmonicamente por toda a obra, permitindo ainda ao poeta a possibilidade de se impor e criticar seus contemporâneos, intervindo assim em seu contexto de vida.

Tendo isso em vista, mobilizamos aqui uma reflexão, um convite a uma autocrítica sobre nosso ofício e papel social enquanto historiadoras e historiadores. A pergunta/frase de Marc Bloch é um bom ponto de partida: “Tendo os homens por objeto de estudo, como, se os homens deixam de nos compreender, não ter o sentimento de só realizar nossa missão pela metade?”⁴⁶³. Levantamos assim essa discussão reflexiva sobre a comunicação que realizamos (ou deixamos de realizar) entre a academia e o público externo. A ação de Dante em seu contexto propicia a nós a reflexão sobre um ponto específico que é a *linguagem*. Diferentemente de seu contexto, hoje, não há uma língua própria para as ciências em seu sentido amplo, nós brasileiras e brasileiros falamos todos o idioma português, com suas variações culturais e regionais é bem verdade, mas continua sendo uma mesma língua. No entanto, negar que existe uma barreira linguística entre esses grupos é algo falacioso; cada ciência possui sua linguagem técnica própria, e essa é significativamente importante. Consideramos aqui inclusive que não apenas ela é importante como necessária. A questão que abordamos é *como* operar essa conexão, sem esvaziar o rigor científico de nossas áreas de estudo.

Reflexão interessante sobre isso é abordada pelo historiador Icles Rodrigues, em episódio de seu *podcast* História Noturna⁴⁶⁴. Há alguns problemas quando se debate sobre levar conhecimento para fora dos espaços universitários, dos quais elencamos aqui dois: a forma de apresentação e o entendimento próprio de como se produz esse conhecimento científico. A mera divulgação de um material acadêmico não garante que haja de fato uma propagação do conhecimento científico, primeiramente porque a linguagem precisa ser trabalhada conforme o público previsto. No caso do próprio Dante observamos um exemplo disso: seu tratado do *De Vulgari Eloquentia*, que é uma defesa da língua vernácula, é redigido em latim, pois a obra é escrita *para* os doutos, trata-se de uma defesa teórica destinada a esses intelectuais; em contrapartida, o *Convivio* que é ele próprio destinado ao público não especializado dos iletrados, indivíduos afastados do hábito da ciência (entendendo aqui *hábito* em seu sentido escolástico “como prática constante das virtudes”), foi concebido em língua

⁴⁶³ BLOCH. Op. cit., 2001, p. 94.

⁴⁶⁴ Cf.: HISTÓRIA NOTURNA: Levar conhecimento para fora da academia? Icles Rodrigues. Leitura Obrigatória, 01 jan. 2020. Podcast. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/7I6vsXRDe39cZ5yHUyxoyX>>. Acesso em: 02 ago. 2021.

vernácula⁴⁶⁵. No nosso caso, mesmo havendo uma língua “única”, desconsiderando nesse momento as variações já mencionadas, faz-se necessário que a linguagem seja acessível para que se opere verdadeiramente uma divulgação científica. Isso é importante não apenas para propiciar que haja um entendimento por parte do interlocutor que não faz parte da academia, como também para refletirmos e evitarmos a arrogância intelectual, utilizando por vezes uma linguagem técnica apenas para denotar expertise em determinado assunto, reforçando assim uma postura de autoridade e prestígio social, baseada majoritariamente em tacanhez mental.

O segundo ponto é sobre como se produz esse conhecimento. No citado episódio do *podcast*, Icles apresenta exemplos fictícios de pesquisas acadêmicas da área da História, circunscritas em um nicho temática/teórico que se apresentam como *ciência de base*. Essas pesquisas podem não ter uma aplicação prática direta na sociedade, ou pelo menos não de modo imediato, mas elas propiciam os fundamentos para muitas outras pesquisas. A produção científica não se faz isoladamente, mas é operada de modo conjunto, uma verdadeira rede que se conecta com muitas ramificações, desde sua produção até sua divulgação, quando ela própria influenciará outras pesquisas por fazer. Desse modo, falando especificamente de nossa grande área, as Ciências Humanas, é comum vermos ataques vindos da sociedade (em alguns casos, mesmo de membros da academia de outras áreas) baseados em críticas que sugerem ser essas pesquisas uma coisa desnecessária. No entanto, honestidade moral dessas pessoas à parte, a questão é que muitas dessas críticas se dão pelo fato de não se compreender *como* se faz a ciência, e assim, uma pesquisa de base que contribui para a tecitura da rede de conhecimento científico recebe por vezes a pecha de inútil. Portanto, além da linguagem acessível, sugerimos juntamente a necessidade de apresentar como se faz a pesquisa e produção científica, pois isso pode colaborar para combatermos esses discursos que chegam mesmo a desconsiderar a cientificidade dessas áreas.

⁴⁶⁵ BRITO. Op. cit., 2019, p. 350. Uma consideração importante a se fazer aqui é que Dante é também seletivo quanto aqueles que devem se sentar em seu banquete. Apontando os motivos que afastam as pessoas desse hábito, o poeta elenca duas causas internas: *impedimento do corpo*, quando há alguma deficiência física, e *impedimento da alma*, quando tomada de malícia; e duas causas externas: *necessidade*, induzida quando os cuidados familiar e civil indisponibilizam a pessoa, e *preguiça*, induzida pela carência do lugar onde o indivíduo nasceu e cresceu, distante de espaços de estudo. Dante dirá (I, i, 12-13) que não devem se sentar à mesa “quem estiver maldisposto com os seus órgãos [...] muito menos quem for escravo dos vícios [...]. Mas que venha para cá quem permaneceu na fome humana pelos cuidados familiar ou civil, e se sente a uma mesa com outros igualmente impedidos; aos seus pés, ponham-se todos aqueles que se acomodaram por preguiça, pois não são dignos de mais alto assento”. ALIGHIERI. Op. cit., 2019, p. 109. Desse modo, Dante requisita uma autonomia por parte de seu interlocutor, uma pré-disposição para que venha banquetear consigo.

Não é uma tarefa fácil, nem são essas reflexões a solução para tais problemas. Nossa intenção aqui é apenas fomentar o debate visando alguma contribuição mediante o pensamento autorreflexivo, vital para nosso ofício: “Auto-reflexão, como retorno ao processo cognitivo de um sujeito cognoscente que se reconhece reflexivamente nos objetos de seu conhecimento, é por certo um assunto que pertence ao trabalho cotidiano de qualquer historiador”⁴⁶⁶. Nosso principal ponto de debate aqui elencado é convidar uma mobilização autônoma de nossa parte, para abrir os caminhos desse diálogo. Para tal, o apelo de Bloch é significativo: “Pois não imagino, para um escritor, elogio mais belo do que saber falar, no mesmo tom, aos doutos e aos escolares”⁴⁶⁷.

Parte dessa reflexão aqui abordada é ainda oriunda de anseios pessoais, necessidades sentidas que se apresentaram em algum momento particular de nossa trajetória. Esses anseios se mesclam inclusive com a própria vivência histórica de Dante, mobilizando desse modo um fértil campo reflexivo tanto para o analisarmos como objeto/sujeito histórico, quanto para refletirmos acerca de nossa própria vivência, seja no âmbito pessoal de nossas vidas (público ou privado), seja no âmbito profissional, enquanto historiadores e historiadoras. Assim, poderíamos evocar que isto se inscreve como parte de nossas próprias carências de orientação, “que se articulam na forma de interesse cognitivo pelo passado”:

Trata-se do interesse que os homens têm – de modo a poder viver – de orientar-se no fluxo do tempo, de assenhorear-se do passado, pelo conhecimento do presente. Interesses são determinadas carências cuja satisfação pressupõe, da parte dos que as querem satisfazer, que esses já as interpretem no sentido das respostas a serem obtidas. Tais interesses são abordados pela teoria da história a fim de poder expor, a partir deles, o que significa pensar historicamente e por que se pensa historicamente. A teoria da história abrange, com esses interesses, os pressupostos da vida quotidiana e os fundamentos da ciência da história justamente no ponto em que o pensamento histórico é fundamental para os homens se haverem com suas próprias vidas, na medida em que a compreensão do presente e a projeção do futuro somente seriam possíveis com a recuperação do passado⁴⁶⁸.

Portanto, compreender Dante renova nossas questões. Recapitulamos agora que a imagem do poeta que estamos construindo ao longo desse trabalho, visa resgatar seu lado mais terreno, amenizando a excessiva religiosidade que lhe é atribuído. Bem, isso poderia não apenas levantar indagações, como pôr em xeque nossa pesquisa, afinal, se estamos abordando a *Commedia* como um *Terceiro Testamento*, como seria isso possível se biograficamente estamos empenhados em “profanar” a imagem de Dante?

⁴⁶⁶ RÜSEN. Op. cit., p. 25.

⁴⁶⁷ BLOCH. Op. cit., 2001, p. 41.

⁴⁶⁸ RÜSEN. Op. cit., p. 30.

Nosso ponto aqui é justamente demonstrar que essas perspectivas não se excluem, mas pelo contrário, encontram-se em convergência. Constatar a base religiosa do poema, bem como as aspirações do poeta, não o alçam a condição de clérigo. Afinal, a espiritualidade permeia todo esse mundo tardo-medieval, não apenas as vidas monásticas e clericais, mas também do laicato. Partimos assim da definição de *espiritualidade* empregada pelo historiador André Vauchez, significativamente sensível ao papel dos leigos nesse contexto: “Essa definição de espiritualidade como unidade dinâmica do conteúdo de uma fé e da maneira pela qual esta é vivida por homens historicamente determinados nos levará a atribuir uma grande importância aos leigos”⁴⁶⁹. Como já indicado no Capítulo precedente (2.2), Dante passou por alguns conventos florentinos durante sua formação escolar, mas jamais se ocupou de qualquer cargo eclesiástico. Ele foi um *laico*, mas profundamente conhecedor de sua fé. A *Commedia* é assim entendida por nós como um *Terceiro Testamento “mundano”*.

No Primeiro Capítulo abordamos como as reformas eclesiásticas de Gregório VII em fins do século XI mobilizaram o engajamento popular na vida religiosa, e como isso acabou afetando a própria Igreja no século seguinte, conforme os leigos não apenas se impunham em criticar a conduta de muitos clérigos, como ainda ansiavam cada vez mais ao acesso à Palavra de Deus. Os movimentos evangélicos populares que despontam no século XII alcançam seu aprofundamento durante o XIII:

[...] no começo do século XIII, restava encontrar a fórmula que permitisse a cada cristão viver de acordo com o Evangelho, no seio da Igreja e no coração do mundo. Foi esse o papel histórico dos fundadores das ordens mendicantes, são Francisco de Assis e são Domingos, assim como de seus filhos espirituais e seus êmulos: elaborar e difundir essa fórmula em todos os níveis da sociedade, especialmente nos meios urbanos⁴⁷⁰.

No entanto, apesar da importância dessas ordens mendicantes, elas não foram os únicos movimentos populares existentes neste contexto, ainda que tenham fomentado muitos desses outros através da difusão de um ideal evangélico secular. Observa-se neste cenário a manifestação crescente de espiritualidades populares laicas, tanto a partir de congregações (como as confrarias, caritativas ou penitentes), quanto de modo mais disperso no imaginário coletivo. Esse aspecto inclusive é importante de se ter em vista, pois é um indicativo que nos permite observar as nuances que a religiosidade operava na vida desses homens e mulheres tardo-medievais, contrapondo-se à noção de uma soberania eclesiástica que engessava e dominava os pensamentos dessas pessoas:

⁴⁶⁹ VAUCHEZ. Op. cit., p. 08.

⁴⁷⁰ Ibid., p. 126.

[...] o cristianismo medieval foi atravessado por dúvidas, por questionamentos, por secessões que manifestam que a fé medieval não era um bloco único e obrigatório. No próprio momento do apogeu da Igreja, no século XII, os mais diversos desvios e heresias multiplicaram-se de um lado ao outro da Europa. No século XIII, certos sermões, certos *exempla*, nos dão a conhecer as reticências dos leigos em admitir o milagre eucarístico ou a imortalidade da alma. Traços raros, mas seguros, de descrença radical mostram claramente que a fé medieval não tinha nada de monolítica ou de unânime⁴⁷¹.

Um caso marcante que evidencia isso é a ascensão e consolidação de um lugar do Além: o Purgatório. A magistral obra de Jacques Le Goff, *O nascimento do Purgatório*, aborda a história desse “terceiro lugar”, e nela podemos ver como o triunfo do Purgatório é, em certa medida, um exemplo bem sucedido de espiritualidade popular pois, ainda que presente em textos desde a Antiguidade Tardia, esse espaço intermediário não era bem aceito na ortodoxia, enquanto simultaneamente permeava o imaginário coletivo. Um ponto decisivo apresentado pelo historiador francês é a ocorrência de uma mudança gramatical: a palavra *purgatorio* surgia sempre como adjetivo, por exemplo, em alguns textos de Agostinho, um dos mais importantes pensadores que discutiram o Purgatório, como a *Cidade de Deus* e o *Enchiridion*, onde ocorrem termos como *poena purgatoriae*, *tormenta purgatoria* e *ignis purgatorius* (penas, tormentos e fogo purgatório, respectivamente). Será somente no século XII, em um sermão do teólogo Pedro Comestor, que o termo *purgatorio* aparecerá como substantivo, indicado no texto como um lugar⁴⁷².

Assim, entre os séculos XII e XIII ocorrerá a consolidação do Purgatório enquanto lugar nas doutrinas da Igreja. Seu advento está atrelado às próprias transformações ocorridas na sociedade urbana desse período, de modo que Le Goff chega mesmo a apontar que a formulação dessa organização ternária do Além se dá mediante uma aplicação da ordem sociológica terrena no pós vida. Pensando no caso específico da Itália, tratar-se-ia da ascensão dos grupos dos *popolani* que, impactando as realidades sociais de seu contexto, afetam também a imagem do Além. No âmbito doutrinário, dois marcos são primordiais: primeiramente a carta do papa Inocêncio IV em 1254, definida por Le Goff como a *certidão de nascimento doutrinária do purgatório como lugar*; em segundo lugar, o dúbio resultado do Concílio de Lyon II, vinte anos depois, no qual, se por um lado tornou-se a abordar o purgatório não como lugar, mantendo seu sentido de adjetivo, por outro proclamou-se a crença no purgatório como dogma, até então excluído. O triunfo do purgatório ocorre sobretudo graças as suas

⁴⁷¹ BOUREAU, Alain. *Fé*. In: LE GOFF; SCHMITT. Op. cit., 2017a, p. 459-460.

⁴⁷² LE GOFF. Op. cit., 2017, p. 99-102, 232-235.

definições espaciais e ao imaginário que propiciará seu pleno desabrochar. Nesse entremeio, haverá um empenho eclesiástico em controlar esse imaginário, que se mostra relativamente bem sucedido. No entanto, isso não deixará de fomentar uma pluralidade de representações e imaginários populares sobre o novo lugar; assim, será “entre essas imagens possíveis e às vezes antagônicas do purgatório, que a Igreja, mesmo afirmando o essencial do dogma, deixara à escolha da sensibilidade e da imaginação dos cristãos a mais nobre das representações do purgatório nascidas do espírito humano”⁴⁷³.

Dentre essas, figura em posição de destaque a pessoa de Dante Alighieri, não apenas pela complexidade geográfica do Purgatório que apresentará na *Commedia*, como também por congregar uma polifonia de temas e imaginários acerca desse lugar até então “amorfo”. Terminada a viagem pelo Inferno, Dante e Virgílio agarram-se na pelagem de Lúcifer e começam a descer, atravessando desse modo o centro da Terra. Abaixo, encontram uma caverna que os conduzirá até a ilha do Purgatório no hemisfério austral, por onde eles podem sair e *rever as estrelas*⁴⁷⁴.

3.2.2 Purgatório: Reino da Esperança

O Purgatório de Dante é uma colossal montanha localizada em uma Ilha no ponto exato de oposição à cidade de Jerusalém. Considerando que sua formação é oriunda da terra que escapou da Queda de Lúcifer como já dissemos, sua altura se equipara à profundidade da cratera do Inferno; suas medidas correspondem então a um raio, ou seja, a metade do diâmetro da Terra, depreendendo-se assim o tamanho gigantesco da Montanha. Ela divide-se também em nove níveis⁴⁷⁵: em sua base, o Antepurgatório é a primeira paragem para os arrependidos tardios, subindo-se então pelos sete terraços ou cornijas, o local de purgação efetivamente; por fim, chega-se ao Paraíso Terrestre, último nível da montanha quando as almas estão purificadas e tornam-se prontas para ascender aos Céus; são os Jardins do Éden, primeira morada da humanidade.

As almas chegam à ilha através de um barco conduzido por um anjo, que recolhe esses futuros penitentes nas fozes do Rio Tibre, que cruza a cidade de Roma. Se por um lado isso se dá pela conexão da ideia de salvação com a sede da Igreja, por outro denota mais uma vez o quanto Dante se esforça em relacionar o Além com sua própria

⁴⁷³ Ibid., p. 509.

⁴⁷⁴ *Inf.*, XXXIV, 139. *E quindi uscimmo a riveder le stelle*. Verso final do Cântico do *Inferno*.

⁴⁷⁵ Confira ANEXO E.

Itália. Na praia está também o guardião do Purgatório, o legista romano Catão de Útica, que direciona as almas para começar sua purificação subindo a montanha. Porém, nem todos aqueles que chegam podem começar imediatamente sua penitência. No primeiro nível, o Antepurgatório, os arrependidos tardios têm de aguardar a autorização para subirem às cornijas. Esses se dividem em alguns grupos: os preguiçosos têm de esperar no pé da montanha por um tempo igual ao que viveram em negligência, enquanto os excomungados que se arrependeram, mas não foram absolvidos, permanecem aí por trinta vezes o período em que viveram sob anátema; há ainda o vale dos príncipes, onde se reúnem governantes que se ocuparam em excesso de seus bens terrenos, além das almas daqueles que sofreram uma morte violenta.

Nesse primeiro nível, duas características que atravessarão toda a viagem pelo Purgatório já se fazem presentes. Primeiramente, a recorrência dos louvores: “Ah, como são diversas estas fozes | das infernais! cá nos acolhe o canto | e lá se têm lamentos só, ferozes”⁴⁷⁶. Os cantos e preces entoados pelas almas serão muito característicos em sua penitência, contrapondo-se aos gritos de agonia dos condenados do Inferno, ainda que as almas quando se purguem passem por dolorosas provações: “Dante soube integrar ao poema a liturgia que os escolásticos quase sempre deixaram de lado. E a imagem dos mortos do purgatório em prece será precisamente aquela que os artistas do fim da Idade Média escolherão para distinguir o purgatório do inferno”⁴⁷⁷. A segunda característica são os apelos por sufrágio; igualmente importante, eles empregam uma conexão direta entre o Além e mundo terreno, como se observa na intercessão feita por uma alma do Antepurgatório ao poeta peregrino:

46 “Alma que vais para a tua alegria
co’ os vivos membros com os quais nasceste”,
diziam, “ora o teu passo um pouco arria.

49 Vê se de nós algum já conheceste,
de quem notícia levarias a porto”⁴⁷⁸.

46 – *O anima che vai per esser lieta
con quelle membra con le quai nascesti, –
venian gridando – un poco il passo queta.*

49 *Guarda s’alcun di noi unqua vedesti,
sì che di lui di là novella porti:*

⁴⁷⁶ *Purg.*, XII, 112-114. ALIGHIERI. Op. cit., 2005, p. 409.

⁴⁷⁷ LE GOFF. Op. cit., 2017, p. 530.

⁴⁷⁸ *Purg.*, V, 46-50. ALIGHIERI. Op. cit., 2017b, p. 39.

O sufrágio, a possibilidade de auxílio à condição dos mortos por parte dos vivos, é singularmente importante. Os penitentes que Dante encontrará na montanha ficam fervorosos ante a possibilidade de falar com o poeta, pois sabendo que ele irá retornar ao mundo dos vivos, dispõem de uma chance única para solicitarem que seus parentes, amigos ou comunidade intercedem por sua alma, abreviando, portanto, seu tempo de purgação. Assim, além da importância do espaço, o tempo é também outro domínio que permeia todo o Purgatório: por um lado, ele se coloca como um “Inferno temporário”, instaurando um intervalo entre a morte pessoal e a Ressurreição; de outro, a relação direta entre vivos e mortos mediante os sufrágios combina o *tempo terreno* com o *tempo escatológico*⁴⁷⁹.

Essa proximidade com os vivos observa-se também no Inferno, mas lá, nenhuma prece poderia fazer-lhes diferença. A única ânsia que as almas tinham em falar com Dante era para avivar sua memória entre os seus entes. Entretanto, isso variava entre os condenados, sendo que alguns, pelo contrário, ao saberem que Dante retornaria ao mundo dos vivos tentavam se esconder para não ter sua fama manchada: assim, o bolonhês Venedico Caccianemico tenta fugir do olhar do poeta na Primeira Vala do *Malebolge*, e Guido de Montefeltro, convertido em chamas na Vala dos Maus Conselheiros, sem enxergar que Dante está vivo, consente em revelar sua identidade justamente por saber que “nunca, deste poço fundo, | alguém vivo voltou”⁴⁸⁰.

O acesso ao Purgatório propriamente dito se dá através de uma porta inserida numa fenda da montanha, guardada por um anjo de vestes humildes, portando uma espada e duas chaves. Dante não irá passar pelas penitências de cada nível, exceto no último terraço, por isso esse anjo marcará na testa do peregrino sete letras *P*, simbolizando os sete pecados, de modo que ao final de cada estágio um anjo irá apagar uma dessas chagas. À frente da entrada, três degraus se apresentam, cada um de uma cor, representando as três etapas do sacramento da penitência: o primeiro de cor alva é a contrição, o segundo, de cor escura é a confissão, por fim, o degrau de cor rubra

⁴⁷⁹ LE GOFF. Op. cit., 2017, p. 441-442.

⁴⁸⁰ *Inf.*, XXVII, 64-65. ALIGHIERI. Op. cit., 2017a, p. 183. Mais significativo ainda é quando, no Cocito, Dante sem saber “se foi querer, destino ou sorte”, chuta a cara de uma das almas que está padecendo no gelo, apenas com a cabeça para fora. Essa interpela se o peregrino vem aumentar sua vingança pelo ocorrido em Montaperti, iniciando o diálogo com o poeta, que negocia com ele saber seu nome em troca de anunciar sua fama, o que o condenado replica: “Minha vontade o oposto é o que reclama”. Irado, Dante agarra-lhe os cabelos e começa a arrancar em punhados, o que chama a atenção de outro condenado que, perguntando a seu vizinho o que sucede, acaba revelando seu nome: é Bocca degli Abati, guelfo que traiu seu partido na Batalha de Montaperti em 1260, e por isso condenado a Antenora. *Inf.*, XXXII, 73-108. *Ibid.*, p. 213-214.

representa a satisfação da penitência. As portas só se abrem com as duas chaves, uma de ouro outra de prata; são as chaves de Cristo, dadas ao apóstolo Pedro⁴⁸¹, sem as quais o acesso à purificação e a salvação são impossíveis⁴⁸². Duas características interessantes de se considerar é que, primeiramente, ninguém pode subir a Montanha durante a noite, “não porque uma outra coisa faça briga, | salvo a treva nocturna em seu confuso | impedimento que a vontade intriga”⁴⁸³; ou seja, simbolizando que sem a luz do Sol, sempre comparado à luz de Deus⁴⁸⁴, não se pode prosseguir rumo a salvação – por esse motivo inclusive que a jornada de Dante pela montanha é a parte mais demorada, durando quatro dias. A segunda característica, é que sempre que uma alma completa sua penitência e torna-se pronta para deixar o Purgatório, um terremoto abala a Montanha, e todas as almas glorificam seu avanço a beatitude, como ocorrerá com a alma de Estácio (canto XX), que se juntará aos poetas daí por diante.

A trilha que liga um terraço a outro é íngreme e estreita, demonstrando como é árduo o trajeto de purgação. As sete cornijas ocupam-se da purificação dos ditos *peccados veniais*, também chamados capitais. Virgílio discorrerá acerca de sua organização e razão de ser, explicando:

91 “Nem criador jamais, nem criatura,
meu filho”, começou, “foi sem amor
natural ou o que o ânimo procura.

94 O natural nunca erra, enquanto por
mau objeto aqueloutro pode errar,
ou por excesso ou falta de vigor⁴⁸⁵.

91 *Né creator né creatura mai, –
cominciò el – figliuol, fu sanza amore,
o naturale o d’animo; e tu ’l sai.*

94 *Lo naturale è sempre sanza errore,
ma l’altro puote errar per malo obietto
o per troppo o per poco di vigore.*

Tendo dito que o amor é duplo, natural ou eletivo, e sendo o natural sempre bom, pois voltado a Deus, Virgílio expõe então que os pecados do Purgatório se dividem a partir do tipo de erro do amor eletivo; as primeiras cornijas encerram os amores mesquinhos, que erram pelo *objeto*, voltados ao mal do próximo (orgulho, inveja e ira); no meio, o amor negligente, dado por falta de vigor (preguiça); e por fim,

⁴⁸¹ Mt, 16,19. “Eu te darei as chaves do Reino dos Céus e o que ligares na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus”. BÍBLIA DE JERUSALÉM. Op. cit., p. 1734.

⁴⁸² SAPEGNO. Op. cit., 1957, p. 496-498.

⁴⁸³ *Purg.*, VII, 55-57. ALIGHIERI. Op. cit., 2005, p. 365.

⁴⁸⁴ *Conv.*, III, xii, 08.

⁴⁸⁵ *Purg.*, XVII, 91-96. ALIGHIERI. Op. cit., 2017b, p. 114.

os últimos terraços se ocupam dos amores excessivos (avareza, gula e luxúria)⁴⁸⁶. Há, portanto, certa correlação entre os pecados infernais mais brandos e os purgatórios, sendo os três primeiros níveis do Inferno (excetuando aqui o Limbo), coincidentes dos três últimos do Purgatório; quanto aos pecados do Quinto Círculo (ira e tristeza), assimilam-se aos da Terceira e Quarta Cornija, com a diferenciação entre tristeza e preguiça. Indagado por Dante como pode o amor simultaneamente ser tão bom e originar esses pecados, Virgílio replica: por melhor que seja sua matéria, ele torna-se vicioso a depender de como se aplica, pois, “nem todo selo | é bom, ainda que boa seja a sua cera”⁴⁸⁷.

Subindo então ao Primeiro Terraço, chega-se aonde os orgulhosos expiam seu pecado, carregando nas costas enormes blocos de pedra, tão pesados que eles sequer conseguem olhar para cima para conversar com o poeta peregrino. Dante inclusive emprega um novo apelo, a fim de encorajar seu leitor diante dessa penitência: “Não creio, meu leitor, que eu te desvie | de tuas boas intenções por te contar | como Deus quer que a dívida se expie. | Não te atendas à forma do penar; | pensa em seu fim [...]”⁴⁸⁸. Ainda que a condição das almas do Purgatório seja outra daquelas do Inferno, suas penitências estão longe de serem brandas, causando grande choque no peregrino, mas amenizado pelo Dante narrador que reforça a seus leitores que não obstante a dolorosa purgação, o mais importante é o seu fim. Além da penitência e das orações entoadas (os orgulhosos, por exemplo, aparecerão rezando o *Pai-Nosso*⁴⁸⁹), as cornijas terão ainda a apresentação de exemplos evocados, do pecado punido e de sua virtude oposta sendo louvada. Aqui no Primeiro Terraço, os exemplos estão entalhados nas paredes e no chão, e provêm tanto da tradição cristã quanto da tradição clássica: assim, entre os exemplos de humildade exaltados serão apresentados a Anunciação de Maria e a solidariedade do imperador Trajano para com uma velha viúva que pedia justiça pela morte de seu filho; enquanto que dentre os exemplos de soberba punida, estará tanto a Queda de Lúcifer, quanto a transformação da tecelã Aracne em aranha por desafiar a deusa Minerva.

Segue-se então o Segundo Terraço, onde os invejosos encontram-se feito esmoleiros cegos, recostados uns nos outros se apoiando: “E tal o sol que aos cegos não vier, | assim às sombras de que falo agora | a luz do céu com elas nada quer; | que arame

⁴⁸⁶ *Purg.*, XVII, 112-139. SAPEGNO. Op. cit., 1957, p. 590-594.

⁴⁸⁷ *Purg.*, XVIII, 38-39. ALIGHIERI. Op. cit., 2017b, p. 118.

⁴⁸⁸ *Purg.*, X, 106-110. Ibid., p. 71.

⁴⁸⁹ *Purg.*, XI, 01-24.

suas pálpebras escora | e cose, qual falcão que se asselvaje”⁴⁹⁰. Impossibilitados de enxergar pelos arames que costuram suas pálpebras, os invejosos ouvem vozes que anunciam os exemplos de inveja punida e caridade louvada. Na Terceira Cornija os iracundos ficam dispersos em uma densa fumaça, tão escura que é assim comparada: “Treva do inferno e noite que é privada | de seus planetas, sob um pobre céu, | quanto ser pode em nuvens entrevada”⁴⁹¹; nessa névoa, surgem as visões do pecado e do seu contraponto, a mansuetude. A seguir, em “toda a cornija assim que o monte gira | vi uma turma de almas percorrendo | que bom querer e justo amor inspira”⁴⁹²; são os preguiçosos vistos por Dante no Quarto Terraço, em sua imparável correria, entoando eles próprios os exemplos de solícitude.

Na Quinta Cornija, tanto avareza quanto prodigalidade são purificadas, e uma das almas lamenta sua condição a Dante: “não há, no monte, pena mais amara. | Como o olhar nosso alturas lá não fita, | fixo nos bens que o mundo só contém, | aqui Justiça a olhar pra o chão nos dita”⁴⁹³. Aqui, amarrados pelos pés e mãos, as almas ficam submetidas com a cara no solo, entoando durante o dia exemplos de pobreza, e durante a noite, punições à avareza. Na Sexta, as almas dos gulosos são purgadas com uma aparência cadavérica: “Tinham elas do olhar a órbita cava, | pálido o rosto e já tão descarnado | que dos ossos a pele se enformava”⁴⁹⁴. Vistasas árvores com frutos e nascentes cristalinas atormentam os penitentes que, não obstante sua persecução, jamais alcançam os alimentos; das próprias árvores ouvem-se exaltações de temperança e de gula punida. Por fim, o Sétimo Terraço, comportando os luxuriosos, embrenhados num muro de fogo pelo qual o poeta terá de atravessar. Temerário, Dante o transpõe com o encorajamento de Virgílio, apesar do seu tormento:

49 Quando o adentrei, bem no vidro fervente,
pra refrescar-me, afundado eu teria,
tanto era o incêndio aqui sempre crescente.

52 Para me confortar, meu terno guia
só de Beatriz, nas chamas, me falava:
“Os olhos seus creio já ver”, dizia⁴⁹⁵.

49 *Sì com fui dentro, in un bogliente vetro
gittato mi sarei per rinfrescarmi,
tant'era ivi lo 'ncendio sanza metro.*

⁴⁹⁰ *Purg.*, XIII, 67-71. ALIGHIERI. Op. cit., 2005, p. 413, 415.

⁴⁹¹ *Purg.*, XVI, 01-03. Ibid., p. 439.

⁴⁹² *Purg.*, XVIII, 94-96. Id., Op. cit., 2017b, p. 120.

⁴⁹³ *Purg.*, XIX, 117-120. Ibid., p. 127.

⁴⁹⁴ *Purg.*, XXIII, 22-24. Ibid., p. 150.

⁴⁹⁵ *Purg.*, XXVII, 49-54. Ibid., p. 179.

*52 Lo dolce padre mio, per confortarmi,
pur di Beatrice ragionando andava,
dicendo: – Li occhi suoi già veder parmi. –*

O último estágio, no topo da montanha, é o Paraíso Terrestre, onde o poeta encontrará uma donzela chamada Matelda. A imagem desse Paraíso dantesco é uma mescla do Éden, dos Campos Elísios e do próprio Parnaso. Esse local não apenas é inovador por ser posto no topo do Purgatório, como é ainda marcado pela originalidade de Dante em suas características que, para Giorgio Agamben, chega a ser mesmo *herética*. Como bem ressalta o filósofo, o Paraíso descrito no livro do *Gênesis*, deveria estar vazio, mas é aqui habitado por “uma jovem sozinha que seguia, | cantando e escolhendo flor a flor, | de que toda adornada era a sua via”⁴⁹⁶. Além disso, os quatro rios do Éden⁴⁹⁷ não apenas desaparecem, como são ainda substituídos por outros dois, o Letes (esquecimento) e o Eunoé (boa memória). Trata-se de uma mudança significativa uma vez que, se esses rios que fazem parte do ritual de purificação já existissem antes, não só conteriam em si a previsão do pecado, como Adão e Eva poderiam também terem se limpadado de sua culpa, denotando-se assim que houve uma alteração posterior ao Pecado Original⁴⁹⁸. Além disso, esse Paraíso Terrestre porta em si uma das ideias mais caras ao poeta: a teoria da dupla beatitude. Essa tese é exposta por Dante em fins do *De Monarchia*:

A Providência inefável deu ao homem dois fins a seguir: a felicidade da vida presente, felicidade que consiste no exercício da virtude propriamente humana e que figura o Paraíso terrestre; depois, a felicidade da vida eterna, felicidade que consiste no gozo de Deus, ao qual a virtude humana não pode atingir senão com o socorro da luz divina; essa é a felicidade que nos é dada no Paraíso celeste⁴⁹⁹.

O projeto salvífico de Dante apresenta essa dupla vertente, sendo essas beatitudes hierarquizadas, mas *dependentes*. No Primeiro Capítulo (1.3) mencionamos que Dante aborda a necessidade das organizações e espaços sociais através de sua importância nessa perspectiva hierárquica; assim, uma pessoa depende de uma família para subsistir, a família requer a vizinhança, enquanto essa requer a cidade, a cidade por sua vez necessita do reino, e, se prosseguirmos nessa linha indicada no *Convívio*, somos levados à argumentação da necessidade do Império, presente no *De Monarchia*⁵⁰⁰.

⁴⁹⁶ *Purg.*, XXVIII, 40-42. *Ibid.*, p. 184.

⁴⁹⁷ *Gn.*, 2:10-14. São eles: Fison, Geon, Tigre e Eufrates.

⁴⁹⁸ AGAMBEN, Giorgio. *Il Regno e il Giardino*. Vicenza: Neri Pozza Editore, 2019a, p. 75.

⁴⁹⁹ *Mon.*, III, xvi, 07. ALIGHIERI, Dante. *Da Monarquia/ Vida Nova*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003, p. 82.

⁵⁰⁰ *Mon.*, I, iii.

Igualmente as potências da alma citadas anteriormente se apresentam nesse sentido de hierarquização: mesmo que a potência racional seja a superior ela *não pode* existir sem as demais que são seu fundamento. O historiador Gabriel Paizani apresenta uma boa síntese da convergência dessas ideias no pensamento do poeta:

Para Dante Alighieri, a virtude suprema do homem não consiste em existir pura e simplesmente, mas antes receber as formas inteligíveis dos outros seres num intelecto possível. Esta é a perfeição que não convém a nenhum outro ser senão ao homem. A perfeição suprema da potência específica do homem reside na faculdade ou virtude da inteligência [...]. É assim que o florentino percebe a primeira finalidade do homem enquanto na vida terrena, atividade necessária para o alcance da *beatitudo terrestre*, um meio para impetrar uma grandeza ainda maior, a *beatitudo eterna*. Caminhos conjugados e apresentados no tratado político *De Monarchia*. O exercício intelectual não pode passar a ato, inteira e simultaneamente, se feito isoladamente: então, essa potência intelectual se atualiza somente por meio da pluralidade de seres corruptíveis – os homens. É por esta razão que o gênero humano existe. Para isto, os indivíduos que possuem todas as faculdades ordenadas para o alcance da felicidade necessitam de um guia, o Monarca Universal⁵⁰¹.

Portanto, a dupla beatitudo que Dante contempla na *Commedia* opera nessa lógica hierarquizada e de estrita dependência: a beatitudo celeste é a mais digna e mais sublime, mas ela necessariamente precisa da beatitudo terrestre. Vemos aqui outro paralelismo entre *Inferno* e *Purgatorio*: do mesmo modo que demonstramos que em fins do Primeiro Cântico a condenação dos traidores devorados por Lúcifer apresenta uma relação direta dos níveis terreno e espiritual, confirmando a superioridade do último sem negar a importância do primeiro, aqui no *Purgatorio* encontramos em sua última instância a apresentação desse lugar que é o ápice da perfeição humana terrena, o ponto mais próximo do Paraíso Celeste, mas ainda assim, enraizado na Terra.

É a partir dessa interação que Dante desenvolverá a *Commedia* como literatura sacra, voltada para os céus, sem, no entanto, negar sua dimensão mundana. E será aqui no Paraíso Terrestre, última instância que conecta ambos os mundos, que emergirá a tão aguardada figura de Beatriz, para levá-lo ao Reino Celeste, e finalmente incumbi-lo de sua missão de conduzir os vivos para essa mesma glória.

3.3 *Quella materia ond'io son fatto scriba: o Evangelho de Dante Alighieri*⁵⁰²

Após uma década da morte de Beatriz, finalmente Dante se encontra com sua amada, que chega ao Paraíso Terrestre em uma procissão. Tendo o poeta visto e ouvido as almas condenadas e aquelas que se purificam, falta-lhe ainda um último estágio, sua

⁵⁰¹ PAIZANI, Gabriel Ferreira de Almeida. Dante Alighieri: a Monarquia Universal e a “*felicità mentale*”. *Cadernos de Clio*, Curitiba, v.1, 2010, p. 45.

⁵⁰² *Par.*, X, 27. “da matéria da qual sou feito escriba”. ALIGHIERI. Op. cit., 2005, p. 675.

penitência, que será conduzida pela própria Beatriz. Aguardada ansiosamente desde a *Vita Nova*, seu encontro será, no entanto, muito pouco afável como cria o peregrino, e como lhe prometera Virgílio: “Beatriz | que já verás, deste monte à cumeeira | suprema, toda risonha e feliz”⁵⁰³.

Beatriz surge em meio a uma procissão alegórica que remonta às visões do profeta Ezequiel e do Apocalipse de São João, sem deixar de empregar suas próprias originalidades⁵⁰⁴: sete candelabros que representam os dons do Espírito Santo⁵⁰⁵, acompanhados por vinte e quatro anciãos (os livros do Antigo Testamento) e mais quatro animais alados (os Evangelhos), anunciam a chegada de um carro triunfal, simbolizando a Igreja. Esse carro é conduzido por um grifo, animal mítico metade leão metade águia, representando Cristo a partir de sua natureza híbrida; é ainda flanqueado por sete damas dançarinas, simbolizando as sete virtudes: de um lado, as três virtudes teologais, Fé, Esperança e Caridade, de outro, as quatro virtudes cardeais, Justiça, Prudência, Fortaleza e Temperança. Por fim, outros sete senhores encerram a procissão: são os Livros do Novo Testamento; a frente, São Lucas (*Atos dos Apóstolos*) e São Paulo (*Epístolas*), seguidos pelos autores das demais epístolas, Pedro, Tiago, João e Judas, e por último, “um velho sozinho | vi vir, dormindo, com a face arguta”⁵⁰⁶, o *Apocalipse de São João*.

Apesar da similaridade que o poeta emprega com as outras visões, um ponto se destaca: a ausência do trono. Ezequiel dirá: “[...] havia algo que tinha aparência de uma pedra de safira em forma de trono, e sobre esta forma de trono, bem no alto, havia uma forma com aparência humana”⁵⁰⁷; e no *Apocalipse*: “Fui imediatamente movido pelo Espírito: eis que havia um trono no céu, e no trono, *Alguém sentado...*”⁵⁰⁸. E o que na visão de Dante substitui o trono em que Deus anuncia a vinda de Cristo? A própria Beatriz! Nesse ponto, Agamben elenca uma questão acerca do simbolismo dessa imagem, pois, diferentemente das visões de Ezequiel e João, não é a glória de Cristo a ser anunciada, mas de Beatriz. Se o grifo simboliza de fato Cristo, por que Dante o submete a tarefa menos louvável de puxar o carro? Ele sugere assim que o grifo

⁵⁰³ *Purg.*, VI, 46-48. Id., 2017b, p. 44, grifo nosso.

⁵⁰⁴ Os significados das alegorias aqui apresentados são transcritos a partir dos comentários presentes nas traduções de Italo Eugênio Mauro (2017b), Natalino Sapegno (1957) e Robert Hollander. In: ALIGHIERI, Dante. *Purgatorio*. New York: Anchor Books (eBook), 2004.

⁵⁰⁵ A saber: sabedoria, intelecto, conselho, ciência, fortaleza, piedade e temor a Deus.

⁵⁰⁶ *Pug.*, XXIX, 143-144. ALIGHIERI. Op. cit., 2005, p. 555.

⁵⁰⁷ *Ez.*, 1,26. BÍBLIA DE JERUSALÉM. Op. cit., p. 1484.

⁵⁰⁸ *Ap.*, 4,2. Ibid., p. 2146.

represente não a dupla natureza de Cristo, mas a humana, aquela mesma abordada no *De Monarchia* da qual mencionamos anteriormente⁵⁰⁹.

De todo modo, Beatriz surgirá revestida dessa aura de anunciação, sendo revelada para Dante do mesmo modo que Cristo foi anunciado para o profeta e para o apóstolo. Essa é a sublime afronta operada pelo poeta que Harold Bloom mencionará, elevando não apenas Beatriz à condição de beata, mas mesmo apoteótica, enquanto o próprio Dante se reveste de uma mística apostólica e profética, sobre si e sobre sua obra:

Como Beatriz inicialmente conta apenas como um instrumento da vontade de Dante, sua apoteose envolve também, necessariamente, a escolha do próprio Dante. Seu poema é uma profecia, e assume a função de um terceiro Testamento, de maneira nenhuma subserviente ao Velho e ao Novo. Dante não reconhece que a *Comédia* tem de ser uma ficção, *sua* suprema ficção. Ao contrário, o poema é a verdade, universal, e não temporal. O que o peregrino Dante vê e diz na narrativa do poeta Dante pretende convencer-nos perpetuamente da inescapabilidade poética e religiosa de Dante⁵¹⁰.

Tomamos aqui a leitura de Bloom, mas com alguma ponderação. Não estamos de completo acordo com a interpretação gnóstica que o crítico estadunidense emprega; apesar do papel proeminente que Beatriz desempenhará na narrativa, parece-nos algo forçoso alçá-la a condição da própria Verdade revelada. Consideramos aqui que seu papel seja mais de intercessora do que da própria sublimidade do poema. A lembrar, sequer foi ela quem se manifestou primeiramente para resgatar o poeta na selva escura. Antes de adentrar o Inferno, após um primeiro momento de exultação, Dante vacila e pergunta a Virgílio o porquê de ter sido ele escolhido para tal jornada: “Mas a mim quem concede, e para quê? | Enéas não sou, nem Paulo, e não consigo | crer-me digno de tal, nem ninguém crê”⁵¹¹. A isso, Virgílio lhe revela a proveniência da graça que lhe foi conferida, repetindo as palavras ditas por Beatriz no Limbo, quando solicita ao poeta latino que o guie:

⁹⁴ Mulher gentil há no Céu que se inquieta
co’ o transe aonde ora estou te remetendo,
que mais severo julgamento veta;

⁹⁷ ela a Luzia então pediu, dizendo:
‘Agora aquele adepto teu fiel
de ti precisa e a ti o recomendo’.

¹⁰⁰ Luzia, adversa a tudo que é cruel,

⁵⁰⁹ AGAMBEN. Op. cit., 2019a, p. 81-84.

⁵¹⁰ BLOOM. Op. cit., p. 81.

⁵¹¹ *Inf.*, II, 31-33. ALIGHIERI. Op. cit., 2017a, p. 32. Note-se que Dante atribui a mesma validade, tanto para a viagem de Eneias aos Infernos, narrada no Livro VI da *Eneida*, quanto aquela de São Paulo aos Céus, descrita na *Segunda Epístola aos Coríntios*, 12.

logo moveu-se vindo procurar-
-me onde eu sentava co' a antiga Raquel.

103 'Beatriz, glória de Deus', disse, 'salvar
quem mais te amou não vais, na desventura?
que tu elevaste da turba vulgar?

106 Não ouves tu ao seu pranto a amargura
e já não vês a morte como o afronta
sobre a torrente que o mar não segura?⁵¹².

94 *Donna è gentil nel ciel che si compiangi
di questo impedimento ov'io ti mando,
sì che duro giudicio là su frange.*

97 *Questa chiese Lucia in suo dimando
e disse: "Or ha bisogno il tuo fedele
di te, ed io a te lo raccomando".*

100 *Lucia, nimica di ciascun crudele,
si mosse, e venne al loco dov' i' era,
che mi sedea con l'antica Rachele.*

103 *Disse: "Beatrice, loda di Dio vera,
ché non soccorri quei che t'amò tanto,
ch'uscì per te della volgare schiera?*

106 *non odi tu la pièta del suo pianto?
non vedi tu la morte che 'l combatte
sulla fiumana ove 'l mar non ha vanto?"*

A *mulher gentil* inominada é a Virgem Maria. É ela quem observa a condição de Dante e pede, não à Beatriz, mas à Santa Luzia, que interceda por seu fiel⁵¹³. Luzia vai então ter com Beatriz, requerendo dela que vá salvar *aquele que a amou tanto*, solicitando-a de um modo mesmo incisivo.

Não intentamos tomar assim a imagem de Beatriz como de menor importância para a narrativa do poema, seu papel é primordial, mas apenas suavizar essa deificação conferida a ela. A apoteose existe, mas ela está mais condicionada a experiência pessoal de Dante, não necessariamente ao anúncio que a *Commedia* se propõe. Beatriz se revela de modo sublime ao poeta peregrino, mas o ápice do poema não está na visão do *Purgatorio*, mas naquela de fins do *Paradiso*, a Visão de Deus, quando Dante sequer está sendo conduzido pelo seu antigo amor. Estamos aqui mais de acordo com a

⁵¹² *Inf.*, II, 94-108. *Ibid.*, p. 34.

⁵¹³ No *Convivio* (III, ix, 15-16), Dante diz que sofreu de uma enfermidade nos olhos quando jovem, o que é tido geralmente como explicação de sua devoção à Santa Luzia, protetora da visão. Além disso, Dante aborda com frequência muitas discussões científicas sobre ótica (sobretudo no *Paradiso*), o que pode ser outro indicativo disso, além de todo o aparato simbólico que associa luz, visão e discernimento teologicamente.

interpretação figural de Erich Auerbach. Essa leitura é especialmente rica e interessante para nossa perspectiva pois ela se atém a dimensão histórica das personagens da obra:

A interpretação figural estabelece uma conexão entre dois acontecimentos ou duas pessoas, em que o primeiro significa não apenas a si mesmo mas também ao segundo, enquanto o segundo abrange ou preenche o primeiro. Os dois pólos da figura estão separados no tempo, mas ambos, sendo acontecimentos ou figuras reais, estão dentro do tempo, dentro da corrente da vida histórica. Só a compreensão das duas pessoas ou acontecimentos é um ato espiritual, mas este ato espiritual lida com acontecimentos concretos, sejam estes passados, presentes ou futuros, e não com conceitos ou abstrações; estes últimos são secundários, já que promessa e preenchimento são acontecimentos históricos reais que ou já aconteceram na encarnação do Verbo, ou ainda acontecerão na segunda vinda⁵¹⁴.

Portanto, essa interpretação figural que Auerbach aborda é oposta às imagens alegóricas, necessariamente por seu *caráter histórico*. Ao longo de seu ensaio o estudioso apresentará como essa ideia de figura transformou-se desde a Antiguidade, tendo essa característica perpassado por todos os períodos, sendo a marca dessa leitura. Por exemplo, as imagens do Velho Testamento são assim elucidadas como *figura*, que se preenchem nos textos do Novo Testamento com a vinda do Messias; para os novos judeu-cristãos haveria “uma noção corrente entre eles de que o Messias seria um segundo Moisés, de que sua redenção deveria ser um segundo êxodo do Egito, no qual os milagres do primeiro seriam repetidos”⁵¹⁵. Do mesmo modo, os acontecimentos terrenos posteriores à vinda de Cristo estariam propostos igualmente como figura, ocorrendo sua completude na dimensão escatológica; assim, sob essa interpretação, as imagens apresentadas na *Commedia* seriam reforçadas como *figura preenchida*, pois toda sua obra está inserida no Além, e sob essa perspectiva, igualmente ligada ao mundo terreno.

Auerbach tem o cuidado de anunciar que essa compreensão não é universalmente aplicável a cada passo do poema, mas que suscita alguns princípios interpretativos. No caso de Beatriz, podemos enxergar os dois extremos de sua interpretação ao longo da dantística. Durante o século XIX, o Romantismo viu nela desde a *Vita Nova* uma imagem que perfazia com Dante uma novela romântica; posteriormente, no âmago do neoescolasticismo, Beatriz não era mais nenhuma pessoa, apenas uma alegoria, a Teologia. Ora, considerando a polifonia constante nos escritos de Dante, e observando sua relação com Beatriz, podemos deduzir que nela convergem ambas as dimensões, tanto o amor humano, quanto a imagem beatificada. Desde a *Vita*

⁵¹⁴ AUERBACH, Erich. *Figura*. São Paulo: Ática, 1997b, p. 46.

⁵¹⁵ *Ibid.*, p. 43.

Nova isso se anuncia: ela é apresentada com seus trejeitos angelicais, e quando passava pelas ruas de Florença as pessoas diziam “Esta não é mulher, mas sim um dos belíssimos anjos do céu”⁵¹⁶. Mesmo assim Dante não abdicava de sua dimensão erótica do amor; “algo do *pathos* que foi um dia o dos trovadores permanece latente em Dante, e reemerge com muita força em passagens especiais da *Comédia*, seja no encontro com Francesca, ou naquele com Arnault Daniel”⁵¹⁷, e poderíamos mesmo complementar, também no encontro com Beatriz. Quando ela surge, o poeta volta-se para Virgílio em plena excitação dizendo: “Uma só miga | de sangue não me resta que não trema: | reconheço os sinais da chama antiga”⁵¹⁸. Além disso, mais adiante na narrativa:

[...] a própria Beatriz evoca, como já se observou, o título da primeira obra de Dante: “este foi tal, em sua *vida nova*, / virtualmente, que todo hábito sagaz / por ele em qualquer arte seria obtida”, na qual “hábito” deverá ser compreendido, como no *Convívio*, III, xiii, 8, também em sentido técnico de capacidade poética e filosófica, e “vida nova” não é apenas a juventude, mas também e sobretudo a experiência amorosa tão eficazmente descrita no *prosimetrum*⁵¹⁹.

Assim, partiremos da imagem de Beatriz sob essa perspectiva que congrega ambas as dimensões, a terrena e a celeste, tal qual a *Commedia*. Vale lembrar ainda que ela não é um anjo, mas uma pessoa que alcançou a beatitude. Ela surgira desde o primeiro dia para o poeta como um milagre, uma encarnação da verdade de Deus, mas “uma encarnação, um milagre são acontecimentos reais; os milagres acontecem na terra, e a encarnação é carne”⁵²⁰:

Beatriz é a encarnação, ela é *figura* ou *idolo Christi* (seus olhos refletem sua natureza dupla, *Purg.*, 31, 126) e portanto não se esgota nestas explicações; sua relação com Dante não pode ser inteiramente explicada por considerações dogmáticas. Nossas observações procuram apenas mostrar que a interpretação teológica, embora sempre útil e indispensável, não nos obriga a abandonar a realidade histórica de Beatriz – pelo contrário⁵²¹.

Retomando o episódio da procissão, quando Beatriz aparece definitivamente e o poeta exultante volta-se para Virgílio, ele então observa que seu guia já partiu; tendo cumprido sua missão conforme anunciado no primeiro canto do *Inferno*, o poeta latino deixa Dante aos cuidados de Beatriz, que se voltará ao peregrino severamente desde suas primeiras palavras:

⁵¹⁶ *VN*, XXVI, 1-2. ALIGHIERI. Op. cit., 1993, p. 63.

⁵¹⁷ STERZI. Op. cit., p. 89.

⁵¹⁸ *Purg.*, XXX, 46-48. ALIGHIERI. Op. cit., 2017b, p. 196, grifo nosso.

⁵¹⁹ AGAMBen. Op. cit., 2019a, p. 82-83. Mais uma vez, agradecemos aqui ao professor Vinícius Nicastro Honesko por ceder sua própria tradução do texto de Giorgio Agamben.

⁵²⁰ AUERBACH. Op. cit., 1997b, p. 62.

⁵²¹ *Ibid.*, p. 63-64.

49 Mas já Virgílio em minguá nos pusera
de si, Virgílio dulcíssimo padre,
Virgílio a quem por salvação me dera;

52 nem quanto já perdeu a antiga madre
valeu à face limpa e orvalhada,
que em choro escurecer menos lhe quadre.

55 “Dante, porque Virgílio é de jornada,
não chores inda, não chores agora;
que chorar te convém por outra espada.”

58 Como almirante à proa e popa fora
vai ver aquela gente que ministra
nos mais lenhos e a agir bem a avigora;

61 por sobre a borda ao carro, da sinistra,
voltei-me quando em som meu nome ouvi, o
que aqui por necessário se registra,⁵²².

49 *ma Virgilio n'avea lasciati scemi
di sé, Virgilio dolcissimo padre,
Virgilio a cui per mia salute die'mi;*

52 *né quantunque perdeo l'antica matre,
valse alle guance nette di rugiada,
che, lacrimando, non tornasser atre.*

55 – *Dante, perché Virgilio se ne vada,
non pianger anco, non piangere ancora;
ché pianger ti conven per altra spada. –*

58 *Quasi ammiraglio che in poppa ed in prora
viene a veder la gente che ministra
per li altri legni, e a ben far l'incora;*

61 *in su la sponda del carro sinistra,
quando mi volsi al suon del nome mio,
che di necessità qui si registra,*

Desse modo, o encontro com Beatriz mostra-se anticlimático para o peregrino, primeiramente pela tristeza causada com a partida de Virgílio, e em segundo lugar pela própria reprovação da angélica dama. O drama propiciado pela falta da presença de seu guia é tamanho, que Dante chega a dizer que nem o *quanto já perdeu a antiga madre*, isto é, o Paraíso Terrestre perdido por Eva, pode impedir-lhe de chorar (sintomático notarmos aqui como Dante enfatizará ao longo desse período no Paraíso Terrestre que a responsabilidade pela perda é sempre de Eva); mas Beatriz se encarrega de fazê-lo parar, pois ele tem outros motivos para verter suas lágrimas: terá início a confissão do poeta.

No entanto, Robert Hollander sugere que esse ponto possa ser visto como o clímax do poema pois, aqui é onde culmina tudo que antecedeu o encontro entre ambos, é o momento em que a nova missão do poeta peregrino começa a tomar forma, onde ele

⁵²² *Purg.*, XXX, 49-63. ALIGHIERI. Op. cit., 2005, p. 561.

é limpadado de seus pecados e desvios, e onde ele será nomeado pela única vez no poema⁵²³. Acerca da nomeação, é interessante ainda de ver que nos dois tercetos seguintes ele enfatiza isso, concluindo ainda que é de fato *necessário* que se registre. No *Convivio*, Dante dirá sobre duas circunstâncias em que é lícito falar de si: a primeira, para se defender de uma infâmia, a segunda, “é quando, ao falar de si, um grande benefício é proporcionado a outra pessoa em forma de ensinamento”⁵²⁴. Nesse caso, o segundo exemplo se propõe mais adequado, pois não há uma defesa contra infâmia, pelo contrário, há mesmo um arrependimento e uma confissão realizada pelo Dante personagem; aqui, o “nome do protagonista explicitamente pronunciado não é sinal de vaidade, mas serve para aumentar a vergonha”⁵²⁵.

Atendo-nos aqui a outra característica de destaque elencada por Hollander, interessa-nos a questão da missão do poeta. Concluído sua confissão, tendo admitido que se desviara após a morte de sua amada – “A realidade que me apareceu | volveu meus passos, com seu falso agrado, | logo que o vosso rosto se escondeu”⁵²⁶ – Dante é levado por Matelda ao Letes para se banhar e assim apagar sua memória do pecado. Tendo sido limpadado de suas máculas, ele é então conduzido para poder olhar Beatriz diretamente, sem o seu véu, revelando sua beatitude mais diretamente, o que o deixa taciturno. Após esse momento, uma nova visão lhe será revelada pela procissão. O grifo levará o carro até uma enorme árvore desfolhada, a mesma árvore da qual Eva colheu o Fruto Proibido, e, atando o carro junto à árvore, ela volta a florescer:

Com o Grifo, todas as personagens sobem ao Céu, à exceção das sete Virtudes, que ficam com Beatriz, sustendo os sete candelabros. Baixa agora repentinamente uma águia (o Império Romano), que arremete contra o Carro, seguido por uma raposa (os argumentos dos heréticos). A águia deixa o Carro recoberto de suas penas (a doação de Constantino), e um dragão (Satanás) arranca parte do seu fundo (as heresias). O Carro figura agora a besta do Apocalipse, carregando uma prostituta e um gigante. Este acaba carregando o Carro para o interior da floresta. É a submissão da Igreja ao rei da França, nos próprios tempos de Dante⁵²⁷.

Porém, entremeio ao reflorescimento da árvore e o início dessa visão, Dante adormece com os louvores entoados por todas aquelas imagens. Despertado, ele volta-se ao lado de sua dama aos pés da árvore, e antes de iniciar a visão que representa as transformações da Igreja durante a história, Beatriz lhe diz:

⁵²³ HOLLANDER. Op. cit., 2004, p. 654.

⁵²⁴ *Conv.*, I, ii, 12-17. ALIGHIERI. Op. cit., 2019, p. 112.

⁵²⁵ Tradução livre: “*Qui insomma il nome esplicitamente pronunciato del protagonista non è segno di vanità, ma serve ad accrescer la vergogna*”. SAPEGNO. Op. cit., 1957, p. 739.

⁵²⁶ *Purg.*, XXXI, 34-36. ALIGHIERI. Op. cit., 2017b, p. 202.

⁵²⁷ MAURO, Italo Eugênio. In: *Ibid.*, p. 207.

103 [...], em prol do mundo que mal vive,
ao carro põe os olhos e o que vês
lá regressando, a tua escrita o archive⁵²⁸.

103 [...], *in pro del mondo che mal vive,*
al carro tieni or li occhi, e quel che vedi,
ritornato di là, fa che tu scrive. –

Esse é o momento em que Beatriz lhe imputa sua missão: observar a visão diante de si, e registrar tudo o que viu *em prol do mundo que mal vive*. Essa tarefa é a que permeia a escrita de toda a *Commedia*, tendo ainda essa passagem uma reminiscência do próprio texto do *Apocalipse*. João afirma ter ouvido uma voz atrás de si, forte como trombeta, que lhe dizia: ““Escreve o que vês num livro e envia-o às sete Igrejas [...]’”. Voltei-me para ver a voz que me falava; ao voltar-me, vi sete candelabros de ouro e, no meio dos candelabros, *alguém semelhante a um Filho do Homem [...]*”⁵²⁹. Beatriz novamente encontra-se em posição similar a Cristo, e fala com Dante que se assemelha aqui a João, denotando novamente a correlação que o autor Dante cria entre sua personagem homônima e a imagem do apóstolo, incumbindo-lhe de missão similar, e utilizando imagens que se conectam intertextualmente. No canto seguinte, o último do *Purgatorio*, Beatriz ainda reforça:

52 Tu nota; e como as digo desta sorte,
assim estas palavras mostra à viva
gente desse viver que corre à morte.

55 E tem na mente, em tua descritiva,
não esconder como é que viste a planta
duas vezes cá sofrer acção lesiva⁵³⁰.

52 Tu nota; e sì come da me son porte,
così queste parole segna a’ vivi
del viver ch’è un correre alla morte.

55 E aggi a mente, quando tu le scrivi,
di non celar qual hai vista la pianta
ch’è or due volte dirubata quivi.

Refletindo sobre a condição da Igreja demonstrada na visão, Beatriz incitará Dante a sua missão de escrever à viva gente, transcrevendo tal qual o que ela lhe dissera. Essa investidura operada por Beatriz, mas escrita pelo autor Dante, se reforça ainda mais ao pensarmos na própria visão da chegada do carro em que o poeta emprega elementos similares aos textos de João e Ezequiel. Como ainda observa Guérios, essa passagem pode indicar uma autopromoção por parte do poeta que chega a parecer

⁵²⁸ *Purg.*, XXXII, 103-105. ALIGHIERI. Op. cit., 2005, p. 579.

⁵²⁹ *Ap.*, 1, 11-12. BÍBLIA DE JERUSALÉM. Op. cit., p. 2143.

⁵³⁰ *Purg.*, XXXIII, 52-57. ALIGHIERI. Op. cit., 2005, p. 587.

herética, pois isso se pronuncia antes mesmo de sua confissão. No entanto, trata-se de uma afirmação presente no nível da narração, e o Dante narrador já concluiu sua jornada, ele já foi purificado, já subiu aos céus e teve sua investidura completada. Esse é um dos momentos em que a ciclicidade da obra se acentua, e o leitor que tem contato com o poema pela primeira vez não compreende⁵³¹.

Por fim, tendo sido purificado de seus pecados, resta-lhe uma última etapa para subir aos céus, banhar-se no Rio Eunoé, que aviva as boas memórias, e então finalmente estar “puro e disposto a subir às estrelas”⁵³². O Cântico do *Paradiso* se iniciará também com essa característica cíclica. Em seu exórdio, Dante afirma sobre o que irá tratar nessa terceira parte, tendo regressado do último estágio de sua peregrinação:

01 A glória do alto ser que tudo move
pelo universo a penetrar resplende
mais numa parte e menos noutras chove.

04 No céu que mais lhe toma a luz que acende
eu fui e coisas vi que repetir
não sabe ou pode quem de lá descende;

07 pois perto a seu desejo indo a subir,
nosso intelecto se aprofunda tanto,
que atrás dele a memória não pode ir.

10 Na verdade, quanto eu do reino santo
em minha mente fui fazer tesouro,
será ora a matéria do meu canto⁵³³.

01 *La gloria di colui che tutto move
per l'universo penetra, e risplende
in una parte più e meno altrove.*

04 *Nel ciel che più della sua luce prende
fu' io, e vidi cose che ridire
né sa né può chi di là su discende;*

07 *perché appressando sé al suo disire,
nostro intelletto si profonda tanto,
che dietro la memoria non può ire.*

10 *Veramente quant'io del regno santo
nella mia mente potei far tesoro,
sarà ora materia del mio canto.*

Anuncia-se aqui um dos aspectos mais marcantes do *Paradiso*, que funciona como um grande trunfo para sua poesia e para sua legitimação: a inefabilidade daquilo que vira. O Paraíso se distingue dos outros dois Reinos do Além por sua abstração acentuada; o Inferno é o mais material dos três espaços, sua geografia, suas penas,

⁵³¹ GUÈRIOS. Op. cit., p. 139.

⁵³² *Purg.*, XXXIII, 145. ALIGHIERI. Op. cit., 2017b, p. 220. Verso final do Cântico do *Purgatorio*.

⁵³³ *Par.*, I, 01-12. ALIGHIERI. Op. cit., 2005, p. 595.

mesmo o fantástico que ali se apresenta é compreensível de modo “natural”; o Purgatório, assemelha-se a isso, mas começa já a despontar algo do indescritível, tanto que o Dante narrador se justificará próximo a entrada do Purgatório: “Leitor, tu vejas bem como agora alço, | minha matéria e disso, por mais arte, | não vás maravilhar-te, se eu a calço”⁵³⁴. Um caso dessa inefabilidade se dá nos exemplos apresentados na Cornija dos Orgulhosos, onde essas imagens são entalhadas nas paredes e no chão. Mas não se trata de imagens estáticas, tampouco uma ação móvel como um filme, é a própria *verdade* apresentada ali, que o poeta descreverá:

64 Qual de pincel foi mestre ou de buril,
sombrias e traços retratando esquivos,
para espanto do engenho mais sutil?

67 Os mortos, mortos, e os vivos quais vivos:
não viu mais que eu quem viu por verdadeiro
o que eu calquei, a ir de olhos furtivos⁵³⁵.

64 *Qual di pennel fu maestro o di stile*
che ritraesse l'ombre e' tratti ch'ivi
mirar farieno uno ingegno sottile?

67 *Morti li morti e i vivi parean vivi:*
non vide mei di me che vide il vero,
quant'io calcai, fin che chinato givi.

Sem falsa modéstia, o poeta manifesta que aquilo que ele vira nos painéis não apenas era maravilhosamente real, como sua visão era melhor do que aqueles que viram efetivamente tal imagem. Esse argumento⁵³⁶ do poeta se dá a partir da ideia filosófica, tanto platônica quanto aristotélica, que compreende a arte como imitação da natureza, portanto, sendo aquelas imagens criadas por Deus, não apenas elas não são imitação da natureza, como *superam* a própria natureza, algo que vai além da compreensão humana: “Esse que não viu nunca cousa nova | produz assim visível tal falar, | que não se encontra aqui, e a nós se inova”⁵³⁷. Assim, ao mesmo tempo em que o poeta se coloca em situação de extrema dificuldade, ele se alça ao pico do Parnaso: ante a necessidade de expressar o inefável, nas palavras do próprio Dante, quando “a língua não segue completamente aquilo que o intelecto vê”⁵³⁸, ele seguirá a já mencionada ordem de

⁵³⁴ *Purg.*, IX, 70-72. *Ibid.*, p. 381.

⁵³⁵ *Purg.*, XII, 64-69. *Ibid.*, p. 407, grifo nosso.

⁵³⁶ A leitura sobre essa passagem que transcrevemos a seguir é oriunda do texto inédito *Esprimere l'inesprimibile: Dante e il logos poetico*, do professor Luiz Ernani Fritoli (UFPR), a quem manifestamos aqui nosso agradecimento por compartilhar conosco.

⁵³⁷ *Purg.*, X, 94-96. ALIGHIERI. *Op. cit.*, 2005, p. 391.

⁵³⁸ *Conv.*, III, iii, 15. *Id.*, *Op. cit.*, 2019, p. 196.

Beatriz: “Como é a palavra por mim proferida | tu a anota”⁵³⁹; ou seja, Dante não cria, não inventa, tudo que está exposto na *Commedia* é caracterizado como replicação daquilo que foi visto e, portanto, o poema é a *própria verdade*. A partir disso, ao longo de todo o *Paradiso*, até seu final, o poeta constantemente pedirá a Deus por mais virtude da memória, para que, resgatando um pouco daquilo que contemplara, possa *expressar o inexprimível*.

3.3.1 O vital nutrimento do Paraíso⁵⁴⁰

A priori, a própria ascensão de Dante ao Paraíso é descrita tendo em foco sua inefabilidade: “*Transumanar* não pode-se entender | por palavras”⁵⁴¹. Mesmo as divisões celestiais não se dão materialmente, e o poeta acentua que sua percepção de transição de um Céu a outro ocorre observando o aumento da luz irradiada por Beatriz, que progressivamente aumenta quanto mais próximo de Deus se chega. Esses Céus são em número de nove, seguindo a ordem cosmológica que Dante apresentará⁵⁴²: partindo da Terra, centro do universo, vai-se pelos céus dos corpos celestes que orbitam o planeta, respectivamente Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter, Saturno, e após esse, o Céu das Estrelas Fixas; o Nono Céu é o *Primum Mobile* (Primeiro Motor), também chamado Céu Cristalino, o mais veloz e que engendra o movimento a todos os demais céus, girando cada qual mais rápido quanto mais próximo se está de Deus. Vale lembrar que esses céus não se confundem com seus respectivos astros, mas são esferas, como se fossem camadas de uma mesma esfera única que é o Universo; a órbita do planeta é o equivalente ao Equador de seu Céu⁵⁴³. Por fim, além do Espaço está o Empíreo, onde se encontra “Àquele Um, Dois e Três que reinar deve | sempre vivendo em Três e Dois e Um | não circunscrito, e tudo circunscreve”⁵⁴⁴.

Dante encontrará ao longo desses céus almas beatas que se distinguirão conforme as características que cada Céu influencia na Terra. No *Convivio*, Dante expõe que “os motores desses céus são substâncias separadas da matéria, isto é, Inteligências, as quais a gente comum chama de Anjos”⁵⁴⁵, indicando ainda que se trata daquelas mesmas ideias que os Antigos gentios atribuíam o nome de deuses e deusas. Estas

⁵³⁹ *Purg.*, XXXIII, 52-53. Id., Op. cit., 2017b, p. 217.

⁵⁴⁰ *Par.*, XVII, 131. *Vital nutrimento*, metáfora alimentar aplicada à *Commedia*.

⁵⁴¹ *Par.*, I, 70-71. ALIGHIERI. Op. cit., 2017c, p. 15.

⁵⁴² Cf.: ANEXO F.

⁵⁴³ *Conv.*, II, iii.

⁵⁴⁴ *Par.*, XIV, 28-30. ALIGHIERI. Op. cit., 2017c, p. 102.

⁵⁴⁵ *Conv.*, II, iv, 2. Id., Op. cit., 2019, p. 149.

Inteligências se reúnem no Empíreo e se dividem nos Nove Círculos Angélicos que circundam o Ponto Luminoso em que Dante verá Deus, e sua “beatitude é constituída apenas pela visão de Deus, da qual mais gozam as que, nos primeiros giros, d’Ele estão mais próximas”⁵⁴⁶. Correspondem a cada um dos Céus, paralelamente a proximidade que estão do Empíreo. Assim, o primeiro conjunto dessas Inteligências, os Serafins, correspondem ao Nono Céu, o *Primum Mobile*; o segundo, os Querubins, ao Céu das Estrelas Fixas, e assim por diante. Os demais Círculos Angélicos são, em ordem de distanciamento de Deus, os Tronos, as Dominações, as Virtudes, as Potestades, os Príncipes, os Arcanjos e por fim, os Anjos, correspondentes ao Céu da Lua⁵⁴⁷. Igualmente, as almas beatas não estão de fato nos Céus pelos quais Dante as encontra, mas permanecem todas no Empíreo, na Rosa dos Beatos, apresentando-se assim apenas para que Dante compreenda seu grau de beatitude desfrutado no Empíreo, conforme lhe dirá Beatriz no Primeiro Céu:

37 Mostram-se aqui não porque só admitida
seja-lhes esta esfera, mas pra acento
à beatitude sua menos erguida:

40 fala-se assim ao vosso entendimento
que só através dos sentidos apreende
e após transfere ao intelecto atento⁵⁴⁸.

37 *Qui si mostraron, non perché sortita
sia questa spera lor, ma per far segno
della spiritual c’ha men salita.*

40 *Così parlar conviensi al vostro ingegno,
però che solo da sensato apprende
ciò che fa poscia d’intelletto degno.*

Desse modo, no Céu da Lua surgirão almas manifestando que sua sorte “é dada por certa negligência | em nossos votos, falhos nalgum canto”⁵⁴⁹, são os beatos que em vida faltaram a seus votos. No Céu de Mercúrio, “os beatos seus | são os que a benfazer foram ativos, | mas de olho na fama e nos troféus⁵⁵⁰”; a seguir, no Céu de Vênus, o peregrino será interpelado por uma alma que indica o lugar em que estão e sobre a disposição que o marca rememorando os versos do próprio Dante “aos quais, um dia, no mundo tu disseste: | – *Vós, de quem move o céu terceiro a mente* – | e temos tanto amor

⁵⁴⁶ MAURO, Italo Eugênio. In: ALIGHIERI. Op. cit., 2017c, p. 195.

⁵⁴⁷ *Par.*, XXVIII.

⁵⁴⁸ *Par.*, IV, 37-42. ALIGHIERI. Op. cit., 2017c, p. 32.

⁵⁴⁹ *Par.*, III, 56-57. *Ibid.*, p. 28.

⁵⁵⁰ *Par.*, VI, 112-114. *Ibid.*, p. 47.

que pra te o dar | uma parada será conveniente”⁵⁵¹. O próximo, o Céu do Sol, se acentua por sua luminosidade exacerbada: “Assim a quarta família aqui gira | do excelso Pai, que sempre a esclarece, | mostrando como gera e como inspira”⁵⁵², é onde se apresentam os beatos sábios, doutores da Igreja e teólogos. O Quinto, o Céu de Marte dos combatentes e mártires da fé, onde Cacciaguida dirá a Dante, seu desce, “do martírio, vim para esta paz”⁵⁵³. O Céu de Júpiter representando a justiça apresentará ao peregrino uma performance das almas que unidas formam inicialmente a frase *DILIGITE IUSTITIAM QUI IUDICATIS TERRAM*, “Amai a Justiça, vós que governais a Terra”⁵⁵⁴. O Sétimo Céu, onde aparecem as almas contemplativas, mais radiantes que qualquer outras, permanecem assim serenamente, tal qual Beatriz, sendo justificado ao poeta: “De mortal a visão tu tens, e o ouvido’, | disse ela, ‘e ora por isso não se canta, | e o riso de Beatriz não tens ouvido”⁵⁵⁵. Aparece aqui uma escadaria, pela qual subindo, Dante vê a constelação de Gêmeos, afirmando: “com vós surgia e findava o seu carreiro, | aquele pai de toda mortal vida, | quando o ar toscano eu respirei primeiro”⁵⁵⁶. É a constelação que conjugava com o Sol no momento de seu nascimento, através da qual o poeta ascenderá partindo para o Céu Cristalino, última etapa antes do Empíreo.

No entanto, antes dessa ascensão, Dante terá de passar por uma provação final: o Exame da Fé, no Céu das Estrelas Fixas. Após contemplar o Triunfo de Cristo e a Apoteose de Maria, que juntos ascendem ao Empíreo, Dante em estado de êxtase será inquirido por intermédio de Beatriz. Ela solicita àquelas almas que circundavam a Virgem e seu Filho que examinem o peregrino:

01 “Ó comunhão eleita à grande ceia
do Cordeiro de Deus, que vos alenta
assim que nunca o vosso ansiar sofria;

04 se este a Graça de Deus ora sustenta
– de vossa mesa – só co’ o que sobeja,
enquanto o tempo ainda de morte o isenta,

07 cuidai que a sede sua saciada seja;
rorejai-o, que vos dessedentando
estais na mesma fonte que ele almeja.”⁵⁵⁷.

01 – *O sodalizio eletto alla gran cena*

⁵⁵¹ *Par.*, VIII, 36-39. *Ibid.*, p. 58. É a canção *Voi che 'ntendendo il terzo ciel movete* (*Rime* LXXIX), comentada no segundo tratado do *Convivio*.

⁵⁵² *Par.*, X, 49-51. *Ibid.*, p. 73.

⁵⁵³ *Par.*, XV, 148. *Ibid.*, p. 112.

⁵⁵⁴ *Par.*, XVIII, 91-93. *Ibid.*, p. 130, 132.

⁵⁵⁵ *Par.*, XXI, 61-63. *Ibid.*, p. 151

⁵⁵⁶ *Par.*, XXII, 115-117. *Ibid.*, p. 159.

⁵⁵⁷ *Par.*, XXIV, 01-09. *Ibid.*, p. 169.

*del benedetto Agnello, il qual vi ciba
sì, che la vostra voglia è sempre piena,*

*04 se per grazia di Dio questi preliba
di quel che cade della vostra mensa,
prima che morte tempo li prescriba,*

*07 ponete mente all'affeziōne immensa,
e roratelo alquanto: voi bevete
sempre del fonte onde vien quel ch'ei pensa. –.*

Dante é assim indicado por Beatriz para ser acolhido na Ceia do Cordeiro de Deus, mediante o Exame de sua Fé. Além da relação que podemos sugerir aqui com o Banquete referido no *Convívio*, essa metáfora está presente também no *Apocalipse*: “A seguir, disse-me: ‘Escreve: felizes aqueles que foram convidados para o banquete das núpcias do Cordeiro’”⁵⁵⁸. Desce então a primeira alma inquisidora, São Pedro, que lhe examina sobre a virtude teologal da Fé, ao que o poeta responderá: “fé é substância a toda a cousa que há-de | ser e argumento das não aparentes”⁵⁵⁹, reforçando ainda na sequência o porquê se denomina isso de substância: “As coisas profundas e puras, | que permitem-me aqui ter sua visão, | aos nossos olhos lá são tão obscuras, | que só existem por nossa convicção | na qual se funda a esperança que temos, | e de substância toma o nome então”⁵⁶⁰. Desse modo, Dante expõe como aquilo que no mundo terreno é entendido por Fé, necessariamente dependente da crença e esperança, é ali no Paraíso a Verdade, a qual ele teve a graça de poder ver diretamente. Em seguida, São Tiago junta-se a eles e indaga o poeta sobre a Esperança, prontamente respondida: “‘Esperança’, disse eu, ‘é a fé no advento | da salvação futura, à qual conduz | a eterna Graça e o merecimento’”⁵⁶¹. Por fim, junta-se ao grupo São João, que lhe examina sobre o Amor cristão, *caritas*, terceira virtude teologal. Quando o apóstolo lhe pergunta *com quantos dentes esse amor te morde*, o poeta responde:

*55 E assim recomecei: “Todo o mordido
por que se a Deus o coração volveu,
a minha caridade há concorrido;*

*58 que o ser do mundo e assim este ser meu,
a morte que susteve por que eu viva,
e o que esperar todo o fiel como eu,*

*61 com a já dita conhecença viva,
tirado me há do mar do amor torto,
e à margem do direito me deriva.*

64 Frondes onde se enfronda todo o horto

⁵⁵⁸ *Ap.*, 19,9. BÍBLIA DE JERUSALÉM. Op. cit., p. 2162; SAPEGNO. Op. cit., 1957, p. 1071.

⁵⁵⁹ *Par.*, XXIV, 64-65. ALIGHIERI. Op. cit., 2005, p. 805.

⁵⁶⁰ *Par.*, XXIV, 70-75. Id., op. cit., 2017c, p. 171.

⁵⁶¹ *Par.*, XXV, 67-69. Ibid., p. 177.

do eterno hortelão, eu amo tanto
quanto dele lhes for de bem o porto⁵⁶².

*55 Però ricominciai: – Tutti quei morsi
che posson far lo cor volgere a Dio,
alla mia caritate son concorsi;*

*58 ché l'essere del mondo e l'esser mio,
la morte ch'el sostenne perch'io viva,
e quel che spera ogni fedel com'io,*

*61 con la predetta conoscenza viva,
tratto m'hanno del mar dell'amor torto,
e del diritto m'han posto alla riva.*

*64 Le fronde onde s'infronda tutto l'orto
dell'ortolano eterno, am'io cotanto
quanto da lui a lor di bene è porto. –*

Dante manifesta assim que o Amor de Deus inspira e alimenta toda sua virtude, concluindo com a metáfora pastoril presente no Evangelho de João, o próprio apóstolo que o inquire⁵⁶³. Termina assim o Exame de Dante, sua última provação exigida para ascender ao Empíreo, onde guiado por São Bernardo, contemplará a Visão de Deus. Com essa aprovação, o poeta outorga sobre si a autoridade vinda diretamente dos apóstolos, conferindo ainda mais respaldo sobre sua missão. Além disso, rememorando a ciclicidade da *Commedia*, observamos o quanto Dante vai reforçando esses elementos ao texto antes mesmo de se concluir sua investidura. No canto X do *Paradiso*, o poeta emprega um apelo que manifesta a legitimidade de sua tarefa, utilizando-se de uma dupla metáfora, alimentar e pedagógica, congregando desse modo tanto seu caráter docente para com o leitor, quanto a referência do banquete uma vez mais:

*22 Ora fiques, leitor, sobre teu banco,
pensando atrás de quanto se preliba,
se queres, por cansaço, prazer franco.*

*25 Pus-to diante: por ti come e liba;
que todo o meu cuidar apenas cura
da matéria da qual sou feito escriba⁵⁶⁴.*

*22 Or ti riman, lettor, sovra 'l tuo banco,
dietro pensando a ciò che si preliba,
s'esser vuoi lieto assai prima che stanco.*

*25 Messo t'ho innanzi: omai per te ti ciba;
ché a sé torce tutta la mia cura
quella materia ond'io son fatto scriba.*

⁵⁶² *Par.*, XXVI, 55-66. Id., op. cit., 2005, p. 823.

⁵⁶³ *Jo.*, 15. SAPEGNO. Op. cit., 1957, p. 1100-1101.

⁵⁶⁴ *Par.*, X, 22-27. ALIGHIERI. Op. cit., 2005, p. 675.

Essa passagem que precede a ascensão ao Céu do Sol é significativa pois, ao inseri-la anteriormente à aparição das guirlandas das almas dos teólogos, cria-se uma relação direta entre o discurso de Dante e o daquelas almas beatas, de modo que “o cenário se revela um potente mecanismo de formação de autoridade. Se Tomás e Boaventura instruem o peregrino, o Dante narrador instrui o leitor; em outras palavras, ele se encontra entre seus pares”⁵⁶⁵. É oportuno ressaltar aqui que desse modo, o propósito evangelista de Dante se reforça simultaneamente como meio educacional. Tendo em vista a pluralidade de temas abordados, para além dos teológico-doutriniais, torna-se inegável considerar a dimensão enciclopédica de sua obra. Auerbach congrega essa diversidade em três sistemas que se entrelaçam ao longo de todo o poema: um físico, um ético e um histórico-político⁵⁶⁶. A grande marca de distinção da enciclopédia dantesca é sua forma de apresentação ser versejada. A poesia é a linguagem de Dante, é através dela que o poeta educa seu leitor, buscando agir em seu meio social.

Vale ainda ressaltar que essa ciclicidade intratextual abordada não ocorre apenas no nível narratológico, mas mesmo na ação do poema. Assim, quando o Dante personagem estava perdido na selva escura ainda no primeiro canto do *Inferno*, sendo acossado pelas Três Feras, o peregrino observa perto de si um vulto silencioso que o faz dizer suas primeiras palavras: “*Miserere di me*”⁵⁶⁷! Essa frase com uso de latim (*Miserere*), é não apenas uma exclamação usual do meio litúrgico, mas tem ainda uma intertextualidade com o Salmo 50 de Davi, nomeado homonimamente, texto que “mostra parentesco profundo com a literatura profética, sobretudo com Isaías e Ezequiel”⁵⁶⁸. Esse salmo está entre aqueles classificados como *súplicas*, são os salmos de sofrimento ou lamentação:

*Geralmente as súplicas começam com uma invocação, acompanhada de pedido de socorro, de prece ou de expressão de confiança. No corpo do salmo procura-se comover a Deus descrevendo-lhe a triste situação dos suplicantes, com metáforas que são clichês e raramente permitem determinar as circunstâncias históricas ou concretas da oração: fala-se das águas do abismo, dos laços da morte ou do Xeol, de inimigos ou de feras (cães, leões, touros) que ameaçam ou dilaceram, de ossos que secam ou quebram, do coração que palpita e se apavoram*⁵⁶⁹.

O emprego dessa intertextualidade com um salmo de súplica demonstra desde

⁵⁶⁵ Tradução livre: “*in maniera tale che lo scenario si riveli un potente meccanismo di formazione di autorità. Se Tommaso e Bonaventura istruiscono il pellegrino, il Dante narratore istruisce il lettore; in altre parole, egli si trova fra i suoi pari.*”. GUÉRIOS. Op. cit., p. 146.

⁵⁶⁶ AUERBACH. Op. cit., 1997a, p. 127.

⁵⁶⁷ *Inf.*, I, 65. “Tem piedade de mim”.

⁵⁶⁸ BÍBLIA DE JERUSALÉM. *Nota a Salmo 50*. Op. cit., p. 915.

⁵⁶⁹ *Ibid.*, *Introdução - Salmos*. p. 858-859

seu início esse teor da narrativa, de um peregrino em frente ao perigo e que busca seu arrependimento e penitência. Além disso, a conexão específica desse salmo que se relaciona com outros textos proféticos (dentre eles, o Livro de Ezequiel já abordado anteriormente) sugerem indícios da proximidade do poeta com essa literatura que permeará todo seu poema. Terceto contundente se apresenta também na boca de Virgílio quando no Estige, Dante ataca verbalmente uma alma dali e seu guia volta-se ao peregrino louvando sua atitude: “E para mim voltou-se e me abraçou, | beijou-me o rosto e disse: ‘Ó desdenhosa | alma, bendita foi quem te gerou”⁵⁷⁰, versos com clara reminiscência às palavras dirigidas a Jesus no Evangelho de Lucas: “Felizes as entranhas que te trouxeram e os seios que te amamentaram!”⁵⁷¹. Ao pensar na própria viagem conferida ao poeta, relembramos o que já foi dito no início deste subcapítulo: quando Dante questiona-se o porquê ter sido escolhido, sua comparação é com Paulo e Enéias – *Io non Enëa, io non Paulo sono*⁵⁷² – de modo que, sendo o poema da *Commedia* o próprio resultado bem sucedido de sua peregrinação fictícia, observamos que sua jornada teve a mesma legitimidade e, poderíamos mesmo dizer, um grau equivalente de importância dessas outras duas, considerando a Graça concedida ao poeta. Paulo viaja ao Paraíso e recebe as revelações de Deus, Enéias viaja ao Inferno para cumprir sua missão que é fundar a cidade eleita de Roma; Dante congrega em sua jornada a proposta de reforma tanto da função espiritual quanto secular⁵⁷³.

Assim, a *Commedia* se apresenta como anúncio do resultado positivo da viagem de Dante, sendo ela direcionada para os viventes que, tal como ele próprio em seu momento de penúria, necessitam ser conduzidos de volta a Deus. Desse modo, mesmo quando cruza os mais altos céus do Paraíso, a visão do poeta volta-se sempre para o mundo, do qual ele faz parte e se anuncia como reformador. A título de exemplo, enquanto ascende através da Constelação de Gêmeos, Beatriz convidará o poeta a regressar seu olhar pelos céus transpostos, até a Terra, imóvel em seu centro, ao que o Dante narrador registra: “Cos olhos contemplei naquele instante | as sete esferas todas e este globo | vi tal, que me fez rir seu vil semblante”⁵⁷⁴.

Umberto Eco, justificando o poético título de sua obra *Seis passeios pelos bosques da ficção*, faz alusão à metáfora de outro grande escritor, o argentino Jorge Luís

⁵⁷⁰ *Inf.*, VIII, 43-45. ALIGHIERI. Op. cit., 2017a, p. 68.

⁵⁷¹ *Lc.*, 11, 27. BÍBLIA DE JERUSALÉM. Op. cit., p. 1810.

⁵⁷² *Inf.*, II, 32.

⁵⁷³ NARDI. Op. cit., p. 276.

⁵⁷⁴ *Par.*, XXII, 133-135. ALIGHIERI. Op. cit., 2005, p. 791.

Borges, dizendo que o bosque é uma metáfora de um texto narrativo, e que o “bosque é um jardim de caminhos que se bifurcam. Mesmo quando não existem num bosque trilhas bem definidas, todos podem traçar sua própria trilha”⁵⁷⁵. O bosque dantesco não difere no que toca à dificuldade de seus caminhos, mas seu leitor possui um guia: o próprio Dante. O bosque dantesco se inicia na *selva oscura*, e seu leitor deve se deixar guiar juntamente do peregrino, tomando suas lições e aprendendo com o poeta. Seu leitor-modelo se espelha no próprio Dante personagem, igualmente perdido na selva do pecado, devendo ser conduzido até o outro bosque, o Paraíso Terrestre; mas esse não é seu fim último. O peregrino Dante que foi ensinado ao longo de toda sua jornada pelo Além converte-se naquele que ensina o leitor; tal como seus guias, o Dante narrador assume a função de docente, e seu interlocutor, de aluno⁵⁷⁶. E essa posição que o poeta alcança se dá mediante a autoridade que lhe é investida pelos desígnios divinos: “Graças a esta estratégia, a *Commedia* torna-se um texto impermeável a qualquer juízo, um texto que não pode ser contestado porque legitimado pela Graça [Divina]: um texto autorizado tanto quanto a própria Bíblia”⁵⁷⁷.

Episódio que explicitamente denota essa legitimidade incontestável que a obra se arroga é a invectiva que São Pedro faz contra seus sucessores após o fim do Exame de Dante, numa reprovação tão irascível que faz a alma do apóstolo enrubescer:

19 [...] “Se ora eu me transcoloro,
não pasmem, falando eu, os olhos teus,
que mudem estes cor em seu decoro.

22 O lugar meu em terra usurpar vê-os,
o lugar meu, o lugar meu que vaca
sendo em presença do Filho de Deus,

25 do cemitério fazem-me cloaca
do sangue e do fedor; onde o perverso
que cai daqui, em baixo lá se aplaca.

[...]

64 e tu, filho, que voltarás aonde o
mortal peso há-de pôr-te, *abras a boca,*
*e não escondas o que eu não escondo*⁵⁷⁸.

19 [...] – *Se io mi trascoloro,*
non ti maravigliar; ché, dicend'io,
vedrai trascolorar tutti costoro.

⁵⁷⁵ ECO. Op. cit., 1994, p. 12.

⁵⁷⁶ Esse é o cerne da hipótese demonstrada por Áureo Lustosa Guérios em sua dissertação de mestrado, substancialmente importante para nossa pesquisa.

⁵⁷⁷ Tradução livre: “*Grazie a questa strategia la Commedia diventa un testo impermeabile a qualsiasi giudizio, un testo che non può essere confutato perché legittimato per la Grazia: un testo tanto autorevole quanto la stessa Bibbia*”. GUÉRIOS. Op. cit., p. 160.

⁵⁷⁸ *Par.*, XXVII, 19-27, 64-66. ALIGHIERI. Op. cit., 2005, p. 829, 831, grifo nosso.

*22 Quelli ch'usurpa in terra il luogo mio,
il luogo mio, il luogo mio, che vaca
nella presenza del Figliuol di Dio,*

*25 fatt'ha del cimiterio mio cloaca
del sangue e della puzza; onde 'l perverso
che cadde di qua su, là giù si placa. –
[...]
E tu, figliuol, che per lo mortal pondo
ancor giù tornerai, apri la bocca,
e non asconder quel ch'io non ascondo. –*

O contundente ataque do apóstolo golpeia com veemência os pontífices que fazem de sua sede consagrada uma *cloaca de sangue e fedor*. Ele dirige-se especialmente ao papa contemporâneo à Viagem de Dante, Bonifácio VIII, mas refere-se ainda adiante na passagem suprimida, aos *caorsinos e gascões* (vv.58), ou seja, aos papas João XXII e Clemente V respectivamente, pontífices futuros ao contexto da narrativa, mas já há tempos desafetos do poeta no momento da escrita do Terceiro Cântico. Importante ainda a consideração feita pelo humanista Cristóforo Landino e transcrita por Natalino Sapegno: Pedro não diz que o trono pontifício esteja efetivamente vago, mas que *vaga na presença do Filho de Deus*: “Em outras palavras, a acusação que Dante traz aqui contra Bonifácio VIII não é propriamente de ilegitimidade canônica, antes de indignidade moral”⁵⁷⁹. A invectiva se encerra com o aval apostólico: *não escondas o que eu não escondo*. O poeta está autorizado a transcrever *ipsis litteris* a ira de Pedro contra seus sucessores, tal como Beatriz já lhe autorizara anteriormente.

Desse modo, Dante outorga a si mesmo a autoridade para atacar e condenar muito daquilo que via e vivia em seus tempos, criando por trás de seu discurso a legitimidade advinda dos desígnios de Deus, calcando assim sua autoridade na própria Graça Divina e assimilando-se aos Profetas bíblicos. As doutrinas dos textos proféticos veterotestamentários “*se conjugam e se combinam segundo três linhas mestras, aquelas precisamente que distinguem a religião do Antigo Testamento: o monoteísmo, a moral e a espera da Salvação*”⁵⁸⁰. A afirmação do monoteísmo já não é mais a preocupação dos tempos de Dante, mas a moral e a espera de Salvação permanecem latentes.

Sua proposta de intervenção social será assim operada sobretudo nos níveis moral e político. Moralmente, suas palavras se anunciam de modo reprobatório a seu povo, tal como o texto do Profeta Isaías: “Grita a plenos pulmões não te contenhas, | levanta tua voz como trombeta | e faze ver ao meu povo a sua transgressão, | à casa de

⁵⁷⁹ Tradução livre: “*In altre parole, l'accusa che qui Dante porta contro Bonifacio VIII non sarebbe propriamente di illegittimità canonica, bensì di indegnità morale*”. SAPEGNO. Op. cit., 1957, p. 1110.

⁵⁸⁰ BÍBLIA DE JERUSALÉM. *Introdução aos profetas*. Op. cit., p. 1234.

Jacó o seu pecado”⁵⁸¹. Politicamente, em suas invectivas incessantes contra os governantes, seculares ou espirituais, seja no nível do macro ou do micro, o poeta responsabilizará as mazelas de seu tempo também àqueles que deveriam conduzir seus respectivos jurisdicionados à concórdia social.

Ambas as dimensões dessa criticidade se dão em vista de um sentido de ordem social, direcionando-se tanto aos indivíduos, quanto às instituições, e o substrato dessas reprovações é visto também em suas epístolas como pudemos observar ao longo do percurso biográfico do poeta (3.1). É oportuno, no entanto, ressaltarmos aqui um ponto: não obstante sua proeminência nestas críticas, Dante não é um sujeito descolado de sua vivência histórica, seu posicionamento não é único, uma voz solitária em meio à tormenta das sociedades italianas. Não faltam pessoas que se posicionaram contra os problemas de seu contexto, isso é algo constante pela história, em qualquer tempo e lugar. Patrick Gilli aponta mesmo para a existência de uma cultura cívica que foi se formando paralelamente ao desenvolvimento do sistema comunal, e que tinha entre suas marcas a defesa de *valores cívicos*, como o bem comum, a paz e a liberdade. Esses ideais, recorrentemente evocados, são parte significativa da própria fecundidade do policentrismo institucional que abordamos ao longo do Primeiro Capítulo. Em fins do século XIII, trespassada pelas vertentes aristotélicas efervescentes nos centros universitários, observa-se a integração das ideias filosóficas do estagirita nessa cultura:

Realmente, sem recorrer à hipótese delicada da influência aristotélica e tomista para explicar o desenvolvimento da ideologia do bem comum, assistimos seguramente a uma conjunção do pensamento religioso e do pensamento secular em torno desse patrimônio de valores comuns. Essa surpreendente mistura encontra sua aplicação na exaltação dos governos, através de formas singulares de propaganda, ou na pregação pública. Ser um bom cidadão torna-se um pré-requisito para realizar sua salvação⁵⁸².

Por sua vez, Dante está envolto nessa cultura cidadina, mas agindo de modo tencionado. O poeta apela para essas mesmas virtudes como meios interventivos em vista da ordem social, porém, sua postura é algo crítica em relação aos próprios governos. Seu crivo moral, travestido de Justiça Divina, não parece nos dar indícios de uma efetiva defesa desses governos por parte de Dante; no entanto, admitimos que não estamos tão certos quanto ao posicionamento do poeta frente os *sistemas comunais*, isto é, se ele reprova ou condena a existência desses sistemas em si. De todo modo, isso nos oferece um importante indicativo para mensurarmos uma vez mais o poeta como *sujeito*

⁵⁸¹ *Is.*, 58,01. *Ibid.*, p. 1346. INGLESE. *Op. cit.*, 2012, p. 44.

⁵⁸² GILLI. *Op. cit.*, p. 373.

histórico, inscrito em seu próprio contexto. Não se trata de condicioná-lo a determinismos sociais, mas reconhecer sua proeminência *dentro* de uma realidade social que o permeia:

Para esses indivíduos biografados converge seu mundo, em seu contexto são lidos, nem excêntricos, nem vulgares, mas possíveis e acontecidos, porque ninguém conseguiu a mágica de estar à frente de seu tempo, embora às vezes se diga isso... Só o contexto permite sua excepcionalidade, porque esta se constrói em relação a paradigmas, com os quais evidentemente o indivíduo dialoga ou contra os quais se opõe⁵⁸³.

Feita essa ponderação, observamos assim como Dante está envolvido com as dinâmicas sociais e culturais de seu contexto, o que não o impede de dar voz a seus anseios e visões particulares. Neste aspecto, pensando especificamente em sua cidade natal, temos o resgate memorialista que o poeta faz a uma Florença clássica, mais mítica que histórica, e que se apresenta singularmente em seu diálogo com seu ascendente Cacciaguida no Céu de Marte. Sua beata progênie terá papel fundamental para a narrativa da viagem do poeta, apresentada em um diálogo que dura três cantos (XV-XVII).

No primeiro, o poeta põe na boca de seu trisavô um discurso de louvor aos tempos antigos de sua cidade: “Florença dentro lá da cerca antiga | aonde a terça e a nona inda ressoa, | pudica e sóbria estava em paz amiga”⁵⁸⁴. O longo discurso de Cacciaguida (vv.97-148), fala da antiga Florença à época de seu nascimento, contrapondo-a aos costumes do tempo de Dante. Já no canto seguinte (XVI) Cacciaguida apontará a principal causa das desvirtuações morais dos florentinos: a vinda de povos externos à comuna; “Sempre que muita mescla se ocasione, | para a cidade mau destino fada”⁵⁸⁵; ao que se segue uma extensa lista de estirpes nobres que, aos tempos do poeta, ou desapareceram ou encontravam-se em declínio. É interessante que essa ideia seja em alguma medida oposta àquela presente no *Convivio*, em que o poeta defende que as estirpes não fazem ninguém nobre, mas que, pelo contrário, a nobreza é algo pessoal, podendo essa pessoa enobrecer sua linhagem⁵⁸⁶. Aqui, essa ideia não necessariamente está excluída, mas ao justificar os vícios de seus contemporâneos

⁵⁸³ GUIMARÃES. Op. cit., p. 113.

⁵⁸⁴ *Par.*, XV, 97-99. ALIGHIERI. Op. cit., 2005, p. 725.

⁵⁸⁵ *Par.*, XVI, 67-68. Id., Op. cit., 2017c, p. 115.

⁵⁸⁶ *Conv.*, IV, xx, 5.

pelas linhagens advindas aponta para uma mudança de pensamento por parte de Dante⁵⁸⁷.

Essa imagem idealizada que se apresenta está mais atrelada aos desgostos pessoais passados pelo poeta em sua vida do que em uma verdadeira tradição pacífica. Como demonstramos ao longo de todo o Primeiro Capítulo, a história comunal italiana é atravessada por conflitos desde os primeiros estágios de sua formação. Nas tensões internas dos grupos dirigentes, nos atritos entre os variados grupos sociais partícipes da dinâmica urbana dessas cidades, até as relações com as grandes forças externas – papado, Império e os diversos reinos – a luta foi uma linguagem recorrente ao longo de toda história italiana tardo-medieval. Na realidade, os anseios do poeta sequer são uma particularidade de seus tempos. O policentrismo institucional que tanto mencionamos foi justamente o resultado das tentativas variadas de amenizar conflitos sociais, por vezes acabando por gerar ou fomentar outros tantos: “A cidade italiana se configura, assim, como a expressão de um pluralismo organizacional muito fluido e a comuna, como uma tentativa de hierarquização desses organismos populares e nobiliárquicos em equilíbrio precário, sempre inclinados à violência”⁵⁸⁸. Por um lado, isso pode ser um indicativo de que Dante tinha uma infeliz tendência que observamos com frequência ainda nos dias de hoje: a idealização de um passado para criticar seu próprio período de vida. Por outro, ressalta a importância que a história desempenha frente a “inegável carência profunda de todos os homens, que agem e sofrem as conseqüências das ações dos outros, de orientar-se em meio às mudanças que experimentam em seu mundo e em si mesmos”⁵⁸⁹.

No entanto, a passagem mais importante desse diálogo é a última, presente no canto XVII. Dante manifestará a seu ancestral que deseja saber claramente que sorte lhe aguarda. Tendo ouvido ao longo do Inferno e do Purgatório os vaticínios sobre seu exílio, o poeta busca no conforto paterno de Cacciaguida maior clareza acerca de seu futuro. E seu trisavô lhe responderá “com claras palavras e preciso | latim”⁵⁹⁰: Dante ouve assim que não tardará para que seu exílio se consuma, e ouve inclusive algumas informações sobre suas errâncias, já apresentadas por nós nos capítulos precedentes: o

⁵⁸⁷ Para maior profundidade nessa tese apresentada no *Convivio*, Cf.: PAIZANI, Gabriel Ferreira de Almeida. “*La stirpe non fa le singulari persone nobili, ma le singulari persone che fanno nobili la stirpe*”: a questão da nobreza no *Convivio de Dante Alighieri*. Dissertação (Mestrado em História). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2012.

⁵⁸⁸ GILLI. Op. cit., p. 130.

⁵⁸⁹ RÜSEN. Op. cit., p. 12.

⁵⁹⁰ *Par.*, XVII, 34-35. ALIGHIERI. Op. cit., 2017c, p. 122.

fracasso da *Universitas*, sua primeira tentativa de regresso imediatamente após a condenação (2.2), seu refúgio com os Scaligero, primeiramente com Bartolomeo (2.3), e posteriormente com Cangrande, bem como as incursões de Henrique VII à Itália (3.1). Tendo ouvido todas as palavras de Cacciaguida, Dante responderá: “Percebo bem, pai meu, como aguilhoa | o tempo contra mim, pra o golpe dar-me | que é mais grave pra quem desacorçoa; | donde, de precaução convém que me arme, | que perdendo o lugar que me é mais caro, | não vão, meus versos, dos outros privar-me”⁵⁹¹. Assim, aceitando o destino que o aguarda, Dante reflete sobre a necessidade de se precaver e não se calar diante da injustiça que lhe afligirá. Mas em seguida o poeta faz sua última pergunta a Cacciaguida: tendo ele visto toda a verdade que lhe foi revelada em sua jornada, ao proferi-la na terra certamente ela criará mais desafetos; mas se ele não o fizer, isso pode justamente impedir a durabilidade de sua fama e seu impacto. A isso, Cacciaguida responde concluindo o canto:

124 [...] Consciência impura,
seja da própria ou de alheia vergonha,
certo achará a tua palavra dura;

127 mas, que a qualquer falsidade se oponha
a tua disposição faz manifesta;
e deixa cada qual coçar sua ronha.

130 Que, se a tua voz se afigurar molesta
à prima prova, vital nutrimento
poderá fornecer quando digesta.

133 Esse teu grito será como o vento
que aos sumos cimos alça os lanhos seus,
o que à tua honra traz bom argumento.

136 Por isso te é mostrado nestes Céus,
como no Monte e na vala sofrida,
só os que a fama elevava aos olhos teus;

139 que do ouvinte a razão sempre trepida,
nem sela fé em modelo procedente
de raiz duvidosa e escondida,

142 nem em prova qualquer não evidente”⁵⁹².

124 [...] – *Coscienza fusca*
o della propria o dell'altrui vergogna
pur sentirà la tua parola brusca.

127 *Ma nondimen, rimossa ogni menzogna,*
tutta tua vision fa manifesta;

⁵⁹¹ *Par.*, XVII, 106-111. *Ibid.*, p. 125.

⁵⁹² *Par.*, XVII, 124-142. *Ibid.*, p. 125-126.

e lascia pur grattar dov'è la rogna.

¹³⁰ *Ché se la voce tua sarà molesta
nel primo gusto, vital nutrimento
lascerà poi, quando sarà digesta.*

¹³³ *Questo tuo grido farà come vento,
che le più alte cime più percuote;
e ciò non fa d'onor poco argomento.*

¹³⁶ *Però ti son mostrate in queste rote,
nel monte e nella valle dolorosa
pur l'anime che son di fama note,*

¹³⁹ *che l'animo di quel ch'ode, non posa
né ferma fede per essempla ch'aia
la sua radice incognita ed ascosa,*

¹⁴² *né per altro argomento che non paia.*

Assim, Cacciaguیدا lhe incentiva a não temer e falar tudo o que viu, pois aqueles de consciência impura sentirão a gravidade de suas palavras de qualquer modo; e se elas forem pouco palatáveis inicialmente, mais tarde se converterão em um *vital nutrimento* quando digeridas. Além disso, o fato de Dante ter encontrado frequentemente indivíduos notórios nos três Reinos do Além foi concedido pela própria Graça Divina para reforçar seus intuítos com exemplos contundentes, portanto ele de fato precisa manifestar-se explicitamente.

Desse modo, a missão de Dante se impõe em completude. O caminho de salvação que lhe foi mostrado é o mesmo que ele deve proferir a seus contemporâneos. Como um profeta, Dante não é um sujeito alheio ao mundo em que vive, mas é antes de tudo um reformador, que conhece as condições de seu povo e que anuncia os caminhos para à salvação⁵⁹³. Na beligerância de seus tempos e na falta de moralidade de seus contemporâneos, o poeta se propõe a conduzir as pessoas de volta àquele *amor que move o sol e as outras estrelas*⁵⁹⁴, que ele tivera a Graça de contemplar diretamente. Assim, a *Commedia* congrega em si o espiritual e o terreno: suas propostas não são ascéticas, ele busca o alto dos céus sem retirar os pés da terra afinal, toda salvação começa no mundo terreno; também não são pacíficas, mesmo no *Paradiso* a cólera se faz presente quando necessário, e sua voz se impõe como o vento, golpeando mais fortemente os topos das árvores⁵⁹⁵.

Propondo sua intervenção social, pelas vias moral e política, através da

⁵⁹³ NARDI. Op. cit., p. 295.

⁵⁹⁴ Par., XXXIII, 145. *l'amor che move il sole e l'altre stelle*. Verso final do Cântico do *Paradiso*.

⁵⁹⁵ Par., XVII, 133-135.

linguagem que lhe é mais desvolta, a *poesia*, Dante anuncia a Palavra de Deus em seu *Terceiro Testamento*. No entanto, a mão que o escreveu deixou marcas impressas de sua vivência terrena, e a voz de Deus é frequentemente submetida a do poeta. Mais do que a Justiça Divina, as condenações e glorificações da *Commedia* apresentam o julgamento de um homem que se viu exilado e constantemente atormentado pelos fracassos de retornar à sua cidade. A *Commedia*, propondo-se como texto bíblico, é antes de tudo uma resposta às angústias de seu tempo, e sua Anunciação é em primeiro lugar da vida daquele que a escreveu: o Evangelho de Dante Alighieri.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encarar uma personagem histórica da envergadura de Dante Alighieri certamente não é uma tarefa fácil, não apenas pela vastidão de pesquisas já realizadas, o que pode nos relegar à obsolescência, mas também pela própria dificuldade que é escalar tal indivíduo. Não obstante, a *Commedia* funciona singularmente como um espelho do poeta; apesar de não dispormos de nenhum texto autógrafa, encontramos suas impressões digitais espalhadas invariavelmente pelo poema. Através dele, podemos ouvir a voz de Dante nos dizendo muito de seus anseios e de suas perspectivas, de suas angústias e de suas esperanças. Ele falou com os seus, ele continua a falar conosco.

Ao longo desta pesquisa, esforçamo-nos para compreendê-lo no seio do amálgama da sociedade italiana entre os séculos XIII e XIV, com particular atenção à sua condição de vida transposta em sua magna obra. Não quisemos condicioná-lo a um mero agente partícipe em seu contexto, mas buscamos inseri-lo em sua vivência histórica, observando simultaneamente sua singularidade e sua mediocridade. O *Dante terreno* aqui exposto não foi uma forma de menosprezá-lo ou diminuir sua importância, apenas de compreender como um indivíduo dessa estatura está inserido em seu próprio contexto de vida, como ele age e sofre as consequências de outros, e que tipo de respostas ele busca dar para os problemas que são os seus.

Desse modo, partimos de uma visão ampla da dinâmica urbana das comunas italianas para inserir o poeta neste meio, na medida em que ele atuou e sofreu com as mudanças e turbulências de seu tempo. Nesse aspecto, foi oportuno abordar os processos de formação da comuna observando a constante beligerância que perpassa toda sua história. Se o período de vida de Dante foi assolado por conflitos e violências, isso não é exclusividade dessa passagem de século, o que não minimiza as tensões de seu contexto, mas permite compreender que não se tratava de um problema exclusivo de seu tempo como cria o poeta ao louvar os pretéritos dias de paz de sua cidade.

A *Commedia*, portanto, está imersa nesse contexto, se apresentando como porta-voz de Dante, um indivíduo igualmente perpassado por essas relações. O poeta desenvolve assim uma forma de se impor em seu meio, escorando-se na autoridade espiritual e poética, conferindo-lhe legitimidade. Se Dante apresenta a si mesmo na *Commedia* como um indivíduo escolhido por Deus para reconduzir a humanidade à *retta via*, a *Commedia* em si nos permite ver um Dante mais *humanizado*, um homem que sofreu as intempéries em sua vida e traduziu isso no poema com o véu dos mandos

divinos. Como bem salienta Umberto Eco, uma obra possui voz própria, apresentando coisas que não necessariamente seu autor intentara transmitir. Assim, podemos notar vozes em Dante por trás dos discursos reprobatórios que ele põe na boca de grandes autoridades históricas, como o Imperador Justiniano e São Pedro, condenando aqueles responsáveis por seus próprios infortúnios. Enquanto Dante quer que a *Commedia* seja um texto profético conferindo-lhe essa autoridade de reformista social, a *Commedia* denuncia a carnalidade e parcialidade de seu autor.

Portanto, buscamos assim apresentar seu poema como um *Terceiro Testamento* que, além de propor um encaminhamento espiritual e moral, é igualmente um meio de intervenção social, no qual o poeta busca afetar seu contexto colocando-se como reformista, denunciando as vicissitudes e vícios observados no mundo que era o seu e apresentando os ideais cívicos moralistas e de concórdia social que considerava pertinentes, ideais não necessariamente particulares, mas presentes na cultura comunal de seu tempo. É oportuno ainda reforçarmos que suas ações não se limitaram a escrita do poema: o registro epistolar que nos chega até os dias de hoje foi particularmente importante tanto para auxiliar nossa construção biográfica de Dante, preconizando sua dimensão mais vivida e inserida no amálgama social de seu contexto, como para ter em vista outros meios interventivos empregados pelo poeta. Nesse ponto, que buscamos continuamente reforçar ao longo da pesquisa, converge uma das questões abordadas na Introdução sobre a autorreflexão acerca das ações práticas em nosso meio. Similarmente a Dante, evocamos a figura de Marc Bloch que frente à realidade conturbada que se apresentava diante de si, jamais deixou de se impor e buscar agir em seu contexto. Enquanto o poeta florentino sofreu com o exílio por cerca de duas décadas, o historiador francês vivenciou as duas Grandes Guerras do século XX, sendo convocado para a primeira e se voluntariando na segunda, onde, integrando a resistência francesa, acabou preso, torturado e assassinado pelos nazistas. Além de serem homens de ação prática, ambos não deixaram de trabalhar em suas próprias áreas de atuação, produzindo obras que se tornaram clássicas em seus respectivos campos.

O convite à reflexão que mobilizamos aqui ao final dessa pesquisa é de que, tendo em vista o percurso que traçamos sobre a vida de Dante (bem como o exemplo de Bloch que conjuntamente evocamos), demos atenção para a ação prática juntamente do pensamento reflexivo, intercalando ambas as dimensões. Absolutamente, não se trata de nenhuma inovação, apenas um reforço que consideramos pertinente. Do mesmo modo que abordamos a partir do percurso desse trabalho a questão da necessidade de se fazer

comunicar com a comunidade não acadêmica, elencamos aqui como um ponto importante o questionamento sobre nossa ação no contexto em que vivemos. Entre a beligerância de Bloch e a diplomacia não menos agressiva de Dante, temos dois exemplos que nos convidam à introspecção. É bem verdade que tomar dois indivíduos como esses como exemplo comparativo é algo temerário, mas nossa intenção não é se arrogar a esse *status* nem apelar necessariamente para a tomada de medidas similares às deles, apenas de fomentar a reflexão sobre nosso posicionamento frente aos nossos problemas vividos. A própria discussão sobre a necessidade de fazer-se comunicar já pode estar inserida nesse debate; num momento em que vivenciamos uma forte onda de negacionismos e revisionismos científicos (não que tenham surgido agora, mas claramente foram intensificados recentemente), a autonomia da academia em abrir essa via de contato pode ser já um instrumento importante de ação em nosso meio, *ação prática*. Esperar que uma produção científica seja lida, debatida, convertida em ensino, que esse ensino chegue aos professores e professoras que atuam diretamente com os estudantes da Educação Básica e que a partir disso haja uma intervenção na sociedade não nos parece suficiente. Essa rede é vital, mas ela por si só não basta, precisamos refletir sobre meios mais práticos de ação.

A ocupação de espaços públicos pela Universidade tem sido um meio interessante de se fazer isso. Canais midiáticos por exemplo, sejam realizados por núcleos de pesquisa, sejam de modo autônomo por parte de pesquisadores e estudantes, é um exemplo que tem tido resultados frutíferos. O sucesso ou fracasso desses meios se baseia em grande medida em sua *linguagem*; a divulgação científica necessariamente precisa se apresentar de modo claro para chegar às pessoas que estão fora desse nicho. Como dito anteriormente, *divulgar* em seu sentido literal, não é suficiente para essa intenção, precisamos pensar em formas comunicativas para adentrarmos esses espaços, e se o conhecimento histórico pode nos oferecer reflexões sobre os problemas de nosso próprio tempo, consideramos aqui que visitar Dante é um meio propício para esse debate. Enquanto se propunha como guia espiritual e moral de sua sociedade, o poeta foi também um “divulgador científico”, ao levar em seus versos uma pluralidade de conhecimentos, apresentados de modo claro em língua vernácula, pois ele sabia que se quisesse agir em seu contexto, não bastava dialogar com as elites, nem falar diretamente apenas com as autoridades laicas e eclesiásticas: a mudança precisa englobar ativamente o povo.

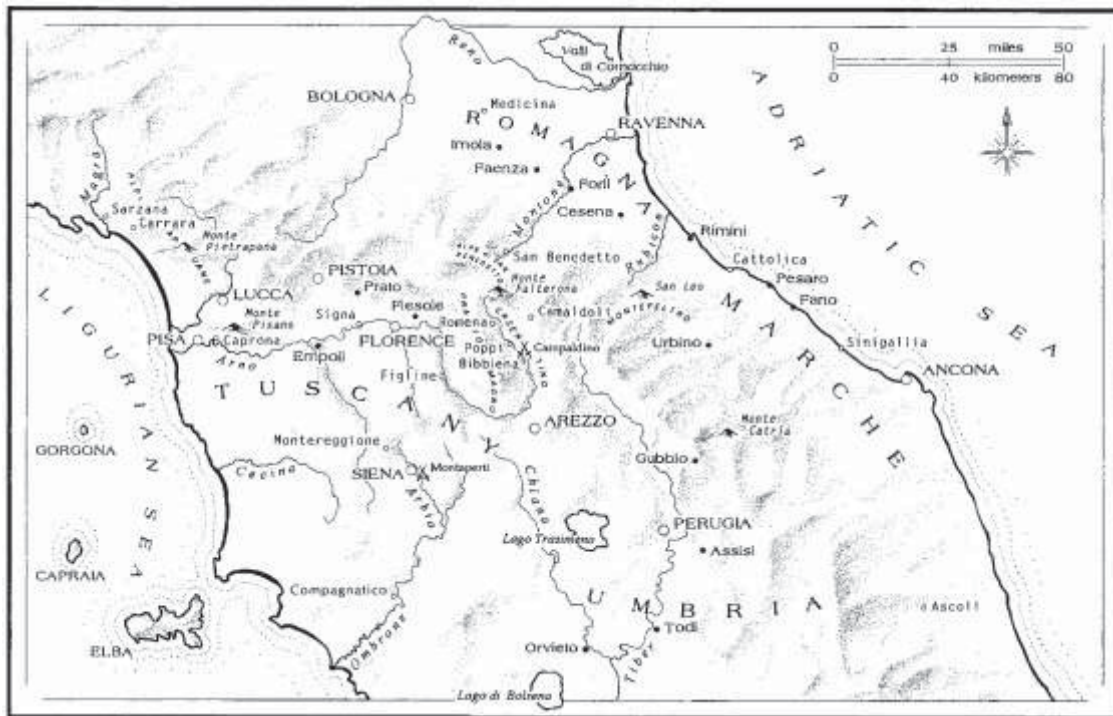
ANEXOS

Anexo A – Itália, cerca de 1300



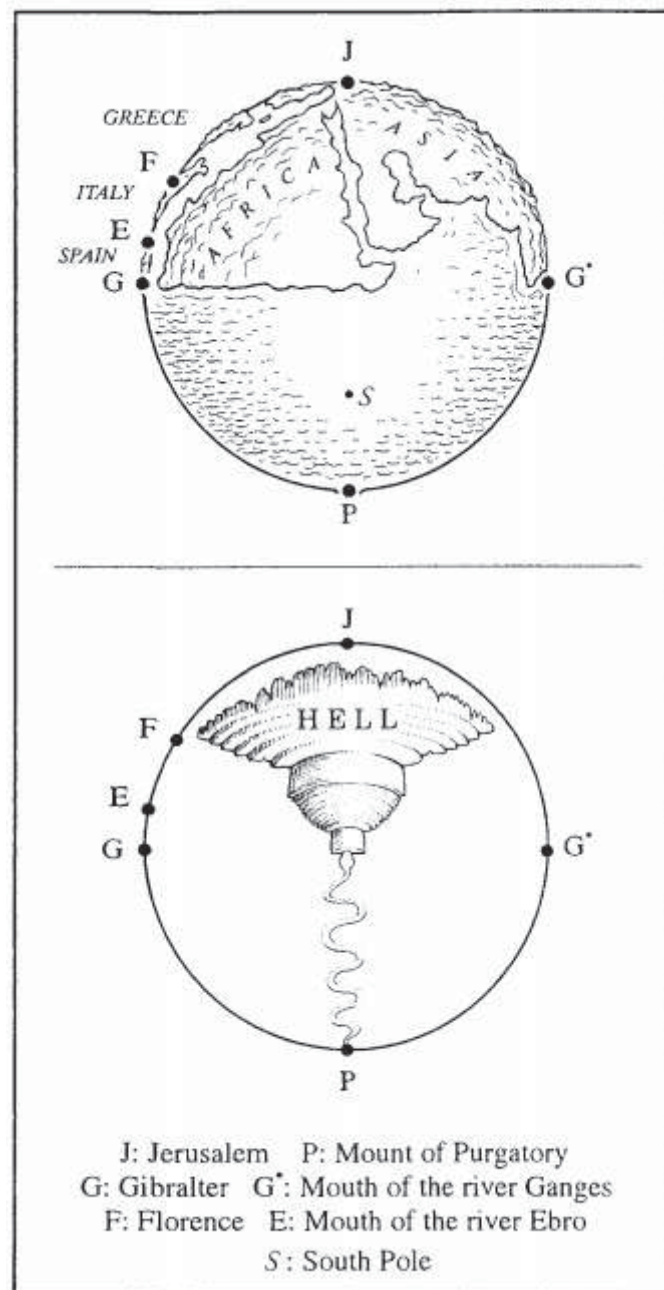
FONTE: LANSING, Richard (ed.). *The Dante Encyclopedia*. London; New York: Routledge, 2010, p. xix.

Anexo B – Romanha e Toscana, cerca de 1300



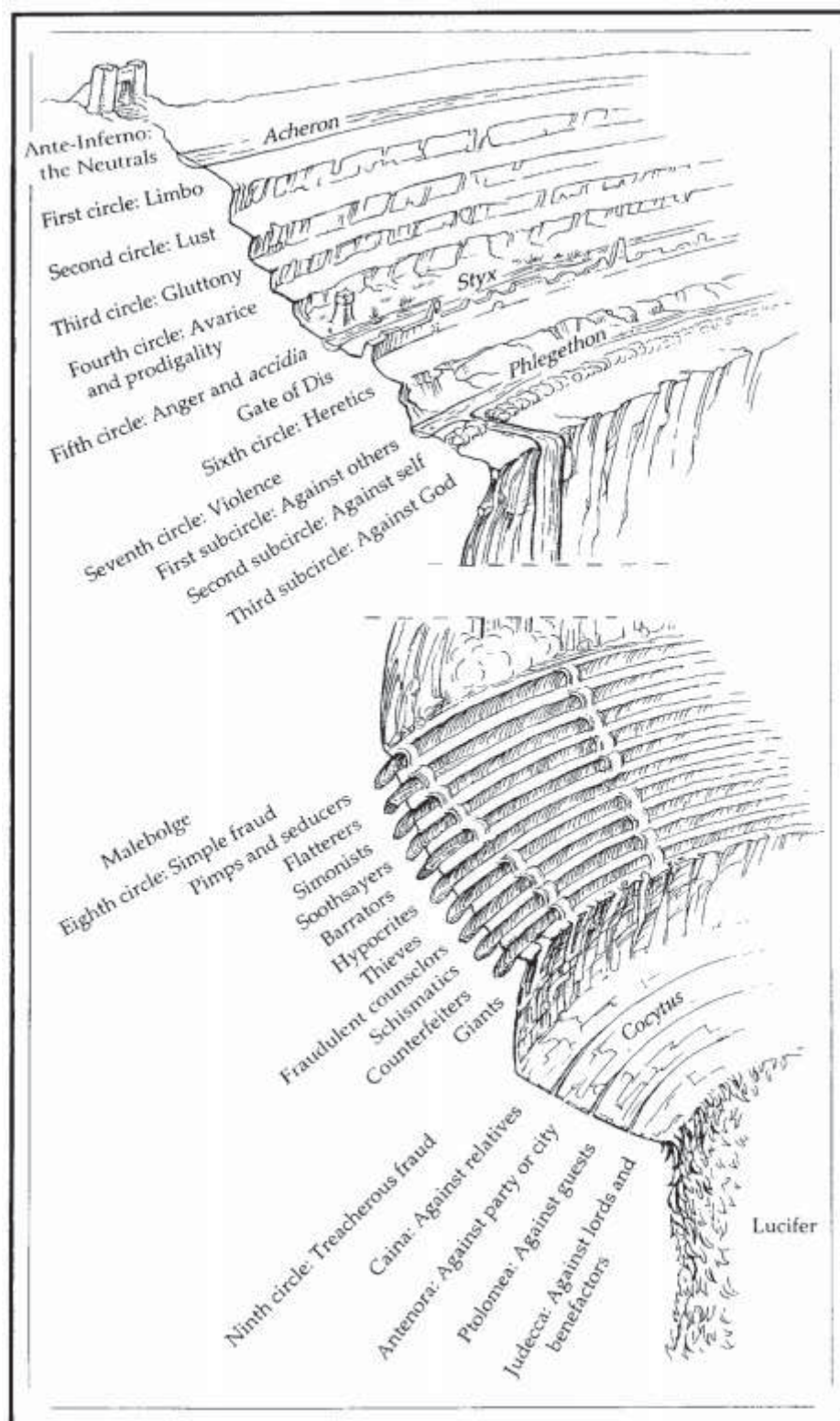
FONTE: LANSING, Richard (ed.). *The Dante Encyclopedia*. London; New York: Routledge, 2010, p. xx.

Anexo C – Posições Relativas de Gibraltar, Jerusalém, Ganges e Purgatório



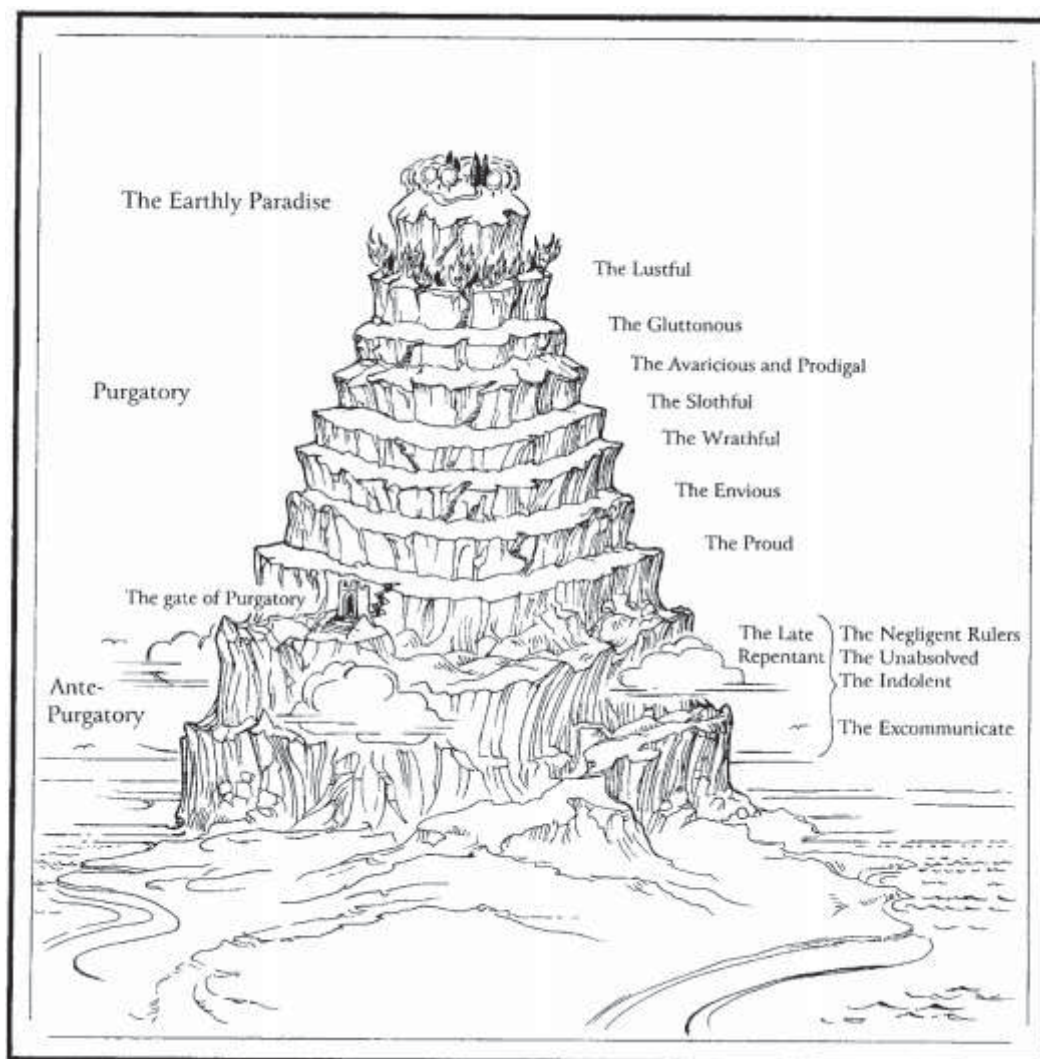
FONTE: LANSING, Richard (ed.). *The Dante Encyclopedia*. London; New York: Routledge, 2010, p. xxiii.

Anexo D – Estrutura do Inferno de Dante



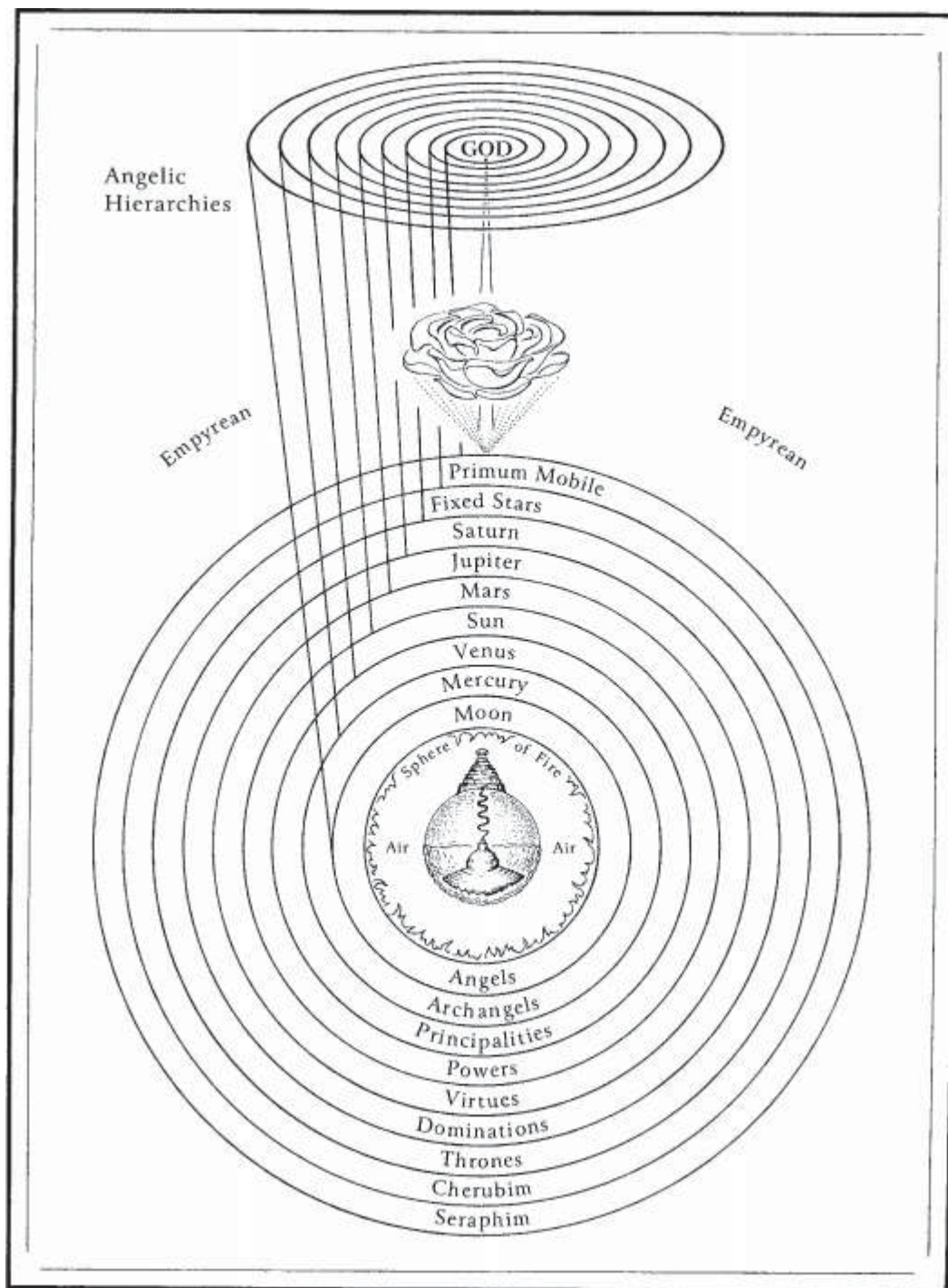
FONTE: LANSING, Richard (ed.). *The Dante Encyclopedia*. London; New York: Routledge, 2010, p. xxiv.

Anexo E – Estrutura do Purgatório



FONTE: LANSING, Richard (ed.). *The Dante Encyclopedia*. London; New York: Routledge, 2010, p. xxv.

Anexo F – Universo de Dante



FONTE: LANSING, Richard (ed.). *The Dante Encyclopedia*. London; New York: Routledge, 2010, p. xxvi.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES

Commedia

ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia*. Tradução e notas: Vasco Graça Moura. São Paulo: Landmark, 2005.

_____. *A divina comédia – Inferno*. Tradução e notas: Jorge Wanderley. São Paulo: Abril, 2010.

_____. *A divina comédia – Inferno*. 4ª edição. Tradução e notas: Italo Eugênio Mauro. São Paulo: Editora 34, 2017a.

_____. *A divina comédia – Purgatório*. 4ª edição. Tradução e notas: Italo Eugênio Mauro. São Paulo: Editora 34, 2017b.

_____. *A divina comédia – Paraíso*. 4ª edição. Tradução e notas: Italo Eugênio Mauro. São Paulo: Editora 34, 2017c.

_____. *La Divina Commedia*. Edição e notas: Natalino Sapegno. Milano; Napoli: Riccardo Ricciardi Editore, 1957.

_____. *Paradiso*. Tradução inglesa e notas: Robert Hollander e Jean Hollander. New York: Anchor Books (eBook), 2008.

_____. *Purgatorio*. Tradução inglesa e notas: Robert Hollander e Jean Hollander. New York: Anchor Books (eBook), 2004.

_____. *The Inferno*. Tradução inglesa e notas: Robert Hollander e Jean Hollander. New York: Anchor Books (eBook), 2002.

Convivio

ALIGHIERI, Dante. *Convívio*. Tradução, introdução e notas: Emanuel França de Brito. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2019.

De Monarchia

ALIGHIERI, Dante. *Da Monarquia/ Vida Nova*. Tradução e notas: Jean Melville. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003.

De Vulgari Eloquentia

ALIGHIERI, Dante. *De vulgari eloquentia*. Tradução, introdução e notas: Tiago Tresoldi. Porto Alegre: Tiago Tresoldi Editore, 2011.

Epístolas

ALIGHIERI, Dante. *Obras completas*. Vol.10. Tradução: Vicente Pedroso. São Paulo: Editôra das Américas, sem data.

_____. *Opere minori*. Tomo II. Milano; Napoli: Riccardo Ricciardi Editore, 1979.

Lírica

ALIGHIERI, Dante. *Lírica*. Tradução: Jorge Wanderley. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

Vita Nova

ALIGHIERI, Dante. *Vida nova*. Tradução e notas: Carlos Eduardo Soveral. 3ª edição. Lisboa: Guimarães Editores, 1993.

BIBLIOGRAFIA

AGAMBEN, Giorgio. *Categorias italianas: estudos de poética e literatura*. Tradução: Carlos Eduardo Schmidt Capela, Vinícius Nicastro Honesko, Fernando Coelho. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

_____. *Il Regno e il Giardino*. Vicenza: Neri Pozza Editore, 2019a.

_____. Seminário su bilinguismo e poesia. *Quodlibet*: Giardino di Studi Filosofici, 2019b. Disponível em: < <https://www.quodlibet.it/toc/540>>.

ANTONETTI, Pierre. *La vita quotidiana a Firenze ai tempi di Dante*. Milano: BUR Rizzoli, 2018.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. 4ª edição. Tradução e notas: Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2014.

ASCHERI, Mario. *La Siena del 'Buon Governo' (1287-1355)*. In: ASCHERI, Mario; ADORNI BRACCESI, S. *Politica e cultura nelle repubbliche italiane dal Medioevo all'Età moderna: Firenze – Genova – Lucca – Siena – Venezia*. Roma: 2001. Versão Digital, Reti Medievali, disponível em: < <http://www.rmoa.unina.it/72/>>.

AUBERT, Eduardo Henrik. *Vidas de Dante: Escritos Biográficos dos Séculos XIV e XV*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011.

AUERBACH, Erich. *Dante, poeta do mundo secular*. Tradução: Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997a.

_____. *Ensaio de literatura ocidental: filologia e crítica*. 2ª edição. Tradução: Samuel Titan Jr. e José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Editora 34, 2007.

_____. *Figura*. São Paulo: Editora Ática, 1997b.

_____. *Introdução aos estudos literários*. Tradução: José Paulo Paes. São Paulo: Editora Cultrix, 1970.

_____. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.

BARROS, José D'Assunção. Cristianismo e política na Idade Média: as relações entre o papado e o império. *Horizonte*, Belo Horizonte, v.7, n.15, p.53-72, dez. 2009.

_____. *O campo da história: especialidades e abordagens*. Petrópolis: Vozes, 2004.

BARTHÉLEMY, Dominique. *Marc Bloch*. In: SALLES, Véronique (org.). *Os historiadores*. Tradução: Christiane Gradwohl Colas. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 97- 119.

BARTOLINI SALIMBENI, Cosimo. *Uma leitura do “De Vulgari Eloquentia” de Dante Alighieri*. Dissertação (Mestrado em Letras). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.

BASCHET, Jérôme. *A civilização Feudal: do ano 1000 à colonização da América*. Tradução: Marcelo Rede. São Paulo: Globo, 2006.

BENTIVOGLIO, Julio. *Marc Bloch (1886-1944)*. In: BENTIVOGLIO, Julio; LOPES, Marco Antônio (orgs.). *A constituição da História como ciência: de Ranke a Braudel*. Petrópolis, Rj: Vozes, 2013, p. 213-254.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2017.

BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou, O ofício de historiador*. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. *Que pedir aos historiadores?* Tradução e notas: Julio Bentivoglio e Josemar Machado de Oliveira. Vitória, ES: Editora Milfontes, 2019

BLOCKMANS, Wim; HOPPENBROUWERS, Peter. *Introdução à Europa medieval: 300-1500*. Tradução: Marisa Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

BLOOM, Harold. *O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1995.

BRITO, Emanuel França de. *O nobre poeta por si mesmo: Dante e o Convívio*. Tese (Doutorado em Literatura Italiana). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. Tradução: Nilson Moulin. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

CASADEI, Alberto. *Sull'autenticità dell'Epistola a Cangrande*. In: CATTERMOLE, Cartola; ALDAMA, Celia de; GIORDANO, Chiara. *Ortodossia ed eterodossia in Dante Alighieri*. Madrid: Ediciones de La Discreta, 2014.

CURTIUS, Ernest Robert. *Literatura européia e Idade Média latina*. 2ª edição. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979.

DARTMOUTH. *Dartmouth Dante Project*. Disponível em: <<https://dante.dartmouth.edu>>.

DE MARTINO, Domenico. *Influenze islamiche sulla Commedia: una ricerca non conclusa*. Trieste: EUT – Edizioni Università di Trieste, 2015.

ECO, Umberto. *Os limites da interpretação*. Tradução: Pérola de Carvalho. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

_____. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ELLUL, Manuel J. La rappresentazione del Virgilio dantesco in Robert Hollander: Tragedia nella *Commedia*. *Forum Italicum*, Malta, v.50, n.3, p.1059-1069, out. 2016.

FARINELLI, Franco. *A invenção da terra*. Tradução: Francisco Degani. São Paulo: Phoebus, 2012.

FERNANDES, Fátima Regina. *O conceito de império no pensamento político tardo-medieval*. In: DORÉ, Andréa; LIMA, Luís; SILVA, Luiz. (org). *Facetas do império na história: conceitos e métodos*. São Paulo: Aderaldo & Rotschild; Brasília: CAPES, 2008.

GILLI, Patrick. *Cidades e sociedades urbanas na Itália medieval: séculos XII-XIV*. Tradução: Marcelo Cândido da Silva e Victor Sobreira. Campinas: Editora Unicamp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

GUÈRIOS, Áureo Lustosa. *Il rapporto fra docente i discente e gli apelli al lettore nella Commedia*. Dissertação (Mestrado em Filologia Dantesca). Bologna: Alma Mater Studiorum – Università de Bologna; Thessaloniki: Aristoteleion Panepistimion Thessaloniki; Strasbourg: Université de Strasbourg, 2014.

GUIMARÃES, Marcella Lopes. *Capítulos de História: o trabalho com fontes*. Curitiba: Aymará Educação, 2012.

_____. *Cultura na Baixa Idade Média*. In: GIMENEZ, José Carlos. *História Medieval II: A Baixa Idade Média*. Maringá, PR: EDUEM, 2010.

INGLESE, Giorgio. *Dante: guida alla Divina Commedia*. Roma: Carocci editore, 2012.

_____. *Vita di Dante: una biografia possibile*. Roma: Carocci editore, 2018.

LANSING, Richard (ed.). *The Dante Encyclopedia*. London; New York: Routledge, 2010.

LE GOFF, Jacques. *A civilização do Ocidente medieval*. Tradução: Monica Stahel. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016.

_____. *O Nascimento do purgatório*. Tradução: Maria Ferreira. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.

_____. *Os intelectuais na Idade Média*. 2ª edição. Tradução: Marcos de Castro. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

_____. *Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun*. Tradução: Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

_____; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário analítico do Ocidente medieval*. 2v. Tradução coordenada: Hilário Franco Júnior. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

LIBERA, Alain de. *A filosofia medieval*. Tradução: Nicolás Nyimi Campanário e Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

LOYN, Henry R. *Dicionário da Idade Média*. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

MACHIAVELLI, Niccolò. *História de Florença*. 2ª edição. Tradução e notas: Nelson Canabarro. São Paulo: Musa Editora, 1998.

MARCHIORO, Franco. *Il Veneto nella Commedia di Dante*. Monselice: CRDSL – Battaglia Terme, 2017.

McGRADE, A.S. (org.). *Filosofia medieval*. Tradução: André Oídes. Aparecida: Ideias & Letras, 2008.

NARDI, Bruno. *Dante e la cultura medievale*. Roma-Bari: Biblioteca Universale Laterza, 1985.

NEMED. *NEMED sobre o BNCC História especialmente o Ensino Médio, 2015*. Disponível em: <<http://nemed.he.com.br/nemed-sobre-o-bncc-historia-especialmente-o-ensino-medio/>>. Acesso em: 7 mai. 2020.

PAIZANI, Gabriel. Dante Alighieri: a Monarquia Universal e a “*felicità mentale*”. *Cadernos de Clio*, Curitiba, v.1, p.45-53, 2010.

_____. “*La stirpe non fa le singolari persone nobili, ma le singolari persone che fanno nobili la stirpe*”: a questão da nobreza no Convívio de Dante Alighieri. Dissertação (Mestrado em História). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2012.

PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Tradução: Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1999.

PETROCCHI, Giorgio. *Dante e il suo tempo*. Torino: ERI – Edizioni Rai Radiotelevisione Italiana, 1963.

_____. *Vita di Dante*. Bari: Editori Laterza, 1997.

PRINCETON. *Princeton Dante Project*. Disponível em: <<http://etcweb.princeton.edu/dante/pdp/>>.

RÜSEN, Jörn. *Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica*. Tradução: Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

SAPEGNO, Natalino. *Storia letteraria del trecento*. Milano; Napoli: Riccardo Ricciardi Editore, 1963.

SOKOLOWSKI, Mateus. *História medieval*. 2ª edição. Curitiba: IESDE Brasil, 2018.

SOSERINA, Maria. Dante e l’Islam. *Istituto Euroarabo: Dialoghi Mediterranei*, 2013. Disponível em: <<http://www.istitutoeuroarabo.it/DM/dante-e-lislam/>>.

SOUZA, José Antônio; BARBOSA, João Morais. *O reino de Deus e o reino dos Homens: as relações entre os poderes espiritual e temporal na Baixa Idade Média (da Reforma Gregoriana à João Quidort)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

STERZI, Eduardo. *Por que ler Dante*. São Paulo: Globo, 2008.

TRECCANI. *Treccani, il portale del sapere*. Disponível em: <treccani.it>.

VAUCHEZ, André. *A espiritualidade na Idade Média Ocidental: (séculos VIII à XIII)*. Tradução: Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.